



ANAIIS DA 5ª SEMANA COMUNI- UESPI CAÇÃO PICOS SOCIAL

20 anos de ensino de jornalismo no
semiárido piauiense: formação,
desafios e historicidades

Organização
Thamyres Sousa de Oliveira
Ruthy Manuella de Brito Costa
Matheus Moura Alencar de Barros



Organização
Thamyres Sousa de Oliveira
Ruthy Manuella de Brito Costa
Matheus Moura Alencar de Barros

ANAIS DA 5ª SEMANA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UESPI DE PICOS

**20 Anos de Ensino de Jornalismo no Semiárido
Piauiense: formação, desafios e historicidades**



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI



Rafael Tajra Fonteles

Governador

Themístocles de Sampaio Pereira Filho

Vice-Governador

Evandro Alberto de Sousa

Reitor

Jesus Antônio de Carvalho Abreu

Vice-Reitor

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Josiane Silva Araújo

Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação

Raurys Alencar de Oliveira

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires

Pró-Reitora de Administração

Rosineide Candeia de Araújo

Pró-Reitor Adj. de Administração

Lucídio Beserra Primo

Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Joseane de Carvalho Leão

Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

Ivoneide Pereira de Alencar

Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

Bárbara Olímpia Ramos de Melo

Diretora do Núcleo de Concursos e Eventos da UESPI

Marcelo de Sousa Neto

Editor da Universidade Estadual do Piauí



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI



Rafael Tajra Fonteles **Governador do Estado**
Themístocles de Sampaio Pereira Filho **Vice-Governador do Estado**
Evandro Alberto de Sousa **Reitor**
Jesus Antônio de Carvalho Abreu **Vice-Reitor**

Administração Superior

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil **Pró-Reitora de Ensino de Graduação**
Josiane Silva Araújo **Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação**
Raurys Alencar de Oliveira **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**
Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires **Pró-Reitora de Administração**
Rosineide Candeia de Araújo **Pró-Reitora Adj. de Administração**
Lucídio Beserra Primo **Pró-Reitor de Planejamento e Finanças**
Joseane de Carvalho Leão **Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças**
Ivoneide Pereira de Alencar **Pró-Reitora de Extensão, Assuntos
Estudantis e Comunitários**

Marcelo de Sousa Neto **Editor**
Autores **Revisão**
Ruthy Manuella de Brito Costa **Capa e Diagramação**
[Editora e Gráfica UESPI](#) **E-book**

Endereço eletrônico da publicação: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/book/140>

S471a **Semana de Comunicação Social da UESPI (5 . : 2023 : Picos, PI)**
Anais da 5a Semana de Comunicação Social da UESPI de Picos: 20 anos de ensino de jornalismo no semiárido piauiense: formação, desafios e historicidades, realizado de 18 a 20 de janeiro de 2023 em Picos-PI / Organizado por Thamyres Sousa de Oliveira, Ruthy Manuella de Brito Costa, Matheus Moura Alencar de Barros. – Teresina: FUESPI, 2023.
319 p. : il.
ISBN versão digital: 978-65-89616-45-0
1. Jornalismo. 2. Comunicação. 3. Processos Comunicacionais.
4. Pesquisas Interdisciplinares. I. Oliveira, Thamyres Sousa de. II. Costa, Ruthy Manuella de Brito. III. Barros, Matheus Moura Alencar de. IV. Título.
CDD: 302.2

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecária) CRB 3a Região / 1188

[Editora da Universidade Estadual do Piauí - EdUESPI](#)
Rua João Cabral • n. 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI
Todos os Direitos Reservados



5ª Semana de Comunicação Social da UESPI de Picos-2023

TEMA

20 Anos de Ensino de Jornalismo no Semiárido Piauiense: formação, desafios e historicidades

PROMOÇÃO E REALIZAÇÃO

Curso de Bacharelado em Jornalismo
Universidade Estadual do Piauí - Campus Professor Barros Araújo

DATA E LOCAL

18 a 20 de janeiro de 2023
Universidade Estadual do Piauí Campus Professor Barros Araújo, Picos-PI

A GENTE NÃO ANDA SÓ

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Ruthy Manuella de Brito Costa

ASSISTENTE DE DIAGRAMAÇÃO

Matheus Moura Alencar de Barros

COORDENAÇÃO GERAL

Jaqueline da Silva Torres Cardoso
Mayara Sousa Ferreira

COMISSÃO CIENTÍFICA

Thamyres Sousa de Oliveira
Débora Maria dos Santos
Lana Krisna de Carvalho Morais
Marco Antônio de Oliveira Tessarotto
Rafael Ferreira Medeiros
Ruthy Manuella de Brito Costa
Thalita Albano Duarte de Moura

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Ruthy Manuella de Brito Costa
Alisson Breno Dias de Sousa
Ana Vanessa Torres Barros
Beatriz De Sousa Silva
Bismark Sousa Matos
Bismark Sousa Matos
Caio Araújo Costa
Carmo dos Santos Sousa
Dessyca Aparecida da Silva Barbosa
Elinalva da Conceição Sousa
Ingredh Maysa Martins Pereira
Jackson Diego Monteiro Pereira de Sousa
Joao Pedro Araújo Costa Silva
Josiana Araujo Santos
Karen Miranda Rodrigues
Katia Emanuelle Pereira Rodrigues
Kawhe Dheckmann Fontes Gonzaga
Layanne de Sousa Rodrigues
Lorraine Nascimento de Oliveira
Marcos Vinicius da Silva Modesto
Maria Eviletiane Pereira Ferreira
Matheus Moura Alencar de Barros
Milene Francisca da Silva
Nathielly Alves de Oliveira
Nikaelly Pereira da Silva
Paloma Aparecida Machado de Sousa
Rebeca da Silva Santos Dias



Thaila Vitoria Santos Vieira
Victoria Saldanha Silva

COMISSÃO FINANCEIRA
Lana Krisna de Carvalho Morais
Dayanne Lopes Borges
Edielson Teixeira Mota

COMISSÃO DE PREMIAÇÃO E MOSTRAS
Flávio Menezes Santana
Marco Antônio de Oliveira Tessarotto

QUEM TAMBÉM VOLTOU E/OU NOS AJUDOU A MOVIMENTAR A RODA

Aline Ferreira de Vasconcelos
Evandro Alberto de Sousa
Graciele Barroso
Ingrid Milched Moura Gonçalves
Jailson Dias de Oliveira
Juliana Fernandes Teixeira
Leonardo de Andrade Leal
Lívia Moreira Barroso
Orlando Maurício de Carvalho Berti
Amanda Lais Pereira Noleto
Ana Carolina Reis
Bruna Franco Castelo Branco
Clebson Lustosa
Élmano Ricarte
Josafá Bonifácio da Silva Neto
Laura Roratto Foletto
Luciellen Souza Lima
Marco Marão
Marta Thaís Alencar Cosme
Naile Braffo Conde
Rannyelle Andrade da Silva
Sammara Jericó Alves Feitosa
Thiago Amaral
Weverton Raiol



GRUPOS TEMÁTICOS

GT 1 - Estudos de Jornalismo

Coordenadores:

Prof Dr. Marco Antonio Tessarotto

Profa Mestranda Thalita Albano

O Grupo de Trabalho recebeu pesquisas desenvolvidas ou em andamento que versam sobre práticas e processos voltados ao jornalismo, desde as mídias tradicionais às digitais.

GT 2 - Pesquisas Interdisciplinares no Sertão Piauiense

Coordenadores:

Profa Mestre Lana Krisna

Profa Mestre Ruthy Costa

Esse GT recebeu trabalhos que versam sobre o encontro de áreas, mas cuja abrangência geográfica foi o Sertão do Piauí, no campo das ciências humanas e sociais.

GT 3 - Processos de Comunicação

Coordenadores:

Profa Doutoranda Débora Santos

Prof Doutorando Rafael Medeiros

O GT abrangeu a grande área da comunicação, de forma geral, quanto às mensagens, linguagens, códigos trocados entre emissor e receptor, por qualquer canal. Abarcou também o jornalismo, passando pelas relações públicas, marketing e publicidade.



Sumário

GT 1: Estudos de Jornalismo

O golpe de 1930 e as disputas pelo poder nos discursos do jornal O Aviso.....14

Raniel das Flôres Canuto

No sertão chegou vacina? Quem disse? uma análise de como os portais RiachãoNet e Boletim do Sertão atuaram na construção de memórias sobre as primeiras doses de vacinas contra a Covid-19.....27

Iaquelly de Sousa

Thamyres Sousa de Oliveira

Avelino Filho e o futebol nas rádios de Picos-pi: uma abordagem histórico-biográfica.....41

Caio Costa Araújo

Jackson Diego Monteiro Pereira de Sousa

Biomass: análise de reportagens acerca das queimadas de 2020 e 2021 no Pantanal..... 51

Ana Vanessa Torres Barros

Kawhê Dheckmann Fontes Gonzaga

Marcos Vinícius da Silva Modesto

Ruthy Manuella de Brito Costa

Piauí que Trabalha: análise da capacidade de agendamento midiático das atividades econômicas no programa da TV Cidade Verde.....61

Nícolas Barbosa

Cobertura noticiosa da Revista Veja sobre Jair Bolsonaro nas eleições de 2018.....75

Ingredh Maysa Martins Pereira

Ruthy Manuella de Brito Costa

A Mulher no Radiojornalismo Picoense: uma análise das rádios Grande Picos FM e Cidade Modelo FM.....85

Ana Caroline de Oliveira Moraes

Luana de Sousa Rodrigues Moura

Myvrian Hazy Braga de Araújo

Vinícius da Silva Coutinho

Evandro Alberto de Sousa

Glamourização e Banalização da Violência: estudo de caso sobre o massacre de Suzano e assassinato de Marielle Franco.....98

Ana Vanessa Torres Barros

Kawhê Dheckmann Fontes Gonzaga

Lara Paula Pinto Lopes

Lorraine Nascimento de Oliveira

Lana Krisna de Carvalho Moraes



Sumário

GT 2: Pesquisas Interdisciplinares no Sertão Piauiense

Da indústria da seca à xenofobia contra a região nordeste nas eleições presidenciais de 2022: as narrativas midiáticas e a construção de estereótipos pelo olhar do O Estado do Piauí.....113
Vinícius da Silva Coutinho

Por dentro da Rede Quero Ajudar Piauí no Instagram: considerações netnográficas da mediação informacional de solidariedade e esperança em tempos de COVID-19.....125
Nariani de Sousa Lopes Rodrigues
Orlando Maurício de Carvalho Berti

O acesso gratuito à internet de banda larga no Sertão do Piauí: dificuldades e realidades.....139
Beatriz de Sousa Silva
Cainan Gonçalves Vieira da Silva
Maria Odete Gama de Sousa
Vanessa Maria de Carvalho Silva
Jaqueline da Silva Torres Cardoso

"Esta terra dá de tudo que se possa imaginar": uma análise comunicacional e visual das práticas alimentares no jogo Árida.....149
Israel de Sousa Pereira
Ingyrd Hayara dos Santos
Luiz Adolfo de Paiva Andrade

As dificuldades da mulher para chegar ao jornalismo: do processo nacional ao interior piauiense.....163
Josiana Araújo Santos
Paloma Aparecida Machado de Sousa
Jaqueline da Silva Torres Cardoso

Contribuições da pesquisa etnográfica para as práticas jornalísticas: uma análise a partir das experiências dos alunos de Jornalismo.....177
Alisson Breno Dias de Sousa
João Pedro Araújo Costa Silva
Rebeca da Silva Santos Dias
Thaila Vitória Santos Vieira
Jaqueline da Silva Torres Cardoso

O Jornal Flâmula como lugar de memória sobre a vida estudantil picoense.....189
Jailson Dias de Oliveira

Narrativas sobre o curso de Jornalismo em Picos e seus egressos: histórias que se cruzam.....205
Kawhê Dheckmann Fontes Gonzaga
Lorraine Nascimento de Oliveira
Marcos Vinicius da Silva Modesto
Jaqueline da Silva Torres Cardoso

Para compreender a sociabilidade quilombola: o olhar dos discentes do curso de Jornalismo a partir da etnografia.....218
Lara Paula Pinto Lopes
Matheus Moura Alencar de Barros
Nathielly Alves de Oliveira
Jaqueline da Silva Torres Cardoso



Sumário

GT 3: Processos de Comunicação

Fotografia e testemunho ocular: abordagens e composição de Cristino Varão sobre a Picos-PI do século XX.....231

Mikaelly Nagyla da Silva Santos
Mayara Sousa Ferreira

Do silêncio ao cancelamento: Uma análise da opinião pública acerca da legalização da maconha.....244

Glenda de Sousa Leal
Jamile de Sousa Bezerra
Isael de Sousa Pereira

Rádio local e possibilidades de representação midiática.....257

Rafael Medeiros

Proposta de Intervenção a partir da Folkcomunicação e da Comunicação Comunitária para a Transformação do Bairro Morada do Sol em Picos/PI.....271

Ana Vanessa Torres Barros
Flávio Menezes Santana

Análise do impacto das desinformações no processo eleitoral do segundo turno de 2022.....278

Alisson Breno Dias de Sousa
Matheus Moura Alencar de Barros
Rebeca da Silva Santos Dias
Thaila Vitoria Santos Vieira
Lana Krisna de Carvalho Moraes

Violência Contra Jornalistas nas Redes Sociais.....292

Josiana Araújo Santos
Karen Miranda Rodrigues
Paloma Aparecida Machado de Sousa
Lana Krisna de Carvalho Moraes

O que veio primeiro? Teorias da comunicação ou do jornalismo?

Desafios da prática docente na UESPI.....306

Marco Antonio Tessarotto

Apresentação

A história do curso de jornalismo da Uespi de Picos é uma história sobre pessoas e sobre como essas pessoas se articulam desde o início para que o curso e a instituição estejam sempre avançando. Olhar para o curso como está hoje, estrutura do campus, corpo docente, tendo o ensino, a pesquisa e a extensão articulados e fortalecidos, é perceber que os desafios enfrentados lá atrás foram degraus para esse engrandecimento. É preciso não esquecer o processo, olhar para o futuro tendo essas conquistas e desafios vencidos como troféus.

Fazem parte do curso de jornalismo da Uespi de Picos aqueles que estão aqui atualmente e também aqueles que já passaram por aqui, mas que nunca perderam esse vínculo, que nunca permitiram que o sentido de pertencimento fosse desfeito. Esse senso de pertencimento é também uma das principais características do curso ao longo da sua história. Eu, Ruthy Costa, (aqui peço licença para me colocar na primeira pessoa) sou uma dessas pessoas. Cheguei ao curso bem no seu início, na segunda turma, ainda como Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo e Relações Públicas. Faço parte das pessoas que carregam com orgulho o nome da Uespi por onde anda.

Ter a vivência como estudante e depois como docente do curso é uma das maiores experiências que um profissional pode ter. É poder entender e perceber o curso, seu caminho, em todas as dimensões. É ter a oportunidade de fazer um paralelo entre o ponto de partida e o cenário atual. Esse cenário atual é um curso onde os professores são engajados, articulados e, além de tudo, comprometidos com o ensino de jornalismo no interior do Piauí, em uma universidade pública. Esse companheirismo entre os professores reflete diretamente nas relações com os estudantes e é aí que o curso se potencializa. É um curso marcado pela proatividade e envolvimento. É sobre cumprir metas e objetivos de maneira compartilhada e humanizada.



A Semana de Comunicação da UESPI de Picos é um exemplo disso. Um evento que é do curso, pelo curso e para o curso, mas que também traz a sociedade para o que é proposto como tema em cada edição. Esta edição comemorativa foi a oportunidade de reunir pessoas das mais diversas fases do curso e os estudantes atuais puderam dialogar com quem já passou por aqui, ouvir a história de quem faz parte dela. É preciso, inclusive, destacar e parabenizar esses estudantes que abraçam o evento desde a primeira edição. Assumem a responsabilidade de planejar e executar um evento com um protagonismo incrível, reforçando sempre o senso de pertencimento. Os trabalhos aqui reunidos, em grande parte foram produzidos por esses e essas estudantes, mostrando que são protagonistas no campo teórico e prático.

O semiárido piauiense, muitas vezes, é representado como um lugar com signos de pobreza, problemas sem solução e de violência. Semear um curso de jornalismo numa região secularmente estigmatizada exigiu coragem e um despertar para o sertão como um lugar produtivo, de potencialidades e oportunidades, ou seja, aqui tem vida! Não é à toa que em seus 20 anos de existência nosso curso de jornalismo da UESPI de Picos tem englobado estudantes de diversas cidades piauienses e também de estados vizinhos, como Pernambuco, Ceará, Maranhão e outros.

O vai e vem das vans (que trazem e levam alunos para as cidades vizinhas), a movimentação dos estudantes esperando o ônibus na praça Félix Pacheco (praça localizada na região central de Picos) ou mesmo proseando depois das aulas fazem com que a cidade se vista de universidade e, conseqüentemente, se abrigue no curso de Jornalismo da UESPI de Picos também. Daqui saem jornalistas que têm diversificado a maneira de pensar a comunicação.

Mas onde estão nossos egressos? Quem participou da V Semana de Comunicação da UESPI de Picos, certamente, soube muito sobre eles e teve memórias do curso entrelaçadas pelas histórias de vida destes que, categoricamente, se definem como uespianos.

Eles estão inseridos no mercado de trabalho de diversas formas, seja nos veículos jornalísticos, assessoria de imprensa, agências de marketing e publicidade e também na universidade, como docentes. A 5ª Semana de Comunicação da UESPI de Picos foi um momento de diálogo também com estes egressos que voltaram à casa para participar do evento ou até mesmo contribuir nas oficinas e rodas.

Foi quase uníssono na fala dos participantes das rodas o passo largo que o curso deu nos últimos anos. Se lá no início, o corpo docente era formado por professores especialistas e, em muitos casos, apenas por bacharéis, como bem relata a professora e pesquisadora Mayara Ferreira (2022), aos 20 anos, dispõe de uma equipe formada por mestres e doutores que desenvolvem no curso não apenas o ensino, mas também a pesquisa e a extensão que, de fato, fortalecem o “ser universidade”. A prova viva é este evento que já está em sua quinta edição, mas que com outra nomenclatura já se desenvolvia bem antes disso.

Nos Grupos de Trabalho, debatemos temas relacionados a diversos enquadramentos do jornalismo e da comunicação e falamos também sobre pesquisas que envolvem o semiárido, região em que estamos inseridos. O momento foi de partilha, seja entre estudantes da nossa própria UESPI, que se misturaram e puderam se olhar além dos corredores, e também contou com pesquisadores de outras instituições.

Tratamos sobre o jornalismo e a comunicação que fazemos e o que consumimos à luz de pesquisadores do campo, mas também trazendo nossas vivências. Os grupos foram até um estímulo para repensarmos o curso de jornalismo que estamos formando/ fazendo. Afinal, a educação também se faz com o exercício de olhar para si.

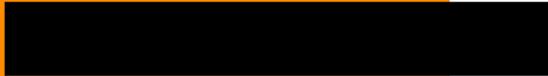
Aos 20, só podemos querer mais vida pulsante, mais gente pelos corredores e mais Jornalismo na UESPI de Picos.

Matheus, Ruthy e Thamyres.

GT 01



Estudos de Jornalismo



O golpe de 1930 e as disputas pelo poder nos discursos do jornal *O Aviso*

Raniel das Flôres CANUTO

Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

RESUMO

O jornal *O Aviso*, de propriedade do Coronel Joaquim das Chagas Leitão, circulou em Picos (PI) entre 1910 e 1930, período da República Velha no Brasil. O presente trabalho analisa os discursos publicados pelo jornal *O Aviso* no ano de 1930, com base no aporte teórico e metodológico de Foucault (1996; 1998) e o conceito de fato político de Sodré (1999). O objetivo da pesquisa   analisar os discursos que tratam sobre a rela o entre o jornal *O Aviso* e a política partidária, sobretudo no que diz respeito a participa o do jornal *O Aviso* na constru o de sentido em rela o ao golpe de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder. Pode-se concluir que o jornal *O Aviso* foi utilizado como meio para difundir fatos políticos a favor da Aliança Liberal. Após o golpe, o Coronel Joaquim das Chagas Leitão retomou a sua posi o de poder na política partidária da cidade de Picos.

PALAVRAS-CHAVE: História da Imprensa. Análise do Discurso. Política. O Aviso. Piauí.

INTRODU O

O final do século XIX   marcado pela mudança de regime político no Brasil, dando início ao período conhecido como Primeira República, que corresponde aos anos de 1889 a 1930. República Velha ou República das Oligarquias são outras denomina es também empregadas para caracterizar o primeiro momento da República brasileira, que iniciava com contradi es e promessas de desenvolvimento econômico, político, social e cultural para o país.

No Piauí, a primeira tentativa de jornal republicano talvez tenha sido através da iniciativa de Deolindo Moura, que em 25 de junho de 1865 fundou o  rg o *A Imprensa*. Segundo Pinheiro Filho (1997, p. 54), o veículo permaneceu em circula o até o fim do Império. Embora não tivesse aderido publicamente   ideologia republicana, o jornal simpatizava com o abolicionismo, por isso, chamou a aten o dos que pensavam o contrário.

Conseqüentemente, os monarquistas piauienses da época tentaram censurar o impresso de Deolindo Moura. Além de tudo, após a exposição das suas concepções, Deolindo Moura foi atacado e acusado de ter cometido violações enquanto estava no posto de Inspetor da Administração da Fazenda Provincial, completa Pinheiro Filho (1997, p. 60).

A primeira tentativa de imprensa abertamente republicana no Piauí, segundo Pinheiro Filho (1997, p. 72), foi por intermédio de David Caldas. O jornal *Amigo do Povo*, de sua propriedade, foi criado em 1868 para divulgação das ideias republicanas no Piauí, assumindo uma postura antimonarquista, antiescravista e crítica frente ao governo e os desmandos políticos no interior da Província. A partir de 1870, o jornal passa a ter o subtítulo de “Órgão Republicano da Província do Piauí” e “[...] como todos os jornais da época limitava-se mais a criticar os atos governamentais, e refletir pequenas lutas políticas do interior da Província”, afirma Pinheiro Filho (2017, p. 72). Em 1873, Davi Caldas altera o nome do jornal *Amigo do Povo* para *Oitenta e Nove*, ação que ficou patenteada por um grupo de escritores piauienses como uma premonição, visto que a República foi proclamada no ano de 1889.

Segundo Pinheiro Filho (2017), com a morte de Davi Caldas, em 1879, as ideias republicanas pela imprensa local diminuíram. Afinal, Davi Caldas era “o único republicano declarado existente em terras piauienses ao tempo do Império” (PINHEIRO FILHO, 2017, p. 95). Na década de 1880 registra-se a existência dos periódicos *O Telephone* e *A Reforma*, ambos produzidos por bacharéis em Direito que defendiam a abolição, a república, o federalismo e a democracia como nova forma de governo para o Brasil. Após a proclamação da República, o primeiro jornal publicado na defesa dos princípios republicanos no Piauí foi *Oitenta e Nove*, que volta a circular em 23 de novembro de 1889, agora sob orientação Focion Caldas, filho de Davi Caldas. Nesta segunda versão, o jornal teve duração efêmera e com pouca influência na opinião pública.

Além do jornal *Oitenta e Nove*, na República Velha, alguns jornais fundiram-se e outros surgiram no Piauí vinculados aos novos partidos políticos monarquista ou republicano tanto na capital como no interior. Logo, a elite política piauiense, em 1890, reorganizou-se formando dois novos partidos: Partido Republicano Federal (PRF) e o Partido Democrata (PD). De acordo com Nunes (2001, p. 220), “[...] as lideranças políticas do Piauí agruparam-se identificadas por interesses pessoais, uma vez que, em ambos os partidos, Republicano Federal e Democrata, constatava-se a presença de monarquistas e de republicanos” e tais ideias repercutiram na imprensa local. Na capital, por exemplo, *Fiat-*

Lux e Atualidade fundiram-se para formar o jornal *A Democracia* com o objetivo de defender o primeiro governador republicano, Marechal Gregório Thaumaturgo de Azevedo. No interior do Estado, em novembro de 1910, surgiu o jornal *O Aviso*, na cidade de Picos, sendo de propriedade do coronel Joaquim das Chagas Leitão.

O Aviso caracterizava-se como jornal partidário, uma vez que esteve ligado aos partidos durante toda a sua existência. Quando foi criado, em 1910, estava coligado ao Partido Republicano Conservador (PRC); a partir de 1917 aparece alinhado ao Partido Republicano Autonomista (PRA); e, em 1930 se juntou à Aliança Liberal. O jornal *O Aviso* foi mantido durante vinte anos pelo Coronel Joaquim das Chagas Leitão. Nesse período, pode-se observar que *O Aviso* foi utilizado como ferramenta política, beneficiando o Coronel Joaquim das Chagas Leitão e combatendo os Coronéis picoenses Antônio Rodrigues da Silva, Francisco Santos e Josino Ferreira, criando fatos políticos sobre eles. O Coronel Joaquim das Chagas Leitão também utilizou o jornal *O Aviso* para defender os ideais da Aliança Liberal e a campanha eleitoral de Getúlio Vargas em 1930.

Dada a importância do jornal *O Aviso* no jogo político partidário do Piauí na Primeira República, analisa-se a utilização do jornal para a construção de discursos em relação as campanhas eleitorais de 1930, que levaram ao golpe aplicado pela Aliança Liberal. Para tanto, o referencial teórico que norteia a pesquisa tem como base os conceitos de poder de Foucault (1998) e fatos políticos de Sodré (1999); e o aporte teórico metodológico é a análise de discurso na vertente de Foucault (1996).

OS DISCURSO NA IMPRENSA POLÍTICO-PARTIDÁRIA E AS RELAÇÕES DE PODER NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA

A imprensa político-partidária, remanescente de um modelo do século XIX, quando o estilo opinativo prevalecia, avançou para o século XX. Essa dispersão aconteceu em algumas cidades do interior do Brasil, onde a política oligárquica e o coronelismo predominavam. Segundo Rüdiger (1993), os partidos mantiveram seus próprios órgãos durante a Primeira República e contavam com jornalistas habilitados para o discurso político.

O discurso jornalístico, bem como os discursos políticos, religiosos, educacionais, conferem propriedades singulares e papéis preestabelecidos aos sujeitos que falam, segundo Foucault (1996). Os sujeitos ativos no campo político, vinculados aos partidos, estavam

habilitados ao discurso da imprensa partidária. Para além disso, o campo político e jornalístico, no contexto da Primeira República, eram compostos, em grande parte, por membros da elite. Existem regras para selecionar os indivíduos que podem ter acesso aos discursos do campo político e do jornalístico. Foucault (1996, p. 36-37) considera que “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”.

Arias Neto (2008) explica que o projeto das elites para a República, voltado para a modernização do Brasil, consistia, em primeiro lugar, na reorganização política, mantendo a camada popular afastada dos assuntos públicos e, além disso, visava a reorganização dos espaços urbanos e rurais. Os “rebeldes” não se encaixavam nesse plano de civilização das elites como aponta o autor:

Para as elites brasileiras, os excluídos, os rebeldes, os imigrantes, os trabalhadores que resistiam ou se opunham eram classificados como incapazes e ignorantes, pois não sabiam reconhecer os “benefícios da civilização”. Eram, conseqüentemente, bárbaros e, quando se manifestavam, perigosos (ARIAS NETO, 2008, p. 227).

O discurso está vinculado ao desejo e ao poder, por esse motivo, Foucault (1996) considera que as lutas e os sistemas de dominação existem pelo desejo de dominação do discurso. No contexto da Primeira República, os políticos utilizavam a imprensa, um lugar privilegiado de fala, para munir a opinião pública com discursos favoráveis aos interesses partidários e/ou para a manutenção do poder.

Ademais, a política partidária se apropria do campo jornalístico, onde acontecem as disputas pelo discurso político, afim de criar uma relação de poder com a sociedade, com o objetivo de controlar os sujeitos. Na imprensa, a política partidária tem interesse de gerar debates e/ou controlar a opinião pública, sobretudo os eleitores. Para Foucault (1998), as relações de poder acontecem em vários níveis, ou seja, é uma rede de relações onde todos os indivíduos estão envolvidos. O poder de controle sobre os corpos é chamado por Foucault (1998, p. XVII) de poder disciplinar, procedimento que não é próprio das prisões, escolas e fábricas, mas consiste em "uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder, são 'métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade...".

O grupo que assumiu o poder na Primeira República impeliu um modelo político-partidário de jornalismo com a finalidade de moldar a opinião pública com as suas noções doutrinárias, cujas regras e parâmetros dependeriam das necessidades de cada partido. Rüdiger (1993, p. 35) afirma que a “classe política transformou a imprensa em agente orgânico da vida partidária”. O jornalismo político-partidário formulou o conceito de que a função da imprensa era essencialmente opinativa, com a intenção de difundir as doutrinas e as visões dos partidos de forma organizada na sociedade civil. Sobre o papel dos jornalistas da imprensa partidária, Rüdiger (1993, p. 37) afirma que:

São os responsáveis pela tarefa de transmitir de forma criteriosa a doutrina dos partidos e dirigir a opinião pública. A perspectiva não se limita a reconhecer o papel dos jornais no processo de formação da opinião pública, postulando sua organização para o exercício de um papel dirigente, porém concorrente com o das demais folhas, no movimento da esfera pública.

A preocupação fundamental dos jornais da Primeira República (1889-1930), segundo Sodré (1999), não era a política, mas o fato político. Foi um fenômeno particular, em uma área de domínio político. Nessa esfera, as questões eram pessoais e giravam em torno dos atos, pensamentos ou decisões de pessoas que protagonizaram o fato político. Assim, as campanhas políticas passaram a ser pautadas pelas necessidades pessoais, ou seja, “não se trata de condenar a orientação, ou a decisão, ou os princípios – a política, em suma – desta ou daquela personalidade; trata-se de destruir a pessoa ou o indivíduo” (SODRÉ, 1999, p. 277).

A Política dos Governadores possibilitou a ascensão de São Paulo e Minas Gerais ao poder. As articulações políticas e eleitorais do PRP e do Partido Republicano Mineiro (PRM) ficavam mais fortes com o desenrolar da Primeira República, como aponta Fausto (2006, p. 58), “conquanto São Paulo não pudesse dominar sozinho o Governo Federal, podia geralmente agir de acordo com Minas Gerais para controlar o Executivo Federal e, através dele, todo o Governo Central”. Contudo, no final da República Velha, a imprensa político-partidária estava voltada para os conflitos entre o Partido Republicano Paulista (PRP) e Partido Republicano Mineiro (PRM). Os dois grupos brigavam pela sucessão da presidência do Brasil, pondo fim ao acordo de alternância no poder firmado entre eles, firmado no início da Primeira República.

A mídia impõe à sociedade sua representação ritualizada das coisas, principalmente quando a produção de mensagens visa, prioritariamente, a legitimação dos interesses econômicos e políticos do poder instituído. A publicidade e a imprensa política partidária são aliadas de uma prática discursiva que visa o confronto com os opositores e/ou o controle dos sujeitos. Foucault (1996, p. 39) define o ritual como:

[...] a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção.

Os discursos proferidos através da imprensa político-partidária revelam um conjunto de símbolos definidos pelo ritual do campo político. Berstein (1998) acredita que no jogo do poder, os detentores da cultura política utilizam discursos codificados, onde o vocabulário é utilizado, com repetições e palavras-chaves, produzindo um efeito de transformação nos indivíduos que se relacionam. Durante o ano de 1930, cresciam os desentendimentos das oligarquias paulista (PRP) e mineira (PRM) no campo político. A imprensa, como instrumento da política partidária, servia de palco para as guerras discursivas. Enquanto os planos de Washington Luís e a sua política de valorização do café entrava em colapso, a Aliança Liberal utilizou amplamente o símbolo do “progresso”, vinculada a necessidade de organizar o cenário político nacional, para tentar ganhar do PRP nas urnas, em 1930.

O desejo de poder revelava-se através das guerras discursivas travadas entre os jornais de diferentes grupos político-partidário durante as disputas partidárias, sobretudo no ano de 1930. As narrativas da imprensa político-partidária, especialmente no final da República Velha, eram construídas a partir de fatos políticos com a finalidade de manter os grupos no poder ou para prejudicar os adversários.

A ATUAÇÃO DO JORNAL AVISO NAS LUTAS POLÍTICAS E PARTIDÁRIAS NO FINAL DA PRIMEIRA REPÚBLICA

As disputas políticas-partidárias do final da República Oligárquica apareceram com muita ênfase na imprensa brasileira. Os grupos políticos estavam envolvidos no duelo entre a política paulista (PRP) e mineira (PRM) na disputa pelo poder nacional. Os veículos de orientação político-partidária destacavam as guerras discursivas em suas páginas fomentando o debate político entre os setores da elite.

Uma coligação chamada Aliança Liberal surgiu em 1929 para combater a hegemonia do PRP e impedir a vitória de Júlio Prestes nas campanhas presidenciais de 1930. A coalizão reuniu também opositoristas de âmbito nacional para apoiar as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa. Foi uma estratégia criada para conter o poder de Washington Luiz e combater a perpetuação da sua política econômico-financeira, que consistia no controle dos recursos para a cafeicultura.

A Aliança Liberal planejava, com a estratégia de combater a hegemonia do PRP, alcançar a adesão dos estados nas disputas eleitorais. Além disso, pretendia, através da imprensa, despertar o patriotismo para alcançar o engajamento da sociedade no projeto de retomada da república democrática. A fala do Senador gaúcho Vespúcio de Abreu, reproduzida pelo jornal *Aviso* em janeiro de 1930, consolida a participação do Rio Grande do Sul no combate a Washington Luiz e ao candidato Júlio Prestes:

[...] três grandes Estados da Federação, grandes não todos pela sua extensão territorial, mas todos pela sua extensão territorial, mas todos pelo civismo e pela nobre coragem com que procuram reivindicar para a nação um princípio liberal que já estava consolidado no bloco de nossas conquistas democráticas; tem diante de si, ainda, representantes de outras correntes políticas do país (MANIFESTAÇÃO DA ALIANÇA LIBERAL AO SENADOR EPITACIO PESSÔA. *Aviso*. Picos, n. 168, p. 1, 18. jan. 1930).

No contexto de 1930, o político piauiense Mathias Olympio de Melo lutava contra a hegemonia e a permanência do PRP na Presidência da República e se juntou à Aliança Liberal. O Coronel Joaquim das Chagas Leitão, outrora seguidor de Mathias Olympio de Melo, também aderiu aos ideais da Aliança Liberal e partiu para a luta com o jornal *Aviso*. O *Aviso* ficou suspenso por alguns meses, entre 1928 e 1930. Voltou a circular em 18 de janeiro de 1930 com o mesmo discurso: de que o patriotismo era a chave para salvar o sistema político nacional que se encontrava desmoralizado. Alinhado aos interesses liberais, imprimiu na primeira página uma propaganda que estimulava os eleitores: “Picoenses! Votae em Getulio Vargas e João Pessoa - candidatos da Aliança Liberal, essa imensa,

valorosa e inexpugnável phalange de libertadores da Patria” (RESSURGINDO. **Aviso**. Picos, n. 168, p. 1, 18 jan. 1930). Essa publicidade se estendeu para as edições seguintes.

O jornal *Aviso* fez uma campanha de apelo ao voto, utilizando enunciados direcionados ao eleitor. O impresso lançou uma matéria que alertava com letras garrafais no título que “NÃO VOTAR É UM CRIME” na edição de 18 de janeiro de 1930. A conotação imperativa e até intimidadora se expandia para o conteúdo. O texto tem uma construção carregada de simbologia que remete ao poder e ao mandonismo do Coronel Joaquim das Chagas Leitão: “Somente quem fôr indigno da liberdade não cumprirá, portanto, no pleito de março proximo, o nobre dever de suffragar as candidaturas liberaes, que, victoriosas, farão a felicidade do Brasil e a gloria da Republica” (NÃO VOTAR É UM CRIME. **Aviso**. Picos, n. 168, p. 1, 18 jan. 1930).

Sem o apoio do Juiz de Direito Urbano Eulálio em 1930, restava ao Coronel Joaquim das Chagas Leitão utilizar a única ferramenta que tinha nas mãos para atingir os eleitores picoenses: o jornal. Em razão disso, continuou a reproduzir, dos veículos aliados, as notícias relacionadas às campanhas da Aliança Liberal.

O *Aviso* publicou a fala de Getúlio Vargas na matéria intitulada “O candidato da Aliança Liberal dirige-se ao nordeste brasileiro” em 18 de janeiro de 1930, uma reprodução do pronunciamento do candidato da Aliança Liberal aos nordestinos que havia sido publicado no jornal *Diário da Manhã*, de Pernambuco. A matéria foi construída com a intenção de promover um forte apelo positivo na mente do público com relação a Getúlio Vargas. Portanto, enfatizou as promessas eleitorais direcionadas ao Nordeste visando aumentar as intenções de voto na região e atribuiu as privações morais e econômicas vivenciadas pelo povo nordestino aos governos anteriores.

A Aliança Liberal escolheu, estrategicamente, os jornais regionais alinhados a sua ideologia e criou uma poderosa rede de informações para a circulação de notícias. Essa grande estrutura alimentava os veículos menores que ficavam na ponta da rede e, assim, os conteúdos eram retransmitidos para os impressos locais. O *Aviso* estava na extremidade desse processo e era o veículo responsável por difundir as informações dos opositoristas na cidade de Picos.

Do Rio de Janeiro, o Deputado Federal Hugo Napoleão enviou um telegrama ao Coronel Joaquim das Chagas Leitão em 31 de dezembro de 1929, publicado pelo jornal *Aviso* no dia 18 de janeiro de 1930 com o título “Sucessão presidencial”, que declarava a vibração cívica da população e da imprensa, nunca vista antes, diante da candidatura de

Getúlio Vargas e João Pessoa. No início de 1930, os políticos opositores focaram, também, na estratégia de fabricar um cenário de aceitação nacional dos candidatos da Aliança Liberal. Com a intenção de camuflar a guerra partidária que se instalou no país, a imprensa alinhada à oposição intensificou as publicações de matérias que celebravam as mudanças que os dois candidatos da Aliança Liberal ofereceriam para a nação.

O posicionamento ideológico/partidário do jornal *Aviso* com relação à política nacional e o seu compromisso com a campanha de Getúlio Vargas e João Pessoa incomodava as lideranças locais e estaduais. Como se não bastasse, a situação piorou quando o jornal divulgou, no dia 30 de março de 1930, os resultados das votações nacionais com o título “A esmagadora vitória da Aliança Liberal” (A ESMAGADORA vitória da Aliança Liberal. **Aviso**. Picos, n. 172, p. 1, 30 de março de 1930).

O Coronel Joaquim das Chagas Leitão, o político Mathias Olympio de Melo e a imprensa de oposição piauiense trabalharam duro para sustentar a campanha pela Aliança Liberal, apesar de o resultado das eleições, publicado pelo jornal *Aviso*, ter apresentado a maioria dos votos para Júlio Prestes. As incoerências nos resultados das eleições de 1930 e as denúncias de fraudes no processo eleitoral intensificaram o clima de combate entre a Aliança Liberal e o PRP na imprensa.

O processo eleitoral de 1930, como todos os processos do período da Primeira República, foi marcado por mais uma campanha carregada de fraudes. Essa foi a justificativa utilizada pelos jornais alinhados à Aliança Liberal para explicar a derrota de Getúlio Vargas. Uma matéria do jornal *A Razão*, de Fortaleza, com o título “A Aliança Liberal não permitirá que sejam esbulhados os seus direitos”, reproduzida pelo *Aviso* no dia 15 de abril de 1930, dizia que “Os actuaes dirigentes do paiz appellaram inutilmente para a fraude eleitoral, afim de impedir a victoria dos eleitos da Nação” (A ALIANÇA Liberal não permitirá que sejam esbulhados os seus direitos. **Aviso**. Picos, n. 173, p. 4, 15 abr. 1930).

O *Aviso* revelou na matéria “Cartas de picos”, publicada em 30 de maio de 1930, que o Governador João de Deus Pires Leal reconfigurou o quadro de redatores do jornal *A Imprensa* e utilizou esse veículo para enfrentar Mathias Olympio de Melo e os defensores da Aliança Liberal no Piauí. Em maio de 1930, o Governador João de Deus Pires Leal fez ataques através do jornal *A Imprensa* ao deputado Coronel Joaquim das Chagas Leitão. Ainda através da notícia “Cartas de picos” o jornal *Aviso* rebateu a hostilidade do jornal *A Imprensa*:

Com uma vassourada, o sr. Pires Leal afastou da redacção do orgam de seu partido toda a cambada de redactores, que tomava a primeira columna, para deixar ali figuraudo apenas a figura sinistra de Pires de Carvalho e esse maleavel Elias de Oliveira, que nòs sabemos de quanto é capaz. [...] Não é de estranhar a estupidez do ataque feito á deste honrosa figura do deputado Leitão, que, no municipio de Picos, é uma força a serviço da causa patriótica que breve levará de vencida estertorante oligarchia (CARTAS DE PICOS. *Aviso*. Picos, n. 176, p. 2, 30 mai. 1930).

O jornal *Aviso* sustentava um discurso de que o Brasil precisava se livrar dos “lamentabilissimos costumes políticos” para justificar sua persistência na luta pela salvação nacional, posicionando Getúlio Vargas, e a Aliança Liberal, como herói do Brasil (DISCURSO do deputado Lindolpho Collor. *Aviso*. Picos, n. 176, p. 3, 31 mai. 1930). Tanto a Proclamação da República, quanto o golpe de 1930 fizeram com que a política nacional ganhasse novos contornos. Com a ajuda de certas simbologias, a imprensa ajudava a moldar o comportamento da sociedade e as práticas políticas no Brasil. Em Picos, o *Aviso* era o propagador de símbolos que contribuían para delinear o pensamento da população picoense e para transformar a cultura política local. Sobre cultura política, Berstein (1998) defende que esta é constituída a partir de uma base filosófica ou doutrinal, transmitida de forma simples aos sujeitos, para a construção de uma concepção da sociedade ideal. Surge de uma leitura comum e normativa do passado histórico com implicações positivas ou negativas para os grandes acontecimentos do passado, uma visão institucional que traduz dados filosóficos ou históricos anteriores em um plano para a organização política do Estado.

Todos os esforços do jornal *Aviso* em defender os ideais da Aliança Liberal consistiram, por um lado, em uma ampla estratégia de orientar os leitores sobre um sistema político deficiente que precisava mudar. Por outro lado, não passava de uma tática para a manutenção do poder do Coronel Joaquim das Chagas Leitão e dos seus correligionários. O *Aviso* empenhou-se também em atribuir os problemas das campanhas eleitorais de 1930 às práticas do PRP, incriminando-os pelas manobras fraudulentas para angariar os votos.

O jornal *Aviso* queria que a sociedade picoense acreditasse que os outros estados estavam aderindo e sendo receptivos a Getúlio Vargas nos meses que antecederam o golpe de 1930. Além disso, intensificou os discursos com o sentido de desordem e de fragilidade das instituições republicanas. Na matéria intitulada “O regresso do sr. Baptista Luzardo”, publicada no dia 15 de maio de 1930, o *Aviso* atribuía os “dias turvos da política brasileira” ao PRP, enquanto a Aliança Liberal era representada pelo “sol luminoso se ergue para nos conduzir pela estrada da victoria e da redempção”.

O último jornal analisado do *Aviso*, edição de 30 maio de 1930, mostrou que o impresso operou fortemente em defesa das convicções políticas e pela manutenção do poder do seu proprietário, o Coronel Joaquim das Chagas Leitão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, com os exemplares do jornal *O Aviso*, foi possível constatar que *O Aviso* serviu de instrumento político-partidário para o Coronel Joaquim das Chagas Leitão no ano de 1930. Portanto, contribuiu para defender a reestruturação política do Brasil ao lado da Aliança Liberal. Os discursos de “progresso” que atravessavam o jornal *O Aviso* estavam vinculados a necessidade política do Coronel Joaquim das Chagas Leitão em retomar o seu poder no jogo político da cidade de Picos. Por esse motivo, aliou-se ao Mathias Olympio de Melo, defensor da campanha de Getúlio Vargas, e passou a propagar os discursos a favor da Aliança Liberal na cidade de Picos. Não por acaso, o Dr. Antenor Martins Neiva – do grupo de oposição composto por o Coronel Antônio Rodrigues da Silva, o Coronel Francisco Santos e o Coronel Josino Ferreira – foi destituído do cargo de Intendente Municipal e o Coronel Joaquim das Chagas Leitão assumiu as posições políticas locais quando Getúlio Vargas assumiu o país.

O jornal *O Aviso* era norteador de uma prática discursiva com a qual orientava e controlava a produção de sentidos segundo os interesses partidários do órgão, com o PRC, com o PRA, ou com a Aliança Liberal. Além disso, era ferramenta para a manutenção dos interesses partidários do Coronel Joaquim das Chagas Leitão. *O Aviso* começou a circular em 1910 alinhado com os discursos do PRC, defendendo os ideais de Hermes da Fonseca, que havia ganhado as eleições em 1º de março de 1910. Em 1917, estava alinhado com o Partido PRA, lançando apoio ao candidato a Deputado Federal Joaquim Pires Ferreira nas eleições de 1º de março de 1918. Em 1930, uniu-se à Aliança Liberal, defendendo o candidato Getúlio Vargas e o golpe de 1930.

REFERÊNCIAS

A ALIANÇA Liberal não permitirá que sejam esbulhados os seus direitos. **Aviso**. Picos, n. 173, p. 4, 15 abr. 1930.

A ESMAGADORA vitória da Aliança Liberal. **Aviso**. Picos, n. 172, p. 1, 30 de março de 1930. ABREU JÚNIOR, João Batista de. **Diário da Manhã**. Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930). CPDOC, FGV, [s.d.]. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-da-manha>>. Acesso em: 11 jan. 2022.

ABREU, Alzira Alves de. **Aliança Liberal**. Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930). CPDOC, FGV, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/alianca-liberal>>. Acesso em: 11 jan. 2022.

ARIAS NETO, José Miguel. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano**. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 190-228.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean- François (Org.). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. BRASIL.

CARTAS DE PICOS. **Aviso**. Picos, n. 176, p. 2, 30 mai. 1930.

CARVALHO, Abimael Clementino Ferreira de. **Família Coelho Rodrigues**: passado e presente. Fortaleza: IOCE, 1988.

COUTINHO, Amélia. **Matias Olimpio de Melo**. Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930). CPDOC, FGV, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/matias-olimpio-de-melo>>. Acesso em: 20 mai. 2022.

DISCURSO do deputado Lindolpho Collor. **Aviso**. Picos, n. 176, p. 3, 31 mai. 1930.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução e organização de Roberto Machado. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 295 p.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado**: 1549-2003. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2003.

JOÃO Vespúcio de Abreu e Silva. In: Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930). CPDOC, FGV, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-vespucio-de-abreu-e-silva>>. Acesso em: 18 dez. 2021.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MANIFESTAÇÃO DA ALIANÇA LIBERAL AO SENADOR EPITACIO PESSÔA. **Aviso**. Picos, n. 168, p. 1, 18. jan. 1930.

MAYER, Jorge Miguel. **Washington Luis Pereira de Sousa**. Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930). CPDOC, FGV, [s.d.]. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FONSECA,%20Deodoro%20da.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2022.

NÃO VOTAR É UM CRIME. **Aviso**. Picos, n. 168, p. 1, 18 jan. 1930.

NEEDEL, Jeffrey D. Definir la élite. In: NEEDEL, Jeffrey D. **Belle époque tropical**: sociedad y cultura de élite em Río de Janeiro a fines del siglo XIX y principios del XX. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2012. p. 367-374.

PINHEIRO FILHO, Celso. **História da imprensa no Piauí**. 3. ed. Teresina: Zodiaco, 1997.

RESSURGINDO. **Aviso**. Picos, n. 168, p. 1, 18 jan. 1930.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

URBANO Maria Eulálio. **Academia de Letras da Região de Picos (ALERP)**. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.alerp.com.br/academico/patrono/francisco-teotonio-da-luz-neto>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

NO SERTÃO CHEGOU VACINA? QUEM DISSE?: uma análise de como os portais RiachãoNet e Boletim do Sertão atuaram na construção de memórias sobre as primeiras doses de vacinas contra a Covid- 19

Iaquelly de SOUSA

Thamyres SOUSA DE OLIVEIRA

Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

RESUMO

Em meio à pior emergência sanitária do último século, o jornalismo local-regional se consolidou como uma das principais fontes de informação. Em virtude disto, este trabalho tem como objetivo geral analisar como os portais RiachãoNet e *Boletim do Sertão* construíram memórias sobre as primeiras doses de vacinas contra a Covid 19, no período de 27 de janeiro ao dia 18 de fevereiro de 2021, em Picos. Por meio da análise de conteúdo, percebemos que, nos primeiros quinze dias de pesquisa, nenhum dos portais selecionados tratou especificamente da vacinação contra a covid-19. Entre as fontes utilizadas percebemos que as institucionais foram as mais convocadas, promovendo uma memória baseada numa ótica organizacional. Percebemos que estas abordagens conduziram os portais a esquecimentos e silenciamento de peculiaridades e falas locais.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19; Memória jornalística; RiachãoNet; Boletim do Sertão.

Introdução

A pandemia da Covid-19 impactou as rotinas e o cenário jornalístico. Ela também mudou a maneira como a população entende/ entendia o jornalismo como esfera de informação. A credibilidade jornalística que outrora foi questionada, incessantemente, foi retomada por boa parte da população. Em meio à pior emergência sanitária do último século, o jornalismo local-regional se consolida como uma das principais fontes de informação. Em virtude disto, este trabalho tem como objetivo geral analisar como os portais *Riachão Net* e *Boletim do Sertão* atuaram na construção de memórias sobre as primeiras doses de vacinas

contra a Covid 19, no período de 27 de janeiro ao dia 18 de fevereiro de 2021, em Picos, período que acompanha a chegada de vacinas na cidade.

Entre nossos objetivos, buscamos mapear as matérias jornalísticas divulgadas sobre o tema no referido período de estudo identificando se elas demonstravam ou não uma preocupação com a vacinação local, percebemos também se as matérias eram de autoria própria ou apenas a reprodução de outros veículos jornalísticos e assessorias, também buscamos identificar quais fontes foram utilizadas pelas matérias jornalísticas sobre coronavírus e como elas ajudaram a compor o imaginário simbólico coletivo. Além disso, procuramos compreender a importância que a mídia local/regional deu a cobertura jornalística da covid-19 analisando o material vinculado pelos portais nas três semanas que se sucederam após o início da vacinação (2ª, 3ª e 4ª semana), constatando ainda se houve alguma questão omitida ou silenciada nas mesmas.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois, conforme Martino (2018), considera leituras sobre o tema e faz levantamento do que vem sendo pesquisado na área de memória e jornalismo. É também uma pesquisa documental, visto que, de acordo com Gil (2002), envolve fontes que ainda não passaram por tratamento analítico, como é o caso das matérias jornalísticas que buscamos nos portais. A técnica de análise utilizada foi a análise de conteúdo categorial, com base em Bardin (2004).

Inicialmente, o trabalho apresenta uma breve contextualização do que é uma mídia regional e sua importância para a cobertura jornalística em uma conjuntura pandêmica. Logo após apresentamos o conceito de memória e como o jornalismo pode ser considerado um lugar de certa memória para a coletividade. Posteriormente, discutimos as possíveis questões omitidas ou esquecidas, processos que envolvem tensionamentos da memória. Por fim, desenvolvemos o processo analítico em que buscamos como os portais RiachãoNet e Boletim do Sertão atuaram na construção de memórias sobre as primeiras doses de vacinas contra a Covid 19, no período de 27 de janeiro a 18 de fevereiro de 2021, em Picos.

A importância da mídia regional no diálogo sobre a pandemia

Em dezembro de 2019, os veículos jornalísticos começaram a divulgar notícias acerca da possibilidade de existência de um novo tipo de vírus. Tratava-se de um vírus pouco conhecido, sem alternativas de proteção efetiva sobre o qual se presumia haver um alto grau de letalidade, pois ele já havia causado mortes na China, país de onde se acredita ter se

originado. Os meses consecutivos foram repletos de matérias a respeito da propagação da doença pelo mundo, do aumento do número de óbitos e a enorme preocupação da sociedade em geral em relação a este novo contexto sanitário e sobre medidas de segurança a serem tomadas para conter a pandemia do intitulado novo coronavírus.

A presença do tema nos meios de comunicação foi de suma importância, pois através deles a população aprendeu as medidas básicas de autocuidado, do distanciamento e até mesmo da vacinação que, hoje, é a principal maneira de combater a doença. E foi através da mídia regional que cidades interioranas e comunidades rurais tiveram entendimento do que se tratava a pandemia e de todos os assuntos que se ligavam a ela, como economia, educação e etc. A cerca disso consideramos mídia regional aquela que assiste a uma parte de determinada região, ao conceito de regional ou regionalização está associada ao de “proximidade” assim como aponta (LIMA, 2008). Com isso, consideramos mídia regional portais de notícias, rádios, emissoras de televisão e demais veículos de comunicação presentes na atuação da região e no caso da pesquisa em questão, na macrorregião de Picos.

A mídia local, de acordo com Perruzo (2003), ocupa um espaço de afinidade com a comunidade interiorana, especialmente pelo cuidado concedido a essas determinadas regiões que, muitas vezes, não são exibidas em veículos de comunicação de maior abrangência, sediados nas capitais e grandes centros. Em virtude disso, o sujeito comum passa a credibilizar esses veículos regionais, pois existe a identificação em ver a sua realidade apresentada por esses veículos. De acordo com Lima (2008), o local é uma tendência ligada às tradições e à identidade, com a autora entendemos que a sociedade da informação faz uma espécie de descentralização da informação, ou melhor fragmenta a informação, fazendo com que os veículos locais sejam melhor elegidos por uma população local e regional.

Este tipo de mídia, citada anteriormente, tem como principal função fornecer conteúdos específicos dessas cidades ou dessa região mostrando suas dificuldades, vivências e desafios. Durante a pandemia da Covid-19, as estruturas até então conhecidas pelo jornalismo foram mudadas em decorrência do isolamento que impossibilitava grande parte das atividades diárias. Ademais, apesar das dificuldades, o jornalismo se mostrou uma atividade essencial e se posicionou como um instrumento necessário para a sociedade (SILVA, 2020, p. 234).

Se em um contexto considerado “normal” o jornalismo é considerado esfera de confiabilidade da sociedade, em uma conjuntura pandêmica o jornalismo científico auferiu

um papel de evidência, já que “qualquer mudança em relação à Covid-19 precisa ser noticiada com base na ciência” (SILVA, 2020, p. 235). Tendo em vista que neste período surgiram tantas informações e entre elas informações falsas, foi através dele que a população além de se informar era educada sobre as notícias verdadeiras. Parte da população depreciava o jornalismo quanto a sua credibilidade, e durante a pandemia observando as mudanças que ocorriam e que o jornalismo não parou, e sim se adaptou às mudanças a população começou a entender a importância dele como fonte e ferramenta de informação.

O compromisso demonstrado pelo jornalismo com a sociedade reforça, para Varão e Ferreira (2020), sua posição de prioridade social na conjuntura pandêmica.

O jornalismo como lugar de memória na pandemia

Nas palavras de Nora (1993), estaríamos vivendo uma aceleração constante da história e estamos produzindo cada vez mais rápido um passado morto, ou seja, nossa percepção geral se torna algo desconhecido. Conforme o autor, a democratização, a massificação e a midiaticização teriam causado o desmoronamento da memória, o encerramento das sociedades-memória, as quais certificam a conservação e transmissão de valores.

Lugares de memória também funcionam fora da ação cultural contemporânea e a vontade de lembrar faz parte dos produtos comunicacionais, dentre eles o produto jornalístico. Eles exprimem a sensibilidade mnemônica própria deste mundo e sempre inserem, em algum nível, a dimensão da espetacularização, da fragmentação, da rapidez, do entretenimento (RIBEIRO, 2013). Pensando nisso, o consórcio construído através de veículos de comunicação do nosso país serve e servirá no futuro como um lugar de memória.

Neste sentido, acreditamos que o jornalismo assume mesmo que sem obrigação este papel, pois a atividade jornalística é um lugar de memória. Faz parte do seu ofício selecionar temáticas que devem ser lembradas em detrimento de outras. Isto porque como não se pode transmitir a totalidade, o jornalismo então seleciona e hierarquiza assuntos tomando por base critérios subjetivos. Pensando nisso, além de lugar de memória, acreditamos que os jornalistas são senhores de memória. Pois, de acordo com Le Goff (2003), ser senhor da memória e do esquecimento é ser detentor do poder de determinar o presente em direção a um futuro próximo ou distante.

Durante a pandemia, o jornalismo reforçou que qualidade na construção de matérias e na transparência utilizada por vários veículos de comunicação salvam vidas, um exemplo disso é que a população se informou sobre os cuidados básicos, como o distanciamento, as vacinas, o uso de máscaras e etc. Voltando à mídia local/regional, com base em Dornelles (2010), entendemos que ela é externada por seus habitantes nas suas falas, nos seus textos e seus testemunhos. Vê-se que há uma necessidade da aproximação constantemente da fronteira dos textos jornalísticos e da vida cotidiana. A construção e preservação de uma memória coletiva específica de uma região ou localidade depende da combinação de estratégias e táticas de programação as quais busquem se identificar com essa mesma audiência. Os meios locais devem se adequar à região de cobertura porque se não fizerem estarão “a afastar-se dos seus objectivos e cavando o buraco da sua autodestruição” (Nosty, 1997, p.164). As mídias locais representam assim um meio de comunicação voltado para as suas populações, consolidando o acompanhamento dos desejos sociais das comunidades, na realização de uma programação onde a tradição e a história locais seriam seus mais fortes, tal como a prática de um jornalismo de proximidade.

Halbwachs (1990) tentou demonstrar que a memória coletiva se encontra, principalmente, no íntimo da memória e da consciência pessoal. Do contrário, Ricoeur (2007), delimita a consciência pessoal a uma fonte coletiva. Para ele, nosso meio social age sobre nós estando ou não conscientes de sua persuasão. A memória então, se dá numa conjuntura precisa, já que não se trata de uma ação individual, mas social e num tempo também de natureza social. Sendo o homem um sujeito histórico, recordar é um ato coletivo, ligado ao contexto social e ao tempo que compreende uma construção, noção historicamente determinada. (BARBOSA, 2016)

Michel de Certeau (1994) nos indica que essas maneiras de recordar se referem aos vários meios utilizados por sujeitos comuns a fim de se apossar dos lugares e dos materiais culturais neles preservados por meio de ações que proporcionem uma produção independente de sentido. Isso porque, a função da memória é de desenvolver a experiência por meio do reconhecimento e da reatualização de uma recordação. Prática essa que só se torna possível mediante o contato com a realidade vivida, visto que lidamos com conhecimentos recordados para então lidarmos com novas situações, às quais estão ligadas às novas lembranças. Estas, no que lhe tocam, se relacionam aos jeitos de pensar dos outros que fizeram e dos que ainda fazem parte de sua história. Sendo assim, a memória está

presente em todos os lugares e em todas as pessoas, e nós seríamos um produto do que lembramos, é o que compreendo com Santos (2003) quando ele diz:

A memória não é só pensamento, imaginação e construção social; ela é também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências a partir de resíduos deixados anteriormente. A memória, portanto, excede o escopo da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo e motor e do tempo físico, pois ela é também o resultado de si mesma; ela é objetivada em representações, rituais, textos e comemorações (SANTOS, 2003, p. 25-26).

O que fica para nós é que nosso reconhecimento com o passado cruza e deve cruzar pelo esquecimento para que assim tenha-se possibilidade de vida. Seleccionamos muito mais do que queremos lembrar e do que queremos esquecer. Para explorar essa concepção de memórias individuais e coletivas e seus abusos, Ricoeur (2010) trabalha com o que nomeia de “abusos da memória natural”. Em relação ao nível prático, o autor fala de uma memória aparelhada para analisar a manipulação na esfera individual e coletiva.

As operações da memória tratam-se do fenômeno de corroboração de poder, que se liga com ordenações simbólicas relativas à ação. E é nesse campo ideológico que os abusos podem acontecer por meio de narrativas “de fundação, narrativas de glória e de humilhação” que podem alimentar “o discurso de adulação e medo” (RICOEUR, 2010, p.98). A opressão e legitimação da memória ocorrem no campo da narrativa, pois até o “tirano precisa de um retórico, de um sofista, para transformar em discurso sua empreitada de intimidação e sedução” (RICOEUR, 2010, p.95). Os discursos podem ser sempre direcionados, escolhidos, enquadrados, distorcidos de acordo com interesses dos que os narram. Seria esse o perigo de se escutar uma fonte oficial de um acontecimento, ou de um fato que tenha ocorrido, pois como bem sabemos quando lemos alguma matéria jornalística seja ela local, ou regional e a mesma usa uma fonte oficial e não uma local, abre brecha para duvidarmos de tal narrativa, já que temos conhecimento de que objetivo da assessoria é de “proteger” a imagem de seu assessorado produzindo matérias benéficas para sua imagem (RIBEIRO, 2015).

Em virtude disso, delimitamos como nosso período de análise notícias focadas na chegada das primeiras doses da vacina em Picos, da segunda a quarta semana, para ser mais exata do dia 27 de janeiro ao dia 18 de fevereiro de 2021. Com o intuito de entender quais memórias foram construídas a partir dos conteúdos noticiados e as fontes que utilizaram para essa construção, utilizamos a ferramenta de busca dentro dos portais *Riachaonet* e

Boletim do Sertão e como palavras-chave a serem colocadas no mecanismo de busca: “Coronavírus”, “Doses” e “Vacina”.

A mídia local picoense na construção de memórias sobre as primeiras doses de vacinas contra a Covid 19

Em nossa trajetória metodológica, os procedimentos foram respaldados nas pesquisas bibliográfica e documental e a técnica de análise utilizada foi a análise de conteúdo categorizando matérias de dois portais locais: *RiachaoNet* e *Boletim do Sertão*. Até aqui, utilizamos a revisão bibliográfica, por Fonseca (2002) para embasar a pesquisa. Dessa forma, buscamos pesquisas concluídas para obtermos respostas às nossas inquietações sobre os nossos objetos de estudo. Sobre pesquisa documental, Antônio Carlos Gil (2002) explica que "enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa." (GIL, 2002, p. 45). A técnica utilizada foi análise de conteúdo, a qual Bardin (2004) aponta ser uma

análise das comunicações, que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores quantitativos ou não que permitem as inferências de conhecimentos relativos de condições de produção/recepção variáveis inferidas destas mensagens (BARDIN, 2004, p. 41).

Usufruímos desse método para inspecionar cada matéria minuciosamente dos dois veículos citados anteriormente, como também seu efeito sobre a memória construída sobre as primeiras semanas de vacinação. Para tanto, utilizamos como técnica de análise foi a análise de conteúdo categorial e nossas categorias foram: Autoria das matérias jornalísticas e Fontes das matérias jornalísticas.

Autoria das matérias jornalísticas e memórias construídas

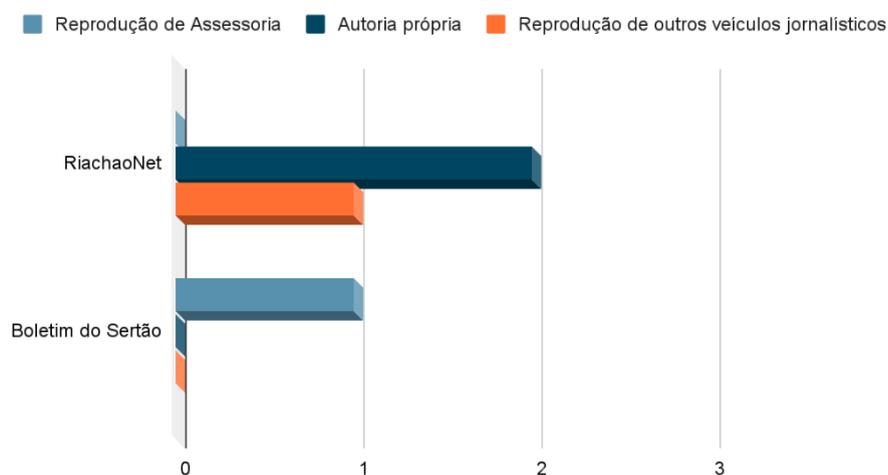
Na procura pelas matérias publicadas pelos portais estudados: *RiachaoNet* e *Boletim do Sertão*, buscamos perceber se as matérias jornalísticas publicadas nos sites sobre as primeiras doses de vacinas contra a Covid 19 eram de autoria própria ou apenas a reprodução de outros veículos jornalísticos ou assessorias. Foram encontradas 4 publicações, no período

de 27 de janeiro ao dia 18 de fevereiro de 2021, escolhemos esse período por se tratar da segunda até a quarta semana de vacinação contra a Covid 19 no município. A busca foi realizada por meio de palavras-chaves dentro dos portais: “Vacina”, "Doses" e “Coronavírus”.

Entre 27 de janeiro ao dia 18 de fevereiro de 2021, o portal Riachão Net publicou 03 matérias sobre a vacinação contra a Covid 19 em paralelo a ele o portal Boletim do Sertão publicou 01 notícia acerca da temática. Por meio do Gráfico 1, de acordo com a categoria de cada postagem, discutimos a autoria dos textos, verificando se as matérias jornalísticas eram de autoria própria ou apenas a reprodução de outros veículos jornalísticos ou assessorias.

Gráfico 01: autoria das matérias jornalísticas nos portais RiachaoNet e Boletim do Sertão.

Autoria de matérias



Fonte: Autoria própria

No portal Riachão Net, 02 matérias de autoria própria foram publicadas, é importante mencionarmos que percebemos que por mais que se tratem de autoria própria essas matérias possuem muitas informações as quais consideramos serem reproduções adaptadas. Quanto a outra matéria, ela se trata de uma reprodução integral de outro veículo jornalístico. Em paralelo a isto, o Boletim do Sertão publicou apenas uma matéria, a qual se trata de uma reprodução de assessoria. Escolhemos como ponto de partida refletir sobre o baixo número

de publicações nesse período de suma importância para a população picoense que é a vacinação contra a covid-19, uma vez que é o método mais eficaz de proteção contra esta doença.

O resultado disso é que o tema tenha pouca notoriedade e, conseqüentemente, fique ausente ou seja mínimo na memória digital destes veículos. Talvez essa ausência de matérias reflita a realidade picoense vivida no cotidiano, onde para se informar sobre acontecimentos sobre a cidade, muitas vezes, a população busca contas de Instagram locais as quais publicam assuntos de interesse público de maneira simples e clara. Outra questão sobre a qual está pouca quantidade de matérias jornalísticas pesa é a forma com que a memória coletiva da população está sendo construída, já que não há tantas matérias contendo informações sobre a vacinação, ou da própria covid direcionadas à cidade de Picos, no referido período, e entre as poucas que encontramos a reprodução de matéria feita por assessoria de imprensa, como é o caso da matéria do *Boletim do Sertão* e da reprodução parcial e integral como foi o caso do *RiachãoNet*.

O resultado disso é construir a memória a partir de uma visão que muitas vezes não condiz com a realidade ou está pautada apenas em uma memória organizacional, pois bem sabemos que a assessoria ainda tem como seu maior objetivo “otimizar” a imagem de seu assessorado pois, além da mediação com a imprensa, ele também produz matérias benéficas para sua imagem. (ALMANSA, 2017) Nos textos que são replicados tanto das assessorias de imprensa quanto da de outro veículo jornalístico, o que fica na memória da população picoense é a fonte oficial, desse modo tem-se uma notícia superficial. São as palavras de pessoas em cargos municipais ou de autores que, muitas vezes, não vivenciam a realidade do município, no caso de matérias produzidas por assessorias do Governo. Isso incide na sensação de pertencimento que deve ser estimulada pelo jornalismo local.

A imprensa regional se constrói a partir da relação com o público da região alcançada e está profundamente ligada ao compromisso que o veículo assume em dar voz às particularidades da região, ou seja, a fidelidade do seu vínculo com a sua região. Seguindo essa lógica, a mídia regional deve levar em conta, além do critério geográfico outras características como o seu âmbito de difusão, sua cobertura, sua vocação, intencionalidade, no tratamento dos conteúdos, e por fim na percepção da publicação sobre o leitor quanto a relação com as fontes de informação institucionais (CAMPONEZ, 2002).

O principal problema da ausência de matérias sobre a temática é a relevância que a mesma possui e que por mais motivos que possa existir para as redações responsáveis não publicarem acerca da vacinação em si, poderiam ter escrito matérias correlacionadas, como explicar a importância da vacinação, a maneira que vacinas agem no organismo humano, os locais de vacinação, quais os requisitos a cumprir para a vacinação e etc, e nenhum desses assuntos foi aprofundado nessas semanas.

Partindo para a análise das matérias autorais do RiachaoNet, podemos fazer uma reflexão parecida com a que fizemos dos textos que eram reprodução de assessoria, já que uma das matérias é uma reprodução integral de outro veículo jornalístico, e as outras possuem trechos reproduzidos. Acreditamos que o próprio veículo poderia ter feito essas publicações, pois estaria ao seu alcance, já que os próprios veículos residem no município e falariam até com mais propriedade da situação da aglomeração por exemplo, trazendo mais credibilidade por se tratar de um veículo mais próximo. Com isso, até mesmo teríamos a oportunidade de ouvir mais vozes contribuindo com o que Halbwachs (1990) chamou de memória coletiva.

Fontes utilizadas nas matérias jornalísticas e memórias construídas

No que se refere às fontes utilizadas nas matérias produzidas pelos portais *Riachaonet* e *Boletim do Sertão*, procuramos entender quais foram as fontes convocadas para compor o imaginário simbólico coletivo da vacinação contra a covid-19, em Picos. Desse modo, listamos, por meio da Tabela 01, as matérias e as fontes utilizadas para falar sobre o assunto e, conseqüentemente, fazer parte das memórias sobre o período.

Tabela 01: fontes das matérias jornalísticas nos portais RiachaoNet e Boletim do Sertão.

Portal estudado	Data	Título da matéria	Fonte escolhida
RiachaoNet	10/02/2021	Plano de vacinação para Idosos em Picos; confira o que precisa levar e os locais de vacinação	ASCOM SMS e Mariana Fontes, coordenadora de imunização de Picos.

RiachaoNet	11/02/2021	Picos inicia a vacinação de idosos com 90 anos ou mais	CCom – PMP. Aldo Gil, secretário de Saúde.
RiachaoNet	12/02/2021	Imagens da aglomeração feita durante a vacinação no município pelos funcionários da saúde	Mariana Fontes, coordenadora de imunização do município e Socorro Vale, técnica em enfermagem.
Boletim do Sertão	18/02/2021	Saúde de Picos inicia vacinação da 2ª dose contra a Covid-19.	ASCOM/ Isael Pereira Mariana Fontes, coordenadora de imunização da cidade.

(Fonte: A autoria própria)

Nos primeiros quinze dias do nosso período estudado não houveram publicações em nenhum dos portais com a temática da vacinação, nem sobre a chegada de doses das vacinas. Sendo um fato que precisamos problematizar, pois como já havíamos citado poderiam ter escrito matérias que trabalhassem a temática mesmo não sendo sobre a chegada de doses de vacina em si. As matérias publicadas nos dias 10 e 11 de fevereiro de 2021 se referem ao mesmo assunto, a vacinação em idosos. Na primeira, abordou-se que a vacinação iria acontecer e na seguinte a própria. Como fonte, essas matérias incluindo a do dia 12/02/2021 e a do dia 18/02/2001 publicadas pelo *Boletim do Sertão* utilizam a coordenadora de imunização, Mariana Fontes e o secretário de saúde, Aldo Gil. Percebemos então que não houve preocupação do veículo em ouvir a população local, um idoso para sermos mais precisos, já que se trataria do público alvo da temática de vacinação proposto nas primeiras matérias.

A matéria que aborda a aglomeração e a vacinação em funcionários da área da saúde convoca também a técnica de enfermagem, Socorro Vale, uma das pessoas que aguardavam a vacinação e até então é o único ponto demonstrado na nossa análise que demonstra preocupação com ouvir a população local, ou as pessoas mais interessadas na temática.

“Quando eu cheguei, tinha uma multidão e as pessoas estavam falando que já tinha acabado, e que tinha uma lista com o nome de 70 pessoas. Quando começou a distribuição, tivemos que ficar na fila para aguardar a senha. O que aconteceu hoje foi uma aglomeração irresponsável”, explicou.

(Fonte: RiachaoNet)

O fato de ouvir uma pessoa comum é muito benéfico para a memória, pois como nos explica Halbwachs (1990) a lembrança necessita de um vínculo afetivo, o qual se dá mediante um vínculo social que as pessoas criam com outras ou grupos (HALBWACHS, 1990). Então, se eu vejo alguém que eu conheço, que eu me ache próximo ou alguém que me representa em uma matéria, será mais fácil minha memória ser acionada a partir desse vínculo. Seria esse o tipo de matéria que a população necessita, pois reforçaria sua identidade como cidadão e picoense e é curioso que essa matéria que traz essa personagem comum é uma reprodução de um veículo nacional, ou seja, um veículo que não tem como prioridade a região.

Considerações finais

Diante das discussões apresentadas, observamos que os portais não se aprofundaram na temática da vacinação e não utilizaram a convocação das fontes locais da população. Entendemos que a construção da memória coletiva da população picoense em relação às primeiras doses de vacina foi construída de forma pouco humanizada, se considerarmos a responsabilidade social do jornalismo envolvendo o tema, já que houveram apenas quatro publicações e nos primeiro quinze dias de estudos não tiveram nenhuma.

Além disso, a memória foi construída também baseada em uma visão organizacional, já que constatamos que os portais tinham a reprodução de assessoria e a reprodução de outro veículo jornalístico. Com isso, a população teve somente acesso a uma parte da memória do período, pois não foram ouvidas, neste caso, fontes locais sobre o assunto, apenas uma e em uma matéria reproduzida por outro veículo. Acreditamos que as publicações não devem omitir a fala de um cidadão local, negligenciando sua forma de exercer cidadania, ambas as vozes poderiam se complementar e as vozes locais em todas as matérias analisadas poderiam trazer um outro lado não explorado pelos portais que se basearam em uma visão organizacional em sua maioria.

Ademais, é questionável a pouca quantidade de matérias encontradas no período estudado, considerando a conjuntura do período pandêmico e do significado da vacinação para a população. Podemos sugerir através do texto algumas alternativas para tentar justificar o baixo número de publicações, tais como o reduzido número de profissionais nas equipes, mesmo que esse não fosse nosso objetivo. Ainda assim é importante salientar esse fato já que a ausência também possui um significado para nós pesquisadores.

Em suma, concluímos que não houve um aprofundamento do tema nos dois portais. Por serem portais locais, deveriam se posicionar produzindo um conteúdo frequente e informativo para a população, através disso poderiam ter construído uma memória que envolvesse os próprios cidadãos e não se utilizar de reproduções como fontes. Deveria haver uma preocupação com a informação local, uma vez que a vacinação contra a Covid- 19 é uma temática que impacta diretamente muitas áreas da região, ainda mais na questão da saúde já que Picos recebe mais de dez municípios da região.

REFERÊNCIAS

- ALMANSA, Ana. **Assessorias de Comunicação**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, p. 45, 2004.
- BARBOSA, Marialva. **Meios de comunicação: lugar de memória ou na história?**. Contracampo, v. 35, n. 1, 2016.
- BARASH, Jeffrey Andrew. O lugar da lembrança. **Reflexões sobre a teoria da memória coletiva em Paul Ricoeur**. Revista memória em rede, v.2, n.6, Jan./Jun. 2012, p. 66-67.
- CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de Proximidade**, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- DORNELLES, B. **O localismo nos jornais do Interior**. Revista Famecos: Porto Alegre. v. 17. n. 3. p. 237-243. 2010.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002, p.32.
- VARÃO, Rafiza; FERREIRA, Fernanda. **Jornalismo como instância de confiabilidade de informações durante a pandemia da Covid-19**. In: Jornalismo em tempos da pandemia do coronavírus. Oliveira, H; Gadini, S. Aveiro: Ria Editorial, 2020.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002, p.44.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5.ed. Campinas: UNICAMP, 2003.
- LIMA, Maria Érica de Oliveira. **Regionalização midiática: conceitos e exemplos**. In: MARÇOLLA, Rosângela (Org.) OLIVEIRA, Roberto Reis de (Org.). **Estudos de Mídia Regional, Local e Comunitária**. São Paulo: Arte & Ciência, 2008. P. 43-75.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas**. Editora Vozes Limitada, 2018.
- NORA, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.
- NOSTY, B.D. “**Los medios públicos regionales y locales - El futuro de los canales autonómicos y los medios locales públicos**”, in ESCUDERO, Manuel Chaparro (ed.), Radiotelevisión Pública Local y Alternativa – Perspectivas, Sevilla: Asociación de Emissores Municipales de Andalucía de Radio y Televisión, 1997, p. 164.
- PERUZZO, Círcia M. Krohling. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária**. Anuário Internacional de Comunicação Lusófona-Lusocom, 2003.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A memória e o mundo contemporâneo. **Entretenimento, felicidade e memória: forças moventes do contemporâneo**. Rio de Janeiro: Anadarco, 2013.

RIBEIRO, Vasco et al. **A assessoria de imprensa e as redes sociais**: Estudo de caso sobre as mudanças no relacionamento fonte-jornalista e o processo de produção do press release. *Comunicação Pública*, v. 10, n. 19, 2015.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, M. S. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: AnnaBlume, 2003, P. 25-26.

SILVA, M; GOMES, M; PERES, M. **A Pandemia de 2020 e seus Impactos na Imprensa**: Desafios dos Jornalistas no Vale do Paraíba e Litoral Norte. In: OLIVEIRA, Hebe; GADINI, Sérgio. **Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus**. Aveiro: Ria Editorial, p. 234-235, 2020.

TODOROV, Tzvetan. **Memoria del mal, tentación del bien**: indagación sobre el siglo XX. Barcelona: Ediciones Península, 2002, p.199.

Avelino Filho e o futebol nas rádios de Picos-pi: uma abordagem histórico-biográfica

Caio COSTA Araújo

Jackson Diego MONTEIRO Pereira de Sousa

Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

RESUMO: Este trabalho tem base contar e abordar a história oral de vida do radialista Avelino José Filho, com as transformações decorrentes da rádio de picos e construções do futebol sob essa mesma ótica. o intuito é não somente fornecer novas visões sobre a indústria da rádio em picos, mas nos fornecer a construção de uma história nesse meio, algo relevante e significativo para a nossa história.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, História de vida, Rádio

INTRODUÇÃO

Sob a ótica da história do rádio no Brasil, vale desenvolver uma breve contextualização sobre o assunto e de como o mesmo influenciou na transição para com a sua própria construção dentro dos pequenos centros, que de certa forma, foi de grande importância para a construção de sociedades nos interiores do Brasil.

De acordo com a Lia Calabre de Azevedo, na sua tese de doutorado (2002), acerca da radiodifusão brasileira. A mesma reforça que a Rádio nacional do Rio de Janeiro foi uma das primeiras rádios do país onde o reconhecimento dela e sua criação foram datadas dos anos 40 e 50, a mesma trouxe consigo diversas e novas formas de transmissão jornalística nas rádios. A própria rádio adotaria durante esse seu início no país um novo método de produção e modelo artístico para a exibição dos programas, a exemplo teríamos a criação das radionovelas, dos teatros e dramatizações através da rádio, alavancando ainda mais e fazendo com que a própria rádio nacional fosse um modelo para a indústria de rádio neste país.

A exposição nacional de 1922 foi explicitamente uma das primeiras exibições e mostra de rádio no Brasil, com o intuito de apresentar de maneira ampla e trazer como novidade pro país para se mostrar próspero, desenvolvido e além de tudo moderno em frente às grandes indústrias comerciais. Dentro deste meio Edgar Roquette Pinto foi um dos nomes mais conhecidos durante esse processo de construção da radiodifusão no Brasil, além do que as rádios forma construídas em cima do formato de transmissão AM, onde o mesmo depois de muito tempo foi extinguido, Roquette pinto trabalhou numa das primeiras rádios do rio e sua visão de mundo através da rádio trouxe um conceito novo sobre o que é o fazer rádio na época, improvisando e introduzindo personalidades as variadas notícias durante o programa. O Jornal da Manhã foi um dos primeiros jornais falados e improvisados do país.

Por outro lado, o futebol no âmbito nacional sempre foi de grande atenção dos telespectadores, isto desde a época do rádio. uma das transmissões principais que marcaram as portas da transmissão e locução do esporte nas rádios foi a cobertura de um dos jogos da copa do mundo, isso em 1938, transmitido em cadeia nacional, com o Leonardo gagliano como locutor. o futebol sempre foi um dos mercados mais rentáveis em todos os aspectos e com toda certeza durante aquela época foi um dos principais lucro em todos os processos no país, a rádio foi de total importância para diversas transmissões esportivas durante os anos, fazendo com que esse mercado crescesse cada vez mais e se reinventa.

Logo, abordaremos a relação do futebol no rádio no Piauí. Interessa-nos tratar o tema como vínculo decisivo na relação da cidade com esporte e com as rádios da época, até porque isto se tornou fator relevante atualmente, tendo em vista que o acesso a comunicação e globalização dos pequenos centros se deve ao rádio e o futebol como meio de entretenimento está dentro deste processo..

Os estudos de história podem ser realizados a partir de diversas fontes, entre elas, fontes biográficas. Temos o José Sebe Bom Meihy como um dos autores que trabalham com a contextualização da história de vida em si, e de como se prosseguirá de certa forma as várias fases e construções do ser humano relacionadas às pesquisas e focos no contraste da sua própria história. .

Em muito tempo a consolidação da história de vida do próprio jornalismo foi algo vago e que não se permeia, em muitas das vezes na história da nossa mídia, foram escondidos ou escapados diversos fatos históricos, algo que nunca é visado pela sociedade, trazendo em contraponto salvar não somente a história de um certo investigado, mas de toda uma história que em partes continua perdida como a história do nosso jornalismo. em

decorrência disso vemos o período do golpe militar em 1964 , onde em grande parte as próprias divulgações de notícias eram proibidas e as empresas e gazetas jornalísticas eram obrigadas a seguir as regras do governo militar na época. O fato é que , desde o início da história oral segue sendo em parte de contextos bibliográficos e históricos, que através desses métodos intencionais, em partes, faz com que identifique e intensifique o fato do que é este trabalho.

Assim sendo, o principal objetivo deste trabalho é investigar a história de vida do radialista Avelino José Filho e suas interfaces com a história da comunicação esportiva nas rádios de Picos, trazendo consigo relatos sobre a sua própria trajetória e correlacionando-a a história da transmissão radiofônica na cidade. Para fim de desenvolvimento, o foco é mostrar que o jornalismo esportivo desde antigamente ainda era difícil.

É interessante trazer a história da rádio na relação futebolística através da perspectiva das pessoas que contribuíram na época, como no caso deste artigo, o Avelino Filho, que viveu esse período em Picos e vivenciou de fato a importância da rádio na transmissão do esporte no município, buscaremos entender as suas contribuições.

METODOLOGIA

Para uma melhor sustentação e eficiência na forma de validar a pesquisa, foram utilizados métodos padrões para a realização da mesma. O artigo tem característica documental-histórica em relação ao registro da transmissão do futebol através das rádios picoenses, porém com foco central na biografia de um indivíduo, que teve contato direto com a construção e história acerca do tema.

Gil e Severino (2007) atribuem o conhecimento em relação ao objeto na própria construção e sentido que se dá a esse objeto, justificando a natureza da pesquisa, que, mesmo se auxiliando de bibliografia já produzida, traz ao centro de discussões as memórias de alguém que dedicou parte de sua vida ao contato com o objeto, no caso deste artigo, o rádio e o futebol. Um olhar de terceiro não consegue fazer jus comparado ao conhecimento ativo de vivência.

De acordo com Antonio Carlos Gil (2002), no livro "Como elaborar um projeto de pesquisa", aborda que a pesquisa bibliográfica permite investigar amplamente e a fundo uma gama de fenômenos das quais qualquer outra investigação direta.

Para tal, foi realizada uma pesquisa de campo, se direcionando ao contato direto com a pessoa e retirando informações por meio da pura história oral. Em vídeo para a editora Contexto, o professor José Carlos Meihy explica a importância da história oral no processo de documentação:

[...] a história oral passou a ser, um mecanismo usado para validar algumas experiências que não estão registradas em documentos escritos, ou que, quando estão registradas, tem uma outra mensagem, dimensão, quase sempre de valor subjetivo. A história oral, portanto, passa a ser um tipo de narrativa onde a entrevista gravada ou filmada tem um fundamento de registro em cima de uma matéria que permita uma reflexão que varia das possibilidades da documentação escrita (MEIHY, 2015).

Após a coleta dos dados orais, por meio de gravação e transcrição, as informações contidas foram organizadas seguindo o método biográfico e selecionadas na perspectiva do autor, vetorizando sempre ao tema central da discussão. Como forma de expor o obtido, é recorrido à análise de conteúdo, considerada por Bardin (1977) importante pelo potencial nas características verbais e linguísticas da entrevista, auxiliando na análise de significados que podem ser obtidos em um relato.

VIDA PESSOAL E INÍCIO DE CARREIRA

Avelino José Filho, nascido no dia 08/03/1951, tem 69 anos, natural do Rio Grande do Norte, veio começar sua trajetória em Picos no início da década de 70 após cumprir boa parte dos seus atos como militar na época do terceiro BEC. O seu irmão procurou o mesmo sugerindo uma oportunidade de mudar de vida e ir em busca de algo melhor na época, fazendo o jovem Avelino se mudar para Picos, que na época, no ano de 1971 estava em crescente mudança e ascensão.

Elucidando através das falas contadas durante a entrevista temos como abrangência, no geral, o ponto de vista do entrevistado, o senhor Avelino José Filho e sua construção social em contextos considerados escassos para o próprio rádio e jornal na sociedade picoinense na última década.

O mesmo retratou durante os relatos fatos significativos que indicam que, para o início dessa construção e visão radiofônica, o rádio em si foi um fator essencial para que a cidade crescesse em base a , com os moradores tendo pensamento crítico e social do que acontecia no ambiente em que viviam, expressando suas ideias também para com a rádio.

De início ele foi em busca de uma graduação, naquele período na cidade só existia contabilidade, foi nesse meio que ele conseguiu se encaixar dentro da sociedade picoense condensando sua carreira e vida com a sua profissão a parte que era o rádio, até hoje atuando na área de contabilidade pois foi um eixo para a sua vida. Desde muito cedo foi uma criança apaixonada pelo esporte, nunca deixou de participar de campeonatos e nem de brincar de futebol de rua, foi até jovem uma pessoa que via muito no futebol um refúgio e que através dele teve diversas chances na sua vida e diversos contatos importantes que o ajudaram a ser esse radialista que é hoje.

ATUAÇÃO NO FUTEBOL E NA RÁDIO

Ainda que se fosse possível condensar a trajetória profissional de Avelino em uma frase ou afirmação, não seria melhor do que as suas próprias palavras:

Meu trabalho sempre foi dedicado ao esporte; no rádio ou também prestando serviço à sociedade esportiva de picos que é, sem dúvidas, o orgulho do torcedor picoense, da sociedade picoense de maneira geral (JOSÉ FILHO, 2022).

Pode-se notar, nas palavras e subjetividades do cronista, que há um grande afeto por toda a trajetória ligada ao esporte. Como mencionado anteriormente, Avelino teve a oportunidade de trabalhar com uma paixão que carrega desde muito novo, que é o futebol, comum em sua vivência infantil. Apesar de nunca ter se arriscado a jogar profissionalmente, o esporte sempre orbitou a vida de Avelino e vice e versa.

É interessante pensar como essa paixão era tão evidente, que possivelmente poderia ter causado seu início de trajetória em volta do futebol picoense. O fato não é tão detalhado no relato do jornalista, mas, um jovem recém formado em contabilidade que trabalhava em um café não cairia por acaso numa equipe de rádio. Isso já demonstra o potencial que o jovem tinha enxergado por Erivan Lima, que lhe deu a oportunidade na época.

Fazendo uma ligação de pontos, podemos presumir que a boa atuação na sua primeira oportunidade na área, abriu muitas portas para Avelino, algumas até que este nem esperava. Ele relata que trabalhou em praticamente todas as rádios existentes em Picos, começando justamente pela pioneira, a rádio Difusora de Picos, em 1979. Em seu currículo, ele ainda conta que trabalhou nas rádios Grande Picos, Guaribas fm, Rádio Tropical e Rádio Cultura fm, onde ficou mais tempo: de 2003 até 2021.

Avelino, como já foi mencionado, nunca teve diploma de jornalismo, mas ainda assim conseguiu atuar bem em diversas posições e áreas ao longo dos anos, tudo com base na experiência, seja própria ou de terceiros. Seu primeiro trabalho foi compor uma equipe de rádio vetorizada ao esporte, principalmente o futebol, em um contexto onde quase não havia opções.

Desde então fez coberturas esportivas, entrevistas, foi repórter em muitas ocasiões e chegou até a chefiar a equipe de esportes da rádio Cultura Fm, onde também foi cronista esportivo por muito tempo, em uma fase avançada de sua vida. O jornalista saiu até da área do rádio para se arriscar em coberturas televisivas, sendo citado por ele a Copa TV Picos, um campeonato de futebol de salão ocorrido anualmente na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), que cobriu por 5 edições.

Mas não foi só na comunicação em que Avelino teve papel fundamental: trabalhou, em boa parte da década de 1990, como gerente de futebol e supervisor da Sociedade Esportiva de Picos. Observando a forma na qual o cronista conta suas memórias a frente do cargo, é possível notar um certo saudosismo, até mesmo um carinho nostálgico em sua fala, detalhado na maneira que esse elenca seus melhores e piores momentos vivenciados ali.

O jornalista não cita exatamente uma linha cronológica em sua atuação na Sociedade Esportiva, mas cita vários episódios marcantes que pensou valer a menção. Os principais podem ser considerados os títulos no campeonato piauiense de futebol, conquistados em 1994, 1997 e 2007, motivos de orgulho máximo para qualquer agente esportivo. O cronista ainda cita com bastante admiração sua vivência com o Presidente da Associação na época, o Dr Júnior Santos, na qual dá méritos pelas conquistas do time.

Outra ocasião bem marcante na vida de Avelino foi ter o prazer de, como repórter, entrevistar os jogadores do clube carioca Vasco da Gama, quando estes vieram realizar um jogo na cidade de Picos em 1998. Apesar de um certo prestígio perdido nos anos atuais, o Vasco na época era um dos maiores times do país, sendo campeões tanto do Campeonato Brasileiro de clubes, quanto da Copa Libertadores (sul-américa) daquele ano. Avelino conta, com certo deslumbre na voz, o quão bacana foi a cobertura daquele jogo, que inclusive saiu empatado em 1 a 1, lembrando exatamente quem fez os gols e como aconteceram.

Um caso que também marca Avelino, mas agora na posição de gerente e supervisor do clube picoense, foi a convivência com o jogador Leonardo. Não há registros de qualquer jogador do município que tenha ido mais longe que o desportista, que saiu de Picos para jogar no Sport Clube e acabou passando por clubes bastante prestigiosos do eixo Rio-São

Paulo, como Palmeiras, Corinthians e até o próprio Vasco da Gama, dentre outros clubes. O auge da sua carreira foi jogar pela seleção brasileira sub 20, chegando a ser campeão do mundo, segundo as palavras do ex-gerente. Infelizmente Avelino conta que Leonardo veio a falecer em 2016, com 41 anos.

A carreira de Avelino no esporte se encerra no ano de 2021 quando este decide parar por conta de carga de trabalho e idade. Segundo suas próprias palavras, “acho que tudo tem o momento de começar e terminar” (JOSÉ FILHO, 2022).

Hoje em dia, o agora ex-jornalista trabalha no Hemocentro de Picos e conta que continua mantendo uma relação boa com o jornalismo picoense e piauiense em geral, sempre sendo reconhecido em espaços públicos com muito carinho, seja por profissionais que ainda atuam na área como ouvintes e admiradores do seu trabalho. No âmbito do futebol, Avelino continua como membro da Associação dos Profissionais de Futebol do Piauí e que até já recebeu convites e propostas para atuar novamente, mas recusou pelos mesmos motivos citados anteriormente.

REFLEXÕES E PERCEPÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA

O relato em história oral, nesse caso uma história de vida, abre margens para que o indivíduo que se torna objeto de pesquisa possa gerar reflexões acerca daquilo que já foi vivenciado. Avelino, enquanto contava sua história de vida, muitas vezes citava assuntos e situações fazendo julgamentos e pensamentos acerca, muito válidos de consideração se for observada a atuação e a importância do jornalista. Pontos de vista e opiniões sobre o trabalho e a vida se intercalam à medida que pontos marcantes são contados.

As subjetividades principais na fala de Avelino, que chegam até em um ponto de redundância, são os sentimentos envolvidos aos acontecimentos presenciados. Pode ser atribuído ao cronista um grande senso de sensorialidade, explicado por Gomes (2016) pelo envolvimento do profissional da rádio com o ouvinte de maneira diária, e, considerando o futebol um esporte tão emotivo, é criado um laço com a audiência e com o trabalho. O jornalista ressalta diversas vezes o prazer que obteve por sempre trabalhar com algo que tanto ama, o futebol, expressado em declarações como “Eu sou uma pessoa que, agradeço muito a oportunidade que tive aqui em Picos, trabalhando na área esportiva” (JOSÉ FILHO, 2022), que são remodeladas em diversas versões ao longo da entrevista. Assim como alegrias, ele demonstra também uma certa melancolia por deixar de trabalhar na área, mas

esse sentimento é sempre coberto por uma sensação de dever cumprido e gratidão pelas contribuições à sociedade Picoense.

Em relação à sua postura quanto ao seu trabalho, Avelino transparece um tom de busca por competência e seriedade acerca das suas funções. Ele relembra em certo momento, que deixou de jogar justamente por preferir estar trabalhando, em uma necessidade de se agarrar a algo mais concreto e garantido, uma realidade ainda comum hoje em dia, mas muito maior na época, considerando o menor desenvolvimento da cidade que acabara de chegar. Pode se supor que esse compromisso contribuiu bastante para o sucesso do jornalista, que se manteve relevante por muito tempo, trabalhando basicamente em todos os locais possíveis de Picos.

A experiência gerada no meio em que trabalhou tantos anos faz Avelino tecer elogios e também ressalvas quanto à questão do ambiente de trabalho e relações interpessoais. A satisfação pelo trabalho na rádio escondida nas entrelinhas possivelmente demonstra uma ótima relação que o cronista teve com quaisquer equipes que tenha vindo a trabalhar, seja no futebol ou na rádio, como chefe na equipe ou como peça contribuinte. Porém, ele menciona em determinado ponto da entrevista que nem tudo são flores, quando deixa a entender possíveis desavenças em forma de conselho, ao afirmar:

Tem sempre aquelas pessoas que são do bem e tem outras que nem tanto; que agregam, que fazem parte mas a gente sabe que não é uma pessoa que merecesse estar naquele meio, mas infelizmente acontece em toda atividade (JOSÉ FILHO, 2022)

Avelino faz ressalvas também quanto a relações de ego dentro de equipes de rádio e o quão danoso isso pode ser, afirmando que apenas a relação com o ouvinte seria o verdadeiro atestado de qualidade para um radialista. A declaração soa tanto como um conselho em relação a esses ambientes, quanto alguns implícitos conflitos que podem ter ocorrido na sua trajetória, mas que o radialista preferiu não citar.

A sua relação com os ouvintes é um ponto que Avelino guarda com certo carinho. Ao ser perguntado sobre momentos marcantes, ele deixou um breve espaço para mencionar o carinho e reconhecimento que sempre recebe, além de questões sobre seu regresso à rádio. Podemos concluir um certo impacto do jornalista no dia a dia de seus receptores, que transformaram o ato de ouvir o rádio um costume diário e, certamente, mantinham uma fidelidade com o trabalho de Avelino por muitos anos. Este, por sua vez, sempre se aproveitou da relação com seus ouvintes como forma de melhorar sua maneira de fazer

rádio. Gotz (2015), explica que o público constrói uma ligação muito forte com o narrador esportivo pela questão emocional, se mantendo fiel ao trabalho do mesmo. Isso é refletido na carreira de Avelino.

Orgulhoso de seu trabalho como rádio, o radialista fala também um pouco sobre suas expectativas sobre o futuro do rádio e futebol Picoense. Apesar de admitir ainda não ter visto uma renovação por completo, considerando que muitos jornalistas conhecidos, em idade avançada, ainda são pilares para o jornalismo, o Avelino vê a próxima geração da comunicação com um certo otimismo, citando o potencial do rádio na cidade apesar dos avanços tecnológicos e mídias que surgem. Gomes (2016) afirma a inevitabilidade da evolução das técnicas de se fazer rádio, assim como a renovação quanto aos profissionais que o compõem. Em relação ao futebol, o olhar não muda: Avelino considera que a cidade de Picos tem vários jovens com potencial para despontar no futebol, mas ainda assim, faz críticas à estrutura que estes recebem e evidencia um certo descaso com essas questões por parte da administração pública.

CONSIDERAÇÕES

Podemos concluir, baseado nas análises de cima, a relação intrínseca do Futebol e Rádio na vida do jornalista Avelino Filho. A sua história de vida exemplifica a dedicação de um jornalista sobre seu esporte de paixão e pode ser um exemplo em como uma afinidade habilita um total potencial de um profissional em determinada área, nesse caso, no radiojornalismo e na direção esportiva. Avelino esteve presente não só no registro do futebol de Picos, mas também na sua construção, trabalhando ativamente nas duas áreas.

Em sua trajetória, o jornalista teve muitas experiências consideráveis de memória coletiva, sendo reconhecido pelo trabalho competente e recompensado com carinho por colegas de trabalho e aqueles que o ouviam.

A vida de Avelino, em tantos aspectos, se torna uma memória coletiva da comunicação quando pensamos que uma possível falta desse personagem mudaria o curso e o formato da história de 2 setores muito importantes na construção identitária de uma região: a comunicação e o esporte. É certo afirmar a existência da massiva influência de Avelino expressada no trabalho contínuo das rádios e do futebol picoenses que tomaram para si aquele homem como referência até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

- GOTZ, Francisco Augusto Francisconi. Narração do futebol na rádio uma proposta de análise retórica. Rádio revista leituras 2015, pág 60-85
Rádio leituras ,Vol 7 número 1 junho 2016
- Bardin, Laurence. Análise do Discurso 1977
- Severino, Antônio Joaquim. Método do trabalho científico Editora Cortez , 5 impressão
- O que é história oral. professor sebe explica. Vídeo do youtube da Editora contexto
- Boss,Bragatto sergio luiz. Caluzzi, João José. Uma breve biografia de Stephen Gray. Revista brasileira de educação física,2010
- Gonçalves, Rita de Cássia. Nascimento da Silveira,Fabício José. Biografias e autobiografias como fonte de inspiração e memória. inf Doc 2021.
- Costa,Roberta. Padilha, Maria Itayra. Amante, Nazareth lucia. Costa,Eliani Bock, Fabiani Lisneia. O legado de florence nightingale -uma viagem no tempo 2009
- Azevedo, Lia Calabre. No tempo do rádio - Radiodifusão e cotidiano no brasil 2002
- Ortriwano,Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil - Fragmentos de história REVISTA USP - 2002/2003
- Meihy, José Carlos Sebe Bom. Revista USP. Os novos rumos da história oral - o caso brasileiro Revista de história 155 - 2006 pág 191-203
- Magalhães,Erasmio. Brasilsteam.com.br A primeira ártida de futebol via radio 2019

Biomass: análise de reportagens acerca das queimadas de 2020 e 2021 no Pantanal¹

Ana Vanessa Torres Barros¹

Kawhê Dheckmann Fontes Gonzaga²

Marcos Vinícius da Silva Modesto³

Ruthy Manuella de Brito Costa⁵

Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar, por meio de comparações de matérias, a forma como a mídia abordou as queimadas ocorridas no Pantanal, em especial, nos anos de 2020 e 2021. Além disso, por meio de dados, foi mostrada a crescente precarização dos órgãos de prevenção ambiental, por parte do governo nacional. Notamos a necessidade de escrita desse artigo por termos observado a discrepância contuendista entre matérias de veículos de comunicação não especializados (ou não preocupados) em jornalismo ambiental e canais especializados e (preocupados) em fazer jornalismo ambiental - e não de meio ambiente. Chegamos à conclusão que a grande mídia ainda tem um longo caminho a percorrer para de fato fazer jornalismo ambiental e ainda é refém da elite que controla a comunicação no país.

PALAVRAS-CHAVE: Pantanal, queimadas, reportagens, ambiental.

INTRODUÇÃO

Primeiramente, o jornalismo ambiental é o jornalismo responsável pela atualidade relacionada com a natureza e o meio ambiente, especialmente com os impactos da atividade humana sobre seu ambiente circundante, tentando despertar uma consciência ecológica na

¹Trabalho apresentado no GT de Comunicação da 5 Semana de Comunicação da UESPI.

² Estudante do 3º período do Curso de Jornalismo da UESPI, email: anavanessatb@aluno.uespi.br.

³ Estudante do 3º período do Curso de Jornalismo da UESPI, email: kdfontesg@aluno.uespi.br.

⁴Estudante do 3º período do Curso de Jornalismo da UESPI, email: marcosviniciusdasm@aluno.uespi.br.

⁵Orientadora do trabalho. Professora da UESPI, email: ruthycosta@pcs.uespi.br.

população. Além disso, seus principais objetivos são gerar debate sobre assuntos relacionados com o meio ambiente; promover na população hábitos de vida sustentáveis; dar visibilidade a assuntos ignorados nos meios de informação generalistas e criar sinergias entre público, comunicadores, instituições, ONGs e qualquer agente envolvido com questões ambientais. No entanto, nem sempre as matérias ambientalistas cumprem essas normas.

O ano de 2020 foi o pior ano para alguns biomas mundiais e no Brasil não foi diferente. Há mais de dois anos, a Austrália sofria com fortes incêndios, a maioria impulsionados por altas temperaturas, calor extremo, longas temporadas de secas e os ventos que ajudavam a espalhar o fogo. Um estudo realizado por universidades australianas e pela ONG World Wide Fund for Nature (WWF), mostra que cerca de 3 bilhões de animais silvestres morreram ou ficaram desabrigados durante as queimadas entre os anos de 2019 e 2020. Segundo o diretor da WWF Austrália, Dermot O’Gorman, os incêndios australianos foram “uma das piores catástrofes modernas para a vida selvagem”.

No Brasil, 2020 também não foi um período fácil para os biomas nacionais. O Pantanal teve a maior taxa de queimadas e mais de dois anos depois ainda não se recuperou, mesmo que ao longo dos anos de 2021 e 2022 os incêndios tenham diminuído, o bioma ainda sofre e paga o preço do que aconteceu em 2020. Um levantamento realizado por veterinários do Embrapa Pantanal e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), feito nas áreas afetadas pelas chamas (39 mil km²), revelou que cerca de 17 milhões de animais vertebrados morreram (consumidos pelo fogo ou de fome) durante as queimadas: quase 16 milhões de animais de pequeno porte, entre eles, 1,5 milhões de aves, 458 mil primatas, 237 mil jacarés, 220 mil tamanduás. Esses dados foram divulgados no artigo *“Distance sampling surveys reveal 17 million vertebrates directly killed by the 2020’s wildfires in the Pantanal, Brazil”* e o artigo publicado na revista *Scientific Reports*, um dos seus autores é o diretor científico da Ecoa, Rafael Chiaravallotti.

O grupo de pesquisadores e autores do artigo foram liderados por Walfrido Tomas (Embrapa Pantanal) e Ronaldo Morato (ICMBio). Ainda no artigo, é revelado que 9,4 milhões de serpentes e 3,3 milhões de roedores perderam a vida no Pantanal devido às queimadas, totalizando assim, mais de 16 milhões de mortes. O que iremos trazer neste artigo é a abordagem de diferentes tipos de matérias sobre as queimadas no pantanal, como

são trazidas a público, quais informações são relevantes, as diferenças de dados entre um canal de comunicação sobre o mesmo acontecimento, através de análise de duas matérias entre os meses de novembro e dezembro de 2021, uma do site SOS Pantanal e a outra do portal de notícias CNN Brasil.

O presente trabalho usa método qualitativo e quantitativo de comparação de reportagens acerca de como é veiculado e escrito matérias que têm alguma pauta do jornalismo ambiental, nesse caso, as queimadas no Pantanal em 2020 e 2021. Analisamos 2 matérias de canais distintos, ambas divulgadas após mais de um ano do início das queimadas, uma matéria da CNN, publicada em novembro de 2021 e uma matéria do SOS Pantanal, publicada em dezembro de 2021.

Esse artigo tem como objetivo mostrar a diferença do discurso no jornalismo ambiental entre veículos de comunicação da grande mídia e veículos de comunicação especializados e preocupados em fazer jornalismo ambiental e não de meio ambiente. O problema de pesquisa norteador do trabalho é a observação que a grande mídia apenas divulga matérias sobre acontecimentos ambientais que estão em alta, nesse caso, as queimadas no pantanal, ademais é também perceptível a discrepância dos dados divulgados pelos veículos e a linguagem utilizada.

2. BIOMA PANTANAL

Para falar com propriedade do Pantanal, é necessário entendermos a vastidão do bioma. O Pantanal é um bioma típico da América do Sul, com predominância no Brasil, entre os estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, além de se estender até o Paraguai e a Bolívia.

Apesar de toda sua beleza, e importância para o ecossistema mundial, o Pantanal é vítima recorrente de queimadas anuais que prejudicam o solo, matam a vegetação e os animais, além de destruir o bioma. Somente nos últimos dois anos o Pantanal teve mais de 5 milhões e 800 mil hectares devastados pelas chamas, tendo 2020 como o pior ano na sua história com 26% do bioma queimado. O jornalismo ambiental requer mais recursos, mais tempo, essa considerável demanda faz com que esse ramo não seja algo lucrativo suficiente para ter uma maior veiculação e de conseguinte destaque.

Diante desse viés, fica lúcida a razão de determinadas abordagens jornalísticas mais superficiais, que não exploram todo o potencial do tema ambiental, que por sua vez é algo de tamanha relevância e está totalmente ligado a todo o entorno. Ou seja, é essencial o interesse e entendimento das questões ambientais já que a preservação do meio ambiente é essencial para o equilíbrio da sociedade.

Mesmo assim, muitas vezes as matérias noticiando esses acontecimentos não possuem a relevância necessária, fazendo com que muitas pessoas não dêem a atenção necessária ao problema para que possam cobrar os órgãos responsáveis. Alguns veículos de comunicação falam que as mudanças climáticas interferem também nos biomas brasileiros, podendo aumentar a porcentagem de risco de queimadas. Outros veículos não falam sobre isso ou apontam apenas que as mudanças climáticas são o grande problema dos incêndios, mas não apontam ou culpabilizam o próprio homem e as suas ações na natureza, além do governo por cortes de orçamentos em projetos e programas destinados à proteção ambiental, e atraso de verbas.

Segundo o artigo “Divulgação Científica e Desmatamento: uma análise sobre o tema Queimadas na revista Ciência Hoje”, analisa a abordagem que a Revista Ciência dá ao assunto das queimadas:

Foram encontradas 57 reportagens ao todo, sendo 7 delas restritas apenas para assinantes da revista. Neste caso, apenas um resumo do conteúdo restrito era disponibilizado para não-assinantes. Deste total, 39 matérias foram excluídas por não possuírem o "Desmatamento" como temática central, sobrando, portanto, apenas 11 textos para análise. (PEREIRA, HILÁRIO, SIMÃO, MONERAT, 2022, p. 5)

Sendo assim, está explícito na abordagem da revista que não há uma democratização do acesso à informação sobre o tema em questão, pois a revista requer uma assinatura para disponibilizar conteúdo informativo de forma completa, e mesmo sendo um assunto de tamanha relevância para todos, ele não é acessível a aqueles que não possuem assinatura. Grande parte das matérias foram descartados por terem um distanciamento do tema e as poucas matérias que sobraram para análise torna claro a escassez do jornalismo ambiental. Isso se torna similar em outros veículos de comunicação, a diferença sendo que, de forma geral, matérias de jornalismo ambiental não são divulgadas.

3. APRESENTANDO A DIFERENÇA ENTRE A MATÉRIA DA CNN E DO SOS PANTANAL SOBRE AS QUEIMADAS

No dia 23/11/2021, o site da CNN Brasil divulgou uma matéria com o título da seguinte maneira: "**Área queimada no Pantanal cai 66,8% de 2020 para 2021**". Além do título tendencioso, o restante da matéria apresenta certa superficialidade e pouco aprofundamento sobre o tema. Por exemplo, não apresenta as consequências dessa queimada; não se tem nenhuma fala de uma pessoa especializada sobre o bioma, apenas do corpo de bombeiros; e nem mesmo ressalta que apesar da queda, os números de queimada ainda são grandes.

Logicamente, deve-se ser noticiado esse tipo de notícia, principalmente por ser tão animadora, no entanto a forma como se irá torná-la pública é mais importante quanto. Com esse tipo de título, e uma matéria tão rasa de informações, o que parece é que a situação está bem controlada, o que é bem diferente da realidade. No *lide* da matéria se tem a informação que de acordo com dados do Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais (Lasa), o número de queimadas no pantanal havia caído 66,8%. No entanto, essa mesma informação se repete no início, além de apenas isso valer por um parágrafo inteiro. O parágrafo seguinte apenas detalha em quais estados se localiza o bioma do Pantanal, e que 2020 foi o seu pior ano de queimadas. Na sequência da matéria os dados seguintes se referem às áreas afetadas e os focos de incêndio do bioma nos respectivos estados. Por fim, vem uma fala dos Corpos de Bombeiros do Mato Grosso do Sul informando que o início das chuvas, principalmente no Pantanal, influenciou para essa diminuição. Além disso, a matéria se encerra divulgando os top-3 anos com maiores focos de incêndio para o mês.

Ou seja, é uma matéria bem escassa de detalhes. Para o leigo, o motivo dessa diminuição de queimadas foram as chuvas, claro que ela teve sua influência, mas não indica se os órgãos competentes e até mesmo possíveis ONG'S não tiveram alguma participação; não prioriza que o número, apesar de ter diminuído em relação ao ano anterior, continua alto; o quanto que as queimadas influenciam na vida no local. A falta de um especialista, como um biólogo, para mostrar a devastação que vem ocorrendo no bioma e a problemática que isso causa para todo um ecossistema. Sendo assim, faltou gerar um debate, uma conscientização para as pessoas em não relaxarem e diminuírem ainda mais esses números.

Ao contrário desse tipo de reportagem, existem também reportagens mais elaboradas, que retratam bem a realidade por meio de dados e as consequências dessas queimadas. Informando a área queimada e também as principais ações para a diminuição de tanto foco de incêndio, assim como a formação de redes de monitoramento; mais investimentos para órgãos do estado e formação de brigadas de incêndio, além de outras ações. É o caso da matéria escrita por Gustavo Figueiroa que foi divulgada, no dia 21/12/2021, pelo site SOS Pantanal, "**COMPARANDO OS INCÊNDIOS DE 2020 COM 2021 NO PANTANAL: O QUE MUDOU?**" explicando muito bem os motivos da queda de incêndios no bioma, por meio do levantamento de dados, análises e comparações.

Por exemplo, na primeira matéria se apresenta a quantidade de hectares queimados em 2020 e sua diminuição no ano seguinte, porém não é detalhado a real porcentagem que foi queimada em cada ano. Na matéria do SOS Pantanal essa estatísticas são muito bem reveladas. Apesar de também não apresentar a fala de algum especialista, a segunda matéria possui bem mais materiais em relação à primeira. Principalmente ao explicar alguns motivos dessa queda de incêndio, motivos esses que se trata da formação de brigadas de incêndio (no final da matéria encontra-se um vídeo resumindo essas brigadas pantaneiras); o maior número de investimento para os órgãos do Estado, o que proporcionou uma melhora nos equipamentos e nos veículos para o enfrentamento das chamas, acarretando em uma rápida resposta aos focos de calor; e por fim as redes de monitoramento.

Além disso, apresenta casos que deram certo no combate ao fogo, como na Chapada dos Guimarães que obteve ótimos números ao reduzir 78,8% os focos de calor e em 77,5% a extensão de área queimada comparando 2020 com 2021. Agora, comparando a área de atuação das brigadas como um todo, o resultado fica ainda melhor, tanto na redução do número de focos de calor em 92%, quanto na extensão de área queimada em 90%. A matéria apresenta do início ao fim os reais motivos pela diminuição do número de incêndios no Pantanal, de uma forma que a sociedade entenda a importância da preservação e dos órgãos responsáveis pelo bioma. Diferente do outro tipo de matéria, assim como outras, que simplesmente divulgam a notícia sem explicar como essa queda ocorreu, até mesmo porque não é "do dia para a noite" que o Pantanal irá parar de queimar. Ambas as reportagens têm o mesmo intuito que é de mostrar a queda no número de incêndios no Pantanal, porém são de grupos comunicacionais diferentes, o primeiro que pertence ao grupo CNN, que possui

um caráter de jornalismo mais plural e mundial, diferente do SOS Pantanal, que como o próprio nome já diz, tem caráter mais ambiental.

3.1. COMPARAÇÃO DE 2020 E 2021 COM RELAÇÃO AOS INCÊNDIOS

Ainda segundo a matéria escrita por Gustavo, do SOS Pantanal, foi revelado por meio de dados de satélite, que os incêndios de 2020 foram sem precedentes, com nada menos que 26% do seu território queimado pelas chamas, principalmente a região norte, correspondente a Poconé, Barão de Melgaço, Cáceres e a Serra do Amolar no sul. Então em 2021 apenas 12,6% o bioma sofreu com as queimadas, porém esse fogo se alastrou principalmente na parte sul do pantanal, nas regiões de Corumbá, Miranda e Aquidauana o que de certa forma torna os 12,6% tão graves quanto os 26% anteriores num sentido de prejuízo.

O fato dos 12,6% serem ainda mais preocupantes é que o fogo se alastrou por áreas que continham sua fauna e flora ainda preservadas. As chamas se espalhando e consumindo mais áreas que não foram afetadas anteriormente, mostram que todo o Pantanal ainda está sujeito a perder muito mais dos seus animais e vegetação, correndo risco de desaparecer do território brasileiro se as medidas de proteção e contenção dos incêndios não forem intensificadas e monitoradas constantemente.

No ano de 2021, segundo a matéria, houve uma preparação considerável com intuito de combater os incêndios, a união de organizações não governamentais, o próprio Estado juntamente com a própria população local com intenção de preservar o Pantanal. A criação de redes de monitoramento, mais investimentos para órgãos do Estado e a formação de brigadas de incêndio contribuíram positivamente para a contenção dos incêndios, o que gerou uma redução nos focos de incêndio.

4. FALTA DE VERBAS E ICMBIO

Posteriormente, o Ecoa postou uma matéria de Alíria Aristides em 31 de março de 2022, intitulada “**Pantanal: Falta de verba precariza ICMBio antes de temporada de incêndios**” que constata a precarização do ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) por carência de verbas antes da época de incêndios o que

acaba contribuindo para o mal funcionamento do instituto em questão tornando assim inviável efetuar o pagamento de 3 mil agentes temporários atuantes em operações de combate a incêndios, é apontado também um descaso por parte do governo vigente de Bolsonaro, que vai contra os princípios ecológicos flexibilizando leis federais de proteção ambiental.

Em 2021 o governo anunciou um corte de R\$240 milhões do orçamento geral dedicado ao Ministério de Meio Ambiente, afetando diretamente o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e o próprio ICMBio. O sucateamento desses institutos faz com que fique difícil iniciar ou dar continuidade a projetos e programas de preservação ambiental, conseqüentemente, impossibilita a atuação desses órgãos quando alguma tragédia de grande porte acontece, deixando a natureza sozinha para tentar cuidar de si mesma e se recuperar de problemas que foram intensificados devido a atuação humana.

5. CONCLUSÃO

O jornalismo ambiental é crucial para o desenvolvimento da percepção por parte dos indivíduos das questões ambientais e das recorrências de suas próprias ações para com o meio ambiente, ao mesmo tempo que é um ramo jornalístico de maior laboriosidade, que beira riscos, requer mais recursos. O mercado jornalístico prioriza o que gera mais lucro, e os interesses pessoais das elites que detém influência no que é veiculado, em muitos casos batem de frente com os ideais do jornalismo ambiental e isso contribui em parte para os obstáculos desse ramo jornalístico, já que os interesses pessoais da classe dominante detém prioridades sobre muitas temas, dentre esses, o ambiental.

Durante os últimos anos foi possível observar que os biomas brasileiros estão sendo destruídos pouco a pouco e que pouco ou quase nada é divulgado em canais de comunicação da grande mídia. As matérias sobre as queimadas no Pantanal em 2020 são prova do esquecimento ou desprezo dos meios de comunicação por pautas ambientais após a repercussão do acontecimento inicial.

As diferenças e discrepâncias dos dados sobre as queimadas são preocupantes e nos levam a pensar “em qual veículo de comunicação podemos confiar?”. Os portais de notícias

sobre o meio ambiente estão começando a crescer, mas falta adesão da pauta ambiental pela grande mídia que informa os cidadãos brasileiros diariamente e move o país.

Esse trabalho cumpriu o seu papel de mostrar a superficialidade com que grandes canais de comunicação, como a CNN, tratam as questões ambientais e como os canais destinado ao meio ambiente, SOS Pantanal, traz todo um conteúdo informativo que cumpre o seu papel de noticiar e informar a atual situação do bioma, mostrando os cuidados tomados para a preservação do Pantanal e as consequências das queimadas. Apesar de algumas matérias não terem o devido detalhamento que mereceriam, o jornalismo ambiental é imprescindível na ajuda à conservação do meio ambiente

As queimadas de 2020 no Pantanal foram, assim como na Austrália, uma tragédia para o Brasil e destruiu parte de um bioma de extrema importância mundial, cabe à mídia, sobretudo ao jornalismo ambiental, mostrar a realidade do bioma e tratar o Pantanal como o patrimônio que ele é. Não ficar na superfície e aprofundar as reportagens buscando falar com especialistas e profissionais da área ambiental que podem abrir o caminho e ajudar a montar reportagens com conteúdos relevantes e verdadeiros.

REFERÊNCIAS

ARINI, Juliana. Atraso e omissão do governo federal resultam em fogo sem controle no Pantanal. Greenpeace Brasil, 2020. Disponível em:

<<https://www.greenpeace.org/brasil/blog/atraso-e-omissao-do-governo-federal-resultam-em-fogo-sem-controle-no-pantanal/>>. Acesso em: 10 de ago. 2022.

ARISTIDES, A. Alerta Pantanal: Falta de verba precariza ICMBio antes de temporada de incêndios. Ecoa, 2022. Disponível em: <<https://ecoa.org.br/alerta-pantanal-falta-de-verba-arrisca-trabalho-do-icmbio-antes-de-temporada-de-incendios/>>. Acesso em: 31 de jul. de 2022.

BRONZE. Giovanna. Área queimada no Pantanal cai 66,8% de 2020 para 2021. CNN, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/area-queimada>

FIGUEIROA, G. Comparando os incêndios de 2020 com 2021 no Pantanal: O que mudou?. SOS Pantanal, 2021. Disponível em:

<<https://www.sospantanal.org.br/comparando-os-incendios-de-2020-com-2021-no>

pantanal-o-que-mudou/>. Acesso em: 09 de ago. 2022.

INCÊNDIOS no Pantanal mataram 17 milhões de animais. Revista Pesquisa Fapesp, [s.d]. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/incendios-no-pantanal-mataram-17-milhoes-de-animais/>>. Acesso em: 08 de ago. de 2022.

PANTANAL. WWF, Brasil, [s.d.]. Disponível em:

<https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/pantanal/>. Acesso em: 07 de ago. de 2022.

PEREIRA, T. de S. .; HILÁRIO, M. de L. .; SIMÃO, A. S. O. .; MONERAT, C. A. A. . Scientific Dissemination and Deforestation: an analysis on the topic Forest Fires in Ciência Hoje magazine. Research, Society and Development, [S. l.], v. 11, n. 6, p. e42111629286, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i6.29286. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/29286>. Acesso em: 19 dec. 2022.

POR QUE os incêndios na Austrália estão tão intensos neste ano? BBC News Brasil, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional/51011488>>. Acesso em: 07 de ago. de 2022.

TOMAS, W. M. et al. Distance sampling surveys reveal 17 million vertebrates directly killed by the 2020's wildfires in the Pantanal, Brazil. Scientific Reports, v. 11, n. 1, p. 23547, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://eoa.org.br/wp-content/uploads/2021/12/artigo_rafael_dez2021.pdf> Acesso em: 08 de ago. de 2022.

UM ano após perder 26% do bioma, Pantanal corre o risco de ter incêndios piores neste inverno. G1, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2021/07/10/um-ano-apos-perder-26percent-do-bioma-pantanal-corre-o-risco-de-ter-incendios-piores-neste-inverno.ghtml>>. Acesso em: 10 de ago. 2022.

Piauí que Trabalha: análise da capacidade de agendamento midiático das atividades econômicas no programa da TV Cidade Verde

Nícolas BARBOSA¹

Resumo

O artigo faz um estudo de caso do Programa Piauí que Trabalha, da TV Cidade Verde, para analisar como diversos agrupamentos sociais buscam influenciar ou utilizar a mídia para agendar no debate público temas de seu interesse. Por meio de uma análise de conteúdo em que as categorias são definidas por atividades econômicas, vê-se que, com raras exceções, os principais setores econômicos que compõem o PIB estadual são os mais consultados nas matérias. Considera-se que a forte presença da Administração Pública permite que esta consiga ter alguma capacidade de indução sobre o programa a uma agenda mais propositiva de políticas públicas mais arrojadas de desenvolvimento.

Palavras-chave: televisão; TV Cidade Verde; economia política do jornalismo; agendamento.

Introdução

Desde que os meios de comunicação passaram a atingir uma grande massa de cidadãos, estudiosos de diversas áreas do conhecimento analisam como é a relação entre a mídia e os agentes públicos e privados.

Um dos desafios científicos é analisar como os diversos agrupamentos sociais buscam influenciar ou utilizar a mídia para promover os seus interesses. Neste artigo, busca-se contribuir identificando, a partir da análise do programa Piauí que Trabalha, da TV Cidade Verde, os grupos que compõem a agenda do semanal e responder à pergunta: quais os principais agrupamentos sociais que compõem as pautas do programa Piauí que

Trabalha? Acredita-se que eles têm maior poder de influência sobre as agendas midiática e pública.

Para responder a questão feita, não definiu-se a existência de nenhum grupo de interesse específico a ser estudado. Parte-se da diversidade de abordagens que podem definir o termo para criar categorias de análise que envolvem agrupamentos sociais ou um conjunto de indivíduos ou empresas que, acredita-se, poder ter interesses similares (SANTOS, 2019).

Os agrupamentos escolhidos foram definidos por critérios socioeconômicos de formação do Produto Interno Bruto (PIB) e de emprego e renda atuais do Piauí mas compreende essas informações à luz da formação histórica da economia estadual (*ibid*).

Assim, as categorias de análise do artigo, formadas por setores econômicos que compõem o PIB e a renda estadual, são baseadas nesses dados e buscam testar a hipótese de que empresários dos cinco maiores setores que formam o PIB piauiense e o Estado são os agrupamentos sociais que mais compõem as pautas do Piauí que Trabalha (CEPRO, 2021).

Na primeira parte do artigo, propõe-se um encontro crítico entre as áreas da Comunicação e da Administração Pública para aproximar as teorias do agendamento (*agenda-setting*) formuladas em cada campo. A Economia Política do Jornalismo (EPJ) subsidia essa aproximação por meio da Teoria do Jornalismo e da Economia Política da Comunicação (FRANCISCATO, 2013), que estuda as relações de poder que constituem mutuamente produção, distribuição e consumo de recursos com foco na Comunicação (MOSCO, 2016).

Na sequência, faz-se o estudo e detalhamento da economia piauiense que baseia as categorias da análise de conteúdo da terceira parte do artigo. Nesta, realiza-se um estudo sobre as 4 edições do Piauí que Trabalha veiculadas no mês de junho e identifica-se os agrupamentos sociais que mais aparecem no programa.

Teoria do Agendamento: encontro entre Administração Pública e Comunicação

A teoria do agendamento, ou do *agenda-setting* como no original em inglês, está presente em dois campos diferentes das ciências sociais aplicadas: Administração Pública e Comunicação. Com nomenclatura igual e problemas a analisar que apresentam as suas semelhanças, seria plausível que a teoria fosse utilizada da mesma forma pelos dois campos.

No entanto, essa possibilidade não se confirma pelo foco diferenciado que as duas ciências abordam em suas pesquisas. Enquanto os estudos da Administração Pública buscam

compreender, em geral, como se forma a agenda de políticas públicas que o Estado implementa, o campo do Jornalismo formula perguntas sobre como a mídia influencia a agenda de uma comunidade como um todo, ou seja, como os meios de comunicação interferem na construção de uma agenda pública.

As diferenças se acentuam na análise da função da mídia. Apesar de as duas áreas compreenderem a importância da mídia para a construção de políticas públicas e de uma agenda pública, a relevância que é dada aos meios de comunicação na Administração Pública é bem menor do que na Comunicação.

Os dois principais modelos utilizados na análise do agendamento no campo da Administração Pública são o de John Kingdon e o de Frank Baumgartner e Bryan Jones. O primeiro dá pouca importância à mídia por considerar que ela transmite os problemas ao público apenas depois que grupos de pressão e pesquisadores já formataram as explicações que estarão em disputa para a tomada de decisão sobre a melhor política pública a ser implementada (CAPELLA, 2005).

Por conta disso, este artigo foca no segundo modelo por dar maior importância à mídia no agendamento das políticas públicas. O Modelo de Equilíbrio Pontuado, de Baumgartner e Jones (2009), tem esse nome porque os autores defendem que as políticas públicas passam por grandes períodos de estabilidade política entremeados por pequenos períodos de grande agitação e mudanças que, depois de assimiladas, geram um novo grande período de estabilidade.

Nos períodos de transformação, os pesquisadores estadunidenses consideram que a mídia tem função fundamental para a construção da imagem das políticas (*policy images*). Apesar de entender a centralidade dos grupos de pressão e especialistas para a agenda de governo, o Modelo de Equilíbrio Pontuado argumenta que, em alguns momentos, esses atores precisam saber explicar suas posições ao grande público e que a imagem que o público tem do problema influencia a agenda de Estado (BAUMGARTNER; JONES, 2009).

Os grupos de interesse, sabedores dessa posição da mídia, precisam formular justificativas compreensíveis ao público para fortalecer a escolha de suas posições e para isso precisam fornecer informação, mas também ter apelo emotivo, sendo que este último dá o tom da política pública. Caso, atores fortes perante o público passem a defender as pautas de um grupo de interesse, elas ganham maior alcance por ter uma espécie de porta-voz (*ibid*).

Outro ponto importante para o grupo de interesse ter o monopólio da agenda política é ele saber fazer a disputa nos locais certos de influência na tomada de decisões (*pollicy venue*). Assim, formula-se um modo de fazer política baseado na forma que o público compreende um problema e atua fazendo pressão sobre as instituições que tem o controle político (*ibid*).

Algumas características atribuídas à mídia no processo de agendamento são: fazer a construção de suas histórias, em geral, baseada em apenas uma visão sobre o problema, realizar um debate sem espaço para contraditório, a valorização do conflito como parte da necessidade de vender e a existência de diferentes visões e tons que veículos de comunicação e repórteres dão às suas coberturas.

Parte das formulações de Baumgartner e Jones podem ser comparadas às ideias do também estadunidense Walter Lippman ao estudar a formação da opinião pública na década de 1920 nos Estados Unidos. Este autor é considerado um precursor da teoria do agendamento na Comunicação, apesar de não utilizar o termo (PENA, 2010).

Para Lippman (2015), as sensações e ideias que movem os homens para a ação são criadas a partir de imagens organizadas, centralmente, pela mídia. A base desse pensamento médio não é pautada apenas pelo conhecimento, mas sim pelas imagens que são constituídas na cabeça dos cidadãos. Dificuldades como censura, tempo disponível de atenção para assuntos públicos e elementos da rotina de produção jornalística comprometem o acesso aos fatos na íntegra.

Outra argumentação próxima é sobre a seletividade dos olhares dos jornalistas, que Lippman trata como natural porque todo homem consegue ter visão de apenas uma pequena parte do mundo. Isso é considerado como uma criação de estereótipos e ele considera algo necessário para a realização do trabalho (LIPPMAN, 2015).

Lippman corrobora, indiretamente, sobre a relação da mídia com grupos de interesse. O autor afirma que as notícias são um misto das opiniões de donos de jornal, consumidores e homens de publicidade e que os líderes sabem da força das notícias sobre o público, mas sempre barram sugestões porque pretendem ter poder total sobre a escolha das políticas públicas implementadas (*ibid*).

Apesar da existência desse trabalho de alto impacto na Comunicação, publicado na década de 1920, a teoria do agendamento se estrutura no campo apenas na década de 1970 com os estudos eleitorais de Maxwell McCombs e Donald Shaw (1972). Analisando as eleições presidenciais dos Estados Unidos, esses autores concluem que o público, apesar de

não concordar com as opiniões que a mídia divulga, acaba acompanhando a disputa a partir dos temas apresentados na mídia.

A EPJ serve de espaço para articular o campo da Comunicação com o da Administração Pública. A percepção da existência de grupos de interesse que utilizam o poder da mídia para influenciar as políticas públicas deve ser analisado a partir de viés crítico que relacione os poderes político e econômico. Esses atores sociais utilizam os meios de comunicação para maximizar a circulação de suas mercadorias, mas também para fortalecer os elementos simbólicos das relações econômicas e de poder vigentes (BOLAÑO, 2013).

Agrupamentos sociais da economia piauiense

Categorizar agrupamentos sociais como grupos de interesse não é algo fácil na ciência social brasileira ou mesmo internacional. Manoel Leonardo dos Santos (2019) enumera 9 diferentes definições para o conceito formuladas entre os anos de 1944 e de 2004 demonstrando a grande diversidade.

O autor também enumera formas que diferentes abordagens utilizam em seus estudos para definir grupo de interesse. Organizações associativas, movimentos sociais e categorias sociais ou demográficas são apenas 3 das 8 formas utilizadas. Neste artigo, com a finalidade de proporcionar a análise de conteúdo, agrupa-se por meio de categorias sociais definidas socioeconomicamente a partir dos dados do PIB e da renda piauiense (SANTOS, 2019).

Outro ponto que a literatura é bastante diversa envolve a forma de focar os grupos de interesse, que são 4. A considerada para o estudo deste trabalho pressupõe que os agrupamentos sociais são formados por organizações que podem ter interesses aproximados como resultado de determinadas características socioeconômicas que são gerados a partir de processos de formação histórica (*ibid*).

Além disso, existem 4 tipologias utilizadas para caracterizar os grupos de interesse. Elas vão desde agrupamentos informais que atuam esporadicamente, o que se chama *nonassociation group*, até a grupos institucionalizados formalmente para defender demandas muito específicas de determinadas categorias sociais (*ibid*).

Semelhante à área de Administração Pública que, em regra, coloca a mídia em segundo plano, ocorre nas principais análises da Ciência Política brasileira considerar que no país os diversos agrupamentos sociais não conseguem influenciar as políticas públicas.

Em geral, considera-se que, no Brasil, a sociedade civil é muito fraca perante os grupos que dominam o Estado e cabe o estudo apenas dessas representações que já dominam o poder público (BOSCHI; DINIZ, 2016).

No entanto, Eli Diniz e Renato Boschi (2016) formulam que, independentemente dessa característica social brasileira, deve-se realizar o estudo dos agrupamentos da sociedade civil pelo seu poder de influência nas diversas esferas de decisão:

[...] uma perspectiva profícua nos parece ser a de focalizar a política da representação de interesses em termos da disputa por recursos de poder, que se traduz não só pela tentativa de influência direta sobre o processo decisório, mas também por procedimentos tão diversos e variados quanto tentar formar uma opinião dentro da elite dirigente (Leff, 1968), ou lançar campanhas amplas em torno de princípios gerais, porém com um apelo político bastante intenso, cujo objetivo é apenas revitalizar a posição relativa do grupo em questão [BOSCHI; DINIZ, 2016, p.40]

A formulação dos autores pode ser comparada às diferentes versões de teorias do agendamento apresentadas anteriormente. Eles também consideram que há um importante poder de influência a ser disputado pelos grupos de interesse que podem impactar as políticas públicas.

Na economia piauiense, é possível perceber as disputas que existem entre alguns grupos de interesse, mas para a melhor compreensão dos atuais agrupamentos sociais, é necessário analisar o processo de formação histórico socioeconômico do estado.

Durante os três primeiros séculos de ocupação do território do Piauí, a atividade econômica que caracterizou o estado foi a pecuária. Ela foi consequência dos processos de expansão da economia açucareira, que exigia terras no litoral leste nordestino e obrigava os empreendimentos mais focados no mercado interno de buscar novas fronteiras, e dos bandeirantes que cumpriam contratos em que a parte de sua obrigação era devastar comunidades indígenas e ocupar a terra com algum tipo de atividade (SANTANA, 2017).

A sociedade que se formou em torno da pecuária, realizada apenas extensivamente, foi muito pequena e pobre. Os salários eram praticamente inexistentes e a renda era altamente concentrada na mão dos proprietários de terra ou daqueles que administravam as fazendas. O comércio era praticamente inexistente por causa do pouco potencial de consumo e os bens necessários eram produzidos em cada fazenda (MENDES, 2019).

Os primeiros impulsos para a existência de alguma dinâmica para a economia piauiense foram dados apenas na metade do século XIX com a mudança da capital para a

margem do Rio Parnaíba. A implantação da navegação a vapor no recurso hídrico ajudou a impulsionar o extrativismo de maniçoba e de carnaúba.

Esse processo teve forte participação do Estado por meio da manutenção da empresa que realizava o transporte hidroviário e da criação de um entreposto comercial no Rio Parnaíba, mas manteve características da produção pecuária.

Isso mudou apenas nas últimas duas etapas históricas de constituição socioeconômica do Piauí atual. A primeira envolve o forte investimento estatal realizado na implementação de estradas que integraram a economia piauiense aos demais estados da região Nordeste. Dessa forma, a produção agrícola, principalmente de produtos como arroz, feijão e mandioca, pôde chegar a mercados de Ceará, Pernambuco e Bahia (MENDES, 2019).

Isso permitiu algumas mudanças de mentalidade empresarial nos proprietários de terra, mas que não envolveu o agrupamento comercial e teve pouco impacto nos trabalhadores. O Piauí não foi capaz de estruturar a atividade comercial para criar frigoríficos ou grandes atacados, por exemplo, e os trabalhadores, apesar de alguma pequena organização sindical em cidades maiores, passaram apenas a vislumbrar crescer para chegar a algum cargo público e não a melhora da produção (SANTANA, 2017).

O ciclo econômico atual mantém a centralidade do Estado para dinamizar grande parte da economia por meio de programas sociais como o Bolsa Família e da aposentadoria rural. Isso contribui para a criação de um mercado interno que favorece o comércio e a construção civil. Além disso, o agronegócio chega ao sul do Piauí e transforma a região em um grande polo produtor e exportador de soja e milho (MENDES, 2019; GUERRA; POOCHMAN, 2019).

Tabela 1 – Composição do PIB do Piauí por atividade econômica em 2019

Atividade Econômica	Participação no PIB do Piauí (%)
Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	34,21
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	14,24
Atividades imobiliárias	8,57
Agricultura, inclusive apoio à agricultura e a pós-colheita	6,19
Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e	5,57

serviços complementares	
Construção	5,49
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	3,65
Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	3,55
Educação e saúde privadas	3,16
Alojamento e alimentação	3,05
Indústrias de transformação	2,98
Transporte, armazenagem e Correios	2,49
Informação e comunicação	1,43
Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços	1,31
Pecuária, inclusive apoio à pecuária	1,29
Serviços domésticos	1,19
Produção florestal, pesca e aquicultura	0,53
Indústrias extrativas	0,15

Fonte: Superintendência CEPRO/SEPLAN (2021)

Entretanto, mantêm-se, ao lado da centralidade do Governo do Estado, a importância econômica de um comércio que não contribui para dinamizar os demais setores, mas apenas para vender a produção de outros locais no mercado interno. Além disso, uma parte da atividade comercial é realizada por trabalhadores informais que vivem nos maiores aglomerados urbanos. Conforme pode ser visto na Tabela 1, das 18 atividades econômicas listadas com maior participação no PIB do Piauí, 11 são na área de comércio e prestação de serviços e a administração pública detêm cerca de 1/3 do indicador.

Em relação à caracterização da classe trabalhadora, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (2022) contribuem. Cerca de 1/3 da força de trabalho ocupada piauiense trabalha por conta própria. 20% trabalha no setor público e porcentagem semelhante no setor privado sem carteira assinada. Os demais se subdividem no trabalho com carteira assinada, doméstico, empregadores e familiar. Na análise dos dados por atividade econômica, percebe-se a centralidade de comércio e serviços automotivos, da administração pública e da agricultura, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 – Emprego por Atividade Econômica

Atividade Econômica	Participação no estoque de empregos (%)
Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas	21,48
Administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais	20,93
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	16,03
Construção	8,61
Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	7,27
Indústria geral	6,16
Alojamento e alimentação	6,00
Serviços domésticos	5,29
Outros serviços	5,21
Transporte, armazenagem e Correios	3,00

Fonte: IBGE (2022)

Análise dos programas Piauí que Trabalha de junho de 2022

Neste artigo faz-se um estudo de caso do programa Piauí que Trabalha. Este é um dos poucos produtos jornalísticos veiculados na TV piauiense com foco exclusivo na economia, o que é relevante para os preceitos teóricos escolhidos e delimitados anteriormente no trabalho.

Foca-se a análise de conteúdo apenas nos programas do mês de junho por meio das reportagens disponibilizadas no canal do Youtube da TV Cidade Verde. O destaque é dado ao resultado do trabalho realizado pela área jornalística, foco principal da EPJ (FIGUEIREDO SOBRINHO, 2019). Com isso, ao todo, são analisadas 30 reportagens.

Seguindo as etapas propostas por Luiz Mauro Sá Martino (2018), fez-se uma leitura inicial que contribuiu para observar, enquanto unidades de análise, os entrevistados de cada reportagem e qualificá-los não pelo seu nome, mas pela atividade econômica desenvolvida pela fonte. Essa divisão forma as categorias da análise de conteúdo que são utilizadas para compreender o conteúdo do Piauí que Trabalha à luz das teorias apresentadas.

Ao mesmo tempo, para qualificar uma análise condizente com a teoria do agendamento, também leva-se em conta para a análise e para as considerações finais, os tons e visões percebidos nas reportagens. Assim, o tempo dedicado a cada entrevistado não

foi considerado apenas numericamente, mas também pela relevância que ele tem aos enquadramentos dados pelos repórteres.

A partir dessas considerações teóricas e metodológicas faz-se a construção da Tabela 3 dividida em 3 colunas. Na primeira, constam as atividades econômicas que tiveram entrevistados no Piauí que Trabalha ao longo do mês de junho. Na segunda, a quantidade de entrevistados pertencentes à referida atividade econômica sem diferir se são empresários ou trabalhadores. Na última coluna à esquerda, o tempo dedicado ao todo para cada entrevistado em que não é considerado apenas o tempo de fala, mas também o referente à atividade do mesmo.

Tabela 3 – Entrevistados do Piauí que Trabalho por atividade econômica

Atividade Econômica dos Entrevistados	Entrevistados	Tempo
Pecuária, inclusive apoio à pecuária	18	47:43
Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	23	30:55
Agricultura, inclusive apoio à agricultura e a pós-colheita	15	27:03
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	11	32:22
Trabalhadores por conta própria	11	06:15
Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares	4	10:26
Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	3	09:30
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	1	01:00
Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços	2	00:45
Indústria	1	00:30

Fonte: Produção própria

A Tabela 3 é o resultado final da análise de conteúdo de cada matéria. Nela, vê-se que atividade econômica mais destacada no Piauí que Trabalha é a Pecuária que, mesmo tendo 5 entrevistados a menos do que a Administração Pública, teve quase 17 minutos a mais em tempo veiculado. Essas duas atividades formam um primeiro bloco como setores que mais aparecem nas pautas do programa.

No segundo bloco, coloca-se a Agricultura e o Comércio, que tem tempos parecidos com a Administração, mas com bem menos entrevistados. Além disso, a primeira consegue um tempo maior devido a uma única grande reportagem de 12 minutos e 50 segundos, enquanto a segunda recebeu a contagem de 12 minutos e 26 segundos de uma matéria feita

com empresário do Grupo Claudino. Considerou-se o tempo para Comércio, mas sabe-se que esse conglomerado empresarial atua em diversos setores como pecuária, indústria de transformação e construção civil, mas, como a reportagem referia-se aos 50 anos de uma publicação interna, atribui-se o tempo à atividade mais envolvida com o material.

Considera-se trabalhadores por conta própria como categoria de análise por considerar essa uma relevante unidade sobre a classe trabalhadora. Nela encontram-se barraqueiros, artesãos e feirantes e prefere-se diferenciar para a realização de uma análise crítica. Haveria elementos para incluir certos entrevistados em Agricultura ou Comércio, mas prefere-se a inclusão da categoria.

Ela forma um terceiro bloco, junto com as Atividades profissionais de caráter mais científico e a Eletricidade, em que apresenta-se um grande contraste. Apesar de haver quase o triplo de entrevistados que são trabalhadores por conta própria em relação às demais categorias do bloco, o tempo ocupado por eles é cerca de 40% menor.

Isso ocorre porque eles são entrevistados apenas para validar informações de outras fontes. É o caso dos barraqueiros que confirmam o sucesso da organização de um evento realizado pela Administração Pública e de feirantes que são entrevistados apenas para confirmar o alto consumo de milho no período de festas juninas.

Enquanto isso, profissionais com maior formação são consultados para matérias completas maiores, como um historiador consultado em reportagem sobre atrativo turístico em Dom Expedito Lopes, e um guia de turismo sobre turismo de aventura em Teresina. A Eletricidade ganha destaque no bloco por causa de uma reportagem sobre um evento de energia solar.

Em um quarto bloco, inclui-se as outras 3 atividades por terem poucas fontes consultadas e tempo dedicado durante as reportagens. 2 das 3, têm apenas um entrevistado que serve apenas de base para uma matéria focada em outro segmento econômico.

Analisando de forma qualitativa os entrevistados, algumas considerações são importantes. Existe no jornalismo uma forma de publicidade que utiliza os formatos jornalísticos chamada de conteúdo patrocinado. Este formato é aceito pelo Código de Ética da profissão, desde que isso seja informado aos telespectadores. No Piauí que Trabalha, há a percepção de que cerca de 10 matérias envolvem esse tipo de conteúdo sem que isso seja informado. Destacam-se entre elas, três com mais de 10 minutos de duração, sendo que duas são focadas na Pecuária.

Alguns outros destaques podem ser feitos em relação à seleção dos entrevistados. Nas matérias mais focadas na Administração Pública há uma diversidade de fontes ligadas aos três níveis federativos, aos Executivos e Legislativos e a gestores de empresas estatais como o Banco do Nordeste e a Embrapa.

A mesma diversidade é encontrada nos entrevistados do segmento Agricultura. Representantes de sindicatos patronais e de trabalhadores são consultados, bem como horticultores. Nota-se a ausência de matérias com produtores de soja e milho ligados ao agronegócio e o contraste com a categoria Trabalhadores por Conta Própria que envolve profissionais mais urbanos, mas não tem o mesmo tipo de organização dos rurais.

Considerações finais

A análise de conteúdo permite que o objetivo do artigo seja alcançado e a pergunta apresentada seja respondida. Vê-se que Pecuária, inclusive apoio à pecuária; Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social; Agricultura, inclusive apoio à agricultura e a pós-colheita; e Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas são os principais agrupamentos sociais, definidos de acordo com os critérios socioeconômicos (SANTOS, 2019), presentes na agenda do Piauí que Trabalha.

No entanto, a hipótese se confirma apenas de forma parcial. Primeiramente, porque a Pecuária é a atividade econômica com mais tempo do programa dedicado e a segunda com mais entrevistados e está, apenas, em 15º lugar na formação do PIB. Acredita-se que há 2 razões para isso acontecer: formação histórica socioeconômica do estado (MENDES, 2019; SANTANA, 2017); estereótipos e visão dos jornalistas, da empresa e dos empresários sobre o programa e a economia (LIPPMAN, 2015). Por ser um programa, tradicionalmente, mais voltado a temas rurais, empresários de setores com maior participação no PIB, como Atividades Imobiliárias, Construção Civil e Educação e saúde privadas não o buscam para entrar na agenda midiática e por isso estão ausentes.

O segundo motivo para a hipótese deste artigo não ser confirmada completamente é a presença dos Trabalhadores por Conta Própria em 5º lugar. Ao mesmo tempo, considerando as categorias socioeconômicas utilizadas, a posição condiz com a proporção de trabalhadores piauienses que estão nesta posição do mercado laboral.

Sobre os setores que aparecem, pode-se destacar Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social; Agricultura, inclusive apoio à agricultura e a pós-

colheita; e Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas. O primeiro é o maior componente do PIB do Piauí e o 2º em mão de obra. Agricultura está em 4º no PIB e 3º em mão de obra. Já o Comércio é a 2ª maior atividade que contribui para o PIB e a 1ª empregadora.

Os resultados do artigo demonstram que há alguma aproximação entre as principais atividades econômicas e empregadoras de mão de obra e a agenda do Piauí que Trabalha. Considerando a teoria do agendamento, é necessário que os agentes econômicos do estado e os jornalistas do programa dialoguem para promover uma agenda que integre setores que possam dar uma maior dinâmica à economia estadual. A mídia pode contribuir para a criação de um período de agitação e mudanças que construa uma agenda pública mais focada em tecnologia, por exemplo (BAUMGARTNER; JONES, 2009).

Parte disso, pode ser construído por meio de políticas públicas já que a Administração é uma das atividades econômicas que mais está presente na agenda midiática. Cabe aos gestores públicos criarem programas de desenvolvimento que alterem a estrutura econômica piauiense e saberem utilizar a mídia para criarem novas visões e pautarem o debate público nesse sentido.

Referências Bibliográficas

BAUMGARTNER, Frank; JONES, Bryan. **Agendas and Instability in American Politics**. Chicago, University of Chicago Press. 2009.

BOLAÑO, Cesar. **Industria cultural, informarción y capitalismo**. [s. l.]: Gedisa Editorial, 2013. 381 p.

BOSCHI, Renato; DINIZ, Eli. Estado e sociedade no Brasil: uma revisão crítica. In: FILHO, Paulo D., MOURA, Rafael, SZWAKO. **Estado e sociedade no Brasil: a obra de Renato Boschi e Eli Diniz**. Rio de Janeiro: CNPq, Faperj, INCT/PPED, Ideia D. 2016. cap.1, p. 25-46.

CAPELLA, Ana Cláudia. Formação da Agenda Governamental: perspectivas teóricas. In: XXIX Encontro Anual da ANPOCS, 29, Caxambu, 2005. **Anais**. Caxambu, MG, 2005.

FIGUEIREDO SOBRINHO, C. P. Jornalismo e economia política da comunicação: elementos para uma teoria crítica do jornalismo. **Âncora - Revista Latino-Americana De Jornalismo**, v. 6, p. 12-28, 2019.

FUNDAÇÃO CENTRO DE PESQUISAS ECONOMICAS E SOCIAIS DO PIAUÍ. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais. **Informe PIB 2019**: CEPRO, 2021. Disponível em: http://www.cepro.pi.gov.br/download/202111/CEPRO12_aa02a68cfb.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2022.

FUNDAÇÃO CENTRO DE PESQUISAS ECONOMICAS E SOCIAIS DO PIAUÍ. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais. **Relatório Caged – março de 2022**: CEPRO, 2022. Disponível em: http://www.cepro.pi.gov.br/download/202206/CEPRO07_8ee74615f3.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2022.

FRANCISCATO, Carlos. Possibilidades da economia política do jornalismo nas interfaces entre estudos sobre jornalismo e economia política da comunicação. *In*: DOURADO, J. L. **Economia política do jornalismo**: campo, objeto, convergências e regionalismo. Teresina: EDUFPI, 2013. cap. 1, p. 23-48.

GUERRA, Alexandre; POCHMANN, Marcio. **Piauí**: trajetórias e transição econômica. Teresina: CEPRO, 2019. 169 p. E-book.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios Contínua Trimestral (PNADC/T)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/piaui>. Acesso em: 20 de jun de 2022.

LIPPMANN, Walter. **Public Opinion**. 1 ed. Estados Unidos: Start Publishing. 2015

MARTINO, Luis Mauro S. **Métodos de Pesquisa em Comunicação**: projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Ed. Vozes. 2018

MCCOMBS, MAXWELL E., SHAW, DONALD L. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly**, Volume 36, Issue 2, SUMMER 1972, Pages 176–187, <https://doi.org/10.1086/267990>

MENDES, Felipe. **Economia e desenvolvimento do Piauí**. 2 ed. Teresina: Edufpi. 2019

MOSCO, V. Economia Política do Jornalismo. *In*: DOURADO, J. L.; LOPES, D. M. M. da S.; MARQUES, R. (org.). **Economia política do jornalismo**: tendências, perspectivas e desenvolvimento regional. Teresina: EDUFPI, 2016. cap. 2, p. 43-68.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2 ed. São Paulo: Contexto. 2010.

SANTANA, Raimundo N. M. **Evolução histórica da economia piauiense e outros estudos**. 2 ed. Teresina: APL/Edufpi. 2017

SANTOS, Manoel L. Teoria e possibilidades analíticas para o estudo dos grupos de interesse: uma introdução ao tema. **Revista Política Hoje**, v.28, n.1, 2019. Pernambuco. 2019

COBERTURA NOTICIOSA DA REVISTA VEJA SOBRE JAIR BOLSONARO NAS ELEIÇÕES DE 2018

Ingredh Maysa Martins Pereira

Ruthy Manuella de Brito Costa

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo analisar as notícias da revista Veja que tratam sobre o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, durante sua campanha eleitoral em 2018. Dessa forma, buscou-se aprofundar os conhecimentos sobre o discurso imagético, desde a sua significância até sua utilização e importância nos textos jornalísticos. A forma como as imagens junto aos textos pode construir discurso. Teoricamente o trabalho se baseia, principalmente em Armando Jorge Gomes Vilas Boas (2003), Lorenzo Vilches (1997) e Jorge Pedro Sousa (2002). Metodologicamente o trabalho parte de pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e análise imagética, com abordagem qualitativa. O recorte de análise é de três reportagens produzidas nos meses de abril, agosto e setembro de 2018. Os resultados demonstram que a Revista Veja possui um foco editorial com características fortes voltadas a um público mais elitizado.

Palavras-chave: Imagem; Discurso; Revista Veja; Bolsonaro; Enquadramento noticioso.

1 INTRODUÇÃO:

As novas tecnologias usadas para comunicação possibilitaram um avanço nas produções visuais nos jornais brasileiros e, conseqüentemente, uma maior produção e distribuição de informação. A mídia se utiliza dos discursos imagéticos para ajudar na compreensão do público sobre determinado assunto ou até mesmo repassar, discretamente, seu ponto de vista ou ideologia.

É nesse contexto que se inicia o estudo cujo objetivo geral é analisar o modo como a revista Veja colocou aos seus leitores a imagem de Jair Bolsonaro (ex presidente) durante a campanha eleitoral de 2018. O objetivo específico é explorar os enquadramentos

noticiosos sobre o então candidato. Para tanto, no decorrer da análise deverá ser apresentado o estudo acerca dos discursos imagéticos e como eles são utilizados, com embasamento em referenciais teóricos que contribuirão para a construção da análise. Para a pesquisa será apresentado como é a “natureza” das notícias da Veja, qual linha editorial e como ela utiliza imagens, juntamente com os textos, nas suas produções noticiosas, e de que forma essa junção texto-imagem direcionar olhares dos leitores para o então candidato à presidência Jair Bolsonaro. Dessa forma, a pesquisa inicia com uma breve contextualização a respeito dessa estratégia jornalística (discurso imagético) utilizando conhecimentos científicos e empíricos para a construção da ideia. Em seguida será mostrado o “perfil” das publicações noticiosas da revista Veja e de que forma seu público é atingido. Por fim, será feita a análise qualitativa, com apoio de referenciais teóricos, de três imagens das reportagens sobre Jair Bolsonaro durante o período de campanha eleitoral em 2018, para possibilitar outros debates sobre o poder do jornalismo somado ao uso do discurso através das imagens.

2 DISCURSOS IMAGÉTICOS NO JORNALISMO

As imagens fazem parte do cotidiano da sociedade, imaginar ou interpretá-las é algo bastante subjetivo, pessoal. Com o avanço das tecnologias de informação e comunicação tornou-se mais fácil consumir conteúdos noticiosos e dentro da cultura de ver para crer em que estamos inseridos, as imagens se fazem cada vez mais, estrategicamente, importantes, pois “uma imagem vale mais que mil palavras”, disse Confúcio uma vez.

Partindo do pensamento de Joly (2007, p.61) o qual afirma que a imagem é um “instrumento de expressão e comunicação”, é necessário um estudo da utilização de imagens dentro de um texto jornalístico, pois neste a utilização da comunicação visual é capaz de (re)direcionar olhares da população ou até impulsionar debates. Nas mídias impressas e digitais essa utilização é bem presente e pode-se dizer que por influência dos meios televisivos, de acordo com uma pesquisa realizada em 2019 pela XP Investimentos e divulgada pela Associação Brasileira de Emissora de Rádio e Televisão, 64% dos entrevistados acreditam nas notícias veiculadas pela televisão.

Para Sousa (2002, p.7), as fotografias jornalísticas são “usadas para transmitir informação útil em conjunto com o texto que lhes está associado”. Esse conceito é percebido dentro da atividade comunicacional do jornalismo onde o impresso e digital fazem uso dos recursos imagéticos não sozinhos, mas sim com uma série de construções narrativas com

títulos que chamam atenção do leitor e textos bem elaborados, a fim de que a notícia tenha o resultado esperado após seu lançamento nos veículos de comunicação.

A sociedade sempre utilizou a linguagem visual para criar representações da história, seja nas paredes de cavernas com as pinturas rupestres, representando o modo como os povos pré-históricos viviam, seja na catequização, utilizando imagens feitas pela igreja aos povos que não sabiam ler. A imagem representa algo real, verdadeiro, que transmite credibilidade e com isso o jornalismo, que está diretamente ligado a natureza narrativa, se utiliza desse recurso para a construção de discursos, as vezes pragmático. Este fenômeno pode ser compreendido a partir de Mariani (1996):

Os efeitos ilusórios estão aí: o controle externo e interno, garantindo a objetividade (e neutralidade, etc.), garantiria também a imprensa como digna de fé. [...] no período em que ocorre a legitimação da imprensa como instituição conforme as características mencionadas - é também o momento em que se está formalizando tanto uma imagem do sujeito jurídico ocidental, que conquistou seus direitos, e é dotado de vontades e responsabilidades, quanto está firmando concepção predominante de linguagem verbal como instrumento de comunicação. (MARIANI, 1996, p. 79).

Dessa forma, é coerente dizer que por mais que um indivíduo tenha consciência de que a mídia pode influenciar, uma fotografia tem grande poder para justificar o que foi repassado naquele conteúdo noticioso. Nas produções midiáticas há diversas forma de fazer com que o leitor reaja ao que está lendo ou pelo menos tenha disposição para agir, com o uso do grande poder de persuasão. Um exemplo disso, além do recurso imagético, é o uso de uma linguagem neutra usada na maioria das produções jornalística, pois, “o estilo neutro aumenta a credibilidade por contraste com o que poderia ter sido um estilo argumentativo mais insistente” (Perelman; OlbrechtsTyteca, 2005, p. 173). Essas persuasões são algumas das estratégias retóricas.

O fato é que o uso da fotografia jornalística vai muito além de um jogo de influência, visto que dentro de um simples ato de colocar uma imagem dentro de uma notícia há um significado, pois, cada veículo tem sua forma de representar uma informação e que pode ser processado consciente ou inconscientemente pelo público. Por mais que uma fotografia jornalística seja conceituada como algo que reproduzirá a realidade, com objetividade e clareza, é inegável que a escolha da imagem tenha sido algo particularmente preestabelecido. Assim como todos os outros veículos de informação, o nosso objeto de

estudo, a revista online *Veja*, também possui essas características de utilização de imagem, deixando para o leitor a responsabilidade de interpretar a informação.

3 ENQUADRAMENTO NOTICIOSOS

O modo como uma notícia é colocada pelos meios que transmitem informação ao público diz muito sobre o papel social da mídia. Através desta, novas reflexões surgem e pensamentos preexistentes são reforçados de acordo com as referências da empresa de comunicação. O enquadramento é, portanto, uma estratégia de abordagem que visa a hierarquização das notícias para a exposição de um determinado assunto, aprofundando ou não com imagens e dados. Goffman define enquadramento:

Parto do princípio de que as definições de uma situação são construídas de acordo com princípios de organização que governam eventos – pelo menos os sociais – e o nosso envolvimento subjetivo neles; enquadramento é a palavra que eu uso para referir-se a um destes elementos básicos, tais como sou capaz de identificar. Esta é minha definição de enquadramento. Minha expressão análise do enquadramento é um slogan para referir-me, nesses termos, ao exame da organização da experiência. (GOFFMAN, 2006, p. 11, com grifos do autor)

Dentro do jornalismo, o enquadramento está relacionado à interpretação e narração dos fatos determinada pela linha editorial e ideologias da empresa comunicacional. Para compreender esse fenômeno dentro do jornalismo é necessário refletir sobre a visão de Gaye Tuchman (1978) acerca do conceito goffmaniano:

Goffman salienta que a organização da experiência é inevitavelmente associada à produção de sentido. Eu tentei tomar do trabalho de Goffman a sua conclusão lógica: A produção de significado é intrinsecamente encaixada na atividade de homens e 6 mulheres – nas instituições, organizações e profissões associadas às suas atividades e que eles produzem e reproduzem, criam e recriam. (TUCHMAN, 1978, p. 216)

Dessa forma é possível entender que o enquadramento está relacionado não apenas às referências de internas do meio de comunicação, mas também a realidade social individual dos profissionais, já que estes não vivem apenas “nas instituições, organizações e profissões” e possuem referências internas que advém de interações sociais.

4 TRAJETÓRIA DA REVISTA VEJA

Em 1960 a Editora Abril lança a revista semanal *Realidade*, que continha grandes reportagens, elaboradas por jornalistas com idades até 30 anos, o que mantinha os textos

menos formais, porém bem escritos. Abordava temas como política, sexo, família, preconceitos e tabus. Tinha tudo para ter um futuro mais longo, mas em 1968 com o mau clima interno gerado pelos rumores do AI-5 e com um novo projeto em mente da empresa Abril, a revista Veja, foi a morte da Realidade. Além de boa experiência com revistas semanais, a distribuição de suas revistas era favorecida pela Dinap S.A- Distribuidora Nacional de Publicações. De acordo com Roberto Civica na revista Imprensa em setembro de 1988:

Era um bom momento. O momento da criatividade, de grande expansão da empresa. A Abril estava a toda... E o que foi o gatilho? Realidade. Quando Realidade iluminou o céu, embora transitoriamente, naquele ano de glória eu tive a maluquice de dizer: Vamos, chegou a hora.

O planejamento e criação de uma das maiores revistas brasileiras em circulação, a Veja, se deu aos moldes de grandes jornais norte-americanos, mais especificamente a *Times* e a *Newsweek*. Por ter seu caráter informativo, teria que manter os acervos de informação para ajudar na escolha dos assuntos mais importantes, pois, “a TV obrigou o jornal diário a ser mais seletivo e a melhor escolher os assuntos”, disse o jornalista Alberto Dines. Para construir um jornal semanal de sucesso foi necessários profissionais formados e orientados para o desenvolvimento do trabalho, aos moldes de um sistema capitalista, com conhecimentos técnicos, já que a revista foi mobiliada com altos recursos tecnológicos fazendo jus ao que o Brasil estava vivendo, uma ascensão do setor industrial.

De início a revista Veja não foi muito aceita, tanto pelos profissionais da comunicação que se pronunciaram numa nota da Tribuna da Imprensa afirmando que essa revista era uma cópia da *Times* sem suas qualidades, quanto pelos leitores que não estavam acostumados com aquele tipo de leitura, sem muito foco editorial, pois abria diversas possibilidades para falar de tudo. Apesar destes empecilhos mais a Ditadura Militar, que farejava qualquer ato que ia contra o regime para censurá-lo, a revista se consolidou no mercado com caráter mais focado nas informações político-econômica e com forte característica de textos e imagens irônicas para enfatizar os assuntos.

5 METODOLOGIA

Esse trabalho propõe um debate crítico em torno de três reportagens produzidas pela revista Veja sobre Jair Bolsonaro entre os meses de abril e setembro de 2018, pois estas escolhidas se enquadram no tema a ser criticado. Para a coleta de dados para análise foi

utilizado pesquisa bibliográfica, visto que para a construção de um trabalho científico esse método se torna indispensável, assim como análise do discurso e de imagens jornalísticas. O método de coleta de dados para a edificação de argumentos é qualitativo, ou seja, foram escolhidas algumas notícias publicadas pela revista online Veja, depois com base no referencial teórico de Jorge Pedro Sousa, Marcia Benetti e Armando Jorge Vilas Boas foi feita uma análise de discurso imagético e textual. Invariavelmente, essa proposta de estudo é muito importante para provocar pensamentos e mais investigações sobre a dinâmica (foto e texto) usada pela mídia.

6 A IMAGEM DE JAIR BOLSONARO NA REVISTA VEJA NAS ELEIÇÕES DE 2018

Após essa contextualização necessária acerca do discurso imagético e do surgimento à ascensão da revista Veja, iniciaremos aqui uma análise qualitativa de algumas publicações na página online da mesma a respeito de Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2018. Para chegar à conclusão desse estudo crítico do discurso midiático será levado em consideração o perfil de enquadramento noticioso da Veja, o modo como as imagens de Bolsonaro são colocadas e se estas entram em acordo com os textos para provocar reflexões dos leitores.

A primeira reportagem escolhida para a análise foi intitulada “Candidatos vão à justiça para retratar conteúdo falso da internet” publicada em 12 de abril de 2018. Ao contrário do que se espera dos textos irônicos da revista Veja, esse veio com uma linguagem verbal direta, objetiva e de cunho informativo, sem deixar dúvidas do que estava sendo informado. Já a imagem central da notícia traz fotos estratégicas de quatro candidatos à presidência, incluindo Jair Bolsonaro que por sua vez estava com uma expressão que remetia surpresa ou até mesmo indignado, o que pode ter causado uma reflexão dos leitores sobre a relação do Bolsonaro com as Fake News.

Figura 01:

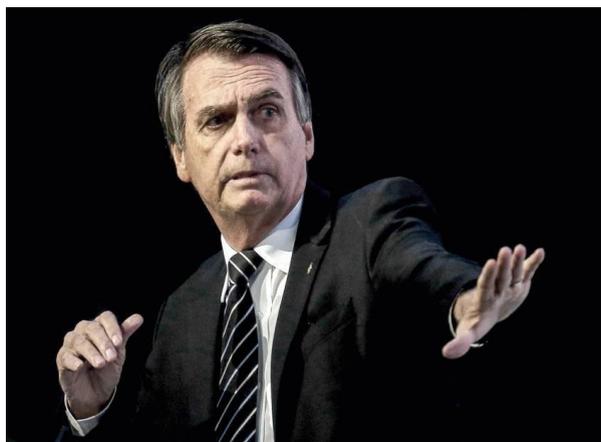


Fonte: (Reprodução: VEJA)

A segunda notícia a ser analisada trouxe como título “Bolsonaro diz que não entende de fantasmas e procura um médium para sua equipe”. Nessa reportagem o perfil de enquadramento de notícias da Veja ficou mais fácil de ser identificado, pois já no título se pode notar o seu perfil de posicionamento, com a utilização de uma linguagem irônica ao fato noticiado. Usar essa figura de linguagem é um recurso de posicionamento, mesmo que o leitor não o perceba diretamente, mas acaba resultando numa influência velada de pensamento.

A construção de um discurso e a formação de sentidos com a utilização de irônica se dá não apenas com palavras, mas também com os sujeitos presentes no contexto e do leitor que é capaz de notar a ironia. A foto de Bolsonaro, colocada no plano central da reportagem, traz cores acinzentadas e ao fundo a cor preta o que remete um ambiente assustador, de fantasmas. A expressão facial e um possível movimento dos braços do candidato, faz pensar que ele está com medo “do fantasma”, com um semblante de assustado.

Figura 02:



Fonte: (Reprodução: Dida Sampaio/Estadão)

A terceira imagem retirada da revista *Veja* está na reportagem “Bolsonaro mantém ‘boas condições clínicas’ e não tem sinais de infecção”. Apresenta ao leitor um frame estrategicamente escolhido pela revista para repassar ao leitor uma imagem do candidato de muito doente, o que dá impressão de que ele foi e está sendo uma vítima. As aspas colocadas no título para dizer o estado clínico de Bolsonaro, pode ter gerado duplo sentido, pois associada a imagem pode remeter a um deboche à situação em que ele se encontra.

Figura 03:



(Frame de vídeo postado por Silas Malafaia nas redes sociais mostra Jair Bolsonaro no Hospital Albert Einstein/ Reprodução)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discursos imagéticos são estratégias usadas pelo meio jornalístico para fortalecer a ideia ou a maneira como uma empresa de comunicação quer que a notícia seja entendida. É um recurso bastante versátil que associado aos títulos e textos bem elaborados, atingem determinado público provocando novas reflexões ou estimulando novos debates. Com base nos referenciais supracitados nesse trabalho é possível perceber que uma imagem não é colocada dentro de um texto sem funcionalidade, que de acordo com a ideologia e a linha editorial da empresa, essas imagens falam tanto quanto os textos e constroem narrativas através da sua credibilidade em transmitir o real (Mariani, 1996).

É importante ressaltar a trajetória da revista *Veja*, como foi pensada e para quem foi pensada. Com seu público de maioria elitizada, a linguagem utilizada nos textos publicados é mais direta, não com intuito de ensinar o leitor do que está sendo dito, mas sim informar de maneira peculiar as últimas notícias acerca da economia e política. Há forte presença de ironia e duplo sentido nos títulos, são características de textos que são escritos para pessoas que já tenham uma noção mínima dos assuntos apresentados pela revista ou tenham as mesmas referências, pois o discurso formado em torno dessa figura de linguagem requer que leitor e a revista estejam em uma mesma sintonia cultural, até porque dentro do texto não há um localizador que indique onde está uma ironia.

Dessa forma, considerando o modo como a revista *Veja* enquadra seus assuntos, a imagem de Bolsonaro durante o período de campanha eleitoral de 2018 colocada pela revista *Veja*, não fugiu do seu foco editorial. Ao analisar, dentro desse trabalho, esse objeto de estudo pode-se perceber ainda mais as características de colocar frases sarcásticas e até mesmo debochadas sobre o atual presidente, imagens que por si só provocam reflexões no leitor, fortalecendo o tom irônico da revista, o que colaborou para a criação de duplos sentidos. Outra forte característica encontrada durante esse estudo, que na verdade é o resultado de todas as outras, é que essa empresa de comunicação se posiciona diante do assunto de forma a deixar que o público tire suas próprias conclusões e que tenha responsabilidade de suas interpretações.

As fotografias e os títulos colocados nas notícias estudadas, foram bem sugestivas e com forte presença desses aspectos citados. A imagem de Jair Bolsonaro colocada ao público foi de, muitas vezes, deboche ao seu posicionamento de vitimização, de ironia a suas falas, provocando novas reflexões e direcionando olhares a outros temas relacionados ao candidato e não só ao que estava ali exposto. De certa forma essa exposição agendou debates na população e contribuiu para a formação de opiniões sobre o atual presidente do Brasil.

REFERÊNCIAS

- BENETTI, Márcia. (2007) “**A ironia como estratégia discursiva da revista Veja**. Trabalho apresentado no XVI Encontro da Compós, na UTP, Curitiba, junho de 2007.
- BENÍCIO, Jeff. **64% dos brasileiros acreditam nas notícias exibidas na TV**. 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/64-dos-brasileiros-acreditam-nas-noticias-exibidas-na-tv,27e524cc90165b0514b7d9b45f61fe2crmcvx777.html>. Acesso em: 18 Jul. //2022
- BOAS, Armando Jorge Gomes Vilas. **Desporto (in)visível –a cultura visual desportiva**. Universidade do Porto. 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/10565>
- CAMPOS, João Pedroso de. **Bolsonaro matem ‘boas condições clínicas’ e não tem sinais de infecção**. Veja, 2018. Disponível em: <https://www.veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-matem-boas-condicoes-clinicas-e-nao-tem-sinais-de-infeccao/>. Acesso em: 18/07/2022
- DINES, Alberto. **100 anos que fizeram história. Grandes momentos do jornalismo brasileiro nos últimos 80 anos**. Campinas/São Paulo: Labjor/Observatório da Imprensa/LF&N, 1997.
- FERREIRA, Sueli Mara S.P. **Diagnóstico da informação brasileira na área da comunicação**. Vol.1. Intercom, Campo Grande/ MG, p.17, 2001.
- GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis: los marcos de la experiencia**. Madri: Siglo XXI, 2006.
- PERELMAN, Chaïn. **Argumentação**. In: Oral/escrito-argumentação. Enciclopédia Einaudi, vol. 2 Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.
- REDAÇÃO. **Candidatos vão à justiça para retratar conteúdo falso da internet**. Veja, 2018. Disponível em: <https://www.veja.abril.com.br/politica/condidaos-va-a-justica-para-retirar-conteudo-falso-da-internet/>. Acesso em: 18/07/2022
- SENSACIONALISTA. **Bolsonaro diz que não entende de fantasmas e procura um médium para sua equipe**. Veja, 2018. Disponível em: <https://www.veja.abril.com.br/coluna/sensacionalista/bolsonaro-diz-que-nao-entende-de-fantasmas-e-procura-mediou-para-sua-equipe/>. Acesso em 15/07/2022
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora**. São Paulo: Summus Editorial, 1991.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, p.161. 2002. Disponível em: <http://repositorio.asc.es/br/handle/123456789/1690>

TUCHMAN, Gaye. **Making News: a Study in the Construction of Reality**. Nova Iorque: Free Press, 1978.

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. 3. ed. Barcelona: Paidós, 1997

A Mulher no Radiojornalismo Picoense: uma análise das rádios Grande Picos FM e Cidade Modelo FM¹

Ana Caroline de Oliveira MORAIS²

Luana de Sousa Rodrigues MOURA³

Myvrian Hazy Braga de ARAÚJO⁴

Vinícius da Silva COUTINHO⁵

¹ Trabalho apresentado no GT 1 – Estudos de Jornalismo, da 5ª Semana de Comunicação Social da UESPI de Picos.

² Graduada em Jornalismo na Universidade Estadual do Piauí (UESPI/Picos-PI). E-mail: carolzinha9953@gmail.com

³ Graduada em Jornalismo na Universidade Estadual do Piauí (UESPI/Picos-PI). E-mail: luanarodrigues05@gmail.com

⁴ Graduada em Jornalismo na Universidade Estadual do Piauí (UESPI/Picos-PI). E-mail: myvrianb@gmail.com

⁵ Pós-graduando em Gestão de Marketing e Mídias Digitais. Graduado em Jornalismo na Universidade Estadual do Piauí (UESPI/Picos-PI). Membro da Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória (JOEME). E-mail: vinicouth.jornalismo@gmail.com

Evandro Alberto de SOUSA¹

Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

RESUMO

A presente pesquisa busca discutir sobre a temática da representação feminina no radiojornalismo da cidade de Picos, no centro-sul do Piauí. Assim, utilizamos como objeto de estudo as Rádios Grande Picos FM e Cidade Modelo FM, a fim de compreendermos como se dá a presença de mulheres no radiojornalismo destas rádios. Para tanto, os procedimentos metodológicos pautaram-se em pesquisas bibliográfica, documental e qualitativa, orientados pela análise de conteúdo com abordagem temática. Com isso, buscamos estudar o que a literatura diz sobre as rádios picoenses e, ainda, acerca da presença feminina no radiojornalismo e suas interfaces, a partir de autores como Ferraretto e Kischinhevsky (2010), Coutinho (2021), Moura (2021) e Silva e Weigelt (2018). Ademais, identificamos a presença de duas mulheres em atuação no radiojornalismo picoense, como âncoras e locutoras noticiosas, e, por fim, analisamos como as radiojornalistas aparecem nas redes sociais das emissoras de rádio pesquisadas. Diante da pesquisa, compreendemos que as mulheres radiojornalistas precisam ser mais visibilizadas, visto que as mulheres são maioria na academia e, também, no mercado jornalístico.

PALAVRAS-CHAVE: Radiojornalismo; Representação Feminina; Picos-PI; Grande Picos FM; Cidade Modelo FM.

INTRODUÇÃO

As discussões em torno da temática gênero são antigas e cada vez mais discutidas. A busca pela igualdade é uma questão urgente. Principalmente, quando tratamos da imprensa, que a todo momento constrói realidades a partir dos conteúdos que noticia e da representatividade que é passada por quem conduz as informações ao público. Por isso, é necessário entender como o radiojornalismo tem atuado e contribuído no debate em torno deste tema, na região de Picos-PI.

Este trabalho surgiu como requisito de ementa da disciplina de Produção e Edição em Radiojornalismo, ministrada pelo professor/doutor Evandro Alberto de Sousa. A

¹ Orientador do trabalho. Reitor e Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e-mail: profevandro@uespi.br.

disciplina tem como objetivo proporcionar ao acadêmico a compreensão dos programas e programação de rádio, como também possibilitar o conhecimento das técnicas de produção, edição, locução e apresentação radiofônica. Assim, os autores deste estudo já tinham uma certa afinidade com a temática, pois na disciplina teórica de Radiojornalismo produzimos um livro sobre como estava funcionando o radiojornalismo picoense em um momento de pandemia. A partir disso, fomos em busca de conhecer a história das principais rádios da cidade, dentre elas as duas que estamos estudando neste trabalho.

E ao adentrar mais nas histórias das rádios, percebemos que tinha uma presença feminina nas bancadas dos jornais tanto da Grande FM como da cidade Modelo FM. E foi com esse olhar, de problematizar e entender mais sobre esse assunto que resolvemos escrever sobre a mulher no radiojornalismo picoense.

Assim, o objetivo geral deste estudo é compreender como se dá a presença de mulheres no radiojornalismo picoense a partir das rádios Grande Picos FM e Cidade Modelo FM. Enquanto os objetivos específicos são: discutir sobre a importância da representação feminina no Radiojornalismo; identificar a presença de mulheres em atuação no radiojornalismo picoense, como âncoras e locutoras noticiosas e analisar como as radiojornalistas aparecem nas redes sociais das emissoras de rádio pesquisadas.

Para tanto, os procedimentos metodológicos deste estudo se dão por meio de pesquisa bibliográfica, quando revisitamos autores (GIL, 2002), que versam sobre o radiojornalismo e questões que envolvem a representação feminina na profissão, embasando o presente trabalho. A pesquisa também é documental, já que são utilizadas fontes diversificadas, como no caso da pesquisa aqui, são as redes sociais - Instagram das emissoras de rádio (GIL, 2002); como também, a pesquisa qualitativa, a partir da análise das redes sociais das rádios em estudo. A análise foi guiada pela análise de conteúdo temática, orientada por Bardin (2011).

A princípio, a pesquisa versa sobre o radiojornalismo na atualidade e a representação feminina nesse meio. Em seguida, trata sobre a mulher no radiojornalismo picoense, a partir das rádios Grande Picos FM e Cidade Modelo FM. Depois, é possível conhecer um pouco sobre como essas radiojornalistas aparecem nos perfis das redes sociais destas rádios. Por fim, colocamos nossas considerações acerca dos achados na análise.

O Rádio na atualidade

Com a constante globalização e a evolução tecnológica dos meios de comunicação, muitos pensaram que antigos meios de notícia, como o rádio, logo seria extinto, mas isso não foi o que observamos com o passar dos anos. Na região de Picos-PI, por exemplo, o rádio se mantém como um dos principais meios de acesso à informação. Assim, é necessário reconhecer a importância desse veículo na vida da sociedade moderna, mesmo com as demais diversas possibilidades, é importante também conhecer a sua trajetória histórica e entender o papel que ele exerce na sociedade.

Dietmann e Chaves (2018) explicam que o rádio ainda cumpre um papel fundamental na vida social, pois permite que a informação circule de maneira instantânea e democrática, levando fatos importantes até grupos isolados, onde a comunicação é dificultada por barreiras tecnológicas, econômicas ou geográficas. Ao tocar nesse assunto, não podemos deixar de salientar sobre a infoexclusão, que ficou ainda mais escancarada neste período de pandemia. De acordo com a Rede Brasil Atual (2021), a pesquisa TIC Domicílios, realizada pelo Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), mostrou que 46 milhões de brasileiros estão na exclusão digital. O estudo revela ainda que uma em cada cinco pessoas no país só acessa a rede digital emprestando a conexão de um vizinho. Nesse cenário, verificamos como se torna ainda mais necessária a presença do rádio em pleno funcionamento.

É indiscutível que o rádio é um dos veículos de comunicação mais consumidos pela sociedade picoense e o sucesso desse modelo de comunicação se dá pelo caráter informativo com linguagem de fácil acesso, que consegue atingir com sucesso todas as camadas da população, com muita rapidez. Além de notícias, o rádio também sempre teve sua programação diversificada, como programas musicais, programas de humor e até programas românticos.

Segundo Canavilhas (2003), afirmar que o rádio diz, a televisão mostra e o jornal explica não é mais do que constatar que cada meio tem as suas próprias narrativas e linguagens. Assim, podemos perceber que a linguagem do rádio se destaca por ser acessível para toda a sociedade, do jovem ao idoso, dos que gostam de música aos que gostam de iniciar o dia com informações sobre a sua cidade e o mundo.

Com a evolução dos meios, principalmente após o advento da internet, o rádio precisou se reinventar para continuar cumprindo o seu papel e atingindo seu público.

Segundo Ferraretto e Kischinhevsky (2010), esse reposicionamento da radiodifusão sonora ocorre em um contexto no qual se faz necessário refletir sobre quatro âmbitos: 1) tecnológico, 2) empresarial, 3) profissional e 4) de conteúdo. Por isso, novas lógicas de produção, comercialização, distribuição e consumo de conteúdos radiofônicos precisaram ser adotadas, principalmente, em tempos de convergência.

A presença feminina no Radiojornalismo

Dietmann e Chaves (2018, p. 01) evidenciam que “a discussão sobre gênero e igualdade tem uma importante trajetória já construída. No Brasil, ela teve início em meados dos anos 1980, com a ampliação dos pensamentos do movimento feminista no país”. Mas mesmo tendo se passado muitos anos, ainda segundo as autoras, atualmente a realidade que a mulher jornalista enfrenta em seu ambiente de trabalho ainda é muito conturbada e discriminatória. O país parece não querer desatar suas amarras e abrir mais espaço para vozes femininas em todos os âmbitos da sociedade.

Em reportagem publicada no ano de 2020¹, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), apresentou dados de uma pesquisa global sobre violência contra mulheres jornalistas, feita pelo Centro Internacional para Jornalistas junto à Unesco. Entre as mulheres jornalistas que responderam ao questionário, 73% dizem ter experienciado violência no ambiente on-line por realizar seu trabalho e 20% das mulheres jornalistas que participaram do levantamento dizem ter sido atacadas presencialmente depois de serem vítimas de violências virtuais coordenadas. Esse é um recorte da realidade que as mulheres enfrentam no ambiente de trabalho, em se tratando do jornalismo, que pode passar pelas diversas modalidades da profissão, como impresso, digital, telejornalismo e radiojornalismo.

Sendo assim, para o presente trabalho aborda acerca das do cenário de desigualdades de gênero, que se repete, também, no Radiojornalismo, por isso, é relevante discutir a temática. Santos e Temer (2018, p. 15) evidenciam que “a questão toma maior fôlego quando envolve mulheres jornalistas que, apesar de serem maioria na profissão, continuam sendo minoria no sentido sociológico, subjugadas pelos privilégios conferidos aos homens”. Para

¹ Disponível em: < <https://www.abraji.org.br/noticias/jornalistas-mulheres-sao-as-maiores-vitimas-de-ataques-no-ambiente-digital> > . Acesso em: 04 de ago. de 2022.

Silva e Weigelt (2018), as mulheres optam por atuar no radiojornalismo como “uma forma de conseguirem fazer a diferença no jornalismo, de mudarem uma realidade, de “dar voz àquelas pessoas que não tem” e de levar informações de qualidade para os ouvintes” (SILVA E WEIGELT, 2018, p. 11).

Porém, as autoras consideram em suas pesquisas que as jornalistas que trabalham no radiojornalismo enfrentam situações delicadas de preconceito (SILVA E WEIGELT, 2018). Sendo assim, é preciso que façamos uma reflexão no que diz respeito ao ambiente de trabalho no rádio e, principalmente, em relação ao preconceito, às dificuldades e silêncios das mulheres no radiojornalismo. Na presente pesquisa, iremos avaliar a temática no radiojornalismo picoense.

Contextualização histórica: um pouco sobre as rádios picoenses Grande FM e Cidade Modelo FM

Antes de falar sobre as mulheres que estão à frente no radiojornalismo picoense, é necessário entender um pouco sobre as três rádios que estamos estudando neste artigo. A contextualização histórica é importante para situar sobre o lugar de atuação dessas mulheres que conseguiram lugares de destaque no radiojornalismo local.

Sobre a rádio Grande Picos FM, de acordo com Moura (2021) ela surge em 1993, sendo a terceira emissora do Sistema de Comunicação de Picos (SCP). Além dela, o sistema possuía a Grande Picos AM e a Difusora de Picos AM, que foi a primeira rádio da cidade de Picos, criada em 1979, ambas as rádios foram idealizadas pelo Grupo Helvídio Nunes de Barros.

Atualmente a Grande Picos faz parte do grupo Meio Norte na sua programação são transmitidos programas do sistema Meio Norte de Comunicação diretamente da capital do estado. Mas antes disso por mais de 10 anos a Grande FM pertencia ao grupo Liderança FM e Fortaleza-CE. Inclusive o nome da rádio era esse: Liderança FM, e em 2017, após a reformulação, passou a ser chamada de “Grande FM”, nome que faz jus ao primeiro nome da rádio, assim quando foi criada.

Se tratando da rádio Cidade Modelo FM de acordo com Coutinho (2021) a rádio foi fundada por uma importante família da cidade de Picos, os Barros Araújo “que nas décadas de 1980, 1990 e 2000 protagonizaram politicamente a cena municipal e regional em Picos” (COUTINHO, 2021, p.74). Ainda de acordo com o autor, a rádio foi inaugurada em “28 de janeiro de 1989, entrando definitivamente em operação exatamente um mês depois” (COUTINHO, 2021, p.74).

Coutinho (2021) ainda fala sobre o nome que foi dado à rádio, segundo o autor “Modelo” surge do apelido carinhoso que a cidade de Picos, que surgiu nos anos de 1970 através dos modelos de desenvolvimento de agricultura familiar da cidade, e a cidade de Picos traz esse apelido consigo até os dias atuais, assim como o nome da rádio permaneceu o mesmo.

As duas rádios têm importantes papéis na cidade de Picos, e ao contrário do que muitos profetizaram, as rádios não “morreram” e seguem sendo importantes para a comunicação da cidade. Mas como tudo, com o passar dos anos ela foi se atualizando, inclusive, nas questões de gênero. As mulheres começaram a ter mais espaço e visibilidade nas rádios picoenses e, atualmente, ocupam lugares importantes na transmissão de notícias para a sociedade.

Tanto a rádio Grande FM, quanto a Cidade Modelo FM possuem jornais diários em sua programação. Na Grande FM o “Grande Jornal” que vai ao ar às 11:30 de segunda a sexta, apresentado por João Rodrigues e Daniela Meneses e na Cidade Modelo FM com o “Jornal 95” vai ao ar ao meio-dia de segunda a sexta e é apresentado por Bruna Raquel e Jonas Rocha. Nos dois jornais é possível perceber a presença de mulheres que estão à frente do programa radiojornalístico mais importante das emissoras. Esse fato é um marco importante para o jornalismo e radiojornalismo local. É certa a importância e representatividade para a sociedade e o jornalismo local em tê-las apresentando um jornal.

Âncoras e locutoras noticiosas: quem são as mulheres nas bancadas dos jornais radiofônicos picoenses?

Para falar sobre a presença dessas mulheres nas bancadas dos jornais paraenses, usamos como fonte o livro *Radiojornalismo e Pandemia no Sertão Central Do Piauí* trazendo informações de quem são essas mulheres e descrevendo um pouco de suas trajetórias até

chegarem na apresentação dos jornais radiofônicos locais. Como estamos revisitando uma bibliografia já produzida, deixamos claro que esses dados foram levantados entre 25 de janeiro de 2021 e 03 de março de 2021 para a construção do livro.

Moura (2021) aponta que Daniela Meneses é apresentadora do jornal “Grande Picos”, ela é formada pela Universidade Estadual do Piauí em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas. Ela começou a integrar o SPC em 2017. A autora ainda diz que no início Daniela Meneses atuava como editora-chefe do Portal Grande Picos que integra o Sistema de Comunicação de Picos e posteriormente passou a atuar como apresentadora do jornal, que também é veiculado na emissora Difusora AM.

Já na rádio Cidade Modelo FM, a Bruna Raquel Ferreira Barros é uma das apresentadoras do “Jornal 95”. De acordo com Coutinho (2021) Bruna Raquel é formada pela Uespi de Picos desde 2018. Ainda de acordo com o autor, Bruna começou a fazer parte da equipe da rádio em meados de 2019 com um quadro “Futebol com Batom”, que ia ao ar às segundas, quartas e sextas falando sobre as rodadas do campeonato de futebol e tinha cerca de 15 minutos de duração. Essa experiência mostra a presença feminina em programas esportivos da cidade, aqui, podemos dizer que Bruna Raquel começou a fazer a diferença no radiojornalismo local. Já que essa parte esportiva, geralmente, são as partes mais machistas e que dificilmente tem presença feminina, historicamente.

Mas a participação de Bruna Raquel na rádio não ficou restrita somente ao programa esportivo. Coutinho (2021) revela ainda que a jornalista começou a fazer parte da emissora tirando férias de um repórter e conseguiu ser efetivada depois. Assumiu a bancada do jornal e também teve um seu quadro esportivo. Bruna conseguiu conquistar seu espaço, tanto em um quadro seu quanto no programa jornalístico que, geralmente, tem mais destaque: o jornal da emissora.

Nós identificamos a presença de mulheres ocupando lugares de destaque nos jornais das suas respectivas emissoras. E no tópico seguinte, das análises, buscamos identificar se essas mulheres têm visibilidade nas redes sociais das rádios que elas trabalham. Tendo em vista que no rádio não conseguimos visualizar as imagens dos apresentadores, as redes sociais poderiam ser esse lugar de apresentar quem são as pessoas que estão à frente das bancadas. E é justamente isso que buscaremos, se as mulheres que alcançaram um lugar de destaque nas rádios também possuem um lugar de destaque nas redes sociais das rádios.

Análise da presença feminina nas redes sociais das rádios Grande FM e Cidade Modelo FM

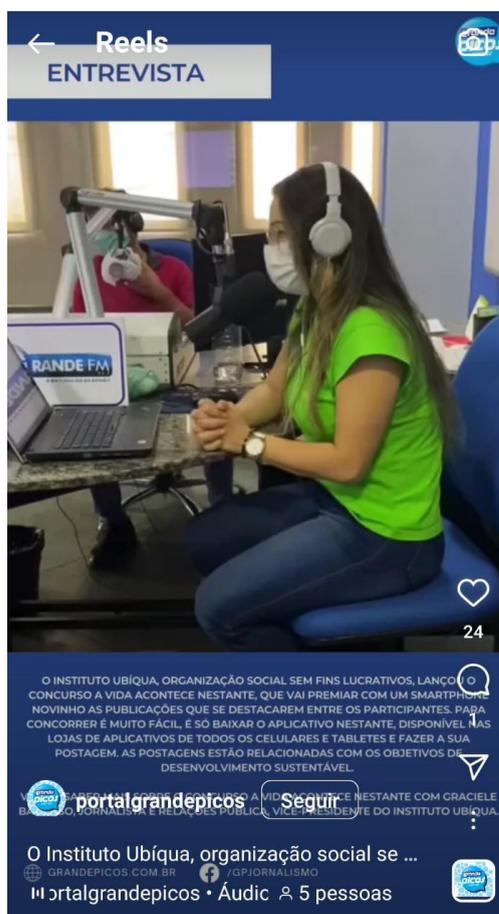
Optamos por trazer como objeto de análise as redes sociais das duas rádios, para isso fizemos uma observação prévia do perfil das rádios no Instagram. Nessa primeira etapa, percebemos que o *instagram* da rádio Grande Picos (@radiograndefm) não tinha muitos posts sobre as pessoas que trabalhavam na rádio em si, tendo na maior parte *cards* sobre feriados, promoções da rádio ou sobre quadros da rádio. Tendo em vista isso, optamos por analisar o *instagram* do Portal Grande Picos, que também faz parte do SCP e é mais voltado para conteúdos jornalísticos.

A segunda etapa da análise aconteceu pela observação aprofundada da rede social *instagram*, então pudemos avaliar a presença das jornalistas nas capas dos posts do *feed* e, também, do *reels*. A principal finalidade foi analisar as publicações que permanecem no perfil e não somem em 24h, como acontece com os *stories*. Assim, os perfis analisados foram: @portalgrandepicos, da rádio Grande FM, é neste perfil onde veiculam os seus programas jornalísticos; e o @radiocidademodelo, da rádio Cidade Modelo.

Na rádio Grande FM, os posts do *feed* são, em sua maioria, sobre as notícias do portal, que são transmitidas também pela rádio. Nossa análise encontrou apenas um post no *reels*, dia 22 de julho de 2022, onde aparece a jornalista Daniela Meneses, âncora do Grande Jornal, como mostra a figura 01.

Figura 01: Jornalista Daniela Meneses apresentando o Grande Jornal.

Reels da rede social - *Instagram*.



Fonte: @portalgrandepicos¹.

O post se trata de um vídeo curto, onde aparece Daniela Meneses entrevistando a Professora Graciele. O vídeo foca mais na entrevista, não fala explicitamente que Daniela é apresentadora do Grande Jornal e esse é o único post onde a apresentadora aparece na capa do vídeo, ou seja, o único post que dá para identificar ela logo de cara quando entra na aba do *reels* no Instagram.

E isso traz uma sensação de que apesar de ter uma jornalista ocupando a bancada do jornal, percebemos que ela não tem muito destaque nas redes sociais do portal. Quem escuta a rádio pode até reconhecer Daniela pela voz e por sua apresentação, mas a divulgação nas redes sociais ainda acontece de forma tímida e que pouco valoriza os profissionais da rádio.

¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CgM4MTBM9Hq/>. Acesso em: 05 de ago. de 2022.

Já na Rádio Cidade Modelo, a jornalista Bruna Raquel, que apresenta o Jornal 95, junto com o jornalista Jonas Rocha, aparece uma vez no *feed* da rede social da emissora, em 29 de janeiro de 2022, presente na figura 02. Porém, percebemos que o *instagram* possui pouca movimentação, e não há muita visibilidade, acerca dos apresentadores em geral.

Figura 02: Jornalista Bruna Raquel sendo apresentada ao público na rede social – *Instagram*.



Fonte: @radiocidademodelo¹.

A presença de apenas um post das jornalistas em cada perfil do Instagram nos faz refletir sobre a visibilidade que os profissionais estão tendo nas redes sociais. Primeiramente, que no rádio aparece somente a voz, mas com a presença das âncoras nas

¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZVO7fZv5YE/>. Acesso em: 05 de ago. de 2022.

redes sociais, de certa forma, irá aproximar cada vez mais o público ouvinte do radiojornal. Outro quesito que devemos levar em consideração é a pouca presença feminina nos posts, visto que, a presença masculina predomina no *feed* e no *reels*, tanto da rádio Grande FM, como da rádio Cidade Modelo FM.

Em outros posts do *feed* percebemos que há uma preocupação em mostrar determinados programas de entretenimento e quem são seus apresentadores, principalmente na rádio Grande FM, enquanto, as mulheres que compõem a rádio de modo geral não aparecem, incluindo as âncoras dos jornais. Isso também mostra um silenciamento em relação às mulheres e até um certo machismo estrutural. Não se interessam em dar voz às figuras femininas que compõem a equipe das duas rádios.

Considerações

Diante do exposto, na presente pesquisa, consideramos que o objetivo geral foi atingido, visto que, por meio da análise das redes sociais - *Instagram* das rádios Grande Picos e Cidade Modelo, pudemos compreender acerca da presença de mulheres no radiojornalismo picoense. Pouca visibilidade e reconhecimento foram nossos achados. A análise nos permitiu enxergar a presença masculina em sua maioria nos posts das redes sociais.

Quanto aos objetivos específicos, nós trouxemos discussões sobre a importância da representação feminina no Radiojornalismo, visto que elas são a maioria nas cadeiras acadêmicas das universidades e, também, no mercado de trabalho. Conseguimos identificar a presença de duas mulheres em atuação no radiojornalismo picoense, como âncoras e locutoras noticiosas, que são a jornalista Daniela Meneses da Rádio e Portal Grande Picos e a jornalista Bruna Raquel da rádio Cidade Modelo. Por fim, conseguimos encontrar e analisar a pouquíssima aparição das radiojornalistas nas redes sociais das emissoras de rádio pesquisadas, assim, consideramos que é necessário dar mais visibilidade para as mulheres âncoras dos radiojornais picoenses.

A presente pesquisa traz contribuições para o ambiente acadêmico e, também, para a sociedade, visto que, leva à discussão sobre a presença e a visibilidade das mulheres âncoras no radiojornalismo. Ainda há muito o que se pesquisar acerca do tema proposto no presente estudo como: as mulheres aparecem pouco nas redes sociais por qual motivo?

Tendo em vista que elas dividem a apresentação do programa de radiojornalismo com homens. O que de relevante elas proporcionam para outras mulheres jornalistas? São questionamentos que trazemos aqui e que podem ser abordados por outros trabalhos.

E concluímos que a discussão sobre o espaço da mulher dentro dos meios jornalísticos principalmente no rádio, que foi o que destacamos nesse trabalho ainda precisa ser levado adiante, por mais que exista um grande número de jornalistas mulheres, segundo Feldmann (2009) a mulher ainda enfrenta tabus, preconceitos e ocupa um papel de desvalorização na sociedade e esse fato não é recente. E isso ocorre não só no jornalismo, mas em todas as áreas. Há um machismo estrutural que perpetua até mesmo na atualidade e mesmo quando mulheres têm a possibilidade de ocuparem cargos de destaque ainda enfrentam dificuldade para terem visibilidade até mesmo na empresa em que trabalham.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**. 2001.
- COUTINHO, Vinícius da Silva. Os Impactos da pandemia no radiojornalismo da Cidade Modelo FM. In: SOUSA, Evandro Alberto de; BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. (Org). **Radiojornalismo e Pandemia no Sertão Central do Piauí**. Teresina: EdUESPI, 2021. Disponível em: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/view/53/46/284-1>, em 03 de ago. de 2022.
- DIETMANN, Sofia; CHAVES, Leslie Sedrez. As Recatadas: as mulheres enquanto pauta e protagonistas no rádio. In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL. [...] **Anais** – Cascavel - PR – 31/05 a 02/06/2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1331-1.pdf>. Acesso em: 03 de ago. de 2022.
- FELDMANN, Ana Flávia. Mulheres no Universo Midiático: meios de comunicação e equidade de gênero. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. [...] **Anais** - Curitiba, Paraná. 2009.
- FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação**. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495550200003.pdf>. Acesso em 04 de ago. de 2022.
- GIL, Carlos Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MOURA, Luana de Sousa Rodrigues. Grande Picos FM e o fazer radiojornalismo no sertão central piauiense durante a pandemia da covid-19. In: SOUSA, Evandro Alberto de;

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. (Org). **Radiojornalismo e Pandemia no Sertão Central do Piauí**. Teresina: EdUESPI, 2021. Disponível em: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/view/53/46/284-1>, em 03 de ago. de 2022.

REDE BRASIL ATUAL. **Pesquisa mostra que um em cada quatro brasileiros está fora da internet**. 2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/planeta-azul/2021/06/exclusao-digital-pesquisa/>. Acesso em: 04 de ago. de 2022.

SILVA, Luana Beatriz da. WEIGELT, Diego. A Mulher no Radiojornalismo Gaúcho: Uma Análise das Rádios Bandeirantes, Gaúcha e Guaíba. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. [...] **Anais** – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018.

Glamourização e Banalização da Violência: estudo de caso sobre o massacre de Suzano e assassinato de Marielle Franco¹

Ana Vanessa Torres BARROS²
Kawhê Dheckmann Fontes GONZAGA³
Lara Paula Pinto LOPES⁴
Lorraine Nascimento de OLIVEIRA⁵
Lana Krisna de Carvalho MORAIS⁶
Universidade Estadual do Piauí, Picos

Resumo

Este artigo analisa a *glamourização* e banalização da violência a partir de um estudo de caso sobre o massacre de Suzano, ocorrido em 2019, e o assassinato da vereadora Marielle Franco em 2018, tem como objetivo geral uma análise sobre como é veiculada a banalização e glamurização da violência nas mídias de informação e específicos compreender o processo de glamourização do massacre de Suzano, identificar a partir do assassinato de Marielle Franco a banalização da violência e também problematizar acerca do papel que a imprensa exerce durante a notificação dos casos de violência. Os problemas que nortearam a pesquisa foram a percepção de crimes que foram divulgados de forma que as barbáries se tornassem normais ao olhar da sociedade, que se justifica por a crescente onda de crimes parecidos com os citados no trabalho. Para tanto, fizemos uso dos métodos de análise de conteúdo e comparação de reportagem. E como resultados, foi possível identificar que o jornalismo ainda necessita aprender como noticiar com mais humanidade e com o foco voltado para o impacto que isso causa e não apenas no sangue que é tão explorado nas matérias.

Palavras-chave: Marielle Franco; Assassinato; Massacre de Suzano; *glamour*; Violência.

INTRODUÇÃO

¹ Trabalho apresentado no GT 1 – Estudos de Jornalismo, da 5ª Semana de Comunicação Social da UESPI de Picos

² Estudante do 3º período do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e-mail: anavanessatb@aluno.uespi.br.

³ Estudante do 3º período do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e-mail: kdfontesg@aluno.uespi.br.

⁴ Estudante do 3º período do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e-mail: larappintol@aluno.uespi.br

⁵ Estudante do 3º período do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e-mail: lorrainendeoliveira@aluno.uespi.br.

⁶ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), email: lanakrisna@pcs.uespi.br

Em primeira análise, no âmbito no qual os meios digitais de comunicação e informação têm evoluído, as maneiras de checagem e propagação de dados também avançam nesse sentido, a ponto de desmistificar paradigmas criados pelos grandes conglomerados de imprensa que mais se assemelham a uma espécie de capitania hereditária tendo em vista a ausência de regulamentação da mídia tal qual a ausência da reforma agrária. Segundo os registros históricos, o nascimento da imprensa brasileira teria ocorrido com a chegada da família real e o maquinário de tipografia. Por conseguinte, a imprensa seguiria seu curso saindo do monopólio imperialista e chegando às mãos de Assis Chateaubriand, que incontestavelmente marcaria esse processo com contribuições positivas e negativas. Chateaubriand andou para que Cerqueira Junior pudesse correr.

O que hoje se entende como conteúdo sensível, há pouquíssimo tempo era somente pauta quente e/ou entretenimento. A banalização do horror não é nenhuma novidade para às sociedades ocidentais, e a materialização desse espectro é o Coliseu, que durante muito tempo serviu violência e horror como entretenimento para sociedade considerada civilizada e mais evoluída com heranças de saberes que ainda norteiam até mesmo a atual conjuntura da sociedade brasileira em termos de civilidade, moral, ética, organização, justiça, cultura, arte, educação e etiqueta. Portanto, mesmo a Roma Antiga e exemplar, programas e veículos jornalísticos que exploram o horror e o sensacionalismo teriam relevância à sua maneira com o público.

Ademais, a desinformação e a violência propagada nos veículos de informação ao longo dos séculos sempre afrontaram e fazem vítimas, e antes que pudesse manifestar indignação ou repúdio quanto a campanha desleal e cruel após o assassinato de Marielle Franco em 2018, com certeza a avalanche de "fake news" que incitava julgamentos públicos banhados de racismo estrutural seria a continuidade da violência que encerrou a vida de Marielle e em seguida sua imagem e reputação. Em suma, os meios digitais de se fazer jornalismo permite que se acesse informações de qualquer lugar, a qualquer hora e numa demanda imediatista nunca antes vista, criando assim uma brecha de probabilidade maior de erro ao repassar informações. Muito rápido se compartilha, pouquíssimo se lê, menos ainda se verifica e muito mais pessoas se alcançam.

Outro exemplo desse glamour que a internet promove nos casos bárbaros, é o massacre de Suzano, em março de 2019. Na internet existe uma área muito camuflada e

pouco conhecida, a *Deep web*. Este termo consiste no nome dado para uma zona da internet que não pode ser detectada facilmente pelos tradicionais motores de busca, garantindo privacidade e anonimato para os seus navegantes. E é justamente toda essa garantia de privacidade e anonimato que a torna tão perigosa. Guilherme Tauci de Monteiro e Luiz Henrique Castro, autores do massacre na Escola Estadual Raul Brasil (Suzano-SP), faziam parte de uma comunidade nesta parte profunda da internet, e lá tiveram inspirações para cometer o crime. Além disso, esta comunidade já tinha um "endeusamento" de outro responsável por massacre em escolas, Wellington Menezes de Oliveira, responsável pelo massacre no Realengo, na Escola Municipal Tasso da Silveira, em 2011. Já este último, teve como inspiração o massacre de Columbine, em 1999, nos Estados Unidos. A violência acontece nos mais diversos âmbitos, sendo um fenômeno do social, os espaços escolares tornam-se locais de reflexos do social que acontece além dos muros que delimitam as instituições de ensino (SILVA, GARZEDIN, BONILLA, 2021).

No caso do massacre de Suzano, os autores dos crimes já tinham postado previamente suas vontades e planos nas redes sociais - fossem abertas ou privadas ao público - especialmente em grupos restritos na parte da *dark e deep web*. Assim como também já consumiam conteúdos ligados a antigos acontecimentos e glamourizando figuras que disseminavam ódio na internet, reforçando a ideia de racismo, misoginia, homofobia, xenofobia, além de conteúdos de cunho nazista, autoritário, se opondo à democracia. Todos os autores compartilhavam ideias de mundo semelhantes, todas baseadas no ódio e ideologias de superioridade. Estas comunidades são conhecidas como *Chans*, e para se comunicarem os usuários utilizam linguagens próprias, são conhecidos como *chaneros*, e consideram a sua vida um fracasso. No entanto, essas "falhas" em suas vidas estão relacionadas às suas vidas acadêmicas ou profissionais, e não em relações interpessoais.

O presente trabalho usa abordagem qualitativa, o método análise de conteúdo e comparação de reportagens acerca do assassinato da vereadora Marielle Franco em 2018 e do massacre de Suzano (SP), em 2019. Para a análise do caso de assassinato foi utilizado dois portais que noticiaram na época, sendo eles o portal G1 e o Folha de S. Paulo- Piauí, as matérias foram publicadas nos dias 14 e 15 de março de 2018, ano que aconteceu o assassinato de Marielle Franco. Na análise do massacre na Escola Raul Brasil, em Suzano, foram escolhidas 2 reportagens, também do portal G1 e Folha de São Paulo, uma publicada

dia 14/03/2019, um dia após o massacre e a outra publicada no dia do massacre, 13/03/2019 e atualizada no dia seguinte.

Esse artigo tem como objetivo geral analisar sobre como é veículado a banalização e glamurização da violência nas mídias de informação, objetivos e específicos de compreender o processo de glamourização do massacre de Suzano, identificar a partir do assassinato de Marielle Franco a banalização da violência e também problematizar acerca do papel que a imprensa exerce durante a noticição dos casos de violência. O problema que norteia a pesquisa é compreender como a percepção de crimes que foram divulgados de forma que as barbáries se tornaram normais ao olhar da sociedade?, que se justifica por a crescente onda de crimes parecidos com os que irão ser citados no trabalho.

1. BANALIZAÇÃO E VIOLÊNCIA

Segundo o dicionário digital “Significadode.com”, Banalização é substantivo feminino de ação ou efeito de banalizar, de tornar comum, trivial. Destrinchar o conceito de banalização é com certeza o primeiro passo para compreender como se dá o processo de banalização, e mais precisamente qual o efeito deste na sociedade vigente. Para a população negra e periférica brasileira, conviver com a violência é algo corriqueiro, e sem políticas públicas voltadas a saúde mental da população a única maneira viável de lidar com a barbárie urbana é banalizada, de tal forma que não cause mais desconforto e tornando-a o mais natural possível e/ou parte original daquele cenário. Uma tática desesperada de sobrevivência. Uma pesquisa divulgada pelo Ministério da Saúde (2019) ressalta que jovens negros têm 45% a mais de risco de desenvolver depressão em relação a jovens brancos, sendo resultado do acúmulo de estresse ao viver no descaso governamental e da exposição cotidiana a violência acometida pela dívida histórica. Muito embora a população contribua com a manutenção da estrutura midiática mercenária que banaliza a violência, a população também se submete a isso como uma maneira de “abrandar” o que não se pode mudar.

Entretanto, o que se perde no meio do caminho é a capacidade de se indignar, de se revoltar e de se procurar meios reais de mudança. Tendo tanto esforço para naturalizar o violento, a realidade cruel passa a não espantar mais, porém, o problema se materializa mesmo quando essa se torna um produto de consumo voltado a entretenimento, que por sua vez completamente banal e apático de aspecto empático.

Assim, surgem as “fake news” às campanhas de ódio e desinformação, capazes de destruir e arruinar reputações, vidas e memórias já que mais nenhum acontecimento noticiado é capaz de “abalar” espectador.

2. GLAMOURIZAÇÃO E VIOLÊNCIA, UM PROBLEMA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E DA SOCIEDADE

Ação ou efeito de glamourizar, de tornar algo encantador, glamuroso (glamourização de uma obra; glamourização da tragédia), (AULETE DIGITAL, online). O ato de dar glamour para algo é uma problemática dentro do jornalismo, vemos como algum crime pode se tornar uma grande novela, exemplo que podemos citar é o Eloá que teve tamanha repercussão, levando até mesmo programas de entretenimento interferiram em todo o contexto do crime. Holofotes virados para tudo aquilo, sem trazer discussões construtivas para a população, trazendo pouca informação e muita polêmica.

Essa romantização excessiva pode danificar o processo informacional, levando o telespectador ou leitor a ter uma visão de ficção dentro da informação, esquecendo o básico do jornalismo, o noticiar e gerar opinião, se faz necessário problematizar ainda mais sobre esse holofote colocado na violência, no bullying e em outras problemática.

2.1 Como foi noticiado o caso de assassinato Marielle Franco?

Marielle Franco foi assassinada no dia 14/03/2018, no bairro do Estácio, na região Central do Rio de Janeiro, ela voltava do evento "Jovens Negras Movendo as Estruturas", na Lapa. Sua morte foi um grande impacto para sociedade fluminense e também para muitos brasileiros, ela era um símbolo social, político e de militância. A seguir iremos analisar duas reportagens feitas no dia do seu assassinato e um dia após, mostrando como o jornalismo se portou diante desse fato.

Iniciamos com o portal G1, vinculado com a Rede Globo, a reportagem tem o seguinte título: “Vereadora do PSOL, Marielle Franco é morta a tiros na Região Central do Rio” (Portal G1, 2018). Em primeiro plano vemos em destaque o cargo político e o partido da vítima, trazendo um tom sensacionalista para a reportagem, pois apela para o direcionamento do partido que se

declara de esquerda, que tem como pauta a luta pelos mais pobres, que claramente incomoda o alto escalão da política e já dando indicativos que a morte poderia estar associada ao posicionamento político da vereadora assassinada.

Juntamente com o apelo do partido, vem o posto político que Marielle ocupava e somente depois que o nome dela foi citado, a estrutura do título se dá no que é mais “importante”, já que a intenção do título é aguçar a curiosidade daquele que está do outro lado da tela. Logo após, temos o subtítulo com informações suplementares, com a linha de investigação e o local onde ocorreu o crime, desde o título temos a visão de que a reportagem irá focar na parte policial do caso, deixando para segundo plano tudo que o Marielle fez, o papel dela dentro do Rio de Janeiro.

A reportagem é estruturada em quatro blocos informativos, o de maior destaque é o policial, os outros blocos trazem uma das últimas postagens de Marielle, que era se manifestando sobre a morte de um jovem morto pela PM do Rio de Janeiro, no próximo bloco trouxe a fala de pessoas públicas que lamentaram a morte de Marielle e somente no último bloco traz a trajetória de Marielle.

Evidencia-se que as informações foram organizadas de acordo com a curiosidade ou importância dada pelo público, os atraindo pelo crime para no fim, trazer a pessoa que foi assassinada, como se fosse mais um crime ocorrido na cidade do Rio de Janeiro. A notícia foi estruturada por meio da pirâmide invertida que foi utilizada como estratégia de transmissão de informação durante a Segunda Guerra Mundial, o que era tido como mais importante era repassado, hoje essa reportagem mostra que a pirâmide é organizada não somente por grau de importância, mas também por grau de profundidade.

A segunda reportagem que iremos analisar é a do portal Folha de S.Paulo (Revista Piauí), a primeira impressão que temos do texto é a valorização da pessoa de Marielle, esquecendo um pouco do seu cargo e focando no seu posto de militante “A vida e a morte de uma voz inconformada”. O texto apresentado não é uma escrita para a editoria policial como é observado no primeiro texto, a escrita do repórter traz um toque humano para a morte de Marielle, ele descreve o que aconteceu com riquezas de detalhes, conectando o leitor aquele momento tão triste que o país passava.

Os bares de Copacabana e da Zona Sul do Rio de Janeiro estavam lotados de torcedores que acompanhavam, pela tevê, a virada do Flamengo sobre o Emelec na Taça Libertadores. Também nas redes sociais o time carioca provava-se popular liderando o Twitter Trends Brasil na noite de quarta-feira. Em meio aos milhares de tuítes sobre os jogadores que decidiram a partida, um nome que nada tinha a ver com o jogo começou a subir no ranking de assuntos do momento: Marielle Franco. Aos poucos, o drama futebolístico dava lugar a uma tragédia emblemática. (FOLHA DE S. PAULO-REVISTA PIAUÍ, 2018, online).

Ao repórter dar detalhes do que acontecia, ele mostrou uma visão diferente para os leitores, outros portais como o G1 focaram na investigação, o que a polícia falava naquele momento, pouco se atentando a pessoa que tinha morria, essa figura tão emblemática da política carioca e brasileira. Ao trazer esse toque literário para o noticiário de uma morte, mostra como uma morte impacta, porém não é necessário mostrar somente o que as fontes oficiais falam, em muitos casos a imprensa fica presa a ouvir fontes, esquecendo que podemos trazer informações contando os detalhes, mostrando o que os olhos desatentos não viram.

Por volta das 21h30, enquanto o Flamengo entrava em campo no Equador, o Chevrolet Agile quatro portas branco em que Marielle estava foi alcançado por outro veículo na esquina das ruas Joaquim Palhares e João Paulo I, no bairro do Estácio, perto do Centro da cidade. Foram pelo menos nove disparos. Oito projéteis atravessaram o vidro da porta traseira direita, bem no local onde Marielle estava sentada. O nono perfurou a lataria. Quatro atingiram a cabeça da vereadora. Marielle morreu aos 38 anos. Faria 39 em julho. (FOLHA DE S. PAULO- REVISTA PIAUÍ, 2018,online).

A reportagem foi configurada com 11 (onze) blocos informativos, onde cada um deles trouxe detalhes, como se o repórter fosse contando uma história e não apenas relatando mais um crime que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro.

No meio de tantas notícias horríveis como essa, o jornalismo literário se torna uma homenagem para a Marielle que tanto lutou e buscou os direitos dos mais pobres, das mulheres, da comunidade LGBTQIA+, dos negros e de tantos outros grupos que ela lutava,

Marielle foi importante para toda a política brasileira se tornando exemplo de como se deve governar para o povo.

Em suma, as duas reportagens trouxeram visões diferentes do mesmo fato, o G1 focou na investigação como um todo, os fatos ainda sendo averiguados, levando o público a ficar sedento pelas informações, porém deixando para contar a trajetória de Marielle no fim da reportagem, organizando a informação do que era considerado como mais importante até o que gerasse menor interesse pelo público, levando consigo um estigma, o público quer ver o sangue para depois saber quem é o dono do sangue, o noticiário sangrento com o qual o público está acostumado, graças aos programas sensacionalistas da televisão, é transmitido para o jornalismo da web.

A visão trazida pelo portal Folha de S. Paulo (Revista Piauí) traz a humanidade de Marielle à tona, esquecendo que ela é uma política e a tratando como mulher, ativista, negra, contextualizando todo o momento vivido, levando o leitor até o local, trazendo o sentimento de dor e também de proximidade, colocando elementos do cotidiano como a descrição do jogo do Flamengo, algo nacional que estava acontecendo, essa relação do cotidiano e da riqueza de detalhes transforma visão do leitor acerca desse evento.

2.2 Contextualização do massacre de Suzano

O massacre de Suzano ocorreu no dia 13/03/2019 na Escola Estadual Raul Brasil. Os autores foram os ex-alunos Guilherme Tauci de Monteiro e Luiz Henrique de Castro, o primeiro era um adolescente de 17 anos, e o segundo era um homem de 25 anos. O massacre foi planejado com antecedência, e conforme o plano, a primeira ação foi uma divulgação de várias fotos com gestos obscenos, revólver, e uma máscara de caveira no perfil da rede social Facebook de Guilherme e nos grupos de ódio dos quais fazia parte. Após isso, o segundo ato foi o assassinato do tio do próprio Guilherme, Jorge Antonio de Moraes.

Então, por volta das 9h43 da manhã, ambos os assassinos chegam à Escola Raul Brasil, em um carro alugado cerca de 20 dias antes do massacre, passam pelo portão e atiram na coordenadora pedagógica e em outra funcionária. Além disso, por serem ex-alunos, ambos conheciam bem os horários de funcionamento, com isso, partem para o pátio, pois o momento em que chegaram era o horário do intervalo. Continuam o tiroteio onde disparam em mais quatro alunos e vão em direção ao centro de línguas do colégio, onde estavam escondidos outros alunos. Nesse momento, chegaram dois policiais, que estavam indo em

direção à loja de automóveis onde o tio de Guilherme trabalhava e foi assassinado, e que foram chamados por aqueles que conseguiram escapar. Assim, Guilherme acaba atirando e matando o seu parceiro e, logo após, se suicida.

Guilherme e Luiz Henrique possuíam vários tipos de armas, tais como um revólver calibre 38 e um carregador rápido, coquetel molotov, besta (espécie de espécie de arco e flecha em formato horizontal com disparo por gatilho), arco e flecha, além de um machado e uma mala com fios. Por fim, foram oito pessoas assassinadas no total, além do tio de Guilherme, foram cinco alunos, a coordenadora pedagógica e a inspetora. Graças aos esforços de vários funcionários, a chegada dos policiais, e ajuda dos vizinhos que esconderam alguns alunos, o massacre não teve mais vítimas.

O que sucedeu após o massacre foi uma enxurrada de notícias sobre o acontecimento nos mais diversos meios e portais de comunicação, desde o rádio até o imediatismo da internet. Por dias seguidos novas matérias surgiam e com elas as especulações do que teria levado Guilherme e Luis Henrique a cometer tamanhas atrocidades.

Por meio de investigações da polícia, foi descoberto que Guilherme Taucci participava de um *chan*, traduzindo de forma para melhor entendimento: fórum digital, na *deep web* onde os seus participantes demonstraram total apoio e idolatria a autores de massacres, destilavam racismo, xenofobia, ódio às mulheres, professores, figuras de autoridade e a todos que fossem contra suas ideologias.

Moysés Pinto Neto (2019), sobre o massacre de Suzano, afirma que “as redes que o atentado mobiliza atravessam países e utilizam a *Internet* como ponto de encontro entre seus adeptos e inspiradores”. Isso nos faz pensar sobre o tipo de conteúdo produzido e repercutido no meio digital. Após o massacre, vários participantes dos *chans* comemoravam o acontecimento e tratavam os assassinos como “heróis”. Pelo ano que se seguiu, reportagens abordavam o acontecimento e a cada vez que se falava, os assassinos ganhavam ainda mais espaço na internet.

2.3 Análise e abordagens de matérias do G1 e da Folha de São Paulo sobre o massacre de Suzano

No dia 14/03/2019, um dia após o massacre, o site de notícias do G1 publicou uma matéria sobre os *chans* da *deep web*. A matéria se intitulava "MP de SP apura se organização criminosa na 'deep web' incitou assassinos a cometerem massacre em Suzano", e começa noticiando que o Ministério Público de São Paulo estava apurando se uma organização criminosa localizada neste espaço da internet tinha alguma participação no massacre. Logo após, a matéria apresenta tópicos sobre a *deep web*, crimes cibernéticos, sobre o *chan*, ou fórum e etc. No entanto, a matéria é feita de forma superficializada quando se fala sobre esses temas, não apresentando muitos dados, opiniões de especialistas, ou consequências.

Inicialmente, a matéria aborda como primeiro tópico a "*deep web*", onde apenas é relatado onde ocorreram esses crimes cibernéticos, além de informar sobre uma postagem de um dos assassinos agradecendo pelos conselhos, e um caderno com algumas anotações que foi encontrado dentro do carro alugado pelos assassinos. Podendo notar uma escassez muito grande de detalhes e informações, como por exemplo, o que seria essa *deep web*, pois um leitor mais leigo não sabe exatamente do que se trata esse tema.

Ao longo da matéria, outro tema discutido foi justamente sobre esses "fóruns". E assim como foi no primeiro caso, mais uma vez se repete um texto bem superficial, apontando apenas o nome do Marcello Valle Silveira Mello, um dos criadores do fórum, que estava preso. No entanto, nem aparentam o nome desse fórum, quais ações eram praticadas por lá, ou então como funcionam esses locais, e até mesmo de como são perigosos e as consequências que eles já proporcionaram para a sociedade.

De forma geral, esta matéria do G1 se torna bem básica, técnica e rasa em relação ao apontamento de informações que pudessem conduzir o leitor para uma melhor compreensão acerca do tema em questão.

Ao contrário da reportagem do G1, a matéria postada dia 13/03/2019 e atualizada em 14/03/2019, no site da Folha de São Paulo com título "Ex-alunos matam oito pessoas em ataque a escola em Suzano" é mais elaborada e traz visões de pessoas que presenciaram o acontecimento e não se prende apenas a fontes oficiais.

Escrita por Thaiza Pauluze, Dhiego Maia, Artur Rodrigues, Alfredo Henrique, Marina Estarque, Rogério Pagnan, Angela Pinho e Leonardo Zvarick, a reportagem fez um compilado do acontecimento, detalhando mais profundamente algumas cenas do massacre

de acordo com imagens da câmera de segurança da escola. Tem diversos parágrafos e é dividida em subtítulos que guiam o leitor durante a leitura do material.

Inicialmente, como vários outros veículos fizeram, contextualizam o massacre, desde o momento em que os assassinos mataram o de um dos envolvidos até a chegada à escola e o desespero dos alunos, professores e outros funcionários da escola quando perceberam o que estava acontecendo. Entre os diferenciais trazidos pela matéria está a divulgação dos nomes das vítimas, pontos de vista de outras pessoas que estavam no local ou próximo na hora do acontecimento e faz ainda um lembrete que o massacre ocorreu em um momento onde muito se era discutido sobre o porte de armas no Brasil, discurso fortemente defendido e ampliado pelo o presidente Jair Bolsonaro.

A primeira fonte não oficial escutada pelo jornal foi um morador vizinho da escola. Juliano Simões de Santana relata que escutou barulho de tiros e tumulto, então foi verificar o que estava acontecendo e se deparou com professores, alunos e funcionários, todos correndo para fora da escola. Outra fonte entrevistada foi a advogada Juliana Romera que morava numa casa nos fundos da escola. Ela relatou também ter escutado barulho de tiros e ao abrir o portão de casa, se deparou com alguns estudantes que haviam pulado o muro da instituição para fugir do atentado. Além dessas testemunhas, a Folha de São Paulo conversou com um dos professores da escola. Paulo da Silva conseguiu salvar alunos ao se trancar em uma das salas da escola com eles e colocar um armário na porta para impedir a entrada dos assassinos no espaço.

A matéria segue contando mais sobre o massacre, a versão da polícia sobre o acontecimento onde um policial que acompanhava o caso afirmou que os atiradores estavam planejando o massacre há um ano e meio. Ademais, traz falas do então comandante-geral da polícia militar, Marcelo Vieira Salles. Entretanto, algo que se repete em ambas matérias analisadas e em outras matérias é a constante repetição e exposição dos nomes e fotos dos assassinos e das imagens das câmeras de segurança da escola.

Segundo Debord (1997, p. 30) “a economia transforma o mundo, mas o transforma apenas em mundo da economia”, e de fato, vários veículos de comunicação ganham dinheiro e fama a partir da *glamourização* da violência com a repetitividade de informações sobre determinado caso. O massacre de Suzano foi mais uma das tragédias onde, infelizmente, a grande mídia contribuiu com discursos rasos sobre violência e ganhou dinheiro a cada

matéria divulgada, mas ao visibilizar apenas lucros, é perdido outra parte importante da divulgação em cadeia de um acontecimento, no caso do massacre de Suzano, apesar da reportagem ter sido atualizada um dia após o atentado, o Jornal Folha de São Paulo deixou de abordar a importante discussão do papel desenvolvido pela *deep web* no atentado.

A incessante repetição e divulgação dos nomes dos assassinos, suas imagens pessoais e do massacre na mídia e nas redes sociais, estimulou ainda mais o reconhecimento dos atiradores e a alegria nos *chans* (fóruns digitais da *deep web*) onde eles eram reconhecidos como heróis, de acordo com Brum e Silva (2021) a popularização desses atentados serve como combustível que alimenta os participantes e simpatizantes dos *chans*, podendo até mesmo incentivar novos ataques.

Desse modo, faz-se necessário refletir qual papel a mídia de fato exerce ao noticiar acontecimentos que necessitam de discussões profundas e qual real enfoque das matérias. Foi um atentado cruel, vitimou entes queridos e estudantes que poderiam contribuir com a mudança do Brasil para melhor, então, por que divulgar tanto as fotos dos assassinos e as imagens das câmeras de segurança da escola? Por que dar mais palco a dois jovens que não mereciam tamanho estrelato? E quanto às vítimas? Onde estão as discussões sobre o porte de armas e os perigos da *deep web*? Infelizmente, tragédias dão lucro e a barbárie é constantemente exaltada.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grandes acontecimentos banais como assassinatos de pessoas com alta visibilidade e massacres, por exemplo, estão sempre na mídia, desde novos casos até lembranças e menções dos que já passaram. Tornou-se normal, mediante casos notórios, esperar por imagens, vídeos e diversas reportagens sobre o que aconteceu, os culpados, vítimas e motivações.

No caso do assassinato de Marielle, pudemos observar que o assassinato dela foi tratado como algo relativo, normal na sociedade carioca, onde a violência é do cotidiano. O jornalismo do G1 pecou em fortalecer ainda mais essa visão, trazendo a notícia do assassinato como mais um crime, porém o contrário acontece com o Folha de S. Paulo, mostrado com uma visão humana de quem era Marielle Franco, não apenas uma das

vereadoras mais votadas do Rio de Janeiro, como no G1 afirmava inúmeras vezes, mas trazendo a mulher, a pessoa em si e não um cargo, ou apenas mais um assassinato.

No caso do massacre de Suzano, vimos que a mídia trata a violência escolar como um problema somente daquele espaço, sem levar em consideração as histórias de vida dos estudantes ou até mesmo que a violência é um problema geral, levado às escolas pelos alunos (SILVA, GARZEDIN, BONILLA, 2021). A matéria do portal G1 é um exemplo de que, atualmente, a superficialidade do discurso ainda está muito presente nos principais veículos de informação do país.

Em contraposição, a Folha de São Paulo soube trabalhar um pouco mais sua matéria, entretanto é necessário percorrer um longo caminho até chegar em uma reportagem onde os discursos importantes estejam dentro das matérias cotidianas e de grandes acontecimentos. É possível ver, por fim, que muitas vezes casos notórios transformam-se em capítulos de novela divulgados diariamente nos veículos de comunicação, “sensacionalizando” o ocorrido, banalizando e tornando normal massacre e assassinatos. Na mídia brasileira, a competitividade, a busca por números maiores de espectadores, leitores e consumidores reduz drasticamente o valor social que a noticição de algo que impacta a sociedade torne-se uma discussão importante e salve vidas.

Os resultados das análises e comparações feitas trouxeram às claras que o jornalismo da época e também do presente momento necessita ter atenção sobre a maneira como veicula tragédias, assassinatos, massacres e outros eventos que impactam a sociedade de tal modo que possa impulsionar o alavancamento de novos eventos como esses. Como dito anteriormente em nossa pesquisa trouxemos a problematização da forma de veiculação trazia pelos meios de comunicação para episódios como os citados, uma forma eficaz para se solucionar essa problemática que foi debatida é uma formação mais ampla para o jornalista, também deve ser revisto como a sociedade consome a notícia, sempre sendo imediatista e alimentando mais a sede de sangue, de notícias sangrentas, no qual a mídia se vê necessitada em veicular. Também devemos tomar de exemplo a matéria que humaniza a pessoa, que traz a informação de forma próxima para o leitor, uma forma assim de mostrar que jornalismo não é vampiro que procura sangue incessantemente, mas um ser humano que almeja levar a informação para outros seres humanos que necessitam se comunicar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANALIZAÇÃO. in **Dicionário Online Significado de**. Disponível em: <<https://significadode.com.br/significado-de-banalizacao/#:~:text=Qual%20%C3%A9%20o%20significado%20de%20banaliza%C3%A7%C3%A3o%3F%20substantivo%20feminino>>. Acesso em: 25 nov. 2022.
- BRUM, A.; SILVA, R. L. **O massacre de Suzano e a (in)atuação dos atores da proteção integral à luz da liquidez social e suspensão da ética**. *Disciplinarum Scientia*, Santa Maria, n.1, p. 41-59, maio 2021. Disponível em:<[O Massacre de Suzano e a \(in\)atuação dos atores da proteção integral à luz da liquidez social e suspensão da ética | Brum | Disciplinarum Scientia | Sociais Aplicadas \(ufn.edu.br\)](https://www.ufrgs.br/disciplinarum-scientia/article/view/13790)> . Acesso em: 16 nov. 2022.
- CRONOLOGIA: massacre em Suzano. **G1**, 13 mar. 2019. Disponível em:<<https://g1.globo.com/google/amp/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/cronologia-massacre-em-suzano.ghtml>>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GLAMOURIZAÇÃO. In **Dicionário Caldas Aulete**. Rio de Janeiro, Lexikon Editora “s.d” - Significado de glamourização. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/glamuriza%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- NETO, Moysés Pinto. **Suzano: a educação na mira dos massacres lumpenradicais**. *Dialogia*, São Paulo, n. 33, p. 178-191, set./dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13790>>. Acesso em 23 nov. 2022.
- PAULUZE, T. *et al.* Ex-alunos matam oito pessoas em ataque a escola em Suzano. **Folha de S. Paulo**, 13 mar. 2019. Disponível em:<[Ex-alunos matam oito pessoas em ataque a escola em Suzano - 13/03/2019 - Cotidiano - Folha \(uol.com.br\)](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/2019/03/13/ex-alunos-matam-oito-pessoas-em-ataque-a-escola-em-suzano-13/03/2019-cotidiano-folha-uol.com.br)>. Acesso em: 06 dec. 2022.
- SANTOS SILVA, L. B.; GARZEDIN, E.; BONILLA, M. H. **Violência e escola: os fios narrativos que conduziram o noticiário do massacre em Suzano**. *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia*, Sorocaba, SP, v. 9, n. 22, p. 80–102, dez. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/4874>> . Acesso em: 23 nov. 2022.
- TOLEDO, José Roberto. **A vida e a morte de uma voz inconformada**. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/vida-e-morte-de-uma-voz-inconformada/>>. Acesso em: 24 nov. 2022.
- TOMAZ, Kleber.; LAVADO, Thiago.; ROHR, Altieres. **MP de SP apura se organização criminosa na ‘deep web’ incitou assassinos a cometerem massacre em Suzano**. **G1**, 14 mar. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/03/14/mp-de->

sp-apura-se-organizacao-criminosa-na-deep-web-icitou-assassinos-a-cometerem-massacre-em-suzano.ghtml> . Acesso em: 23 nov. 2022.

GT 02

Pesquisas Interdisciplinares no Sertão Piauiense

Da indústria da seca à xenofobia contra a região nordeste nas eleições presidenciais de 2022: as narrativas midiáticas e a construção de estereótipos pelo olhar do O Estado do Piauí

Vinícius da Silva COUTINHO

Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, Picos, Piauí

RESUMO

A presente pesquisa busca discutir sobre os fatores que levam a região nordestina a ser enquadrada a partir de estereótipos negativos. Assim, o estudo objetiva compreender a relação da mídia com os ataques xenofóbicos e discursos de ódio contra nordestinos nas eleições gerais de 2022. O estudo se dá a partir de pesquisas bibliográficas, com a discussão de conceitos sobre a temática, e pesquisa qualitativa utilizando reportagens do veículo O Estado do Piauí. Na pesquisa, discute-se sobre a indústria da seca, construção do nordeste pelo viés estereotipado e, ainda, sobre a intensificação dos ataques aos nordestinos nos períodos eleitorais. Diante da pesquisa, compreendemos que o jornalismo tem grande responsabilidade ao narrar os fatos, ditar o que vai ser memorizado pelo público e fixado no imaginário simbólico a partir de como as narrativas são construídas. Portanto, é essencial que os enquadramentos sejam voltados para romper com os estereótipos construídos, durante a história, sobre a região nordeste que não condizem com a realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Xenofobia; Discursos de ódio; Mídias; Nordeste; Eleições 2022.

DISCUSSÕES INICIAIS

Ao longo dos anos, a partir das diversas mídias, signos sobre a região Nordeste foram construídos e sedimentados no imaginário coletivo. A pobreza, a seca e a violência são exemplos de características que foram fixadas historicamente na memória sobre o Nordeste, seja através da literatura, dos produtos audiovisuais e, até mesmo, das narrativas jornalísticas, sendo difundidas historicamente e contribuindo para construção de estereótipos sobre esta região.

Silva (2016, p. 01) revela que “o imaginário pode ser percebido e abordado de diversas formas, a depender das escolhas dos produtores da película, já que se trata de uma

obra coletiva (...) e, também, a partir do imaginário do público que recepiona aquela obra”. Portanto, esta pesquisa tem a preocupação de entender como as produções midiáticas têm contribuído, ao longo da história, para construir as imagens sobre a região nordeste, que ficaram cristalizadas no imaginário simbólico nacional.

Com o discurso de combate à estiagem, com o passar do tempo, o termo “indústria da seca” foi institucionalizado e, segundo Santos (2020), caracteriza-se pela quantidade de recursos financeiros a serem aplicados em benefício da população, que fomentou a criação de instâncias governamentais para que os problemas sociais da região fossem sanados, como bancos públicos e órgãos governamentais. Por isso, é de grande relevância entender como este cenário é abordado nas narrativas midiáticas.

Assim, o estudo busca refletir sobre o papel da mídia no que diz respeito às políticas públicas para o semiárido, conhecendo as relações de poder e os discursos hegemônicos presentes quando retratam a região nordeste, principalmente, no que se refere à indústria da seca e seus impactos na contemporaneidade. Tendo em vista uma série de ataques xenofóbicos direcionados à região nordeste nas eleições presidenciais de 2022, no Brasil. Após o resultado do primeiro turno das eleições, segundo Camilla Freitas (2022), “nas redes sociais, eleitores de Bolsonaro criticavam a vitória de Lula na região associando o Nordeste à pobreza, e algumas postagens no *Twitter* desejavam a fome aos eleitores de Lula”.

Ainda segundo Freitas (2022), a central da organização não-governamental de proteção dos Direitos Humanos Safernet Brasil recebeu 348 registros de denúncias de xenofobia no dia após o primeiro turno das eleições. Dessa maneira, busca-se verificar com esta pesquisa como se deu cobertura noticiosa da imprensa sobre os discursos xenofóbicos e de ódio direcionados aos nordestinos.

Diante disso, a pesquisa tem como questionamentos: De onde vem os estereótipos negativos construídos e sedimentados no imaginário simbólico sobre a região nordeste? Por que os discursos preconceituosos contra a região nordeste se intensificam nos períodos de eleitorais? Qual o papel da mídia no combate aos discursos de ódio contra os nordestinos?

Assim, o estudo tem como objetivo geral compreender a relação da mídia com os ataques xenofóbicos e discursos de ódio contra nordestinos nas eleições gerais de 2022. Já os objetivos específicos são: problematizar sobre a origem dos discursos negativos que foram construídos sobre a região nordeste; entender a relação da mídia com a construção simbólica sobre o nordeste e discutir sobre a cobertura midiática da xenofobia sofrida pelos nordestinos a partir de reportagens do veículo O Estado do Piauí.

A presente pesquisa se justifica pela preocupação em entender os fatores que levam a região nordestina, principalmente, em seus territórios semiáridos, a ser enquadrada a partir de estereótipos negativos, sofrendo xenofobia e discursos de ódio constantemente. Como jornalista, é essencial verificar como a mídia tem realizado as coberturas sobre o nordeste e, com o estudo, trazer explicações e possíveis saídas para modificar este cenário.

Ademais, a pesquisa também é justificável pela proximidade com o tema, tanto no sentido geográfico, por ser natural do interior do estado do Piauí, como também, por ter cursado durante a graduação uma disciplina específica sobre esse assunto: Políticas Públicas para o Desenvolvimento do Semiárido. Havendo a oportunidade de realizar estudos e análises dentro desta temática, que, de certo modo, já é familiar e um campo de interesse pessoal. O estudo se mostra relevante também por buscar entender o porquê de narrativas como a da revista Veja, em janeiro de 2021, em que trouxe São Paulo como a capital da região Nordeste, sem se quer a cidade pertencer à região.

"A Capital do Nordeste: os novos migrantes que reinventam o design, a gastronomia, as *startups* e outras atividades da metrópole, que completa 467 anos", é a frase que acompanha a foto de seis "nordestinos imigrantes". A edição logo repercutiu nas redes sociais e se tornou um dos assuntos mais comentados do país. Em sua foto de capa, acabou reforçando estereótipos sobre a região, além de representar um nordeste branco, invisibilizando a existência dos pretos e indígenas, como podemos ver na Figura 01.

Figura 01: Veja intitula São Paulo como capital do nordeste



Fonte: Capa da edição da Revista Veja. Foto: Reprodução.

Urge, portanto, uma análise aprofundada das coberturas noticiosas sobre a temática a fim de entender e explicar quais os seus impactos sobre os leitores. Pretende-se aqui também problematizar como é recorrente a presença desses ataques à região, principalmente, em períodos eleitorais e como a mídia pode contribuir a todo tempo com a construção e/ou reforço dos estereótipos, dependendo da forma como os conteúdos são trabalhados.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, esse trabalho será composto por pesquisa bibliográfica e pesquisa qualitativa. Segundo Cordeiro et. al. (2007, p. 02), a pesquisa bibliográfica/revisão de literatura “apresenta uma temática mais aberta; dificilmente parte de uma questão específica bem definida, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção”. Dessa forma, utilizaremos outras pesquisas pré-existentes para embasar nossas discussões acerca da construção simbólica da região nordeste e a sua relação com os produtos midiáticos.

Já sobre a pesquisa qualitativa, Goldenberg (2004, p. 17) destaca que a mesma busca “o aprofundamento de um grupo social, de uma organização e outros e busca estudar aspectos da realidade que não podem ser quantificados voltando-se para o entendimento das dinâmicas sociais”. Assim, poderemos entender as características que ao longo do tempo reforçam o imaginário simbólico sobre o nordeste pelas mídias, que além de narrar os acontecimentos, assumem também um lugar de memória dos conteúdos, ao analisarmos reportagens que foram produzidas pelo veículo O Estado do Piauí.

Diante disso, a pesquisa começa dialogando sobre a indústria da seca e a construção do nordeste. Em seguida, tratamos sobre como a pauta virou rotineira e o nordeste passou a ser atacado de forma mais severa nos períodos eleitorais. Por fim, analisamos duas reportagens do veículo de comunicação O Estado do Piauí, para entendermos como se deu a construção de narrativas sobre a temática.

A Indústria da Seca e a construção do Nordeste

Historicamente, alguns mecanismos políticos foram desenvolvidos em relação às problemáticas enfrentadas pela região nordeste. Alguns, de fato, foram pensados para uma melhoria das condições da região, já outros foram apenas medidas políticas para grupos continuarem com o poder em suas mãos. Nestas últimas, está o desenvolvimento da indústria da seca, que como explicam Baptista e Campos (2013, p. 52), foi uma estratégia

que “gerou a concentração da terra, da água, do saber, do poder e o aumento crescente da fome e da miséria no semiárido”.

Ainda detalhando os impactos da indústria da seca, Baptista e Campos (2013) revelam que:

Esta linha de raciocínio cartesiano se materializa na construção de grandes açudes e barragens, adutoras imensas, poços e políticas emergenciais como a distribuição de alimentos, as frentes de serviço e o deslocamento populacional. Foi, exatamente, o que gerou a famigerada “indústria da seca”. O efeito nefasto é que as pessoas passaram a acreditar na incapacidade delas próprias e na inviabilidade da região, prevalecendo a imagem de um lugar inóspito por natureza e de seres inferiores como consequência, instaurando-se uma violência simbólica. (BAPTISTA; CAMPOS, 2013, p. 61-62)

Para muitos autores, como Almeida (2007) e Silveira (2017), essa construção do nordeste é como uma invenção e, ao longo do tempo, pequenos fragmentos de ‘história’ foram se unindo e formando a ideia do que seria esta região, pois como explica Silveira (2017, p. 67), “para que o nordeste se constituísse numa unidade imagética e discursiva, foi necessário que antes inúmeras práticas e discursos ‘nordestinizantes’ surgissem de maneira dispersa, para serem reunidos num momento subsequente”.

Não podemos deixar de lembrar que são esses recortes da história, que mostram apenas alguns ângulos da realidade, que fizeram com que estereótipos fossem criados e perpetuados até hoje sobre a região nordeste. Os discursos acabam afetando inclusive os próprios nordestinos, que acabam acreditando na imagem construída pelas mídias de um lugar ruim e acabam por desvalorizar seu próprio espaço de vivência, valorizando o ‘de fora’. Esses discursos que são responsáveis pela ‘invenção’ do nordeste são reflexos das relações sociais e, muitos deles, são construídos de forma intencional para atingir interesses.

Para Almeida (2007):

A noção de região, embora se apoie numa materialidade previamente existente e envolva processos de objetivação, de positividade, de materialização, que contribuem para legitimar tais recortes na continuidade do espaço físico, é uma invenção, é uma construção arbitrária, de natureza discursiva ou imagético-discursiva, resultante de relações de força existentes na sociedade. (ALMEIDA, 2007, P. 123)

Contextualizando historicamente, Silveira (2017, p. 67) explica que “esta “constituição” do Nordeste nas primeiras décadas do século XX ocorreu mediante uma “costura” de discursos e imagens, influenciada pelas circunstâncias históricas e econômicas

do país”. Esses discursos foram se impregnando tanto no imaginário simbólico, que atualmente, nas duas primeiras décadas do século XXI, observamos a grande presença desses recortes de invenção da região nos mais diversos tipos de produções audiovisuais.

Nesse prisma, Galvão (2010, p. 03) revela que mesmo recoberto de interesses mercadológicos, o cinema possui interesses culturais e intelectuais, que produzem efeitos diretamente ligados a culturalidade do povo, seus costumes, crenças e tradições. E esses efeitos nem sempre são positivos, como explicam Nóbrega e Teixeira (2014, p. 03), “no cinema brasileiro, o nordestino aparece muitas vezes associado a signos como a pobreza e a seca, considerada nos discursos políticos como principal causadora da miséria dos habitantes das terras do Nordeste, mais precisamente do Sertão”.

Com base nas discussões ora apresentadas, podemos notar que a estereotipação do nordeste a partir das mídias tem grandes efeitos sobre a sociedade e que pode levar mais algum tempo para que esses pensamentos sejam dissociados totalmente do imaginário coletivo. Na perspectiva da pesquisadora Carla Paiva, os signos de nordestinidade são características específicas encontradas nas narrativas midiáticas que buscam representar o nordeste. Paiva (2006, p. 17) explica que a nordestinidade pode ser entendida como a resultante de diversas identidades sociais nordestinas, ou seja, considerando a diversidade espacial e territorial do Nordeste brasileiro é uma imprudência selecionar e esquematizar uma única interpretação sobre sua identidade.

Em seus estudos, Paiva (2006) observou, por exemplo, que a figura do vaqueiro, com seus trajes específicos, sua força e interação com a natureza, convoca a presença da imagem do herói sertanejo. A partir das análises, a pesquisadora identificou também a presença dos signos: violência fria, coragem, busca pela felicidade, traços do cangaço (...) que quase sempre embasam as narrativas feitas sobre a região.

A pauta virou uma *suíte*: nordeste é atacado mais uma vez no período eleitoral

A imprensa tem seu papel importante no fortalecimento ou combate aos estereótipos negativos sobre o nordeste. Num contexto de grandes ataques xenofóbicos e discursos de ódio contra nordestinos, é essencial verificar como se deu a construção de narrativas sobre esses acontecimentos. Principalmente, nessa era de linchamentos virtuais que, segundo Recuero (2013), constituem uma ameaça à face, ou seja, uma ameaça à identidade de determinados indivíduos. Nesse caso, dos nordestinos.

Com a disseminação de conteúdos cada vez mais rápida, principalmente, nas redes sociais digitais, os discursos de ódio vêm à tona cada vez mais impactantes. Sarmiento (2006, p. 54-55) explica que esses discursos são “manifestações de ódio, desprezo ou intolerância contra determinados grupos, motivadas por preconceitos ligados à etnia, religião, gênero, orientação sexual, dentre outros fatores”. No Brasil, essa pauta virou constante quando tratamos sobre a região nordeste e os ataques se intensificam no período de eleições, como bem vimos em 2014, em 2018 e, agora recente, em 2022.

O veículo de notícias O Estado do Piauí fez duas reportagens aprofundadas sobre essa temática e, partir daqui analisaremos estes conteúdos. No dia 11 de outubro de 2022, o veículo publicou a reportagem ‘Nada novo sob o sol: Com o resultado das urnas no primeiro turno, xenofobia contra Nordeste dispara com ataques em rede’ e dentro dela, em certo ponto, foi utilizado um hiperlink direcionando o leitor para outra reportagem do veículo, publicada em 23 de fevereiro de 2022, que tem como título ‘Respeite meu pau de arara: Ataques xenofóbicos costumam acontecer no período pré-eleitoral, 90% dos casos, no ambiente virtual’. A partir disso, buscamos entender como se deu o processo de (in)formação por meio destas narrativas, aos leitores do veículo.

No primeiro conteúdo analisado, que foi publicado em 11 de outubro de 2022, o veículo em estudo optou por descrever o processo de apuração dos votos, no primeiro turno das eleições, apontando em que momento o candidato Luís Inácio Lula da Silva passou a ter mais votos que o seu opositor. Segundo o Cardoso (2022), “*sozinha, a região deu ao candidato do PT 12,9 milhões de votos de vantagem em relação ao oponente, Bolsonaro*”. Depois de fazer uma apresentação do cenário eleitoral em que os ataques apareceram, a reportagem trouxe falas problemáticas do então presidente, como podemos observar no texto 01.

Texto 01: Na última quinta-feira (5), durante uma transmissão ao vivo, o presidente Bolsonaro referiu-se aos nordestinos como analfabetos e sem cultura. Além disso, ele culpou o Partido dos Trabalhadores pela situação. Contudo, os dados mostram realidades diferentes: em 2021, entre 10 alunos que receberam nota 1.000 no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), sete eram mulheres nordestinas. A região também lidera o quadro de medalhas nas Olimpíadas de História. (CARDOSO, 2022)

Na reportagem, a jornalista Maria Cardoso ouviu a professora e socióloga Ana Bezerra, que foi consultada sobre a xenofobia sofrida pelos nordestinos. Segundo a entrevistada os ataques estão ligados ao etnocentrismo brasileiro, quando se comparam a

região Sul e Sudeste como superiores pelo seu poder socioeconômico. *“A desigualdade social e política também é um dos fatores que contribui para tais comportamentos. Em época de eleições, pessoas preconceituosas se aproveitam da situação para propagar seu ódio diante dos nordestinos”*, explica a socióloga.

Para contrapor os ataques e mostrar outra visão sobre o nordeste, a reportagem destacou o posicionamento da OAB-PI, contrário aos crimes de xenofobia, e ainda explicitou índices positivos sobre o estado, como podemos notar no Texto 02.

Texto 02: O Piauí também tem conquistado grandes feitos nos últimos anos no âmbito educacional. A nota do estado no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) aumentou em 2021. Atualmente, o Piauí ocupa o 9º lugar no ranking nacional de educação, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), órgão do Ministério da Educação (MEC). Com o grande avanço do estado, a capital também não fica para trás. Teresina apresenta a melhor educação básica do Brasil, em Língua Portuguesa e Matemática, de acordo com a avaliação nacional do Ideb. (CARDOSO, 2022)

Fig. 02: Ilustração utilizada evidencia contrapontos entre as regiões brasileiras



Fonte: Captura de tela de O Estado do Piauí

Na Figura 02, podemos ver que o portal tenta também exprimir o embate entre os povos das distintas regiões do país, por meio de uma ilustração, que busca refletir sobre os estereótipos fixados durante o tempo. A imagem traz até mesmo as diferenciações de cor da pele e problematiza as questões raciais. Outro ponto que pode ser observado, é também a divisão do mapa brasileiro em cores; as cores da disputa eleitoral, em que fica de vermelho a região nordeste, principal responsável pela eleição do presidente Lula. Ademais, analisamos a segunda reportagem, esta foi encontrada por meio do dispositivo de memória utilizado dentro da reportagem 1, em um hiperlink. O conteúdo foi publicado quase oito meses antes das eleições e problematizou a constância dos ataques aos nordestinos, trazendo fontes que sofreram com as falas preconceituosas e também utilizaram fontes especializadas

para comentarem os casos. Uma dessas, foi a entrevistada Karla Andrade, defensora pública. Segundo ela, “há um enraizamento do pensamento colonial repetido no Brasil. Isso porque, apesar do Nordeste ser uma região com potencial econômico, ainda é visto como atrasado frente ao Sul e Sudeste”.

Fig. 03: Ilustração utilizada evidencia discursos de ódio contra nordestinos



Fonte: Captura de tela de O Estado do Piauí

A repórter Vitória Pilar ouviu também o pesquisador José Roniere, que explicou que os casos de xenofobia contra nordestinos “costumam acontecer em períodos de debate pré-eleitoral e pós-eleitoral, emergindo discursos de ódio contra categorias socialmente marginalizadas nas redes sociais – negros também despontam como principais alvos dos crimes”. Dessa forma, podemos perceber até mesmo uma espécie de uma luta de classes e raças.

Ademais, a reportagem do O Estado do Piauí buscou evidenciar o aumento nos ataques nos últimos anos e a sua intensificação com as redes sociais. Ainda trouxe uma fala preconceituosa do então presidente, fala esta (sobre o pau de arara), que dá nome à reportagem. Por fim, Pilar (2022) opta por concluir o conteúdo com pensamentos da professora Sueli Rodrigues, entre eles: “O caminho para reverter é a educação, estudando e preparando para lutar contra a inversão de valores, combatendo decisões que nos exclui, diminui e viola”.

REFLEXÕES

Diante do exposto, na presente pesquisa, considera-se que a mídia tem, sim, um papel fundamental na construção e reverberação dos discursos. Assim, é notável a necessidade de uma formação crítica dos comunicadores a fim de que ao assumirem os postos de trabalho, produzam conteúdos mais condizentes com as realidades e menos ligados às estereotipações.

Com a análise das reportagens, podemos visualizar que os leitores do O Estado do Piauí foram instigados á criticidade sobre a temática em voga, pela forma como as abordagens foram conduzidas, sempre embasadas com dados, fontes especializadas para explicar esse fenômeno de ataques aos nordestinos. Observamos que o veículo busca fugir do factual e entrega um conteúdo mais aprofundado e com explicações sobre a temática.

Diante das discussões ora apresentada, fica nítida também a grande responsabilidade que o jornalismo tem ao narrar os fatos, ditar o que vai ser memorizado pelo público e fixado no imaginário simbólico a partir das narrativas. Portanto, é essencial que os enquadramentos sejam voltados para romper com os estereótipos construídos, durante a história, sobre a região nordeste que não condizem com a realidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de. A Construção do Nordeste como região do atraso nos discursos sobre a exploração econômica da cana-de-açúcar. **Candombá – Revista Virtual**, v. 3, n. 2, p. 123–137, jul – dez, 2007. Disponível em: <http://web.unijorge.edu.br/sites/candomba/pdf/artigos/2007/a1.pdf>, acesso às 21:04, em 08/02/2022.

BAPTISTA, Naidison de Quintella; CAMPOS, Carlos Humberto. A convivência com o Semiárido e suas potencialidades. *In*: CONTE, Iriu Luiz; SCHROEDER, Edni Oscar. **Convivência com o Semiárido Brasileiro: autonomia e protagonismo social**. Brasília, editora IABS, 2013.

BAPTISTA, Naidison de Quintella; CAMPOS, Carlos Humberto. Possibilidades de construção de um modelo sustentável de desenvolvimento no Semiárido. *In*: CONTE, Iriu Luiz; SCHROEDER, Edni Oscar. **Convivência com o Semiárido Brasileiro: autonomia e protagonismo social**. Brasília, editora IABS, 2013.

BARBOSA, Patrícia da Silva; PAIVA, Carla Conceição da Silva. Signos de Nordestinidade: análise da representação das identidades nordestinas no cinema brasileiro no período de 2000 a 2010. **Revista ComSertões**. v. 5 n.1 , 2017. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/comsertoes/issue/view/269/181>, acesso às 12:45, em 12/02/2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARDOSO, Maria. **Com o resultado das urnas no primeiro turno, xenofobia contra Nordeste dispara com ataques em rede**. Reportagem. O Estado do Piauí. 2022. Disponível em: <https://oestadodopiauui.com/nada-novo-sob-o-sol/>, acesso às 10:51, em 09/12/2022.

CORDEIRO, Alexander Magno; OLIVEIRA, Gloria Maria; RENTERÍA, Juan Miguel; GUIMARÃES, Carlos Alberto. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Comunicação Científica - Rev. do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v.34, n.6, Rio de Janeiro, nov./dez, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLgLPwcmV6Gf/?lang=pt>, acesso às 22:29, em 09/10/2022.

FREITAS, Camilla. **Após 1º turno, crescem ataques xenofóbicos: O que isso significa?**. Reportagem do ECOA/UOL, outubro de 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/10/06/apos-1-turno-crescem-ataques-xenofobicos-o-que-isso-significa.htm>, acesso às 01:51, em 14/10/2022.

GALVÃO, Rilmara Alencar. Representação da Masculinidade Nordestina no Cinema Brasileiro: uma Análise dos Signos Identitários. **Recensio - Revista de Recensões de Comunicação e Cultura**. 2010. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/galvao-rilmara-representacao-da-masculinidade-nordestina.pdf>, Acesso às 11:29, em 09/10/2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 7. ed. 2017.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NÓBREGA, Igor; TEIXEIRA, Cristina. O Nordeste no Cinema Brasileiro: Perpetuação de Estereótipos no Filme “Gonzaga, de Pai pra Filho”. In: XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE – João Pessoa - PB. **Anais [...]**, 2014. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0722-2.pdf>, acesso às 13:52, em 13/10/2022.

PAIVA, Carla Conceição Silva da. **A virtude como um signo primordial da nordestinidade: análise das representações da identidade social nordestina nos filmes O Pagador De Promessas (1962) e Sargento Getúlio (1983)**. Dissertação de Mestrado (UNEB), 2006. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2019/10/Milli-Disserta%C3%A7%C3%A3oconvertido-mesclado.pdf>, acesso às 14:53, em 13/10/2022.

PILAR, Vitória. **Ataques xenofóbicos costumam acontecer no período pré-eleitoral, 90% dos casos, no ambiente virtual**. Reportagem. O Estado do Piauí. 2022. Disponível em: <https://oestadodopiauui.com/respeite-meu-pau-de-arara/>, acesso às 10:55, em 09/12/2022.

RECUERO, Raquel. Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais na internet. In: PRIMO, Alex. **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013. Disponível em:

<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/rascunhoatosdeameaca.pdf>, acesso às 12:13, em 13/10/2022.

SARMENTO, D. **Livres e iguais**: estudos de Direito Constitucional. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

SILVA, Andréia de Lima. Cinema, Imaginário e Identidade: análise dos filmes O Exercício do Caos (2013) e Muleque té doido! (2014). In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. São Paulo - SP. **Anais [...]**, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0769-1.pdf>, acesso às 20:28, em 08/02/2022.

SILVEIRA, Roberto Azoubel da Mota. **A reinvenção do Nordeste nas crônicas d' O Carapuço**. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10192/10192_4.PDF, acesso às 08:23, em 13/02/2022.

Por dentro da Rede Quero Ajudar Piauí no Instagram. Considerações netnográficas da mediação informacional de solidariedade e esperança em tempos de COVID-19

Nariani de Sousa Lopes RODRIGUES
Orlando Maurício de Carvalho BERTI
Universidade Estadual do Piauí, Teresina, Piauí

RESUMO

Este artigo traz os estudos experimentais da utilização do perfil no Instagram @queroajudarpiauí como forma de debater questões empáticas e solidárias em meio a pandemia de Covid-19 no território piauiense. A utilização de ferramentas na rede social, bem como a aplicação valores culturais buscaram analisar a mediação de informações e temáticas, o que gerou o reconhecimento do perfil voltado para a promoção de atos de acolhimento ao próximo. O resultados indicam que o aplicativo Instagram contribui para a visibilidade nas publicações. Assim, constatou-se o fortalecimento dos níveis de interação, conexão e laços sociais gerados entre o perfil e os usuários.

PALAVRAS-CHAVE: Rede Social; Rede de Solidariedade; Rede Quero Ajudar Piauí; Mediação; COVID-19.

INTRODUÇÃO

Das maiores crises sanitárias já registradas até o momento no século XXI, a COVID-19 marca o espaço-tempo singular e igualmente necessário para o debate das questões solidárias. Desde a detecção dos primeiros casos, o país já passou por grandes ondas. A JOHNS HOPKINS UNIVERSITY (2022) destacava que até a terceira semana de julho de 2022, no mundo foram registrados mais de 565.000.000 de casos, com quase 6.400.000 mortes. O mesmo levantamento trazia que no Brasil havia sido registrado quase 34.000.000 de contaminações, com quase 676.000 mortes.

A crise sanitária suscitou mudanças em todos os setores da sociedade. É inegável a grandeza de inúmeros debates sobre a pandemia nos diversos campos e estudos, mas

igualmente pertinente suscitar reflexões sobre a sociabilidade em tempos pandêmicos, afinal, podemos pensar em uma mudança de paradigmas sociais mais empáticos e solidários durante o período pandêmico? No que pese o recorte temporal da pandemia, na interface da mediação informacional sobre ações solidárias e empáticas, é que a pesquisa busca discutir como é possível contribuir com o debate social através da construção da Rede Quero Ajudar Piauí no Instagram (@queroajudarpiaui). Os estudos tomam uma dimensão significativa através da utilização das redes sociais. Elas atingiram papel central na comunicação humana em tempos de pandemia, como o Instagram, que foi a ferramenta utilizada para estabelecer laços e conexões em meio ao restrito contato humano. “Redes sociais podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pautada na flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes” (MARTINO, 2015, p. 55).

Atuar dentro dos espaços das redes digitais apresenta inúmeras implicações experimentais pertinentes para o modelo de pesquisa-ação aplicado. Sendo assim, trabalhar com ações sociais em espaços de constantes disputas resultou na elaboração de estratégias a fim de que se possa debater em espaços virtuais a causa social. É válido dizer que o Instagram utilizado para o estudo disponibilizou em 2010 o formato inicialmente de aplicativo e ao longo do da relevância da rede social surgiam algumas alterações que foram desenvolvidas, mas seu princípio continua sendo o compartilhamento de experiências através no audiovisual e é nessa representação imagética que a Rede Quero Ajudar Piauí busca trabalhar de modo a utilizar as ferramentas digitais disponibilizadas e identificar como elas podem revelar o caráter complexo na atuação das redes sociais, no que se refere a ajudar a ajudar.

Notadamente, para a produção da presente pesquisa foi utilizado o aporte teórico de Raquel Recuero (2009) e Manuel Castells (2021) para o estudo das redes sociais e a mediação informacional na sociedade em rede. Assim, diante do momento pandêmico que provocou inúmeras mudanças de cunho econômico político e social, bem como rupturas nas ações, em especial ações solidárias, o Instagram assume papel central como fortalecedor dos laços solidários, ligando quem precisa e quem deseja ajudar.

É pertinente pontuar que, mesmo entendendo que uma parte da população não tenha acesso as redes sociais por inúmeras questões, dentre elas a econômica, a exemplo o próprio Piauí que possui uma das maiores taxas de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza, aproximadamente 38,44%, como constam informações do IBGE (2021). Castells (2021, p. 71) argumenta que todos direta ou indiretamente são afetados pelos processos que ocorrem

através das rede globais, ou seja, mesmo não atuando diretamente nas redes digitais, a estrutura social é atingida por essas novas constituições de redes do ciberespaço.

Busca-se analisar como a Rede Quero Ajudar Piauí atuou como mediadora do fortalecimento, bem como promoção de ações solidárias, através do Instagram. Para apresentar os resultados obtidos, estrutura-se em cinco sequências, incluindo a primeira parte introdutória. A segunda apresentando discussões teóricas fundamentais da investigação a fim de debater sobre a utilização redes sociais e as questões voltadas à comunicação solidária. A terceira detalha a utilização do método netnográfico, de caráter qualitativo e em seguida evidencia o caráter empírico da pesquisa, analisando os resultados encontrados no perfil Quero Ajudar Piauí. Por fim, as considerações finais são apresentadas para que seja possível contribuir com estudos comunicacionais.

1 – Construindo a Rede Quero Ajudar Piauí

A Rede partiu de um projeto nascido em 2020 fruto de inquietações de docentes e discentes da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) sobre a contribuição social e acadêmica que poderiam ser construídas em meio a pandemia. Ela é uma atitude sem fins lucrativos ligada às questões comunicacionais e experimentais solidárias da comunicação no Piauí e é, portanto, um braço de um projeto maior que visa intervir socialmente e virtualmente nas ações solidárias no estado. O projeto foi construído e pensado voltado para as questões e complexidades do território piauiense, como Berti (2020) justificativa a utilização dos meios virtuais para que pudesse abranger todo o território, pois o autor identifica que de maneira física seria impossível, dado o tamanho do tamanho da extensão territorial.

No entanto, foi possível observar que o crescimento da Rede ultrapassou o recorte territorial inicialmente pensado para as ações solidárias no perfil. A Rede também contemplou pedidos de ajuda em dois outros estados (Maranhão e Pará). Concordando com Martino (2015) e Recuero (2009), as redes sociais possuem significativo poder disseminador de informações, em especial quando Berti (2020, p. 179) destaca que o Instagram tem se mostrado plataforma válida para estudos comunicacionais, por ter alcance fácil e possuir funcionalidades pertinentes para o envolvimento com o público-alvo. O Instagram é uma rede social que passa por constante transformações, desde sua criação são aproximadamente 12 atualizações. No que pese seus principais recursos de fotos e vídeos, como IGTV, Reels,

story, feed, comentários e mensagem direta. Nesse sentido, é possível identificar uma diversidade de recursos empregados na rede social que pode potencializar a transmissão da narrativa solidária de maneira criativa, atingindo, portanto, uma maior quantidade de usuários na rede. Explorar esses mecanismos da forma correta é um grande desafio para os usuários, como identifica Martino (2015, p. 87) em “ter acesso é apenas uma parte; saber utilizar a rede, encontrar informações e transformá-las em conhecimento também pode ser um fator para a exclusão digital”.

É inquestionável a facilidade no acesso de informações com as redes digitais. Apesar da acessibilidade, é possível identificar as falhas na utilização, bem como propagação de um conteúdo solidário. No período da pandemia, percebeu-se a pertinência da busca por informações que seguissem o rigor da apuração. A Rede teve como meta difundir conteúdos mais acessíveis, com a certeza que os pedidos de ajuda fossem em sua maioria verificados e difundidos com linguagem clara sobre formas de doação e contato do referido pedido de ajuda, assim como fortalece-la através da difusão de ações solidárias via Instagram. Posto isto, a Rede Quero Ajudar Piauí torna-se imperativo para a construção de novas perspectivas de narrativas e ações na plataforma. A força das conexões em grupo foi uma das primeiras problemáticas apresentadas, na internet existe a possibilidade de conexão com uma grande quantidade de pessoas, sendo assim. Segundo Martino (2015, p.143) este emaranhado de vozes acabou criando polos convergentes em prol de uma causa, sentimento ou propósito.

Assim, os milhares de atores dentro do espaço virtual acabam que por convergir em temáticas e objetivos que são atribuídos aos interessantes em comum, o que apesar de amplo, o espaço virtual forma conexões que buscam um elo em comum que pode vir a ligar quem precisa de ajuda e quem pratica tais ações solidárias de apoio ao próximo. Contribuindo também com a conexão de pessoas em prol de um mesmo propósito e consequentemente o fortalecimento da rede de solidariedade. Vale dizer que o surgimento da internet possibilitou autonomia para que muitos pudessem divulgar seus pedidos de ajuda e ações solidárias. Castells (2021, p. 30) apresenta uma visão de autonomia parcial do indivíduo nas redes sociais, ainda que tenha-se liberdade, é necessário perceber os mecanismos de poder e censura inseridos nas redes.

Diante de tal autonomia para divulgar pedidos de ajuda, o questionamento se volta para o intuito da Rede. É neste ponto que o processo de mediação toma uma roupagem na ação da Rede Quero Ajudar Piauí. Poder reunir em um único perfil os pedidos de ajuda, ao mesmo tempo que poder mediar e identificar atuação da Rede inserida no Instagram, foi

possível metrificar seus efeitos sociais que serão abordados adiante. O que foi analisado como efeito de tal condensação em um perfil voltado para questões solidárias foi a construção de um reconhecimento da Rede sobre o tema. Os pesquisadores, ao longo de 11 meses utilizando o perfil na busca por consistência e constância nas publicações, receberam muitos pedidos de ajuda, em sua maioria para divulgar ações solidárias de arrecadação de alimentos, roupas, doação de sangue, campanhas para tratamento de doenças e outros. E igualmente com menor frequência iniciativas de pessoas que desejavam ajudar, seja indiretamente enviando mensagens de solidariedade aos abrigos e projetos no estado, seja diretamente enviando cestas básicas para as instituições sociais divulgadas na Rede Quero Ajudar Piauí.

João Canavilhas (2022) faz-se necessário na pesquisa devido aos seus estudos que abrangem desde o desenvolvimento do meio de telefonia móvel até o crescimento da internet que altera as produções jornalística e a difusão de informações que é analisado pelas características da web, pelos sites e redes sociais. Cabe o recorte dos estudos do autor quando aborda sobre os ecossistemas midiáticos. Canavilhas (2022, p. 5) defende que os “blogs e redes sociais, assim como a televisão e os suportes de leitura de jornais alteram a forma como nos relacionamos com o meio”. É ancorado nesse processo de mediação que o estudo da ecologia da mídia permite perceber e compreender os sentimentos e valores humanos que estão envolvidos no ecossistema midiático.

Concordando com Raul Santahelena (2018) e Raquel Recuero (2009), estabelecer relações via mediação por computador possibilita criar grupos sociais com características comunitárias, essas evidenciam componentes funcionais e emocionais capazes de gerar laços sociais de empatia e solidariedade. Aspecto visto em todo o desenvolvimento da ação da pesquisa. Com os estudos experimentais, percebeu-se que atuar no mundo virtual não significa estar desvinculado com o mundo real. Ao contrário, analisou-se que a conexão entre o espaço virtual e o espaço real atuam conjuntamente nas questões que dizem respeito às ações sociais, como destaca Castells (2021, p. 116) “As comunidades on-line estão se desenvolvendo rapidamente não como um mundo virtual, mas como uma virtualidade real integrada e outras formas de interação em uma vida cotidiana cada vez mais híbrida”. No processo da distribuição de um conteúdo customizado, percebeu-se que foi preciso ter em mente o material cultural que estava sendo definido na esteira das primeiras publicações, assim, Manuel Castells (2021) identifica quatro modelos culturais que estão presentes na

mídia de massa. Um desses modelos, o Cosmopolitismo denominado pelo autor, constitui a base de valores e crenças na construção da identidade da Rede Quero Ajudar Piauí.

[...] para uma pequena mas influente minoria de pessoas, há a consciência de um destino compartilhado do planeta em que habitamos, seja em termos do meio ambiente, dos direitos humanos, de princípios morais de independência econômica global ou de segurança geopolítica. Esse é o princípio do cosmopolitismo sustentado por atores sociais que se veem como cidadãos do mundo (Beck, 2005) Dados de pesquisas mostram que eles são preponderantemente membros dos segmentos mais instruídos e abastados da sociedade, embora a idade também seja um fator: quanto mais jovem a pessoa, mais aberta ela está para uma visão cosmopolita do mundo (CASTELLS, 2021, p. 172).

Ele argumenta que cada modelo é adequado às diversas formas de comunicação e é capaz de construir códigos culturais que maximizem o processo de ação comunicativa na mente do público. Assim, o cosmopolitismo trabalhado na Rede busca na coletividade estruturar valores das ações solidárias as reflexões em tempos pandêmicos. Compete também ao estudo destacar a perspectiva de conexões que promovem uma interação social entre os atores, perspectiva proposta por Recuero (2009, p. 30). Essa interação pode ser estudada através da visualização, comentários em uma publicação, na troca de mensagens entre os atores e o sentido empregado na mesma. Torna-se pertinente trazer Primo (2003, p. 62) para a arena de debate sobre as interações sociais que ocorrem através da mediação, visto que o autor propõe duas formas de interação: a interação reativa e a interação mútua. A segunda forma de interação estabelece vínculos cooperativos nas relações entre os integrantes, são menos rígidos em uma construção interativa e foi a característica que prevalece nos estudos experimentais da Rede. Justifica-se que se torna basilar para entender a abertura de possibilidades de interação mútua entre o público e o perfil e consequentemente a construção de um relacionamento. Portanto, é indispensável analisar as experimentações da Rede mediadas pelo Instagram.

2 – Caminhos metodológicos

O perfil da Rede Quero Ajudar Piauí foi objeto empírico da presente pesquisa. Delimitou-se o estudo das publicações produzidas entre o dia 12 de maio de 2021 até o recorte do dia 24 de março de 2022, o que correspondeu ao estudo de 111 publicações que foram inferidas através do caráter experimental da pesquisa-ação. Utilizou-se a pesquisa-ação enquanto metodologia social de base empírica que busca por meio de ações resolver um problema coletivo ao utilizar o envolvimento do pesquisador de forma cooperativa ou participativa, como destaca Michel Thiollent (2018).

Um dos aspectos abordados por Thiollent (op. cit.) na aplicação da metodologia foi utilizado ao identificar a necessidade de uma ação planejada de como foi estruturado o perfil da Rede de modo a definir os três eixos de atuação na construção da Rede no Instagram que foram basilares na distribuição das publicações, respectivamente o eixo de interligação social, eixo de reflexões e eixo de ações solidárias. Neste momento da pesquisa surgiu a necessidade de verificar os materiais que surgiram para a publicação, a fim de produzir as devidas avaliações ainda sob o desenrolar do estudo.

Vale dizer que o papel ativo dos pesquisadores não limitou a situação da investigação, ao contrário, avançou-se ao trazer análises sobre a utilização do perfil solidário no Piauí e poder atuar em prol de causas sociais, assim demonstrar o percurso percorrido pela investigação mostrando as estratégias, questionamentos e limitações encontradas. Ao fazer análises das experimentações das ações solidárias na utilização do Instagram, utilizou-se a netnografia como uma forma de estratégia metodológica na investigação mediada pelo computador. Partiu-se do entendimento de que “Os netnógrafos dão grande significado ao fato de que as pessoas voltam-se às redes de computador para participar de fontes de cultura e obter um senso de comunidade” (KOZINETS, 2014, p. 14), ao trazer a percepção para o estudo, utilizou-se dos mecanismos de ferramentas no Instagram para promover a participação e interações entre os atores e assim poder moldar a construção da Rede visando uma identidade comunitária entre os envolvidos no perfil.

Os dados extraídos foram processados e observados sob o véu da problemática da pesquisa. Assim, fez-se necessário o cruzamento do material empírico com o referencial teórico de estudo, nesse sentido, foi utilizado a perspectiva de análise proposto por Triviños (1987, p. 128) do triângulo dos dados em que “parte dos princípios de que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas com uma macrorrealidade social”. Portanto, o contexto histórico de pandemia esteve presente em todo o recorte da pesquisa, ainda que não diretamente nas publicações, esteve presente nos debates que formaram a base de discussão das ações da Rede.

3 – Experimentações com a Quero Ajudar Piauí: descrição e análise dos resultados

No estudo foi analisado as experimentações do perfil da Rede Quero Ajudar Piauí no Instagram (@queroajudarpiaui), que até o final do estudo possui 280 seguidores.

Justifica-se a utilização do Instagram pelo fato de ser uma das redes sociais mais populares, sendo divulgado pelo próprio fundador que o aplicativo bateu a marca aproximadamente um bilhão de usuários ativos no mundo em 2018, como destaca a Revista Exame (2022). Validou-se, portanto, pelo fácil acesso e conectividade com os usuários. Como a própria rede social preza em seus termos de uso, o bom relacionamento na autodenominada “comunidade”, fornecendo experiências em um ambiente “seguro, incluso e positivo” (INSTAGRAM, 2022).

A rede social possui em sua construção a verificação através de métricas estimadas dos usuários em elementos principais a serem analisados: número de curtidas, comentários, compartilhamento, alcance e impressões. Interessa para a presente pesquisa identificar que o número de curtidas, comentários e compartilhamento representa a interação com que o público demonstra sobre o conteúdo publicado, geralmente as perspectivas visuais mais atrativas na plataforma conseguem maior destaque nesses tipos de métrica, além de serem identificados enquanto ações quantitativas representadas nas publicações. O alcance é uma métrica estimada do usuário que visualiza uma publicação mais de uma vez, já as impressões se diferem do alcance pelo número total de visualizações no perfil, como consta no Facebook (2022).

Das 111 publicações, apenas oito fazem menção direta ao contexto de pandemia da COVID-19, tendo em mente que outras publicações de pedidos de ajuda são encapadas pelo véu do contexto histórico, econômico e social que o País passava, conseqüentemente situa o momento vivido. As publicações com predominância utilizaram a replicação gerado por outros perfis, conhecido como repost, uma vez que os pedidos de ajuda partiam de grupos que já utilizam na rede social, a Rede apenas atuou na verificação, bem como seleção das informações republicadas. Apenas 56 publicações foram pensadas e produzidas pelos pesquisadores como uma estratégia de interação e engajamento no perfil, pois identificou-se a necessidade de demonstrar que a Rede era construída não somente com o apoio de outras pessoas, mas que existia administradores do perfil e os mesmos faziam o papel de mediadores das informações recebidas.

Vale dizer que o planejamento para desenvolver a pesquisa ação foi essencial. Em todo tempo os pesquisadores estavam preocupados com estratégias para instrumentalizar os usuários, de modo a tornar visível a proposta do perfil através das publicações. Outros aspectos também contribuíram para a evidências dos objetivos do perfil, para isso foram utilizados os destaques, bem como a descrição na biografia do perfil. Por meio da análise

do conteúdo visual, como imagens, vídeos e textos, foi estabelecido eixos temáticos que agruparam as publicações, buscando sistematizar as ações comunicacionais no perfil a fim de monitorar os resultados gerados

TABELA 01: TEMÁTICAS DO PERFIL REDE QUERO AJUDAR PIAUÍ

Eixos temáticos	Eixo de interligação social	Informações de instituições, ONG's e organizações que atuam no estado Piauí em prol da causa social.
	Eixo de reflexões	Publicações que buscam motivar, reconhecer e valorizar atitudes solidárias de pessoas e/ou organizações sociais.
	Eixo de ações solidárias	Conteúdos que visam divulgar ações solidárias e/ou de responsabilidade social.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os eixos atuantes no perfil contabilizaram a predominância de 60,4% referente ao “Eixo de ações solidárias”, seguido do “Eixo de reflexões” com 32,5% e o “Eixo de interligação social” com 8,1%. Tendo em mente o planejamento temático produzido pelos pesquisadores, o perfil atingiu o alcance em apenas noventa dias de atuação uma média vinte e seis mil duzentos e sessenta e oito perfis alcançados, sendo as impressões estimadas em torno de trinta e dois mil duzentos e treze perfis que frequentemente recebem as publicações solidárias.

Identificou-se que na maioria das publicações foram utilizadas as Hashtags #solidariedade #ajudeoproximo #piauí, uma marcação inserida em legendas que visa atingir o público que se interessa pelo tema. Ao analisar as interações geradas por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos das publicações do perfil, notou-se que houve uma menor interação via comentários, das 111 publicações, apenas 17 foram registrados comentários, em um total de 77 comentários feitos por usuários da rede social. Nas primeiras experimentações do perfil foi identificado uma comunicação multidirecional através da interação mútua por meio de diálogos personalizados a fim de potencializar o relacionamento da Rede com o público. Em alguns casos houve a omissão de interação, pois eram de cunho desrespeitoso e que infringiram as regras da rede social e os princípios éticos dos pesquisadores.

Vale dizer que é uma forma de interação, mas igualmente uma forma de conectar atores sociais foi experimentado por meio de envio e recebimento de mensagens privadas no perfil. Ao todo foram 20 contatos diretos com as organizações sociais do Estado, com predominância de atuação em Teresina, capital do estado do Piauí. A cidade de Timon,

situada no estado do Maranhão e que faz divisa com a capital piauiense, também foi contemplada no perfil com o pedido de ajuda do projeto social “Ajuda Timon”. Verificouse que os laços construídos em um médio período de tempo atuou por meio dessa ferramenta de mensagem direta entre os usuários. Por consequência, adentrou-se na realidade de organizações que já atuam no Piauí em prol da causa social. Identificou-se que o perfil das organizações, em sua maioria fundadas e atuantes no período da pandemia, necessitavam de maior visibilidade. O papel da Rede foi coletar informações pertinentes sobre as instituições, como o ano de fundação, o segmento de atuação, bem como os anseios que poderiam ser solucionados com a divulgação no perfil da Rede.

Outras pessoas desvinculadas de organizações faziam apelos através do envio de mensagens diretas para que seus pedidos de ajuda fossem divulgados pela Rede Quero Ajudar Piauí. Dentre os pedidos, a Rede foi procurada por um homem do estado do Pará com a súplica de que, por ter perdido o emprego por conta da pandemia, estava passando por necessidades financeiras e pedia ajuda para divulgar sua situação no perfil da Rede. Vale ressaltar que a Rede utilizou a ferramenta para entrar em contato com a categoria de profissionais que foram afetados pela pandemia, em que foi divulgação da história do enfermeiro Fabiano Costa de Urbano Santos, no Maranhão. O mesmo apresentou a visão complexa da realidade de um profissional que está na linha de frente do combate a pandemia e ele, enquanto profissional da saúde, passava por anseios referentes a pressão psicológica, o constante cuidado e o medo de contaminar familiares e parentes próximos.

História parecida foi contada pelo entregador Julio César, atual Presidente da Associação de Entregadores por Aplicativo do Piauí, Júlio destacou nos relatos um pedido de ajuda ao mencionar a realidade dos entregadores que passam pela situação de precarização do trabalho feito por aplicativo, um segmento profissional que tornou-se imprescindível no período da pandemia. Essas primeiras experimentações do perfil foram resultado da construção do Eixo de Interligação Social, que teve como propósito contar histórias de instituições e pessoas que atuam promovendo a solidariedade. O que foi possível também visualizar as ações solidárias em um momento singular de pandemia vivido no mundo. Diante da construção de conteúdos em constante processo de aprimoramento e a contribuição de outros materiais com pedidos de ajuda, os pesquisadores identificaram a necessidade de pensar nos valores que seria empregado ao selecionar o que deveria ser publicado ou não, além disso, como deveria ser publicado. O eixo que se aproxima desses questionamentos foi referente ao segundo Eixo temático, objetivando estimular a reflexão e

os debates sociais pensados de maneira coletiva. Na esteira de diversas experimentações multimidiáticas do Instagram foi utilizado com maior frequência a ferramenta reels para publicar a referida temática.

Analisou-se que os vídeos para o reels atingiram maior alcance nas publicações. Em sua maioria os vídeos foram produzidos pela Rede, onde os pesquisadores optaram por produzir um material alinhado com a proposta do eixo a fim de estimular a reflexão, despertar o pensar em condutas individuais e coletivas, incentivar atitudes de amor ao próximo e o pensamento coletivo. A ferramenta de compartilhamento de vídeos curtos, que se tornou famosa em diferentes aplicativos, como o TikTok e Kwai, foi lançada pelo nome de reels em agosto de 2020 no Instagram. O reels atualmente é um dos recursos mais utilizados pelos usuários de diversos países que podem produzir vídeos a partir de áudios, efeitos e outros recursos de criação. As publicações que tiveram maior alcance estão inseridas no Eixo de Reflexões e foram produzidas pela ferramenta reels. Os conteúdos atingiram a marca de respectivamente 9.000, 6.000 e 5.000 contas alcançadas.

A primeira publicação com maior alcance foi o recorte do vídeo de autoria do Instituto Meio e Mensagem que destaca a fala da consultora Toya Lorch. A mesma argumenta no trecho do vídeo que cuidar da saúde em geral pressupõe também cuidar da saúde emocional individual. O que define um gesto de cuidado, carinho e acolhimento consigo mesmo. Pode-se constatar alguns os pontos que permitiram o alcance para além do uso da ferramenta, o período que foi publicado o vídeo, já que se trata do mês de iniciativa nacional que debate questões relacionadas sobre a saúde mental e emocional do indivíduo, conhecido por Janeiro Branco.

A segunda publicação de maior alcance foi um trecho de um documentário produzido pelo canal Estúdio Amarelo. O trecho apresenta a visão do Padre Julio Lancelotti sobre a empatia ao olhar para o próximo com compaixão e misericórdia, sendo que o discurso foi pautado através da base religiosa e política de ações solidárias. Ponto de análise que teve maior destaque na publicação foram os comentários emitidos por usuários da rede social, já que muitas opiniões tiveram cunho ofensivo, como “olha o esquerdo falando aí gente!”, “Padre comunista puxa saco do Lula”.

Os comentários podem ser interpretados enquanto consequência do poder disseminador das redes sociais, atestado por Recuero (2009) e Martino (2015), o que evidencia a complexidade de atuar e mediar informações, pois os atores que promoveram a interação não convergiam com a proposta da Rede. Vale dizer que interações desse tipo

foram observadas em menor quantidade, o que confirma o que Martino (2015, p. 143) apresenta sobre as conexões das redes sociais que facilitam o encontro entre pessoas com interesses semelhantes, pois foram identificadas maiores interações por comentários, curtidas e compartilhamentos de atores com o sentimento em comum: a solidariedade. De modo a trabalhar as conexões através das experimentações, o terceiro vídeo que teve maior alcance utilizou do recurso da criação de um áudio original produzido pela Rede, o que verificou sua utilização por outros usuários. Diante do compartilhamento do áudio, compete inferir que a informação produzida pela Rede estava sendo disseminada por outros perfis na rede social. O recorte do vídeo retirado do canal da psicanalista Maria Homem, a mesma reflete que a existência humana parte de um solidariedade radical entre os indivíduos da sociedade. Portanto, infere dizer que as ferramentas e recursos utilizados foram imprescindíveis para a difusão da proposta que buscam refletir sobre as diversas nuances da solidariedade na Rede.

O terceiro eixo proposto pela pesquisa ocupou os menores níveis de alcance, apesar da predominância de publicações. Esse eixo identificado por ações solidárias buscou divulgar campanhas em prol de causas sociais, rifas para custear tratamento de saúde, pedidos de doação de sangue, entre outros. Nas experimentações e construção do Eixo, os pesquisadores perceberam a necessidade de reelaborar colocações sobre as ações solidárias em uma perspectiva ampla da realidade encontrada nos pedidos de ajuda, o que reforçou a importância dos valores empregado no perfil e o poder que a rede social produziu na elaboração de uma consciência social de mudança. Na condução da temática proposta pelos pesquisadores surgiram alguns pedidos de ajuda de maioria com poucas informações pertinentes para o pedido. Entendeu-se, assim, a importância de identificar as informações necessárias para a divulgação, como número para contato, conta bancária para doações e o pedido de ajuda.

Levou-se em conta a localização de campanhas a fim de instigar o interesse em pessoas que estejam próximas dos locais de doação, bem como consultar a reputação de pessoas e organizações que se pretende publicar. Vale ressaltar que nesse momento da pesquisa foi encontrado limitações de informações, pois nem todas as publicações conseguiram ser verificadas ou obtidos dados informacionais suficientes. Apesar do impasse, prevaleceu entre os pesquisadores o ato de veicular os pedidos de ajuda mesmo com poucas informações que puderam ser checadas.

Outro ponto que pode ser destacado no eixo foi que a Rede não somente mobilizou atores que surgiram com pedidos de ajuda no espaço virtual, mas pode mediar ações solidárias para o espaço real. O caso retratado na pesquisa foi a iniciativa de um usuário em específico que procurou a ajuda da Rede Quero Ajudar Piauí a fim de doar alimentos não perecíveis para alguma instituição que precisava. A Rede prontamente atendeu o pedido informando as organizações que atuavam em Teresina e poderiam receber a doação. Percebeu-se, portanto, que a possibilidade de construir uma sociedade mais solidária perpassa o ambiente virtual e pode atingir positivamente as organizações que de fato atuam promovendo ações solidárias na sociedade. Muito embora o objetivo principal da Rede foi atuar no espaço virtual, o que, portanto, reafirma o poder ampliador do debate no Instagram para outros espaços, que foi fruto de um estudo empírico que buscou refletir sobre as questões solidárias em tempos pandêmicos.

Considerações Finais

Pode-se concluir que a utilização do Instagram foi um mecanismo de comunicação necessário em tempos de pandemia e que, portanto, foi uma potencializadora na transmissão de questões sociais no território piauiense e fora dele, com as execução das experimentações, a pertinência na checagem de informações sobre as ações solidárias divulgadas no perfil, o cuidado e a responsabilidade se produzir o conteúdo, o que consequentemente conseguiu transmitir credibilidade e reconhecimento para o público que interagiu com o perfil. Na instância mediacional, os pesquisadores tiveram como ponto principal constituir e transmitir de valores solidários como forma de debater as questões sociais, mas sobretudo ao estabelecer diálogos com quem precisava de ajuda e quem poderia ajudar. Ademais, verificou-se que o alcance produziu um número significativo de interações e foram em maioria agregadoras para o fortalecimento de laços sociais em maior quantidade motivadores de conexões solidária que puderam contribuir com o desenvolvimento das publicações no perfil. Por fim, foi constatado que a Rede não somente atuou no ambiente virtual, mas também pode influenciar nas ações solidárias no espaço real, mesmo que não seja possível inferir em sua totalidade o impacto do perfil nas práticas solidárias dentro do território piauiense e fora dele.

REFERÊNCIAS

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Quem cuida de quem cuida?** As redes sociais em tempos de combate à pandemia da COVID-19 contra as fake news. O caso do Instagram e do WhatsApp da Rede de Solidariedade de Segurança do Trabalho no Piauí. Santa Cruz do Sul: Revista Rizoma, v. 8, n. 1, 2020, pp. 165-184.

CANAVILHAS, João. **O novo ecossistema mediático.** Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/instagram-superou-1-bilhao-de-usuarios-ativos/>>. Acesso em: 17.dez.2022.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação.** São Paulo: Paz e Terra, 2021.

EXAME. **Instagram superou 1 bilhão de usuários ativos.** Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/instagram-superou-1-bilhao-de-usuarios-ativos/>>. Acesso em: 17.dez.2022.

FACEBOOK. **Alcance.** Disponível em: Acesso em: <https://www.facebook.com/business/help/710746785663278?helpref=faq_content> 17.dez.2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **Síntese de indicadores sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira: 2021. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101892.pdf>>. Acesso em: 17. dez.2022.

INSTAGRAM. **Os serviços do Instagram.** Disponível em: <https://www.facebook.com/help/instagram/581066165581870/?helpref=hc_fnav>. Acesso em: 17. dez.2022.

INSTAGRAM. **Rede Quero Ajudar Piauí.** Disponível em: <<https://www.instagram.com/queroajudarpiaui/>>. Acesso em: 17.dez.2022.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. **Coronavirus Resourch Center.** Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em: 17.dez.2022.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia:** realizando pesquisa enográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais:** linguagens, ambientes, redes. Petrópolis: Vozes, 2015.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Interação mediada por computador:** a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional. Porto Alegre: Tese apresentada ao Doutorado em Informática na Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAHELENA, Raul. **Truthelling**: por marcas mais humanas, autênticas e verdadeira. Curitiba: Voo, 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2018.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

O acesso gratuito à internet de banda larga no Sertão do Piauí: dificuldades e realidades

Beatriz de Sousa SILVA
Cainan Gonçalves Vieira da SILVA
Maria Odete Gama de SOUSA
Vanessa Maria de Carvalho SILVA
Jaqueline da Silva Torres CARDOSO
Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

RESUMO

O presente artigo aborda o caso dos *chips* de conectividade fornecidos pela Universidade Estadual do Piauí, em Picos, no ano de 2020, a partir da análise de políticas públicas voltadas para a internet banda larga no Brasil. O tema entrou em discussão após a sanção da lei nº 14.351, que instituiu o Programa Internet Brasil no país. Apresentam-se as experiências dos alunos com os *chips* abordando tanto as propostas da medida criada em 2020 quanto as do Programa Internet Brasil. Ademais, discute-se o acesso digital no Brasil e o modo como as tentativas de proporcionar acesso gratuito à internet funcionam na teoria e na prática. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e a entrevista em profundidade com base na coleta de depoimentos de alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Banda Larga; Internet; Políticas Públicas; Informação.

1.Introdução

O presente artigo aborda o caso dos *chips* de conectividade fornecidos pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), em Picos, no ano de 2020, a partir da análise de políticas públicas voltadas para a internet banda larga no Brasil. A distribuição de *chips* da operadora Claro foi uma estratégia de infraestrutura para possibilitar que alunos sem acesso à internet pudessem voltar a assistir aulas durante a pandemia de Covid-19. As conclusões deste trabalho foram feitas a partir das entrevistas com dois estudantes atendidos pela iniciativa e fundamentadas por trabalhos teóricos a respeito da internet banda larga no Brasil.

O tema desta pesquisa entrou em discussão após conhecermos a Lei nº 14.351, de 25 de maio de 2022 (BRASIL, 2022), que instituiu o Programa Internet Brasil. O artigo 1º da lei define que o programa tem:

[...] a finalidade de promover o acesso gratuito à internet em banda larga móvel aos alunos da educação básica integrantes de famílias inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) matriculados na rede pública de ensino, nas escolas das comunidades indígenas e quilombolas e nas escolas especiais sem fins lucrativos que atuam exclusivamente nesta modalidade. (BRASIL, 2022, art. 1º).

Enquanto discorremos sobre o caso dos *chips* na UESPI, citamos a nova medida para discutir como as tentativas de proporcionar acesso gratuito à internet funcionam na teoria e na prática. Em ambos os casos, dos *chips* e do Programa Internet Brasil, trata-se de ações com caráter de políticas públicas de acesso à informação. Sendo a informação um direito básico do cidadão, ações como essas são importantes para o desenvolvimento da sociedade e de seus integrantes.

Segundo Derani (2004, p. 22), “política pública é um conjunto de ações coordenadas pelos entes estatais, em grande parte por eles realizadas, destinadas a alterar as relações sociais existentes”. No Brasil, a democratização da informação e da comunicação é uma pauta bastante discutida, mas nunca solucionada justamente pela falta de políticas públicas.

Além disso, as políticas criadas são verticalizadas, isto é, elaboradas por quem não conhece de perto as reais necessidades dos cidadãos, e por esse motivo na maioria das vezes não atingem o resultado esperado. Essas políticas, além de permitirem o acesso à internet, deveriam fomentar iniciativas para melhorar a qualidade das conexões existentes.

Dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC, 2022), divulgados em 2022, apontam que no país são 35,5 milhões de

peças sem conectividade em casa, número correspondente a quase 30% da população. As pessoas sem acesso, ou com qualidade de sinal precária, são, predominantemente, pertencentes às classes C, D e E, enquanto os mais ricos atingem 100% de disponibilidade para navegação *online*. A pandemia trouxe uma visão mais clara desse panorama ao exigir o uso de ferramentas tecnológicas e da internet para a realização de aulas em Ensino à Distância (EAD), por exemplo.

Este artigo busca apresentar as experiências dos alunos com os *chips* e abordar tanto as propostas da medida criada em 2020 quanto as do Programa Internet Brasil. Ademais, busca-se discutir o acesso digital no Brasil, questão que tem impacto nos processos de informação, educação e formação crítica das pessoas. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, baseada em trabalhos sobre internet banda larga e matérias de portais, e a entrevista em profundidade com base na coleta de depoimentos de alunos. Os autores usados para a discussão foram: Lima (2014), Cruz (2013), Andrade (2013) e Moraes de Lima (2019).

Utilizamos na pesquisa o modelo de entrevista semiestruturada, sendo que escolhemos o Whatsapp como meio para entrevistar os alunos. Segundo Duarte (2011), esse modelo parte de um roteiro de questões-guia e busca abordar a amplitude do tema, apresentando cada pergunta de maneira mais aberta possível. A técnica de entrevista foi escolhida para obtermos melhores resultados através do relato dos estudantes, pois ela “é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte” (DUARTE, 2011, p. 62).

2. Desenvolvimento

Em dezembro de 2020, ao ser decretado o retorno de aulas dentro do formato remoto para 2021, a Universidade Estadual do Piauí (UESPI) recebeu do Governo do Estado 3.400 mil *chips* da operadora de telefonia Claro para serem encaminhados a alunos em situações de vulnerabilidade socioeconômica. Os *chips* faziam parte do Auxílio Inclusão Digital (ou Auxílio Conectividade), possuíam 4G, 20Gb de tráfego mensal e foram distribuídos nos doze *campi* da instituição antes do início do período letivo.

De acordo com nossas pesquisas, a UESPI disponibilizou um único programa: o Auxílio Inclusão Digital. Esse programa comportou três modalidades: o empréstimo de

tablets (modalidade empréstimo de equipamento), o pagamento de uma bolsa de R\$700,00 (modalidade Auxílio Pecuniário) e o empréstimo de *chips*. Não havia um edital específico para a aquisição dos *chips*. Os alunos selecionados nos editais das modalidades anteriores podiam ir à instituição buscar o seu *chip* ou, quem não havia sido selecionado, enviar um e-mail para a coordenação solicitando o aparelho e informando seus dados.

Os equipamentos eram disponibilizados após a comprovação de informações como renda *per capita*, situação social, permanência no curso e falta de condições para assistir às aulas remotas. Ao fim do processo, os estudantes assinaram o termo de compromisso confirmando a devolução futura dos equipamentos. O auxílio em dinheiro era uma forma de garantir a compra de aparelhos e serviços (celulares, *tablets*, *chips*, *wifi*) pelos alunos, enquanto o empréstimo de equipamentos era uma medida mais direta e rápida.

A proposta de apoio tecnológico deveria minimamente fornecer aos alunos o acesso à internet ou uma conexão mais rápida àqueles que enfrentavam problemas. No entanto, alguns alunos relataram dificuldades no uso dos aparelhos. Um dos problemas citados foi o fato de os *chips* serem apenas da Claro, o que causou limitações, visto que, na época, o sinal da operadora não estava disponível em determinadas cidades do Piauí. Como o corpo discente da UESPI é diverso, a maioria dos jovens é de outros municípios, como Paulistana, Inhuma, Paquetá, Conceição do Canindé, São Julião e de outros menores e mais afastados, onde, em muitos casos, não há sinal de celular ou internet.

No Brasil, é comum cidades muito distantes dos centros urbanos sofrerem com o atraso digital, embora essa realidade esteja mudando rapidamente. O atraso é causado pela localização geográfica, pobreza e, também, falta de políticas públicas. Lima (2014) apresenta outro ponto ao explicar que o mercado das empresas de telecomunicações no Brasil é concentrado, ou seja, existem poucas empresas atuando no segmento de telefonia fixa, móvel, longa distância, TV por assinatura e banda larga. As poucas empresas atuando exercem monopólios e, por não enfrentarem concorrência, oferecem serviços a preços altos e de menor qualidade do que os serviços de internet e telecomunicações oferecidos em outros países, por exemplo.

A concentração de poder dessas companhias atrapalha o desenvolvimento de empresas de pequeno porte no âmbito regional e impossibilita que um grande número de localidades e pessoas tenha acesso à internet (LIMA, 2014). Assim, a população nessas áreas vive em exclusão digital porque não pode pagar por serviços caros e não encontra alternativas de acesso, já que não existem serviços de outras empresas. Para a autora, dentro

desse sistema “o modelo atual impõe o desafio de conciliar o desenvolvimento das redes com a inclusão, digital e social, de indivíduos e regiões distantes” (LIMA, 2014, p. 19).

Diferente de outros países, no Brasil, o acesso à tecnologia, à internet e aos investimentos no desenvolvimento de políticas públicas nessa área são difíceis. Apesar das transformações tecnológicas dos últimos anos com a expansão da internet, milhões de pessoas nunca tiveram contato com o meio. A dificuldade de penetração da banda larga no país é um dos motivos, em razão das desigualdades sociais, mas também da competitividade dentro do mercado tecnológico e a falta de ações do governo. Nesse sentido, Lima (2014) explica haver uma lacuna no estágio das telecomunicações:

Uma importante lacuna do estágio atual das telecomunicações diz respeito à penetração da banda larga no país. O Brasil apresenta uma situação inferior à média inclusive dos outros países da América do Sul (ITU, 2013) no tocante à relação entre assinantes de banda larga e de telefone fixo. Boa parte da população está, ainda, excluída do mundo digital, problema que só pode ser mitigado com a disponibilização extensiva de serviços de telecomunicações. (LIMA, 2014, p. 19-20).

Assim, o cenário é de desafios para o desenvolvimento da banda larga, mesmo nos centros urbanos, pois essas áreas também apresentam conexões instáveis, principalmente em relação a outros países (LIMA, 2014). Somada a isso, a falta de instrução sobre o uso dos meios digitais é uma das causas da exclusão digital.

É interessante destacar a importância da conexão digital para o crescimento de um país e seus cidadãos. Além de ser um meio de divertimento e de aceleração das atividades humanas, a internet é indispensável porque impacta em fatores sociais, econômicos, históricos e culturais. Segundo Lima (2019), no âmbito econômico, ela é muito útil para o comércio porque permite transações financeiras como compra e venda de produtos dentro e fora do país. Além disso, o referido autor sinaliza que seu uso melhora o desempenho de empresas ao aumentar e atualizar a produção, a venda, a comercialização e a distribuição de produtos e serviços. Lima (2014) complementa esse raciocínio ao ressaltar que:

A banda larga não tem efeitos apenas na economia como um todo, o que pode até ser considerado como estágio último de seu impacto. Este se alastra antes, e igualmente, nas esferas individuais, das organizações privadas e públicas e das comunidades. [...] O indivíduo tem acesso a maior volume de informação de mais qualidade, pode adquirir aptidões e desenvolver redes sociais, adquirir e disseminar conhecimento, inclusive

preparar-se melhor para o seu trabalho, bem como inovar na produção de conteúdo, bens e serviços. (LIMA, 2014, p. 23).

Tanto Maria Fernanda Lima (2014) quanto Marcos Francisco Lima (2019) citam a importância da internet banda larga no aumento do produto interno bruto (PIB). Seguindo o raciocínio dos autores, entendemos que são fatores econômicos, principalmente, que estimulam a criação de políticas públicas voltadas à internet banda larga no país porque a internet é um meio cada dia mais necessário e ter o maior número de pessoas nesse espaço é benéfico para o país. Daí surgem as políticas que procuram facilitar a inclusão digital.

Entretanto, não podemos ignorar o fato de muitas políticas não serem eficientes, tendo como resultado conexões precárias. A situação nas zonas rurais sempre é uma das primeiras destacadas ao se falar sobre o assunto, mas está longe de ser a maior ou a pior. Há outros segmentos da sociedade sem acesso, inclusive nos centros urbanos. Um exemplo são as pessoas negras das periferias.

Como descreve Lima (2014), existe a dificuldade para a universalização da banda larga, ou seja, para proporcionar que qualquer pessoa tenha acesso à conexão, independentemente de onde esteja e de quais sejam suas condições econômicas, pois é preciso “estimular investimentos nas áreas remotas, áreas pelas quais geralmente as incumbentes não se interessam” (LIMA, 2014, p. 20).

Cruz (2013) aponta que a universalização da internet banda larga é importante porque através dela as pessoas tem acesso à informação e à comunicação, mas esse é um passo difícil perante a concentração mercadológica que exige a criação de políticas mais efetivas, necessárias para a democratização do acesso.

Sendo as políticas públicas elaboradas a partir de interesses econômicos e responsáveis por fomentar meios para a população se comunicar, é possível analisá-las seguindo o referencial teórico-metodológico da Economia Política da Comunicação (EPC), uma vez que:

[...] o termo Economia Política, é usado para referir-se a estudos interdisciplinares que se apoiam em várias ciências: Economia, sociologia, Direito, Ciências Políticas, na busca de entender como as instituições e os contornos políticos influenciam os mercados ou são influenciados por estes. (ANDRADE, 2013, p. 97-98).

Ademais, segundo Lima (2019, p. 30), “a Economia Política da Comunicação permite a compreensão da dinâmica capitalista na elaboração dessas políticas públicas, e

por consequência, da atuação do Estado e dos atores envolvidos na formulação de tais políticas”. Diante desse contexto de conexões à internet no Brasil, a atitude de fornecer recursos para alunos conseguirem frequentar aulas remotas e evitar a defasagem escolar e universitária se caracteriza como uma ação de política pública de acesso à informação.

Nesta pesquisa, entramos em contato com quatro estudantes da UESPI e recebemos respostas de dois deles. Quando receberam os *chips*, os dois estudantes moravam nos municípios de Paquetá e Jaicós. Com base nas respostas de ambos, pudemos compreender quais foram algumas das dificuldades no uso dos equipamentos e como a política se saiu na prática. Por não quererem se identificar, os alunos serão apresentados aqui com os termos “Aluno 1” e “Aluno 2”. As perguntas foram as mesmas para os dois.

Inicialmente, perguntamos quais requisitos eram necessários para ter acesso ao *chip*. A resposta enviada apenas pelo Aluno 1 foi a seguinte: “o processo para adquirir o chip foi um tanto quanto fácil, precisaria comprovar que não teria como pagar internet em casa, ou seja, ter renda baixa” (Aluno 1, entrevistado em 12/07/2022).

Ao serem questionados sobre a experiência com os aparelhos e a eficácia dos mesmos, os estudantes declararam:

Não foi (útil), pois eles (UESPI) não tinham especificado qual seria o chip que ofertariam, aí quando chegou era *chip* da operadora Claro, e até então não tinha cobertura na minha cidade, isso no período que ofertaram. Logo para mim não serviu de nada. (Aluno 1, entrevistado em 12/07/2022).

Minha experiência não foi boa, pois tive dificuldades para usar meu *chip* já que onde moro só tinha sinal da operadora OI, então entrei em contato com a minha coordenadora várias vezes, mas não foi resolvido já que os *chips* que foram entregues eram da Claro. O programa era para ver as áreas onde os alunos moram e ver as operadoras de cada cidade para poder distribuir os chips de acordo com o sinal fornecido na cidade. Ou então seria viável cada aluno já tem seu próprio número e fornecerem internet para esses números. Tive muita dificuldade sendo que nem usei internet, fiquei usando meus dados móveis, da minha própria linha de celular. Os *tablets* não pegavam *chips*. Não tive experiência com o *chip* ao qual fui contemplada. Procurei várias informações para saber se poderia trocar o *chip*, mas não trocaram, pois o contrato tinha sido feito só por uma operadora de celular então deixou a desejar. Fiz várias contestações, mas não tive nenhuma resposta e não consegui usar a internet. (Aluno 2, entrevistado em 17/07/2022).

Com relação à assistência por parte da universidade após as queixas, os entrevistados responderam: “Não questionei a UESPI sobre o fato de no tempo a operadora não ter

cobertura aqui. Agora até já tem, mas para mim não serve mais”. (Aluno 1, entrevistado em 12/07/2022).

Entrei em contato, mas não tive nenhuma resposta, pois o *tablet* que recebi tinha que colocar o *chip* nele sendo que ele não colocava *chip*. Segundo: minha cidade não pegava sinal da operadora que foi disponibilizado pela universidade. Não tive nem um tipo de assistência, entrei em contato com a minha coordenadora de curso e outros funcionários, mas não tive resposta. Então fiquei sem internet do programa. (Aluno 2, entrevistado em 17/07/2022).

Os *tablets* também apresentaram dificuldades de acesso, segundo os relatos de alunos feitos nas redes sociais. A matéria o portal G1 Piauí noticiou as queixas, segundo as quais os aparelhos não eram compatíveis com os aplicativos de aulas, nem com os *chips* disponibilizados. O portal também mostrou que a universidade tentou resolver o problema assunto criando tutoriais para orientar o uso. Apesar das orientações, no caso dos *tablets*, percebe-se que os aparelhos não eram os modelos ideais e não resolviam o problema, sendo descritos por alguns alunos como de baixa qualidade.

O Auxílio Conectividade, assim como o Internet Brasil, tinha o objetivo de proporcionar acesso à internet gratuita, mas esse objetivo não foi alcançado com sucesso, pois muitos alunos não conseguiram utilizar os aparelhos ou tiveram algum outro impasse. Entretanto, não podemos esquecer que, em contrapartida, também houve estudantes que foram ajudados por essa medida.

Os problemas de conectividade deveriam ter sido observados, planejados e assistidos com precisão. Os problemas aqui citados não correspondem apenas ao mau funcionamento dos *chips*, mas também à má qualidade da conexão, visto que a banda larga tem como proposta ser um “serviço veloz e sem interrupção, que permite múltiplos usos em tempo real e ao mesmo tempo” (LIMA, 2019, p. 28). Porém, isso não foi atendido. Mesmo que, segundo o secretário de Educação, o Governo tenha escolhido a operadora de maior cobertura no estado, ainda assim não foi uma medida benéfica para todos.

Outro exemplo de política ineficiente é a Internet Brasil. Em novembro de 2020, a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), em parceria com operadoras de telefonia fixa, assinou termos aditivos autorizando a exploração de Serviço de Comunicação Multimídia. A medida foi tomada para possibilitar a conexão das escolas públicas à internet

de maneira gratuita, a qual pode durar até 2025. Nesse caso, a conexão é boa, mas o programa inclui apenas alunos das zonas urbanas.

A medida criada pelo presidente Jair Bolsonaro de acesso à internet gratuita nas escolas de educação básica também tem o objetivo de conectar estudantes à internet, a fim de combater a desigualdade tecnológica presente nesse espaço. Porém, ainda é preciso procurar meios para resolver a situação das comunidades do interior, situação essa que foi ignorada. O meio rural possui desigualdades em termos sociais geradas pelos extremos na sociedade brasileira, e os avanços tecnológicos nessa região podem ajudar muito em seu desenvolvimento.

As políticas públicas precisam acolher todos que necessitam delas, e antes de o projeto sair do papel deve-se pensar em todas as possibilidades que podem atrapalhar seu desempenho. Ademais, os técnicos devem estar disponíveis caso algo inesperado aconteça, como se observou por meio dos relatos dos alunos.

3. Considerações finais

Como analisamos, a proposta dos *chips* não atendeu às expectativas dos alunos. Sendo assim, concluímos que ela não foi cuidadosamente elaborada, tampouco reavaliada enquanto estava em execução para solucionar possíveis erros. O ideal era conhecer a fundo a realidade social dos destinatários antes de partir para a prática. Apenas uma pesquisa rápida não adianta. Outro fato é que os investimentos na qualidade do material fornecido deveriam ser melhores.

Entrevistando participantes do programa, também concluímos que os estudantes entrevistados não obtiveram total proveito do *chip*. Como surgiram empecilhos para o uso dos equipamentos, o objetivo da política não foi alcançado com total aproveitamento.

Esse caso serviu para vermos como a teoria, a ideia inicial, muda completamente quando executada porque surgem obstáculos imprevistos. Por isso, consideramos que toda política pública deve passar pelas etapas de planejamento, organização, direção e avaliação, sendo esta uma maneira de aprimorar as políticas para ajudar as pessoas da melhor forma possível. O foco no planejamento, nesse caso, pode ser um dos fatores que justifica a baixa atuação de políticas voltadas para essa e outras questões. No caso estudado, soma-se ainda o contexto pandêmico da época.

Em relação ao investimento público em projetos que melhorem as condições de acesso, uma das soluções seria não haver atritos entre as poucas empresas provedoras de internet, pois isso impede mudanças. Há carência de atenção para políticas eficientes que promovam acesso à internet, e as iniciativas em uso ainda apresentam problemas.

Percebemos que, para a boa execução de políticas que assistam pessoas necessitadas, é necessário conversar com o público ao qual o projeto se destinará e saber orientá-lo. Isso trará retornos positivos, já que investimentos financeiros em projetos como esse geralmente são caros, e essas tentativas desenvolvem a educação, o crescimento econômico e a qualidade de vida das pessoas.

Referências

ANDRADE, Samária Araújo de. Economia Política da Comunicação: Origens, reflexões e tendências. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v. 28, n. 1, p. 92-113, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD>. Acesso em: 30 de nov. 2022.

BRASIL. **Lei nº 14.351, de 25 de maio de 2022**. Institui o Programa Internet Brasil; e altera as Leis nºs 4.117, de 27 de agosto de 1962 (Código Brasileiro de Telecomunicações), 5.768, de 20 de dezembro de 1971, 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, 13.424, de 28 de março de 2017, e 14.172, de 10 de junho de 2021. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2022/lei-14351-25-maio-2022-792702-norma-pl.html>. Acesso em: 08 dez. 2022.

BRASIL ainda tem 35,5 milhões de pessoas sem acesso à internet. **Poder 360**, 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/tecnologia/brasil-ainda-tem-355-milhoes-de-pessoas-sem-acesso-a-internet/#:~:text=A%20propor%C3%A7%C3%A3o%20de%20domic%C3%ADlios%20brasileiros,jun.> Acesso em: 16 de jul. 2022.

CRUZ, Guilherme Augusto Fontes. **Internet banda larga no Brasil: estrutura de mercado e políticas de universalização**. 2013. 60p. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

DERANI, Cristiane. Política pública e a norma política. **Revista da Universidade Federal do Paraná**, Curitiba, n. 41, p. 19-28, jul. 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/38314>. Acesso em: 01 de dez. 2022.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 62-83.

GOVERNO do Estado garante mais de 3 mil chips para alunos da Uespi. **Cidade Verde**, 2020. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/338192/governo-do-estado-garante-mais-de-3-mil-chips-para-alunos-da-uespi>. Acesso em: 16 de jul. 2022.

LIMA, Marcos Francisco Urupá Moraes de. A EPC como referencial teórico-metodológico na análise de políticas públicas de banda larga. **Revista Eptic**, v. 21, n. 2, 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/11498>. Acesso em: 30 de nov. 2022.

LIMA, Maria Fernanda. **A universalização da banda larga no Brasil: o papel das micro e pequenas operadoras**. 2014. 239p. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governos) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, 2014.

MARREIROS, Lucas. Alunos dizem que tablets distribuídos pela Uespi não são compatíveis com app para aulas remotas; instituição faz tutorial. **G1 Piauí**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2020/10/23/alunos-dizem-que-tablets-distribuidos-pela-uespi-nao-sao-compativeis-com-app-para-aulas-remotas-instituicao-faz-tutorial.ghtml>. Acesso em: 28 de nov. 2022.

“ESTA TERRA DÁ DE TUDO QUE SE POSSA IMAGINAR”: uma análise comunicacional e visual das práticas alimentares no jogo Árida

Isael de Sousa Pereira

Ingryd Hayara dos Santos

Luiz Adolfo de Paiva Andrade

Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

RESUMO

Árida: O Despertar do Sertão é um jogo que aborda a trajetória e aventuras de uma jovem que vive no Sertão baiano no ano de 1986. O jogo apresenta a personagem principal e sua saga de sobrevivência e convivência com aspectos relacionados a Caatinga. O presente artigo realiza uma pesquisa que objetivou analisar as práticas alimentares sertanejas existentes no jogo, ressaltando as relações que os personagens desenvolveram com a Caatinga. O trabalho foi embasado com autores que discutem sobre, culinária sertaneja, representações sociais, identidades e jogos. Com o intuito de coletar os dados, o artigo foi elaborado com base nas metodologias da Análise de Conteúdo e Análise de Conteúdo Categorical. Os resultados contribuíram e reforçaram a hipótese no sentido de que o jogo Árida representou a cultura sertaneja através das práticas alimentares presentes no game.

PALAVRAS CHAVE: Árida; Jogos; Sertão; Caatinga; Alimentos

INTRODUÇÃO

O universo virtual dos jogos têm sido um campo que ao decorrer dos anos foi e está sendo objeto de estudos para diversas pesquisas dos mais variados tipos, desde suas partes técnicas, como análises sobre interfaces, ambientações, regras, mecânicas e finalidades, como em outros aspectos. Essa utilização voltada como objeto de estudo se deu após a popularização dos jogos de computador e vídeo.

Os games alcançaram uma grande popularização e massificação na contemporaneidade. Livros, filmes e histórias viraram jogos, assim como o inverso aconteceu em diversos casos, como os jogos Super Mário Bros (1993); Street Fighter (1994 e 2009); Mortal Kombat (1995 e 1997) e outros. Tal afirmação traz a perspectiva de que uma grande parte da população mundial já jogou algum tipo de jogo em sua vida ou tem conhecimento de algum deles. Sejam eles os mais simples como os de tabuleiro, ou até os mais sofisticados com realidades virtuais inimaginadas.

Os tipos são dos mais variados como, Ação; Esportes; Aventura; Battle Royale; Corrida; Luta; Estratégias: RPG e outros. Estes perpassam gostos e expressividades diferentes, desde ficções e animações a aqueles que são baseados em realidades culturais da vida humana em sociedade. Após a existência, vem a parte de jogá-los e para isso, Huizinga (2000) destaca que o jogo é uma atividade que é exercida de forma voluntária, dentro de limites de tempo e de espaço, e com o jogador, é acompanhado uma série de sentimentos, como tensão e de alegria.

Assim como os tipos são variados, as formas de se jogar também são, as regras para alcançar os objetivos já vêm pré-estabelecidas em cada jogo. Alguns trazem as metas como “missões” a serem cumpridas, outros já são tidos como mais “livres” lhe dando a possibilidade de percorrer cenários e fazer atividades que não necessariamente são frutos de objetivos.

Huizinga (2000) discute que as regras de cada jogo são absolutas e não permitem discussões. As regras são os determinantes do leque de ideias e símbolos a serem utilizados. Para o autor, não há outra alternativa para a validação delas a não ser unicamente do fato de o jogador se conformar com as regras já estabelecidas pelo jogo.

Os games também são tidos como elementos da cultura, em outras palavras o próprio Huizinga (2000) descreve em seu livro *Homo Ludens* que o próprio jogo foi constatado desde o princípio como sendo um elemento da cultura, que existia antes mesmo da própria

cultura. Sendo que sua origem é marcada desde as mais antigas civilizações até as que vivenciamos na contemporaneidade.

Assim como a literatura, cinema e a televisão, os jogos despertam nas pessoas a capacidade de viajarem através da imaginação e adentrarem naquele mundo ao qual estão tendo acesso. Esse processo, dá passagem de ida a diversas culturas, mundos e fantasias, assim como a novas imaginações e opiniões sobre determinados assuntos, podem ser desconhecidos ou pouco conhecidos.

Os jogos trazem aos indivíduos a capacidade de sociabilidade, por mais que alguns sejam físicos e outros virtuais, mesmo que não se tenha a presença de outra pessoa no momento. Ao jogar determinados games os seres tem a possibilidade de participarem de comunidades de jogos, e ali partilharem as experiências. “Os jogos dão a possibilidade de estarem juntos ou separados, de compartilhar sensações e emoções” (GALLO, 2007, p. 19)

Com base nessas discussões iniciais destacamos que o presente artigo pretende estudar um aspecto específico que é retratado através de regras de sobrevivência e convivência com o sertão e o bioma da caatinga presentes no do jogo *Árida: O Despertar do Sertão*, em relação as práticas alimentares da personagem principal. *ÁRIDA: Backland's Awakening* é uma história de sobrevivência e aventura em pleno sertão brasileiro no ano de 1986. O jogo retrata as aventuras da jovem Cícera de apenas 15 anos, que usa dos conselhos do seu avô Tião e dos outros moradores da sua vila para aprender a sobreviver e conviver com as questões climáticas que assolam a região, e então realizar seu maior sonho: explorar o Sertão e reencontrar seus pais.

O jogo *Árida* foi desenvolvido e distribuído pela Aoca Game Lab, que é um estúdio de games localizado em Salvador-BA e vinculado ao Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Comunidades Virtuais da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), seu lançamento aconteceu em 15 de agosto de 2019. O game pode ser comprado e baixado pela plataforma Steam por um preço de R\$ 9,99 reais e conta com versões completas em português e inglês. O jogo *Árida* conta com duas premiações, sendo uma delas como finalista da Categoria Games com Kids Inerativa 2020 e finalista Game Nacional Prêmio Le Blanc.

Objetivamos de maneira geral através desse estudo analisar as práticas alimentares sertanejas existentes no jogo *Árida*, ressaltando as relações que os personagens desenvolvem com a Caatinga, visando a sobrevivência. Esse objetivo foi criado devido à necessidade em descobrir como que o jogo representa essa relação dos alimentos extraídos da natureza a partir de métodos e técnicas de preparo para o consumo dos mesmos. Por isso, a seguinte

questão surgiu: Como o jogo *Árida* apresenta as potencialidades do bioma Caatinga através das práticas alimentares dos personagens?

Com o objetivo estabelecido, embasado no problema principal dessa pesquisa, acreditamos através de uma hipótese que com esse estudo iríamos encontrar e catalogar diversas características peculiares de pessoas que vivem no Sertão ou viveram em relação as práticas alimentares, com matérias primas retiradas da natureza. Em outro sentido, relacionarmos isso com uma caracterização cultural do Sertão nordestino, pelo fato de o jogo representar esse aspecto e levar em consideração este quesito alimentar como regra para a sobrevivência da personagem principal no jogo.

PENSANDO O JOGO ATRAVÉS DAS REGRAS, MECÂNICAS E INTERFACE

De acordo com Huizinga (2010), não há como contestar o fato que os jogos exercem uma função primária na nossa vida. Apesar de não ser algo exclusivo da humanidade – uma vez que os animais brincam, assim como os homens – e que, inclusive, antecede as civilizações, o autor afirma que os jogos assumem uma “forma significativa” de atividade, sendo um fator cultura da vida dos homens: “encontramos o jogo na cultura, como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos” (HUIZINGA, 2010, p. 7).

O papel que as mecânicas assumem em meio a um jogo tem sido motivo para inúmeros debates. Alves (2015), por exemplo, discute a hipótese de que os jogadores podem construir e assimilar conhecimentos ao interagirem com mecânicas e narrativas mais complexas. A autora se baseia em Johnson (2005) para construir o argumento de que as mecânicas colocam o jogador diante de inúmeros desafios, desde administrar os recursos disponíveis a calcular os objetivos a curto e longo prazo. Esse percurso inicia com a exploração do ambiente, no qual o jogador tenta, através de erros e acertos, decifrar as regras e enigmas do jogo.

Assim, para explorar as potencialidades contidas nas regras e mecânicas dos jogos, é preciso pensar nas condições práticas e visuais que possam oferecer a experiência de imersão aos jogadores. Em meio a isso, é relevante delinear uma interface que atenda aos critérios propostos. Ao conceituar interface, Johnson (2001, p. 17) nos apresenta uma definição simples: “se refere a softwares que dão forma à interação entre o usuário e o computador”. A interface, então, atuaria como um “tradutor”, transformando a linguagem

binária - constituída por sequências de zeros e uns -, em representações acessíveis aos usuários: "essa representação assume a forma de uma metáfora. Uma sequência de zero e uns [...] é substituída pela metáfora de uma pasta virtual que reside num desktop virtual" (JOHNSON, 2001, p. 18).

É interessante observar a associação que Johnson (2001, p. 18) realiza entre os termos "representação" e "interface", chegando a afirmar que "o enorme poder do computador contemporâneo depende dessa capacidade de auto-representação". Dessa forma, podemos pensar que esta representação teria a capacidade de não apenas designar uma navegabilidade mais intuitiva ao usuário - que não precisam realizar o enorme esforço para decodificar os zeros e uns para ter acesso ao computador -, mas possibilita criar um ambiente no qual estejam completamente imersos.

A associação que estamos promovendo entre as mecânicas junto a interface de um jogo não é algo novo. Décadas antes do desenvolvimento dos jogos digitais, Huizinga (2010) já realizava uma interessante relação entre esses aspectos, mesmo sem mencionar diretamente os termos "mecânicas" ou "interface". De acordo com o autor, existe uma proximidade entre a ordem e o jogo, assim como uma associação do jogo à estética: "Há nele uma tendência para ser belo". Para Fardo (2013), esta experiência estética proporcionada pela interface interfere diretamente na aceitação do processo de gamificação.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E JOGOS

Ainda em suas reflexões acerca do jogo, Huizinga (2010) nos chama atenção para o que chamaria de "função do jogo", no qual define em dois aspectos essenciais: a luta e/ou a representação de alguma coisa. Ainda de acordo com o autor, essas duas funções não agem, necessariamente, de forma isoladas, podendo, em alguns casos se confundirem.

Ao refletir sobre representações sociais, Jodelet (2001) afirma que uma das principais características dessas representações se deve ao fato de serem uma forma de conhecimento que são socialmente elaboradas e partilhadas, (re)construindo assim, uma realidade comum. Apesar de aparecer de forma simplificada neste texto, tais representações são fenômenos complexos, uma vez que estão relacionadas a sistemas de pensamento que perpassam pela cultura, ideologia, crenças, valores etc. Assim, "[...] essas representações formam um sistema e dão lugar a teorias espontâneas, versões da realidade encarnadas por

imagens ou condensadas por palavras, umas e outras carregadas de significações” (JODELET, 2001, p. 21).

Ao desenvolver uma pesquisa voltada para a forma com que os jogadores se identificam com seus avatares durante o jogo, Zacchi (2018, p. 136) conclui que os jogos digitais atuam, por vezes, como artefatos culturais que “se inserem numa ampla teia de significações e representações, propiciando contextos para a construção de identidades”. Para o autor, essa relação se desenvolveria uma vez que os jogos possibilitam experiências significativas para os jogadores. Dessa forma, seria pertinente trazer em suas narrativas questões voltadas para a cultura, identidade, educação etc.

É interessante trazermos essas reflexões, uma vez que a provocação central deste artigo se refere a analisar as práticas alimentares existentes no jogo “Árida: Blackland’s Awakening”. Em Árida, acompanhamos constantemente os desafios impostos à personagem Cícera que está em busca da terra prometida: Canudos. Ao longo do jogo, a personagem tem que cumprir diversas missões que são executadas pelos jogadores. Em meio a isso, vemos a evolução da personagem em lidar com as ferramentas e os recursos disponíveis para alcançar seus objetivos. Certamente, um dos aspectos que mais chama a atenção diz respeito a relação da Cícera com o bioma Caatinga, que oferece inúmeras possibilidades para comida e hidratação.

Assim, somos desafiados a pensar levando em considerações diversas perspectivas acerca das representações contidas no jogo. Uma delas, obviamente, diz respeito a relação da culinária sertaneja com a natureza semiárida, observando, inclusive, traços identitários. A segunda nos faz refletir como essa representação é trazida no ambiente virtual do jogo. Huizinga (2010) defende que a ‘realização pela representação’ conserva, de certo modo, todas as características formais do jogo.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O artigo científico em questão é uma pesquisa que possui uma abordagem qualitativa, através dela segundo o que discute Silveira e Córdova (2009) nos preocupamos em aprofundamentos e análises mais precisas do objeto de estudo em questão. A abordagem qualitativa é ampla e não possuem apenas um modelo próprio a ser seguido, isso se dá devido à grandiosidade de abordagens e estudos que as Ciências Humanas possuem.

Esse objeto de estudo em questão busca solucionar o problema que traz a seguinte indagação: Como o jogo *Árida* apresenta as potencialidades do bioma Caatinga através das práticas alimentares dos personagens? Através dessa problemática e com base no jogo *Árida* que é o objeto de estudo em questão, definimos e delimitamos um dos pontos dentro do jogo a ser analisado. O game apresenta várias manifestações e representações da cultura nordestina e sertaneja, contudo, após os pesquisadores em questão ao jogar o *Árida*, optaram por analisar as práticas alimentares sertanejas existentes no jogo, ressaltando as relações que os personagens desenvolvem com a Caatinga, visando a sobrevivência.

Com base nessa delimitação partimos para o pressuposto dos dados a serem obtidos, o estudo e a coleta de dados foi desenvolvida em um período de 15 dias, onde tivemos que jogar o game, ao tempo que realizávamos a coleta de dados. Neste sentido, trabalhamos com a Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e uma vertente desse método abordada por Fonseca Júnior (2009) que é a Análise de Conteúdo Categorial.

Bardin (1977) destaca que para a boa efetivação da Análise de Conteúdo como método de pesquisa, deve-se seguir três pontos em questão: O autor destaca que o *primeiro passo* seria a pré-análise, onde nesta etapa são desenvolvidas as operações preparatórias para a análise propriamente dita. Consiste num processo de escolha dos documentos ou definição do corpus de análise. Neste sentido, foi o que realizamos com uma observação empírica dos jogos, e tivemos o contato inicial, apenas a fim de conhecer o game que já estava ofertado ao mercado desde 2019, mas também buscamos definir e delimitar o que seria estudado dentro daquele objeto em questão.

O *segundo ponto* foi a exploração do material ou codificação. É uma fase que consiste no processo através do qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades. Foi a partir daí que associamos a perspectiva de Bardin (1977) com a vertente de Fonseca Júnior (2009) sobre a Análise de Conteúdo Categorial. Construímos uma tabela que abordava as seguintes categorias: *Alimentos; Técnicas de Preparo; Relação com a Caatinga e Objetos de Trabalho e Uso Pessoal*. A partir dessa construção e divisão por categorias, partimos para a coleta de dados, catalogando a partir das fases do jogo, os objetos, alimentos e ações que se relacionavam com a proposta de pesquisa do artigo científico.

Por fim, o *terceiro passo* é o tratamento dos resultados, abordando com inferência e interpretação. Buscamos nesta etapa colocar em relevo as informações fornecidas e captadas no momento da coleta de dados. Após termos catalogados junto a tabela os quesitos

necessários para a escrita das inferências, iniciamos o processo relacionado a fase das análises.

Contudo, além desse processo metodológico que utilizamos com base na Análise de Conteúdo e sua vertente, trabalhamos com a Descrição do Método em jogos de Aarseth (2003). Este autor relaciona algumas abordagens de métodos de análises para a estética dos videogames. Essa estética abordada e trazida em questão, relacionamos com o nosso estudo no sentido da ambientação do jogo *Árida*. O autor trata em suas reflexões no artigo científico *O jogo da investigação: Abordagens metodológicas à análise de jogos*, considerando que: “Uma análise estética, tal como um jogo de computador, não se pode dar ao luxo de aborrecer o seu público, devendo ir diretamente ao assunto e enfatizar os elementos que tornam o jogo interessante, sejam eles quais forem” (Aarseth, 2003, p. 12).

Com base nessas discussões e no processo proposto por Aarseth (2003) ele caracteriza três pontos onde qualquer tipo de jogo em um ambiente virtual pode ser aplicado, sendo eles: Em *primeiro ponto* a concepção, as regras e a mecânica do jogo. Segundo o autor, neste sentido para atender esse ponto pode-se buscar contato com quem concebeu o jogo. O *segundo quesito* seria uma observação do jogo a partir da percepção de terceiros, com parecer a partir de suas leituras, relatórios e críticas, buscando com isso um conhecimento representativo. O *terceiro* e último ponto seria o jogo ser jogado pelos próprios pesquisadores, a fim de tirarem suas próprias conclusões. Espen Aarseth (2003) destaca que todas as formas são válidas, contudo, a terceira opção seria a melhor e mais precisa.

POTENCIALIDADES DA CAATINGA PRESENTES NO JOGO ÁRIDA

Ao explorar sobre as expressões da cultura nordestina presentes no game “*Árida: Blackland’s Awakening*”, Pinheiro (2020) afirma a narrativa presente no game evidencia diversos elementos que estão ligados a ideia de Sertão Semiárido, como a construção visual, a trilha sonora, os diálogos etc. Para esta análise, buscamos realizar um recorte, aprofundando uma investigação científica que evidencia a relação que a personagem principal desenvolve com os elementos do bioma Caatinga, uma vez que, um dos fatores que nos chama a atenção logo no início do game diz respeito a relação que Cícera desenvolve com elementos presentes na natureza semiárida para conseguir cumprir as missões propostas.

O jogo já fornece pistas dessa relação com a natureza na primeira parte, quando em forma de cordel, Cícera declama: “eu vivo numa terra árida que é de rica natureza”. Ainda nesta parte do jogo, a personagem relata que essa terra seria a responsável por promover formas para a sobrevivência das pessoas que a habitam: “do lavrador ao vaqueiro”. Apesar de não ser o intuito principal do jogo, é possível identificar elementos presentes que sugerem uma vivência adaptada as condições presentes no Semiárido.

Para obter os elementos necessários para a manutenção do jogo, Cícera se utiliza de diversos objetos de trabalho e uso pessoal que a acompanha ao longo do jogo. Essas ferramentas se tornam essenciais uma vez que será através delas que a personagem principal consegue adquirir meios para obter alimentos e água. A primeira que nos é apresentado é a enxada que é utilizada para cavar a cacimba, além de se apresentar útil para colher as mandiocas. Também temos a presença do facão que atua como um instrumento que abre os caminhos bloqueados pelas catingueiras, assim como é usado para cortar os mandacarus. Para a personagem utilizar as ferramentas é necessário, no entanto, prepará-las antecipadamente. O jogo introduz uma regra de amolar os instrumentos que é feita através das chamadas “pedras de amolar” que são encontradas ao longo da caminhada de Cícera.

Por muitas vezes, essas ferramentas cumprem a função principal de obtenção de alimentos e/ou água. No entanto, algumas vezes, é necessário que haja a atuação de outros itens. Para o armazenamento de água, por exemplo, Cícera se utiliza da cabaça, que é um fruto popular por possuir uma casca dura que pode ser usada como recipiente ou até mesmo objeto decorativo. Também temos a presença da palha seca e dos gravetos que se tornam itens essenciais para montar uma fogueira que, no jogo, cumpre a função de cozinhar alimentos. Ainda de acordo com as informações contidas no game, “as comidas cozidas encham mais a barriga!” e, conseqüentemente, irá manter por mais tempo os níveis de comida da personagem.

É interessante observar que uma das primeiras mensagens que aparece no jogo, alerta ao jogador para que preste atenção aos níveis de água e comida da personagem. A mensagem aparece na tela retrata o seguinte: “Cícera precisa comer e beber para se manter saudável. Observe o indicador de aridez, ele sinaliza a dificuldade da área. Se você morrer, irá retornar ao oratório com as ferramentas desamoladas”. A partir disso, dois aspectos nos chama a atenção. O primeiro deles diz respeito a relação que fizemos, anteriormente nesse artigo, entre regras e mecânicas. As questões referentes ao nível de alimentação e hidratação aparecem de forma repetitiva e obrigatória no jogo. Repetida, pois, ao longo da narrativa, o

jogador precisa estar constantemente buscando meios para obter comida e água; obrigatória, pois, se o jogador negligenciar esses fatores, não irá ter êxito nas missões, uma vez que a seca irá vencer e Cícera morrerá.

A segunda corresponde aos níveis de aridez refletidos na interface do jogo. Temos, obviamente, os índices de comida e água que fazem com o que os jogadores (re)pensem na gestão dos recursos disponíveis, mas, para além deles, Pinheiro (2020) nos chama a atenção para um terceiro que seria o sol. Através das cores podemos nos situar melhor acerca dos índices citados anteriormente. Quando o cenário ganha uma entonação cinza, por exemplo, sinaliza que a personagem está em déficit de água. Já a cor avermelhada, identifica a ausência de comida. Para além das cores, também podemos identificar uma mudança na postura da Cícera que ao apresentar a carência dos suprimentos básicos, se apresenta cansada e cambaleante.

O início da jornada começa em uma conversa com o avô Tião, onde as primeiras tarefas devem ser cumpridas pelo jogador. Tião previne Cícera ao falar que “na seca não se vai muito longe sem água”, por isso, é preciso sempre estar atenta as formas de armazenamento. Em seguida, ele chama a atenção para a caraibeira, espécie de árvore conhecida por crescer próximo a fontes de água natural, assim as folhas amarelas da árvore seriam um indicativo para poder cavar cacimbas. A personagem utiliza da enxada para abrir a fonte, extrair e guarda a água na cabaça. É interessante observar a presença da cacimba e da cabaça no jogo, uma vez que são estruturas de armazenamento de água historicamente popular no Semiárido Brasileiro devido a facilidade de acesso.

O jogo segue com novos desafios para Cícera. No próximo, a personagem precisa achar uma fonte de comida, para isso ela vai verificar o plantio de mandioca da família. A partir do fruto desta planta que somos apresentados a algumas possibilidades de pratos. A mandioca, no jogo, servirá para obter o pirão, junto com a farinha, ou apenas sua versão cozinhada. Ao longo que o jogo vai avançando, a personagem vai encontrando diversos elementos que servirão para a sua alimentação e fonte de água, assim como irá desbloquear novas receitas que podem ser feitas a partir de um conjunto de ingredientes e/ou cozinhando estes. Como, por exemplo: o umbu – que se torna fonte para a umbuzada -, o caju – que possibilita fazer a cajuada -, o milho, o jerimum etc.

A personagem também tem interação com as plantas xerófilas. Por serem conhecidas por se adaptarem às regiões áridas e semiáridas, por isso, apresentam características como o atrofiamento de folhas que, geralmente, são reduzidas a espinhos para evitar a evaporação.

Na paisagem do jogo, as que aparecem com maior frequência são os mandacarus e coroa-de-frade. Devido a assiduidade, elas se tornam uma das principais fontes de mantimentos para a Cícera, em especial, o mandacaru, pois, a partir da planta é possível obter tanto a sua versão cozinhada – que serve para a alimentação -, como a água de mandacaru que pode ser utilizada nos momentos de necessidade. A coroa-de-frade também se apresenta, no jogo, como uma fonte de água. Apesar de não ter um grande reservatório, é útil em diversos momentos.

O jogo *Árida* proporciona uma interessante reflexão sobre a relação com a natureza da Caatinga, para além da visão moderna. Ao observar a culinária do sertão baiano, Venâncio Filho (2019) revisita aspectos presentes na formação deste território que permanecem até então. Para o autor, a culinária do sertão baiano se relacionou e ainda se relaciona diretamente com o bioma caatinga, possuindo influência direta do clima semiárido que produziu efeitos nas relações sociais, culturais, políticas, econômicas etc.

A identidade da comida sertaneja está ligada à disponibilidade de recursos do meio onde os ingredientes são cultivados. O sertanejo definiu, ao longo de sua vida, o que é ou não é comida, o que é permitido ou adequado ou inadequado para o seu gosto. Considerando a variedade de espécies de comidas encontrada na cozinha sertaneja, se identifica que os gostos foram se somando de acordo com o decorrer da história da ocupação do território, das condições socioeconômicas, da cultura compartilhada, do bioma natural ou domesticado, de gêneros comestíveis e, no caso em especial o clima (VENÂNCIO FILHO, 2019, p. 228).

O autor ainda complementa que, devido aos períodos de estiagem, os indivíduos que viviam nestes territórios aproveitavam as possibilidades oferecidas a partir da fauna e da flora, além das espécies que poderiam ser cultivadas. Venâncio Filho (2019) também nos chama a atenção para as plantas nativas da caatinga, especialmente, as cactáceas, que sempre foram utilizadas como fonte de alimento - não apenas para os animais, como para os homens.

Apesar de aparecer muitas referências a alimentação e interação com a flora da Caatinga, em *Árida* também temos a presença de alimentos derivados de animais e espécies de pequeno porte. Nessa parte, podemos citar o leite, advindo das poucas vacas que aparecem no jogo. Com maior frequência temos os ovos dos ninhos de joão-de-barro que aparecem nas árvores e podem ser consumidos com ou sem cozimento. Ao decorrer de sua

jornada, a personagem também adquire a habilidade de montar armadilhas que, segundo o próprio jogo, é ideal para capturar animais pequenos, como o calango. Mesmo que seja menos frequente, essa perspicácia acaba ampliando o conhecimento de pequenos animais que também entravam no cardápio sertanejo.

Um ponto interessante para ser acrescentado se refere a relação que a personagem possui com os bodes e cabras, animais que carregam uma representação social fortemente atrelada a ideia de Caatinga. Historicamente, a carne de bode tem sido incluída e apreciada na culinária baseada no sertão Semiárido, como consta Venâncio Filho (2019), além de ser uma importante fonte de renda para as famílias da zona rural do Semiárido Brasileiro.

Cícera também obtém alimentos de outras formas que não, diretamente, da natureza, mas que, de certa forma, fazem referência a fauna e flora da Caatinga, especialmente, da culinária do norte baiano. Com uma certa constância, a personagem encontra caçuás - cestos feitos de cipó ou vime que servem no transporte e/ou armazenamento de comida – com algumas iguarias, como a farinha de mandioca, a carne de sol – prática de armazenamento que consiste em salgar e secar a carne, presente na culinária nordestina -, a rapadura etc. Outros alimentos e itens de armazenamento aparecem no formato de recompensa pelo objetivo alcançado, como o pão, o leite, o bolo de milho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o passar dos anos o mundo dos jogos virtuais tem ganhado espaço garantido nos estudos acadêmicos. Assim como o cinema, os jogos produzem e reproduzem imagens, movimentos e conceitos imagéticos e da vida humana em sociedade que mexem com o imaginário popular. Em alguns casos, como é abordado em *Árida*, trazem representações sociais de regiões específicas, reproduzindo um fortalecimento de uma determinada cultura.

O nosso estudo objetivou analisar as práticas alimentares sertanejas existentes no jogo *Árida*, ressaltando as relações que os personagens desenvolvem com a Caatinga, visando a sobrevivência. Esse objetivo veio com a necessidade de procurar trazer essa abordagem em relação à alimentação pessoal da Cícera com base em sua trajetória de convivência com o bioma da Caatinga

Inicialmente ao embasarmos a pesquisa desenvolvemos uma hipótese que empiricamente acreditávamos encontrar através do jogo *Árida* diversas características peculiares, culturais e alimentícias de pessoas que vivem no Sertão ou viveram em relação

as práticas alimentares com matérias primas retiradas da natureza. De fato essa hipótese foi confirmada. Catalogamos vários itens que se associavam as práticas alimentares presentes no Sertão, para além dos alimentos, destacamos os objetos utilizados e as técnicas de preparo, que veem sendo passadas de geração em geração.

Ao analisarmos *Árida*, nos deparamos que a relação que a Cícera desenvolve com o bioma Caatinga está muito atrelada as regras e mecânicas presentes no jogo. Isso se evidencia inúmeras vezes, ao acompanharmos a busca da personagem em alcançar as missões da narrativa, onde são necessárias mecânicas que permitam ao jogador uma consciência da gestão dos próprios recursos e, portanto, qualquer tipo de violação a essas questões quebraria com o caráter original do jogo. Também é importante ressaltar como a interface traduz essas regras e mecânicas em uma perspectiva visual e bastante intuitiva, na qual através de cores, trilhas sonoras e mudança de postura da personagem são responsáveis por passar mensagens aos jogadores.

Para além disso, podemos salientar, novamente, sobre a relação da personagem principal com o bioma Caatinga. Notamos que em *Árida*, há uma constante representação das características e potencialidades deste bioma. A estiagem, por exemplo, é um elemento muito forte na narrativa do jogo e produz efeitos neste ambiente. Em contraponto, apesar da presença constante, esse aspecto não chega a definir unicamente o território em que a personagem vive. Acompanhamos, em sua trajetória, a busca de Cícera para alcançar os índices de comida e água satisfatório, se utilizando de diversos elementos que estão disponíveis no território em que vive, desde plantas como o umbuzeiro, o cajueiro, o mandacaru e a coroa de frades. Todos esses elementos estão diretamente ligados às representações que temos sobre o bioma Caatinga, porém, ao invés de repetir uma perspectiva cristalizada, ligada a uma natureza inóspita, *Árida* apresenta novos olhares sobre as relações, este território, se aproximando, inclusive, de discussões contemporâneas, como as possibilidades de vivência adaptada ao Semiárida Brasileiro

REFERÊNCIAS

AARSETH, E. *O jogo da investigação: Abordagens metodológicas à análise de jogos*, 2003. Disponível em: http://www.bendevane.com/VTA2012/herrstubbz/wp-content/uploads/2012/01/02_GameApproaches2.pdf/. Acesso em: agosto de 2019.

- ALVES, Lynn. Aprendizagem mediada pelos jogos digitais: delineando o design investigativo. In: SOUZA, Claudio Reynaldo; SAMPAIO, Renelson Ribeiro (orgs). Educação, Tecnologia & Inovação. Salvador, EDIFBA, 2015, 187-208
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Análise de conteúdo. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977
- CARVALHO, Luzineide Dourado. Ressignificação e reapropriação social da natureza: práticas e programas de “Convivência com o Semiárido” no Território de Juazeiro – Bahia. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe. Centro de Educação e Ciências Humanas/Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, 2010.
- FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. In: BARROS, Antônio de; DUARTE, Jorge (orgs.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2009, 281-304.
- GALLO, Sérgio Nesteriuk. **Jogo como elemento da cultura: Aspectos contemporâneos e as modificações na experiência do jogar.** 2007. 200f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica), PUC-SP.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 Ed. – São Paulo: Atlas, 2002.
- HUIZINGA, J. Homo Ludens. Tradução João Paulo Monteiro. 4. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 420p.
- JOHNSON, Steven. Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de comunicar. Tradução de Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro; Zahar, 2001.
- PINHEIRO, Bruna Maele Girão; PINHEIRO, Regina Cláudia; ARAÚJO, Júlio. Árida: o despertar do Sertão e a expressão das cultura nordestina através dos elementos constitutivos de um jogo digital. Revista Leia Escola, v. 20, n. 1, 2020.
- VENÂNCIO FILHO, Raimundo Pinheiro. Comidas e cozinha na cultura sertaneja: passado e presente no interior da Bahia. Fronteiras: Revista em História, v. 21, n. 38, p. 223-238, jul./dez. 2019.
- ZACCHI, Vanderlei. Identidade em jogos digitais: entre a identificação e a mecânica do jogo. Revista Línguas & Letras, v. 19, n. 44, p. 114-138, 2018

As dificuldades da mulher para chegar ao jornalismo: do processo nacional ao interior piauiense

Josiana Araújo SANTOS

Paloma Aparecida Machado de SOUSA

Jaqueline da Silva Torres CARDOSO

RESUMO

A inserção da mulher no jornalismo ocorreu de forma lenta. Foi um processo de décadas e séculos, que aconteceu por meio de periódicos, revistas, imprensa alternativa e outras. O presente artigo busca estudar a presença feminina no jornalismo nacional e piauiense, com ênfase na cidade de Picos, apontando a imersão dessas mulheres, sua importância e os papéis exercidos por elas. O objeto de estudo é uma figura que mostra grande evolução no meio

social e em áreas de trabalhos que eram consideradas exclusivamente de homens, e as primeiras conquistas no jornalismo feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Jornalismo; Trajetória; Picos.

Introdução

A mulher está ocupando cada vez mais lugares na sociedade; sua presença está marcada em vários âmbitos do meio social: há mulheres no esporte, na política, no jornalismo, na comunicação geral, à frente de grandes empresas etc. Apesar de parecer muito, os homens ainda ocupam áreas privilegiadas e possuem salários melhores e maiores. Isso ocorre porque ainda o Brasil ainda possui uma sociedade machista e patriarcal, na qual as mulheres muitas vezes são vistas como inferiores, frágeis e “minorias”, além de ainda, muitas vezes, tratadas como meros objetos.

No decorrer de muitos anos, o meio de trabalho jornalístico era exclusivamente masculino. Apesar de ter uma aparição lenta, mas gradativa no jornalismo, e de ser a maioria no seu meio profissional, a mulher jornalista ainda é pouco valorizada, assim como a profissional de outras áreas. Segundo a pesquisa realizada pela Federação Nacional dos Jornalistas sobre o perfil do jornalista brasileiro (LIMA, 2022), 58% dos jornalistas são mulheres. Isso significa que, mesmo sendo a maioria, essas profissionais ainda passam por inúmeras formas de preconceito, desvalorização e desigualdade.

Como Lobato (2013, p. 1) sinaliza, “algumas das grandes protagonistas - talvez as maiores - destas mudanças sociais do século passado foram as mulheres”. A luta das mulheres obteve avanços que perduram até os dias presentes, avanços esses que podem ser tomados como exemplo de influência, pois suas conquistas aumentam a cada dia, causando impacto tanto no meio feminino como na sociedade. Não por acaso, as mulheres sempre buscam mostrar seus ideais e ter participação nos meios comunicacionais.

Diante do exposto, o presente trabalho tem por finalidade analisar a presença feminina no jornalismo picoense. Para isso, recorreu-se a duas figuras que representam o jornalismo dessa região. São elas: Sheila Cunha Fontenele Leal Santos e Ingrid Milched Moura Gonçalves. A escolha dessas personalidades deve-se principalmente a seus papéis, desempenhados como editora, repórter e assessora.

O método utilizado para construção de tal artigo foi de pesquisa bibliográfica, coleta de dados em *sites* e coleta de narrativas através de entrevistas semiestruturadas (DUARTE, 2011).

A presença feminina no jornalismo

Durante muito tempo, não só na área do mercado jornalístico, houve uma exclusividade masculina. As mudanças nesse campo aconteceram de forma lenta. Em 1986, as mulheres já ocupavam 36% dos quadros profissionais do país, e anos mais tarde esse número cresceu. A mulher ocupa, hoje, um espaço majoritário nas universidades brasileiras e tem mais anos de estudo, ainda que isso não represente a ocupação de melhores cargos e salários. A mudança é lenta, mas já possibilita algumas honrosas comemorações. Por exemplo, de acordo com levantamento internacional da Elsevier, as mulheres correspondem à metade dos artigos científicos produzidos no Brasil. Também são responsáveis por mais de 50% dos novos negócios, o que indica um crescimento do empreendedorismo feminino (BRANDÃO, 2020).

No contexto secundário no jornalismo, em particular o televisivo, a mulher teve inicialmente um papel secundário no Brasil, pois teve sua imagem atrelada ao fator publicitário. Nesse campo, a mulher expôs, ao longo dos anos, a voz do anunciante por meio da sua própria imagem. Ademias, ela foi relegada a cargos jornalísticos tidos como de menor visibilidade.

É de suma importância, em se tratando de mulheres que fizeram parte do jornalismo, registrar o nome da primeira mulher jornalista no Brasil: trata-se de Maria Josefa Barreto Pereira Pinto (1787-1837), nascida em Rio Pardo, no Rio Grande do Sul. Ela herdou a tipografia do seu pai adotivo e publicou, em 1833, o jornal legalista *Bellona irada contra os sectários de momo*, que criticava as ideias liberais defendidas pelos farroupilhas. Infelizmente, não existe imagem da sua diretora e redatora, assim como não há informação da localização deste periódico (FLORES, 2013).

A história dessa monarquista, pioneira e fundadora do jornal *Bellona* em 1833 — que já havia colaborado com o jornal *A idade do ouro*, universo então tipicamente masculino —, teve início em Viamão (RS), ao ser abandonada por seus pais à porta da casa de uma das famílias da cidade, por quem foi adotada e educada.

Percursora também, Maria Josefa, ao criar a primeira escola mista de Porto Alegre (RS), na década de 1830. Além de atender meninos e meninas em um mesmo estabelecimento, o que não era comum naquela época, Maria Josefa ousou, ainda, ao ensinar às meninas latim, geografia e filosofia (ROSSI, 2004).

O *Bellona* circulou até sua morte, em 1837, ocasião em que a então província do Rio Grande do Sul declarou guerra ao império brasileiro, no episódio que se tornou conhecido como Guerra dos Farrapos (FLORES, 2013).

Ainda se tratando do sexo feminino no jornalismo, é importante mencionar Marília Gabriela, apresentadora, atriz, entrevistadora e escritora. Gabi é muito respeitada e conceituada principalmente no meio jornalístico.

Marília iniciou sua carreira de jornalista em 1969 como estagiária do Jornal Nacional da Rede Globo. No mesmo ano foi chamada para ser apresentadora do telejornal Jornal Hoje, em São Paulo. Em 1973, estreou no Fantástico com uma reportagem sobre o aniversário da morte de Carmen Miranda. Logo depois, ela foi contratada para ser repórter especial do Fantástico, fazendo viagens por todo Brasil (KIMURA, 2013).

Em 1997, Marília Gabriela foi contratada pelo SBT, onde apresentou o SBT Repórter durante quatro anos. Nessa mesma emissora apresentou “De frente com Gabi”, programa inicialmente semanal que, a partir de maio de 2002, passou a ser apresentado de segunda a sexta-feira. Neste programa foi ao ar a polêmica entrevista com a cantora Madonna. Houve alguns desentendimentos entre as duas, o que levou a entrevista a um grande constrangimento.

Mulher à frente de uma categoria jornalística

O jornalismo abrange várias categorias, desde o jornalismo de opinião, esportivo, internacional, investigativo, sobre moda, assessoria, econômico ao repórter, entre vários outros. Há muitas dessas categorias em que o homem já foi o mais destacado, como no jornalismo esportivo. Por se tratar de esportes, há um preconceito contra a mulher que se interessa pela área, isto é, há um tabu segundo o qual só o homem conhece os esportes. Nesse sentido, se uma mulher diz que gosta de futebol já há questionamentos como: o que é impedimento, quantos títulos seu time tem ou qual nome dos jogadores do seu time?

Hoje há um espaço feminino na área do jornalismo esportivo. Temos como exemplo Nadine Bastos, representante no jornalismo esportivo. Ela é uma ex-árbitra de futebol.

Nadine Bastos iniciou a sua carreira como comentarista de arbitragem em 2017, na Fox Sports. Ela participou dos comentários em diversas competições, incluindo os jogos da Copa do Mundo de 2018, que aconteceu na Rússia. Em 15 de julho do ano passado, a ex-árbitra aceitou a oferta do Grupo Globo, que estava reforçando sua equipe de mulheres nas transmissões (VAQUER, 2022).

A jornalista mulher foi criando seu espaço em diversas categorias, e no jornalismo esportivo não foi diferente. Hoje temos uma mulher à frente de um programa esportivo em uma das grandes emissoras do Brasil. Renata Fan, apresentadora, modelo e jornalista, é famosa por coberturas esportivas na TV. Chegou a se formar em Direito, mas desistiu da carreira jurídica para investir no jornalismo.

Fan Começou a carreira na década de 1990 como locutora de rádio. Nos anos seguintes, foi eleita miss Santo Ângelo, miss Rio Grande do Sul e miss Brasil, quando alcançou maior notoriedade. Em 2003, recebeu o convite para trabalhar na Record. Apresentou *O terceiro tempo*, ao lado de Milton Neves, e o *Debate bola*. Também passou pela Rede Mulher, entre 2005 e 2006. Em 2007, foi contratada pela Band, comandando atrações como *Jogo aberto* e *Futebol compacto* (HAYRAN, 2021).

Hoje Renata Fan é um ícone e inspira outras mulheres a seguirem a carreira do jornalismo esportivo. Ela comanda o programa *Jogo aberto* da Band junto com seu colega Denilson Show, mas o maior destaque do programa é a apresentadora Renata Fan, que esbanja carisma e entretenimento.

Mulheres no jornalismo piauiense

O século XX foi um período de grandes acontecimentos. Desde o final do século XIX, o Piauí já passava por mudanças significativas, sendo estas concretizadas no início do século seguinte: mudanças no sistema político, passagem de capital de Oeiras para Teresina, intensificação urbana, chegada de meios tecnológicos e, até mesmo, mudanças em espaços públicos. Com tudo isso, ocorreria o incremento e a valorização da educação e do trabalho. Diante disso, a mulher passou a ter acesso à educação, a qual, porém, era voltada para o papel feminino na família, como responsabilidades e exigências de dona do lar.

À medida que a educação feminina avançava, as áreas do jornalismo e literatura também progrediam. Ambos os cenários obtiveram participação da mulher. Desse modo, mulheres de classe alta e que eram devidamente letradas começaram a contribuir para a imprensa. Mas, por não possuírem as mesmas perspectivas que os homens, essa colaboração era feita de forma discreta e no anonimato. Vale ressaltar que isso ocorria apenas com as mulheres de classe e letradas, pois mulheres de condições socioeconômicas mais precárias eram submetidas a trabalhos em fábricas, ambulantes e, até mesmo, de messalina (SILVA, 2013 *apud* ALBUQUERQUE; RÊGO, 2016). Entretanto, aos poucos as mulheres piauienses foram rompendo os laços da sociedade que as limitava a serem do lar:

Uma das razões para criação dos periódicos de mulheres neste período partiu da necessidade de conquistarem direitos. Em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, ao voto. (MUZART, 2003 *apud* CASADEI, 2011, p. 3).

Fica visível o quanto foram difíceis as conquistas das mulheres e a imersão no meio jornalístico. Elas viram nessa prática uma forma de lutar por seu lugar na sociedade, e até mesmo sair das sombras de serem donas do lar e do anonimato. Portanto, fica visível a conquista, mesmo que tardia e ainda em processo, da participação feminina, hoje, em vários âmbitos do jornalismo, tais como repórter, fotojornalista, *marketing*, redações, assessorias, entre outros.

Contribuições para o jornalismo piauiense

Estima-se que a mulher começou a fazer jornalismo a partir da literatura já no século XX, porém, após vasta pesquisa, materiais apontam que a colaboração feminina começou ainda no século XIX. Sendo colaboradoras e redatoras, fizeram circular diversas informações, desde instruções, temas somente para mulheres, até ciência, economia e política. O quadro 1 mostra a marca das mulheres na imprensa piauiense desde o século XIX.

Quadro 1 – Mulheres na imprensa piauiense no século XIX

Ano	Publicação	Redatoras	Conteúdos	Formato/ ciclo de vida
1864	A Violeta	–	Leituras femininas	Jornal
1898	Lírio	Amélia de Freitas Beviláqua	Literária	Revista
1904	Borboleta	Helena, Maria Amélia Burlamaqui e Maria Amélia Rubim	Noticioso, literário, crítico	Jornal Semanal
1927	A Normalista	Rosa Cunha e Zilda Santos	Propaganda cultural Instrução, escola	Periódico da Escola normal
1927	O Crepúsculo	Maria Matos, Heloísa Costa e Nair Castro	Noticioso	Jornal do Ateneudo Florianense
1933	A Escola	Direção das alunas do 4º da Escola Normal Oficial	Educação. Instrução	Periódico
1936	Educação	Direção das professoras da Escola Normal	Propaganda educativa	Revista
1936	A Flâmula	Alaide da Costa Pereira	Educação	Jornal Mensal
1938	Primícias literárias	Alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus	Propaganda educativa	Revista Bimestral
1939	Luz	Alunas do Colégio das Irmãs	Propaganda Educativa	Periódico
1940	Raios de Luz	Direção das alunas do Colégio Nossa Senhora das Graças de Parnaíba.	Educação	Revista trimestral

Fonte: Bastos (1994), Pinheiro Filho (1997) e Nascimento (2005) *apud* Nascimento e Boakari (2010, p. 54).

Em geral, a modalidade de jornais e revistas serviam para que as mulheres se deslocassem para participar de um meio visto como poderoso naquele período, a saber, a imprensa. Diante de tal cenário e do quadro 1 apresentado, vale destacar o *Borboleta* (1904–1907), jornal teresinense e periódico mensal que era escrito apenas por mulheres. Ele trazia como assuntos abordados educação, literatura e um misto de outros assuntos, sendo que sua proposta era fazer com que as mulheres participassem ativamente da cultura.

A edição número 14, do dia 29 de outubro de 1905, chama a atenção por ser aquela que comemorou o aniversário de um ano do período. O jornal não teve longa duração devido às condições financeiras daquele período e em razão do preconceito que era depositado pela sociedade piauiense em cima da mulher, que queria desempenhar um papel em um mercado de trabalho predominantemente masculino.

Jornalistas em Picos

A mulher foi ganhando seu espaço, se impondo e mostrando sua capacidade, isto é, ela quebrou as barreiras que lhe foram impostas tempos atrás e passou por todas as etapas para executar funções pelas quais hoje as mulheres são responsáveis. Nesse sentido, para obter respostas para alguns questionamentos da nossa realidade, buscamos figuras jornalistas da cidade de Picos.

Quando questionada sobre a presença feminina no jornalismo picoense e a trajetória da imersão da mulher nesse meio, a jornalista Sheila Cunha Fontenele Leal Santos, formada há mais de dez anos pela Universidade Estadual do Piauí *campus* de Picos, elaborou a seguinte narrativa:

A representatividade das mulheres no jornalismo é muito forte em Picos, a grande maioria é jornalista, é mulher e fazem tudo com maestria as nossas mulheres jornalistas picoenses. [...] Exemplo é a Janaina Costa, fico muito feliz a primeira vez que eu escutei a Janaina no rádio fazendo uma propaganda, eu disse amiga você é do rádio e ela está aí, hoje têm um programa e é super consolidada na carreira, então a gente têm uma representatividade muito boa e somos muito respeitadas dentro do jornalismo até mesmo por nossos colegas. (Sheila Santos, entrevistada em 04/07/2022).

A partir dessa fala, podemos perceber que houve um aumento significativo da presença feminina, se comparada com a história apresentada antes em âmbito regional, por exemplo. A referida entrevistada saiu de Parnaíba, onde residia e cursava administração (desistiu faltando apenas três períodos para concluir o curso), e veio morar em Picos para cursar Jornalismo:

Sempre foi um sonho, sempre falo que não foi nada que me falaram eu sempre me senti chamada a fazer jornalismo, então assim para mim hoje eu sou uma pessoa extremamente realizada com a minha profissão, porque realmente eu faço o que eu gosto. (Sheila Santos, entrevistada em 04/07/2022).

Ela aponta diversas referências que teve quando começou com o jornalismo em Picos, tais como Edilene Ramos, Jota Pereira, Sara Barbosa, Jeandra Portela, Graciele Barroso, além de suas referências nacionais. Em sua narrativa, a entrevistada discorre sobre algumas dificuldades em relação ao começo da sua profissão:

A grande dificuldade que eu vejo aqui até hoje, para chegar até hoje é a falta de oportunidade. Hoje graças a Deus a gente tem muito lugar para trabalhar, mas antes você contava nos dedos os veículos de comunicação que o estudante poderia trabalhar e tinha o espaço, foi muito difícil no começo [...]. Então acho que das maiores dificuldades mesmo foi essa questão de ter oportunidade de trabalho na minha área, porque por mais que Picos tivesse duas faculdades de jornalismo as pessoas donas de veículos ainda não acreditam muito nos estudantes, tinha uma coisa muito fechada, aos poucos graças a Deus isso mudou e hoje a gente tem infinitas possibilidades de trabalho, você sendo bom no que faz com certeza você não fica desempregado. (Sheila Santos, entrevistada em 04/07/2022).

Ver mulheres evidenciando outras como referências mostra a tamanha significância da atuação da figura feminina nas áreas jornalísticas. Quando a entrevistada em questão foi questionada sobre a possibilidade de as mulheres jornalistas darem voz, inspiração e influência, ela respondeu:

Eu acho que a gente influencia sim, quando comecei a estudar jornalismo eu via a Graciele Barroso e a Jeandra, e tinha como meta fazer algumas coisas que elas faziam e quando via elas dando conta daquelas coisas, assim uma agenda super lotada dividida entre

assessoria, entre veículo de comunicação e infinitas coisas, eu dizia, eu quero conseguir fazer isso, então acredito que hoje eu consigo também influenciar algumas pessoas positivamente, tipo eu sou mãe, sou editora chefe da Tv Picos, hoje eu tenho meu próprio negócio através do jornalismo que é o cerimonial essa questão de assessoria de comunicação. Então acho que a gente serve sim como inspiração positiva para muitas meninas que estão começando porque eu sei como é difícil, e a maioria dessas meninas assim como eu são meninas que vieram de outras cidades, sozinhas, e se na minha época foi difícil agora é muito mais. (Sheila Santos, entrevistada em 04/07/2022).

A importância do jornalismo em qualquer lugar é inegável. Portanto, resolvemos questioná-la sobre qual seria a importância do jornalismo na cidade picoense e tivemos o seguinte retorno:

O jornalismo hoje ele escreve a história de Picos, têm sua história contada diariamente por jornalistas. Hoje a gente sabe que todos os fatos são culturais, políticos factuais através do jornalismo, a prova disso é a quantidade de sites. (Sheila Santos, entrevistada em 04/07/2022).

Ao final da entrevista, fizemos um último questionamento sobre quais dificuldades ela teve para cursar ou atuar na área por ser mulher, se havia sofrido alguma forma de preconceito por ser mulher jornalista. Este é o seu relato sobre o assunto:

Eu não tive dificuldades. Falar ter dificuldade, preconceito, alguma coisa, estereótipo por questão de ser de jornalista não. Primeiro eu fiz porque realmente eu gostava e queria esse curso para mim, então eu fiz esse curso a minha vida, busquei tudo para que eu fosse no meu mundo não melhor que os outros, mas no meu mundo ser a melhor, dar o meu melhor, porque eu saí de casa vim estudar fora, então, eu precisava fazer com que isso desse certo, a única coisa que eu tive dificuldade as vezes de arrumar um emprego alguma coisa, mas isso não por ser mulher, é porque realmente era muito reduzido o número de vagas de trabalho para jornalista, mas por ser mulher não, até mesmo porque eu sempre busquei me impor como mulher, como jornalista, como uma pessoa que também tinha conhecimento daquilo, primeiro eu nunca nem me coloquei nesse lugar de poder ter uma dificuldade por ser mulher, eu nunca me coloquei nesse lugar, sempre fui tratada de igual para igual em todas as redações que eu passei, independente de homem ou mulher muito pelo contrário. Hoje eu sou editora chefe de uma equipe que é basicamente metade homens, e todos me respeitam

muito, acatam o que eu falo, meus conselhos e tudo, da mesma forma que eu faço isso com eles, existe uma troca, não tive essa dificuldade, eu posso dizer graças a Deus eu consegui passar pelo meu curso, meu trabalho sem ter isso essa questão por ser mulher sofrer algum preconceito, isso nunca aconteceu. (Sheila Santos, entrevistada em 04/07/2022).

A discrepância no jornalismo envolvendo a mulher é grande e pode variar de acordo com as suas realidades, os lugares ou cargos em que as mulheres estão inseridas. É isso que se pode perceber pela fala da entrevistada acima, quando questionada sobre suas dificuldades. Algumas pesquisas apontam que mulheres devem se esforçar para mostrar serviço e sempre se destacar mais que os homens. Ainda assim não recebem o reconhecimento necessário, os salários são diferentes até mesmo quando ocupam o mesmo cargo que os homens. Muitas vezes, as jornalistas devem escolher entre a vida pessoal e a profissional. Quando a maternidade chega, as empresas jornalísticas colocam o rendimento feminino em questionamento, ponto esse que não é levantado em relação à paternidade.

Trazendo agora a visão de uma outra jornalista, a quem foram feitos os mesmos questionamentos. É interessante mostrar mais de um ponto de vista, porque podemos ver os complementos ou diferenças entre essas histórias. Ingrid Milched Moura Gonçalves, formada em Comunicação Social e Relações Públicas pela Universidade Estadual do Piauí, natural de Oeiras - PI, de onde saiu para vir morar em Picos para estudar:

Sempre que prestei vestibular eu tentava como primeira opção Direito e não conseguia passar, quando passei para comunicação social que foi minha segunda opção, como eu não tinha passado em Direito, quis tentar o jornalismo para ver se me identificava, comecei o curso e fui me identificando, me apaixonando pela área do jornalismo, logo nos primeiros períodos consegui um estágio por meio de um convênio que a UESPI tinha com a tv Picos e fui com a cara e coragem sem saber muita coisa, a gente não tinha pago a disciplina de telejornalismo ainda, e de cara me colocaram para ser repórter, na época a tv Picos estava precisando de um repórter, com o fim do estágio fui contratada pela tv Picos onde estou até hoje. (Ingrid Gonçalves, entrevistada em 08/07/2022).

Quando questionada sobre como considera a presença no jornalismo picoense, e se houve uma trajetória significativa da imersão da mulher nesse meio, recebemos a seguinte resposta:

Essa questão da presença feminina, acho que agora é que está aumentando, está sendo inserida no contexto, por conta da própria história da gente, agora tá sendo mais discutida, antigamente por exemplo: eu tiro lá pela TV Picos quem apresentava os telejornais eram os homens, o primeiro telejornal de Picos era um homem que estava na bancada, depois foi outro homem, sempre no horário nobre eram homens apresentando. Depois quando entrei já tinha uma mulher na bancada, ou seja, eu acho que essa questão lá atrás ainda era muito a presença masculina presente, a presença feminina está aos poucos se inserindo ainda, acredito que aqui em Picos, muitas já estão tentando o seu espaço, se sobressaindo através do seu próprio esforço, porque a gente sabe que a maioria das empresas picoense dos veículos de comunicação são formadas por homens, são os homens que estão à frente na administração, da organização e as mulheres claro também tendo aí seu espaço, mas com muitas dificuldades, porque ainda vemos essa predominância ainda do homem está por trás de resolver e não a mulher assumindo, então essa questão aqui em Picos tem muitas mulheres jornalistas, mas para estar à frente e ter o poder de decisão precisa ser melhorada, essa questão da representatividade e muito fraca, precisa ter mulheres mais à frente da organização, a frente de uma tv por exemplo, a frente de um site, a maioria ainda são dominadas por homens, então houve aí uma mudança bem significativa, porque antes era só homens trabalhando, mas as mulheres também estão conquistando seu espaço. (Ingrid Gonçalves, entrevistada em 08/07/2022).

A mulher, durante muitos anos e em épocas distintas, foi proibida de participar efetivamente na sociedade, com justificativas variadas, desde a moral até a fragilidade feminina ligada ao machismo, lançadas em várias áreas do mercado de trabalho. Sabemos que toda e qualquer atividade profissional nos mostra desafios e dificuldades. Desse modo, perguntamos a Ingrid Gonçalves quais dificuldades encontrou para chegar aonde está hoje:

Tive muitas dificuldades, principalmente porque eu sou de Oeiras, eu morava aqui com outras amigas, que estudavam comigo na UESPI e querendo ou não ficar longe de casa mesmo sendo aqui perto, uma hora de viagem, mas é muito difícil quando a gente tá longe da família, mesmo assim acabei ficando aqui e construindo outra família, casei e tive filho ainda terminando o curso e mesmo assim eu nunca desisti. (Ingrid Gonçalves, entrevistada em 08/07/2022).

Ao final da entrevista, fizemos um último questionamento sobre quais dificuldades Ingrid teve para cursar ou atuar na área por ser mulher, se havia sofrido alguma forma de preconceito por ser uma jornalista feminina:

Eu posso influenciar no sentido da minha trajetória, comecei como estagiária e fui contratada, posso ser uma inspiração porque consegui, acho que posso influenciar por esse caminho. Por esse lado acho que eu inspiro e/ou posso influenciar pelo meu trabalho, esforço e dedicação de agarrar aquela oportunidade na época, porque foi uma oportunidade a bolsa de estágio na tv, acho que influencio outras mulheres porque como consegui estar onde estou hoje, possa mostrar que outras mulheres também podem, principalmente quando tem uma oportunidade agarrar essa oportunidade, ou então buscar essa oportunidade, acho que a inspiração é essa de espelhar em pessoas que foram atrás, que deram suor, que acreditaram em si mesmo. (Ingrid Gonçalves, entrevistada em 08/07/2022).

Considerações finais

Desde a criação do curso de Jornalismo, centenas de mulheres tiveram formação teórica e prática de nível superior e entraram no mercado de trabalho com domínio das competências e habilidades para exercício da profissão. De lá para cá, muitas mudanças ocorreram nas práticas jornalísticas, nas relações sociais e no mercado de trabalho. Nesse sentido, o presente artigo, intitulado “As dificuldades da mulher para chegar ao jornalismo: do processo nacional ao interior piauiense”, teve o objetivo de abordar o processo e a presença feminina no jornalismo de Picos.

Observa-se que, no percurso histórico da temática, a mulher foi transformada violentamente pela lógica devastadora do machismo e por um sistema material e simbolicamente excludente em um ser que, mesmo produzindo e deixando objetos, textos, vivências, relatos da sua vida, é constantemente colocado à margem da sociedade, nas sombras e ostracismo das relações sociais. Sendo assim, com base em entrevistas feitas com mulheres jornalistas e atuantes na cidade de Picos, as quais foram analisadas e discutidas ao longo do artigo, analisa-se que essas mulheres influenciam e inspiram outras a exercerem a profissão e a nunca se subjugar a nenhuma dificuldade por ser mulher.

Dessa forma, esperamos que este trabalho possa contribuir para futuras interpretações na área dos estudos de gênero e atuação profissional, no intuito de lançar luz

para a vida acadêmica jornalística e de outras áreas de estudos e de fazê-los conhecer um pouco mais da história do jornalismo em Picos.

Referências

ALBUQUERQUE, Teresa; RÊGO, Ana Regina. **Representação da mulher no jornalismo piauiense do início do século**. Intercom: São Paulo, 2016.

ALMEIDA, Gildenia Moura de Araújo; PEREIRA, Giselle Andrade; Freitas, Johny Paiva. Uma mulher *avant la lettre*: Maria Josefa Barreto e a imprensa gaúcha no século XIX. **Letras em Revista**, Teresina, v. 11, n. 1, jun./dez. 2020.

BRANDÃO, Ludmilla. **Uma breve história da mulher no jornalismo, no feminismo e na sociedade**. Curitiba: Appris, 2020.

BRASILINO, Fabíola Nunes; SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. **Borboleta: contribuições para a literatura piauiense**. 2017. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522172922.pdf. Acesso em: 10 de jun. 2022.

CASADEI, Bachega Eliza. A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX. **Grupo de Estudos Alterjor: jornalismo popular e alternativo**, São Paulo, v. 1, 3. ed. 2011.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 62 – 83.

FLORES, Hilda Agnes Hubner. **A mulher na guerra dos farrapos**. São Paulo: Martins Editora, 2013.

HAYRAN, Handreza. **Entenda como Renata Fan virou unanimidade**. 2021. Disponível em: <https://www.ospaparazzi.com/celebridades/renata-fan>. Acesso em: 10 jun. 2022.

KIMURA, Gabriela. **Marília Gabriela fala de suas trajetórias profissional e pessoal no fórum Nossa Felicidade**. 2013. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/carreira/marilia-gabriela-fala-de-suas-trajetorias-profissionais-e-pessoal-no-forum-nossa-felicidade/>. Acesso em: 15 jun. 2022

LIMA, Samuel Pantoja *et al.* **Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho**. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022.

LOBATO, Mayara Luma Maia. **A trajetória do feminino na imprensa brasileira: o jornalismo de revista e a mulher no século XX**. Ouro Preto, 2013.

NASCIMENTO, Ana Narua Bezerra do; BOAKARI, Francis Musa. Mulheres produtoras e colaboradoras na imprensa do Piauí (1864-1940). **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, ano 15, n. 22, p. 43 – 67, jan./jun. 2010.

OLIVEIRA, Edileuza Martins de. **Mulheres jornalistas: histórias, memórias e vidas**. João Pessoa, 2017. 75p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal da Paraíba. Centro de Comunicação, Cultura e Artes. 2017.

PATRÍCIO, Edgar; PEREIRA, Fabio Henrique; MICK, Jacques; NICOLETTI, Janara; BARROS, Janaina Visibeli; MOLIANI, João Augusto; ZACARIOTTI, Marluce HENRIQUES, Rafael Paes. **Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho**. Florianópolis: Quorum comunicações, 2022.

ROSSI, Roberto Jung. **A gaúcha Maria Josefa: primeira jornalista brasileira**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

VAQUER, Gabriel. **1ª mulher a fazer parte do "central do apito"**. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2020/07/15/globo-ataca-disney-no-vamente-e-contrata-nadiene-bastos-para-central-do-apito.htm>. Acesso em: 12 jun. 2022.

Contribuições da pesquisa etnográfica para as práticas jornalísticas: uma análise a partir das experiências dos alunos de Jornalismo

Alisson Breno Dias de SOUSA

João Pedro Araújo Costa SILVA

Rebeca da Silva Santos DIAS

Thaila Vitória Santos VIEIRA

Jaqueline da Silva Torres CARDOSO

Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

RESUMO

O objetivo deste artigo é o de apresentar a primeira imersão etnográfica dos alunos do curso de Jornalismo participantes do projeto intitulado “Ciclo de oficinas de antropologia em jornalismo e pesquisa etnográfica”. Compreende-se que o campo da Antropologia, em especial as práticas etnográficas, tem muito a contribuir para o campo do Jornalismo. A matéria-prima dessas duas áreas ancora-se “naquilo que acontece em algum lugar” e parte do empirismo para a produção de conhecimento. A imersão etnográfica ocorreu nos dias 10, 11 e 12 de junho de 2022 no “VI Encontro de Casas de Terreiros de Comunidades Quilombolas”, que aconteceu na comunidade Custaneira/Tronco (Piauí). Nesse evento, os alunos puderam utilizar as técnicas de observação participante e de escrita do diário de campo. Nos três dias de imersão, buscou-se conhecer uma nova forma de fazer jornalismo, voltada para a ciência da alteridade e para um novo modo de se relacionar com a fonte de informação.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo; Jornalismo; Antropologia; Etnografia.

1 Introdução

O presente artigo é o resultado da primeira imersão dos alunos participantes do projeto de extensão intitulado “Ciclo de oficinas de antropologia em jornalismo e pesquisa etnográfica”, cujo objetivo é discutir e aplicar as contribuições da Antropologia e da etnografia nas práticas jornalísticas.

Acredita-se que a Antropologia oferece possibilidades que permitem ao jornalista compreender melhor o fenômeno social, ou aquilo que será noticiado. A ideia de que o jornalismo se define por técnicas e que para isso basta ter uma boa escrita, além de compreender os critérios de noticiabilidade e elaboração de *lead*, por exemplo, é uma noção ultrapassada e simplista. Atualmente, o jornalista precisa ir além. Ele precisa conhecer “as nuances e sutilezas” de cada acontecimento reportado, e isso só é possível “a partir do envolvimento do repórter com a cena vivida e observada” (ALCÂNTARA, 2021, p. 1).

Para colocar em prática as técnicas etnográficas discutidas em sala de aula, oito alunos, dos dez participantes da oficina, etnografaram o “VI Encontro de Casas de Terreiros de Comunidades Quilombolas”, ocorrido nos dias 10, 11 e 12 de junho de 2022 na comunidade quilombola Custaneira/Tronco, no estado do Piauí. Durante os três dias, os alunos realizaram a observação participante e a escrita do diário de campo.

A observação participante é uma relevante técnica de pesquisa e o exercício para um olhar jornalístico quando se estudam “os saberes e as práticas na vida social” (ECKERT; ROCHA, 2008, p. 2). Foi com o processo de observação que os alunos se inseriram nesse

contexto social particular. A observação participante consiste na efetiva participação do pesquisador nas atividades desenvolvidas pela comunidade. Ela requer uma forte interação entre o pesquisador e o grupo pesquisado. Nesse contexto, a observação participante possibilitou aos discentes descrever os espaços, os personagens e as tensões existentes na comunidade.

Outra técnica de pesquisa utilizada foi a escrita do diário de campo. Ela foi um relevante elemento para os alunos na construção do estudo etnográfico daquele grupo, pois apenas nos escritos se percebem as hierarquias, as dominações, as submissões e os desconfortos da comunidade. Rocha e Eckert (2005, p. 4) afirmam que os diários de campo são propícios para a “internalização de formas culturais do comportamento ‘nativo’, pois é por meio da escrita que a voz do Outro torna-se a base da ‘fala interior’ do próprio antropólogo”. Em campo, o processo de construção do diário provoca afetações e emoções, que devem estar presentes na escrita do diário para que se reflita de maneira crítica sobre elas.

O objetivo deste trabalho é o de apresentar as primeiras aproximações dos estudantes de Jornalismo quanto ao uso da prática etnográfica em campo, técnica muito utilizada nos estudos antropológicos. O trabalho será estruturado em dois tópicos. No primeiro, faremos uma breve descrição da comunidade e sobre o Encontro de Casas de Terreiros. No segundo, abordaremos a contribuição da Antropologia e da etnografia para o exercício das práticas jornalísticas, focando a questão da ciência da alteridade e a relação com as fontes de informação e articulando as temáticas com as observações e os diários de campo dos estudantes. E, por último, as considerações.

2 Sobre a comunidade e o Encontro de Casas de Terreiros

Custaneira é uma comunidade quilombola localizada no semiárido nordestino, na cidade de Paquetá do Piauí, um município distante 25 km de Picos (Piauí). Essa comunidade teve sua origem a partir da venda de terras pertencentes aos herdeiros do coronel Joaquim Francisco de Moura. Bené de Moura, neto do referido coronel, vendeu, em 1994, noventa e quatro hectares da então Fazenda Custaneira à Dona Rita Maria da Conceição e ao Senhor Albertino José de Lima (Doutor Gagá). Desde 2012, Custaneira tem sua autodefinição como remanescente de quilombos expedida pela Fundação Cultural Palmares. O território é formado por treze famílias. Já a comunidade do Tronco originou-se a partir da chegada da

família do Senhor Norberto Ferreira de Sousa e da Senhora Ana Josefa de Oliveira à região, no ano de 1900, para trabalhar no corte da palha de carnaúba. Atualmente, o território é habitado por 32 famílias (CARDOSO, 2022).

A atividade agrícola predominante tanto na comunidade da Custaneira quanto no Tronco é a produção de feijão, milho e mandioca, além da criação de animais como bodes, cabras, galinhas, ovelhas, porcos e bois. A agricultura e a criação de animais são destinadas para o consumo e, quando preciso, para a venda nas regiões próximas. A religião católica é predominante nas comunidades, porém, percebe-se também o culto à umbanda. Dentre as festas religiosas realizadas destacam-se o festejo ao padroeiro Sagrado Coração de Jesus, a festa de São Lázaro, a Semana Santa e o Encontro de Casas de Terreiros de Comunidades Quilombola. Durante o festejo, que acontece no mês de junho, a população participa de danças tradicionais como o Reisado, a Lezeira e o São Gonçalo (CARDOSO, 2022).

Dentre as festas religiosas, destacamos o “Encontro de Casas de Terreiros de Comunidades Quilombola”, que acontece anualmente, exceto nos anos de 2020 e 2021, devido ao período pandêmico. No ano de 2022 ocorreu o VI Encontro e, pelo quarto ano consecutivo, a sede foi a comunidade Custaneira/Tronco. O evento, com duração de três dias, recebe pessoas de diversas comunidades quilombolas, além de estudantes da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), da Faculdade R Sá e da comunidade em geral.

O Encontro de Casas de Terreiros de Comunidades Quilombola é um evento que congrega povos de várias regiões e religiões, e um dos objetivos é aproximar a religião do candomblé à comunidade não quilombola. Em uma fala proferida em 2019, Arnaldo de Lima, mais conhecido por Naldinho, a liderança da referida comunidade, discorreu sobre o assunto:

Os jovens que estão aqui na hora da abertura do encontro vai ver que tem vários pais de santo. Temos aqui o defensor público estadual doutor Igor e o defensor público federal da União doutor Benoni e outras representações. Temos aqui o pai Evaldo que é de candomblé. Então nós temos muitas outras representações aqui, a mãe Assunção, o pai Gilvano e esse encontro vai ser grande, um dos maiores encontros desses encontros de terreiros já acontecido, pra gente sair daqui com propostas de outros e outros encontros. Porque nós precisamos fazer entender pra quem não conhece que a nossa religião é uma religião a mais completa no Brasil. Porque eu disse a ele outro dia lá para o padre tava dizendo que as igrejas católica bota

só as imagens de santos, os evangélicos não bota imagens de ninguém e no nosso terreiro tem tudo quanto é de Santo Cigano, Boiadeiro, Exu, preto velho, tem tudo... caboclo, então é a mais completa de tudo que tem. (risos).

[...] representantes da universidade, de terreiro, que vieram aqui, muitos por curiosidade outros porque tem sede de conhecimento e outros também que veio para começar a entender como é que o povo da ancestralidade como é que o povo de matriz africana vem vivenciando nos dias de hoje essa religião tão pura tão sagrada pra nós que conhecemos para nós que vivemos, mas para muitas pessoas que não entendem que não conhecem é feia é destrutiva ver como coisa ruim e enfim.

O objetivo do encontro de terreiro de matriz africana é levar a formação da realidade dos terreiro que vive na sua essência a grandeza de viver em comunhão com seus ancestrais e com sua espiritualidade levando o amor, a caridade e o aconselhamento. Então nós estamos no quinto ano, no quinto encontro de terreiro e não é fácil juntar tanta gente. Não é fácil mexer com tantas energia pra fazer um encontro desse tamanho. (LIMA, 2019, p. 5).

3 Antropologia e etnografia: uma relação necessária para as práticas jornalísticas

Ao ingressar no curso de Bacharelado em Jornalismo, o aluno se depara com uma grade curricular composta por seis eixos de formação. São eles: eixo de fundamentação humanística; eixo de fundamentação específica; eixo de fundamentação contextual; eixo de formação profissional; eixo de aplicação processual; e eixo de prática laboratorial (BRASIL, 2013). E, a partir do perfil do egresso, das competências e dos eixos citados anteriormente, os discentes cursam, a cada semestre, disciplinas contempladas pela grade curricular.

É nos primeiros semestres do curso, nas disciplinas que abordam as teorias da comunicação e do jornalismo, que o aluno se depara com a realidade mercadológica da profissão. Ao estudar a teoria construcionista da notícia, o discente conhece o processo industrial da produção noticiosa. Isso ocorre porque, diante da imprevisibilidade dos acontecimentos, as empresas jornalísticas estabelecem práticas unificadas na produção noticiosa e critérios de noticiabilidade, de sistematização e de valores-notícia (TEMER; NERY, 2004). Isso significa dizer que há uma rotina de produção jornalística que influencia os critérios do que é publicizado.

Mas, pela própria formação acadêmica contemplada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo (BRASIL, 2013, p. 3), o profissional da área precisa: compreender e valorizar o “pluralismo de ideias e de opiniões”; “interagir com pessoas e grupos sociais de formações e culturas diversas”; “procurar ou criar alternativas para o aperfeiçoamento das práticas profissionais”, dentre outras competências e habilidades. Portanto, é válido pensar que, dentre as disciplinas que compõem a ciências humanas, a Antropologia e a sua prática etnográfica constituem um campo que pode contribuir para o fazer jornalístico.

De acordo com o Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, a Antropologia (2022, p. 1) é compreendida como “o estudo do homem como ser biológico, social e cultural”. De maneira mais completa a Antropologia é:

[...] uma forma de conhecimento sobre a diversidade cultural, isto é, a busca de respostas para entendermos o que somos a partir do espelho fornecido pelo “Outro”; uma maneira de se situar na fronteira de vários mundos sociais e culturais, abrindo janelas entre eles, através das quais podemos alargar nossas possibilidades de sentir, agir e refletir sobre o que, afinal de contas, nos torna seres singulares, humanos.

Por sua vez, o jornalismo é uma “atividade de natureza técnica caracterizada por compromisso ético peculiar” (LAGE, 2013, p. 21), com o objetivo de transmitir informações através dos meios de comunicação. De acordo com Lage (2013, p. 21), o profissional dessa área deve “saber selecionar o que interessa e é útil ao público [...] ser verdadeiro quanto aos fatos [...] e fiel quanto às ideias de outrem que transmite ou interpreta (além de) admitir a pluralidade de versões para o mesmo conjunto de fatos” (LAGE, 2013, p. 21). A matéria-prima dessas duas áreas está relacionada àquilo que acontece com alguém (o outro) em algum lugar, e elas partem do empirismo para produzir conhecimento (ALCANTARA, 2021).

Alcântara (2021, p. 1) enfatiza que, para produzir uma reportagem, há uma investida complexa na sua produção. Faz-se necessário uma imersão por parte do jornalista, “um ‘estar lá’ e um esforço de compreensão que vai além da escrita ‘impressionista’”. O referido autor afirma ainda que, para se ter um bom texto jornalístico, “as nuances e sutilezas de cada abordagem afloram a partir do envolvimento do repórter com a cena vivida e observada” (ALCANTARA, 2021, p. 1).

Nesse sentido, a prática antropológica e, em especial, os caminhos da etnografia permitem ao jornalista compreender melhor os fenômenos sociais. Peirano (2008, p. 3) sinaliza que, mais que um método de pesquisa, a etnografia é “a própria teoria vivida”. A autora aponta que o cotidiano, as vivências diárias e as discussões com pares possibilitam o fazer etnográfico, e, por esse motivo, a etnografia não se resume a um método, “mas [a] uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação” (PEIRANO, 2008, p. 3). Na primeira imersão etnográfica dos alunos do curso de Jornalismo, recorreremos a dois trechos de seus diários de campo:

Chegamos na Custaneira e confesso que minha primeira impressão já foi de cara quebrando estigmas, quando cheguei vi vários rapazes andando de moto e isso meio que me chocou, talvez seja um pensamento preconceituoso ou talvez foi a maneira que me ensinaram mas imaginei que eles vivessem igual aqueles povos que vejo nos filmes e nos livros, entretanto já foi bom para quebrar essa percepção errada que somos acostumados pois eles têm casas como as nossas e tecnologia avançada também. (Thaila Vitória Santos Vieira, diário de campo, 13/06/2022).

Passei um tempo sentado ao redor deles, apreciando e olhando os materiais que eles estavam vendendo como por exemplo as camisas e as guias. Logo após isso fomos banhar e jantar, que por sinal a comida maravilhosa, inclusive amo feijoada, e umas das minhas maiores preocupações era sobre a alimentação, já que não é tudo que eu consigo comer, assim que terminamos subimos na capelinha para registrar a vista do pôr do sol e vi que tinha muitas coisas relacionada ao catolicismo. (Alisson Breno Dias de Sousa, diário de campo, 13/06/2022).

Os dois trechos apontam para o que Peirano sinaliza como “fatos etnográficos”, que são caracterizados como “eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo o que nos afeta os sentidos”. Esses “fatos etnográficos” são classificados por Peirano (1995, p. 42) como um “exercício de estranhamento existencial e teórico que passa por vivências múltiplas e pelo pressuposto da universalidade da experiência humana”. Nos diários dos estudantes de Jornalismo, percebemos o estranhamento em relação ao estilo de vida, à alimentação e à religiosidade do povo quilombola. Isso é próprio da pesquisa etnográfica, na qual o jornalista precisa se deslocar da sua própria cultura para ver e ouvir o fenômeno por ele observado (ERCKET; ROCHA, 2008).

Alcantara (2021) afirma que, assim como o campo antropológico, o Jornalismo é a ciência da alteridade, já que esses dois campos buscam estudar o outro e colocar-se no lugar dele para compreender suas angústias. Portanto, diante do universo ainda desconhecido para os estudantes, foi necessário fazer uso dos sentidos. Os estudantes souberam ouvir, souberam perguntar, o que não perguntar e o momento certo para fazer tais perguntas. Acompanharam as palestras, as oficinas e as giras confrontando a diferença de seus costumes com as da comunidade. Faz parte da própria formação humanística jornalística esse deslocamento com a finalidade de conhecer a cultura do outro, como sinaliza o seguinte trecho do diário de campo:

A tarde conversei até com um pai de santo onde ele me disse que minha áurea era muito boa, que eu era um cara de amizade e consideração, que eu vou conquistar o povo da minha cidade, isso me fez se sentir tão bem, pois ultimamente eu estava me sentindo ao contrário do que ele falou, isso me trouxe uma paz, logo a pós sentei com uma das mulheres que frequentar a comunidade e perguntei o significado das guias, ela me explicou o significado de cada cor e cada orixá, em nenhum momento ela me fez me sentir invasivo ao contrário ela me fez se sentir acolhido e confortável, ao conversar com os nossos guia o Marquinho ele contou que a comunidade é como uma universidade onde a gente chega sem saber e sai sábios daquela cultura, achei excepcional a resposta dele, pois o antropólogo tem que se desprender de sua cultura e conhecer a do próximo. (Alisson Breno Dias de Sousa, diário de campo, 13/06/2022).

Para os(as) futuros(as) profissionais jornalísticos, é extremamente importante desde o início fazer a reconstrução de percepções que nos foram colocadas desde a infância, seja através de costumes familiares, educacionais ou até mesmo religiosos, que fortalecem os tabus e até mesmo os preconceitos. O diário de um dos pesquisadores revela um pouco essa percepção:

Confesso que eu estava com um pouco de medo sobre o que iria acontecer, até mesmo por crescer escutando determinadas coisas sobre a religião que eles praticam a umbanda, porém estava muito curioso para conhecer e realmente vê com meus próprios olhos como era a vivência entre eles. (Alisson Breno Dias de Sousa, diário de campo, 13/06/2022).

É significativo considerar que, como profissionais, nos desprendermos da nossa realidade, cultura e costumes se torna um ponto crucial para que possamos ressignificar nossa visão sobre o modo de vida e a realidade do próximo, buscando conhecimento sobre determinadas pautas, principalmente quando elas não fazem parte do nosso cotidiano. Saber ouvir, escutar, dar reconhecimento, dar visibilidade e, até mesmo, usar o nosso conhecimento como ferramenta contra a desinformação — o que fortalece as amarras das diversas formas de intolerância, sobretudo a religiosa — é dever do profissional.

Além disso, é importante ressaltar que o estudo da Antropologia na área dos jornalistas é de suma importância, tanto no âmbito acadêmico como na prática profissional. Em outras palavras, é necessário que os estudantes tenham uma visão futurista e reflexiva sobre os mais diversos tipos de cultura. Conhecer a diversidade cultural de povos indígenas, fortemente marcada pela religiosidade africana, é um fator que deve ser profundamente estudado e conhecido pela sociedade, afinal, o profissional jornalista trabalha com pessoas, escreve para pessoas, informa e noticia pessoas.

Assim sendo, é preciso ter uma perspectiva de conhecimento fundada na busca por buscar saber mais, na análise e na interpretação sem julgamentos, pois, apesar de haver diferenças sociais e culturais, todos devem ser tratados com respeito e igualdade, para que assim haja uma sociedade disposta a ouvir mais e ser empático com o outro, sem julgamentos ou informações equivocadas. O jornalista é fundamental nessa discussão, pois é através do seu conhecimento de transmitir informações para o receptor que são quebrados tabus raciais e religiosos.

Outro ponto que merece destaque é a relação que o antropólogo tem com seus informantes, a qual serve de inspiração para a relação que o jornalista tem com suas fontes de informação. Na Antropologia, o antropólogo participa da vida social dos seus informantes, interage com as pessoas em seus espaços sociais, compartilha as experiências, aprende a língua do “nativo”, reconhecendo sotaques e gírias, além da “aprendizagem dos significados dos gestos, das performances, e das etiquetas próprias ao grupo que revelam suas orientações simbólicas e traduzem seus sistemas de valores para pensar o mundo” (ECKERT; ROCHA, 2008, p. 7). A autores apontam, ainda, que cada grupo social tem sua própria maneira de pertencer e de viver.

No campo do Jornalismo, compreende-se como fonte de informação um conjunto de possibilidades as quais podem ser informações complementares para variadas pautas, sendo elas representadas por pessoas, livros, documentos, entre outras possibilidades. Em meios

jornalísticos, para uma boa informação, é indispensável o uso de fontes de informação, fontes as quais se tornam uma grande ferramenta na área profissional por privilegiar e fortalecer uma apuração mais verídica de conhecimento sobre determinados assuntos.

O jornalista, assim como o antropólogo, deve ter uma boa relação com seu informante/fonte. É claro que esse envolvimento deve ser profissional e de respeito, mas, manter uma relação de aproximação com a sua fonte de informação, na maioria das vezes, trará bons frutos, ou melhor, boas pautas.

Assim, a imersão na comunidade quilombola contribuiu para que os estudantes tivessem um olhar mais aprofundado voltado para o grupo, além de favorecer a construção de uma rede de significados a respeito daquelas pessoas:

O domingo foi o último dia da nossa visita e me atrevo a dizer que de todos os dias esse foi o mais importante para mim, pois foi quando consegui me conectar com o lugar e com a religião em si, me benzi com a Preta velha que acabou sendo incorporada por diversas mulheres que participam da religião e acabei sentindo uma energia muito forte, ela me falou tantas coisas que acabei não contendo as lágrimas, realmente tocou fundo no meu coração. Voltei pra casa bastante reflexiva e com uma sensação bem diferente, realmente conhecer, pesquisar, ir afundo em outras culturas e diferentes realidades da sua nunca será uma perda de tempo, é uma aprendizagem constante tanto para a vida profissional como para a vida pessoal, guardarei muitas lembranças significativas desse momento tão importante para mim. (Rebeca da Silva Santos Dias, diário de campo, 13/06/2022).

Oliveira (1996) sinaliza que o trabalho do antropólogo consiste em olhar, ouvir e escrever. Podemos dizer que se trata da mesma proposta do trabalho do jornalismo. E para que essa tríade se concretize, faz-se necessário “um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta” (ECKERT; ROCHA, 2008, p. 2).

Sair da sua “bolha” e conseguir abrir a mente para uma realidade e uma experiência totalmente diferentes das quais se vive, sem dúvida nenhuma, é desafiador. Porém, acaba sendo uma atitude muito prazerosa e extremamente necessária para todas as áreas da vida. Isto é, conhecer, explorar, experienciar e, acima de tudo, viver algo diferente daquilo a que você sempre foi acostumado é extremamente necessário e promove o crescimento pessoal.

4 Considerações finais

A exposição elaborada neste artigo deixa evidente a relação existente entre a Antropologia e o campo do jornalismo. Pesquisar temas voltados para as comunidades tradicionais é relevante e necessário tendo em vista que se faz necessário criar outras formas de comunicação para fortalecer as práticas comunicacionais contra-hegemônicas. Acredita-se, assim, que este seja um dos desafios do jornalista na atualidade.

Propor projetos acadêmicos em que se discutem práticas de povos originários é uma maneira de proporcionar visibilidade à comunidade, além de conhecimento etnográfico prático para os discentes. Essa foi a proposta do projeto de extensão que deu origem às experiências retratadas neste artigo. Trabalhar com o novo trouxe desafios para a turma e para sua predisposição a crenças passadas, mas também trouxe aprendizado e conhecimento antigos, repassados por nossos ancestrais por meio de danças, comidas, conversas e comemorações que, além de cultuar seres espirituais, também valorizam os vivos e suas tradições, como sinaliza um dos pesquisadores em seu diário de campo:

Me fiz presente com olhar crítico pois pretendia entender aquilo que estava acontecendo, no entanto entendi que nenhuma percepção superficial e racional traria benefício para minha estadia, busquei então me aproximar daquelas pessoas, conhecê-las, e o resultado foi notório. (João Pedro Araújo Costa Silva, diário de campo, 13/06/2022).

Enfim, buscou-se neste artigo conhecer uma nova forma de fazer jornalismo voltada para a ciência da alteridade e para um novo modo de se relacionar com a fonte de informação. Em meio aos três dias de imersão acadêmica, resta apenas o agradecimento dos discentes que fizeram parte deste projeto e que tiveram suas perspectivas transformadas. Criou-se uma unificação que garante não apenas um novo olhar para com culturas originárias, mas também para com a Antropologia, que agora passa a compor nossa formação nesse meio ainda tão arcaico, mas em transição.

Referências

ALCÂNTARA, Alex Sander. De que forma o jornalismo pode se beneficiar dos métodos e abordagens da antropologia? **Observatório da Imprensa**, ano 22, n. 1214, 24 ago. 2021.

Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/de-que-forma-o-jornalismo-pode-se-beneficiar-dos-metodos-e-abordagens-da-antropologia/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BRASIL. **Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013**. Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Jornalismo. Brasília: MEC, 2013.

CARDOSO, Jaqueline da Silva Torres. “**Quilombola é aquela pessoa que luta para ser guerreiro**”: estudo etnográfico do processo de socialização das crianças quilombolas na comunidade Custaneira/Tronco na cidade de Paquetá do Piauí/Piauí/Brasil. 2022. Tese (Doutorado em Processos e Manifestações Culturais) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2022.

DIAS, Rebeca da Silva Santos. **Diário de Campo**. Picos: 2022.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Etnografia: saberes e práticas”. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. (org.). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Universidade, 2008. p. 9-24. Série Graduação.

LAGE, Nilson. Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas. **Pauta Geral - Estudos Em Jornalismo**, v. 1, p. 20–25, 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/6080>. Acesso em: 10 nov. 2022.

LIMA, Arnaldo de. **Boas-vindas: V Encontro de Casas de Terreiros de comunidades quilombolas**. Picos: 2019.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, 1996. p. 17-36.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. In: PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 30-53.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 2, p. 1-12, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1890>. Acesso em: 22 dez. 2020.

ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornelia. O antropólogo na figura do narrador. In: ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornelia. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 1-19.

SILVA, João Pedro Araújo Costa. **Diário de Campo**. Picos: 2022.

SOUSA. Alisson Breno Dias de. **Diário de Campo**. Picos: 2022.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias da comunicação**. Uberlândia: Asppettus, 2004.

VIEIRA, Thaila Vitória Santos. **Diário de Campo**. Picos: 2022.

O JORNAL FLÂMULA COMO LUGAR DE MEMÓRIA SOBRE A VIDA ESTUDANTIL PICOENSE

Jailson Dias de OLIVEIRA

Resumo: o presente trabalho aborda o jornal autodenominado estudantil *Flâmula* como lugar de memória sobre a vida estudantil picoense no início dos anos 1950. O *Flâmula* foi um jornal produzido pelo Grêmio Literário Da Costa e Silva, a partir do Ginásio Estadual

Picoense, entre os anos de 1952 e 1953. Foram lançadas um total de 14 edições. A publicação não se limitava aos muros da escola, mas reproduzia em suas páginas acontecimentos sociais verificados em Picos na época da sua circulação. Para descobrir como o *Flâmula* se constituiu num lugar de memória sobre a vida estudantil em Picos, recorreu-se a metodologia da Análise de Conteúdo em Bardin (1997), por entender que ela é adequada quanto ao objetivo de pesquisa, permitindo a análise dos enunciados presentes no periódico. Como referencial foram utilizados Nora (1993) e o seu conceito de “lugar de memória”, além de Barbosa (1995) e Rego (2014). Ao final, constatou-se que o *Flâmula* retratou uma vida estudantil rica em acontecimentos externos ao ginásio onde os alunos estudavam.

Palavras-chave: Flâmula; Memória; Estudantil; Jornal; Picos.

1. INTRODUÇÃO

O jornal impresso vem se constituindo como uma fonte importante de pesquisas acadêmicas nos últimos anos. Lima (2104, p. 16) salienta que os jornais têm sido buscados pelos estudiosos graças a riqueza de conteúdo presentes em suas páginas. Os temas mais diferentes podem ser verificados nessas publicações, indo desde a política até eventos sociais. Essa abrangência permite compreender o meio onde o periódico está situado, bem como a sua época, e também os interesses e intencionalidades de quem fazia as publicações.

Os jornais impressos ganharam espaço nas pesquisas que permitem reconstruir o passado porque os mesmos passam a ser considerados “lugar de memória”, conforme o conceito de Nora (1993, p.07). Para o autor, uma vez que não há não meios de memória, constituem-se os lugares onde a memória pode ser preservada para posterior análise. Os jornais impressos desempenham esse papel, uma vez que a partir dos seus arquivos é possível ao pesquisador estudar sobre fatos verificados anteriormente, ou mesmo sobre o fazer jornalístico.

Nora (1993p. 08) salienta ainda que ocorreu o fim das sociedades-memória, onde se transmitiam as lembranças de acontecimentos coletivos, valores, ideais. O avançar da pós-modernidade tornou mais complexas as relações entre famílias, grupos, etnias, com isso há maior importância quanto aquilo que foi escrito em fontes menos utilizadas até pouco tempo, como os jornais.

Sabe-se que a imprensa teve um início tardio no Brasil, com o primeiro jornal – O Correio Braziliense – circulando apenas a partir de 1º de junho de 1808, contrabandeado a

partir de Londres, Inglaterra. A partir de então os impressos estariam no centro das principais polêmicas envolvendo a nação que nasceria oficialmente em 1822. Em Picos, o primeiro jornal foi verificado apenas em 1910 – tratando-se do *O Aviso*, produzido pelo coronel Joaquim das Chagas Leitão. O caminhar da imprensa picoense também foi lento, pois até o surgimento do *Flâmula*, em 1952, verificaram-se apenas cinco publicações (DEUS, 2001).

O *Flâmula* ganhou grande relevância em Picos na época em que circulou, pois ainda que o mesmo fosse publicado por a partir do Ginásio Estadual Picoense, contando com a participação de alunos, professores e colaboradores externos, o mesmo tratava de vários acontecimentos sociais verificados em Picos.

Portanto, este trabalho tem como objetivo geral descobrir qual a memória sobre a vida estudantil de Picos no início dos anos 1950 a partir do *Flâmula*; analisa-se ainda como o impresso retratou os eventos envolvendo o alunado do Ginásio Estadual Picoense e como era a vida estudantil em Picos retratada pelo jornal.

A pesquisa se justifica por permitir conhecer um traço importante da sociedade piceonse no início dos anos 1950 – a vida estudantil – e também o papel do jornal no registro desses fatos.

Recorreu-se como metodologia a Análise de Conteúdo em Bardin (1997). Compreende-se que ela é adequada à pesquisa em questão porque sugere a análise inicial do conteúdo e a seleção temática do que será estudado. Bardin (1997, p. 133) também recomenda ao pesquisador a criticidade quanto a mensagem, o que exige do estudioso colocar-se num lugar de distanciamento em relação objeto analisado.

Para a análise propriamente dita, selecionou-se três textos de três publicações distintas do *Flâmula*, são eles: *Rainha dos Estudantes*, publicado na primeira edição do jornal, em 15 de março de 1952; *Luzida caravana de ginásianas oeirenses visita os coletas desta cidade*, publicado na sétima edição, de 07 de junho de 1952 e, por fim, *Vida Estudantil*, publicado na 14^o e última edição, de 18 de janeiro de 1953.

No capítulo inicial, optou-se por abordar os conceitos sobre memória e a sua utilização nos estudos do jornalismo, tendo como referencial Nora (1993), Barbosa (1995) e Rego (2014). No capítulo seguinte fez-se uma breve abordagem sobre a história da imprensa picoense e o jornal *Flâmula*. O último capítulo foi destinado a análise das publicações previamente selecionadas do *Flâmula*, comprovando como o jornal impresso é útil na compreensão de uma época e lugar, bem como a sua prática jornalística.

2. A MEMÓRIA COMO REFERÊNCIA PARA A HISTORICIZAÇÃO NO JORNALISMO

Ao registrar os acontecimentos verificados em uma localidade, o jornal impresso se constitui como um lugar onde a memória será arquivada para posterior consulta e análise, contribuindo, assim, para fornecer fontes para a historicização de fatos diversos. Nora (1993, p.13) explica que os lugares de memória surgem porque a memória não é espontânea, tornando necessário criar arquivos e registros para manter vivos acontecimentos produzidos pela sociedade.

Nora (1993) salienta ainda que tais acontecimentos do cotidiano, como casamentos, nascimentos e celebrações diversas poderiam ser varridas pela história. O registro de tais fatos tem uma finalidade primordial para que o passado da sociedade possa ser reestudado pelas gerações posteriores. Fatos que passariam despercebidos pelos historiadores dos grandes acontecimentos adquirem o seu lugar, pois permite a perpetuação da memória das pequenas comunidades, fazendo frente a colonização constante da qual tem sido vítima países periféricos.

É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar a incandescência a verdade de todos os lugares da memória. Sem vigilância comemorativa, a história deprecia os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrifica-los, eles não se tornariam lugares de memória (NORA, 1993, p. 13).

Portanto, Nora (1993) mostra a importância dos registros dos acontecimentos do cotidiano nos espaços que ele denomina “lugares de memória”, dos quais o jornal impresso é um dos representantes, funcionando como arquivos para pesquisadores do passado. O autor também deixa claro que, embora história e memória remetam ao passado, elas não são

a mesma coisa, uma vez que o historiador vai se deter sobre os registros e lê-los, analisá-los, interpretá-los e apenas posteriormente apresentá-los a sociedade.

Não se pode entender a memória como uma verdade acabada uma vez que ela foi produzida sobre a égide de uma pessoa que retratará o seu olhar sobre o mundo, ao mesmo tempo em que não se deve entender a história tradicional como a única existente.

Para Nora (1993), uma sociedade que tivesse como base apenas os lugares tradicionais de perpetuação do passado, como os museus, não teriam onde aportar a memória daqueles que vivenciaram acontecimentos que não se fazem presentes nos livros. Nisso, pode-se compreender os jornais impressos como fundamentais para a pesquisa sobre a vida de pequenas localidades, fatos e pessoas cuja contribuição permanece oculta. A vida estudantil da Picos da década de 1950 a partir do jornal *Flâmula* se enquadra nesse contexto.

Com isso, é preciso ter em mente também o papel de quem escreveu e publicou nos jornais, pois é a visão dessas pessoas, devidamente registrada nos periódicos, que será analisada pelo pesquisador. Barbosa (1995, p. 87) define os jornalistas como “senhores da memória”, destacando que o profissional da imprensa, assim como o historiador, desenvolve as suas análises de acordo com a singularidade esperada de todo ser humano.

Barbosa (1995) salienta a necessidade de ver as publicações presentes nos jornais impressos com criticidade, uma vez que a mídia seleciona o que pode ser noticiado ou não, legando determinados fatos ao esquecimento.

A escrita deve ser vista, pois, como um elemento de construção seletiva da memória, que contém em si mesma a questão do poder. Eternizar um dado momento através da escrita é, ao mesmo tempo, como diz Georges Duby “domesticar e selecionar a memória”. Ao selecionar o que deve ser lembrado e ao esquecer o que deve ficar em zonas de silêncio, esses veículos de comunicação impressos tornar-se-iam, portanto, também senhores da memória (BARBOSA, 1995, p. 89).

Logo, conforme Barbosa (1995), os impressos atuam como lugares de uma memória seletiva, uma vez que nem tudo o que acontece na sociedade termina registrado nas páginas do jornal. Rego (2014, p. 23) também trata do jornal como um lugar de memória, onde ela está aberta a ser estudada. Para a autora, a história não se encerrou no passado, pois há uma relação de diálogo com o presente. Os jornalistas, portanto, continuam a contribuir com a sociedade através dos registros feitos sobre o dia a dia. Estes servirão como fontes de memória e estudo que poderão ser acessados pelos pesquisadores.

3. HISTÓRIA DA IMPRENSA PICOENSE E O FLÂMULA

Elevada à categoria de cidade com o nome de Picos, em 12 de dezembro de 1890, a jovem urbe conheceria o seu primeiro jornal impresso apenas em 15 de novembro de 1910. Conforme Canuto (2022), este jornal era de propriedade do coronel Joaquim das Chagas Leitão, que o constituiu para defender suas causas políticas. O coronel era ativo participante na vida pública piauiense e picoense, tendo exercido cargos de representação na política eletiva.

O jornal *O Aviso* era publicado quinzenalmente e sua circulação se estendeu até 1930 – havendo algumas pausas na publicação ao longo desse longo período. Outros jornais surgiram posteriormente após o lançamento do *O Aviso*. É possível entender que a publicação de jornais se mostrava uma atividade difícil de ser levada a cabo na cidade de Picos na primeira metade do século XX.

Segundo Deus (2001), em 1913 foi lançado o *Correio de Picos*, que circulou por apenas um ano; em 1925, surgiu *O Rebate*, que também durou apenas um ano; em 1950 foi lançado *A Ordem*, que servia como divulgação do Partido Social Democrático (PSD), e em 1952, alunos e professores do Ginásio Estadual Picoense publicaram o *Flâmula*, periódico autodenominado estudantil que lançou 14 edições e encerrou as suas atividades em 18 de janeiro de 1953.

1. O Flâmula

O jornal estudantil *Flâmula* pode ser considerado fruto da instituição do Ginásio Estadual Picoense no município, fato verificado em 09 de março de 1950. Conforme Sousa (2019) a instituição do ginásio, que correspondia ao ensino secundário conforme o sistema educacional vigente no Brasil anos 1950, ocorreu após uma árdua luta política. A classe média da cidade – formada por servidores públicos, militares e comerciantes – estava sequiosa de que os seus filhos pudessem prosseguir nos estudos sem ter de mudar para outras cidades: Teresina, Floriano e Crato – CE. Após muita pressão e mobilização política, o governador do Piauí, Rocha Furtado (1946-1951), determinou a instalação da escola secundarista em Picos.

Ao ser instituído, o ginásio passou a funcionar no mesmo prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, onde hoje é o Museu Ozildo Albano, localizado na Praça Josino Ferreira. Com o intuito de desenvolver intelectualmente o alunado, Almeida (2012) informa que o diretor do ginásio, juiz Vidal de Freitas, estimulou os estudantes a fundarem um grêmio escolar e lançarem um jornal impresso.

O grêmio recebeu o nome de Da Costa e Silva, em homenagem ao poeta de Amarante, e a partir de então os estudantes passaram a se movimentar para fundar o jornal *Flâmula*. Para tal, houve uma intensa mobilização para arrecadar recursos e conseguir comprar a gráfica que imprimiria a publicação.

Lançado em 15 de março de 1952, o *Flâmula*, apesar de se declarar estudantil, reservava em suas páginas espaço para tratar de acontecimentos locais, transpondo os muros do Ginásio Estadual Picoense. A publicação tinha a educação como principal temática, mas outros assuntos como colunas sociais, notícias, festas religiosas, também podem ser conferidas em suas páginas. Também podem ser notadas publicidades das empresas existentes em Picos nos anos 1950, além da Prefeitura e Câmara Municipal utilizarem o jornal para divulgar notas e balancetes.

O jornal possuía circulação quinzenal, sendo lançado inicialmente aos sábados e posteriormente aos domingos. Embora possuísse assinaturas, o jornal era comercializado ao preço de Cr\$ 1,00 (Cruzeiro). No expediente da primeira edição constam os nomes da equipe editorial do periódico: Superintendente: Prof. Acilino Leite; Diretor: Alfredo Leopoldo Albano; Gerente: José Albano de Macêdo; Redator Chefe: Albertino Leal de Barros; Redatores: José Rafael Filho, Mário Marreiros e Luiz Alencar Bezerra.

4. PÁGINAS DO FLÂMULA: um registro da memória estudantil

A metodologia da Análise de Conteúdo, conforme Bardin (1997, p.29), é extremamente útil neste estudo uma vez que ela propõe a análise aprofundada dos materiais disponíveis, cujo olhar imediato não proporciona o mesmo efeito que uma leitura apurada. Logo, ao realizar-se a leitura flutuante (BARDIN, 1997), e selecionar o material para análise, busca-se compreender o que nele está escrito e as mensagens encontradas nas entrelinhas.

Portanto, para ter a dimensão sobre a vida estudantil a partir das páginas do *Flâmula*, optou-se por três textos presentes em três exemplares diferentes do jornal, a serem analisados em ordem cronológica. Tratam-se dos textos: *Rainha dos Estudantes*, publicado na primeira página da primeira edição do jornal, lançada a 15 de março de 1952; *Luzida caravana de ginásianas oeirenses visita os colegas desta cidade*, publicado na primeira página da sétima edição do jornal, lançada em 07 de junho de 1952, e, por fim, *Vida estudantil*, publicado na edição de número 14 – última do *Flâmula* – lançada em 18 de janeiro de 1953.

Os dois primeiros textos foram escolhidos por representarem fatos vividos pelos alunos do Ginásio Estadual Picoense. Eles foram redigidos no *Flâmula* como uma notícia. Pode-se usar aqui o conceito de notícia conforme Lage (1997, p.16), que a define “como o relato de uma série de fatos, a partir do mais interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”.

O último texto é opinativo, em que é percebida a opinião do autor sobre fatos verificados no interior do Grêmio Literário Da Costa e Silva.

Tendo por base a pesquisa em jornais, Rego (2014, p. 25) salienta o papel do jornalismo como um meio que guarda mais do que os acontecimentos extraordinários, pois também registra eventos do cotidiano, além permitir a divulgação de visões diferentes sobre a mesma ocorrência. A autora frisa que os fatos do dia a dia não possuem a dimensão de um registro histórico, o que fará o jornalismo atuar “sobre a memória coletiva” (REGO, 2014, p. 25).

Ao noticiar os acontecimentos, o jornalismo permite que a vida do homem comum também seja estudada, rompendo com uma visão elitista de que apenas pessoas de destaque na sociedade merecem atenção. Isso torna menos difícil a tarefa de conhecer os costumes e hábitos de um grupamento humano.

1. Rainha dos Estudantes

O primeiro texto analisado, *Rainha dos Estudantes*, foi impresso na terceira coluna da primeira página do *Flâmula*. A notícia trata sobre a organização de um concurso de beleza do qual disputaram duas estudantes do Ginásio Estadual Picoense. A finalidade do evento era arrecadar recursos para aquisição da gráfica onde seria impresso o jornal do

Grêmio Literário Da Costa e Silva. A matéria não é assinada e trata sobre a mobilização dos alunos.

Os dois primeiros parágrafos do texto *Rainha dos Estudantes* abordam a campanha promovida pelos alunos do Ginásio Estadual Picoense e a escolha das duas estudantes que disputaram o concurso de beleza: Idelzuite Leal, representando a 1º série, e Maria do Carmo Cardoso, representando a 2º série. Deve-se registrar que os estudantes não conduziram o concurso sozinhos. No terceiro parágrafo o jornal informa que o professor de francês Acilino Leite foi nomeado superintendente do concurso. A sequência do texto trata sobre o êxito do evento.

E não se sabe que mais merece ser louvado, se o entusiasmo e a cordialidade com que se lançaram à empresa os jovens estudantes, ou a boa vontade e a imparcialidade com que os orientou o seu dedicado mentor. E assim foi que o êxito do gentilíssimo prélio superou as estimativas mais otimistas, apesar de já tão conhecida a liberalidade com que o povo de Picos coopera monetariamente para todas as causas de elevada finalidade.

Basta acentuar que excedeu a cinquenta mil cruzeiros a importância arrecadada com a disposição de votos, o que possibilitou tornar esplêndida realidade o sonho cultural da mocidade estudiosa do Ginásio (RAINHA DOS ESTUDANTES. *Flâmula*. Picos, ano I, n 1, p.1, 15 mar. 1952).

Pode-se perceber como o jornal enaltece o trabalho dos estudantes que, ante a mobilização, conseguiram arrecadar os recursos necessários para a aquisição da gráfica. O texto constrói a ideia de uma vida estudantil ativa contribuindo, através desses registros, para perpetuar a memória de jovens extremamente dedicados.

Ao registrar o concurso de beleza em suas páginas, que passam a ser consultadas, o *Flâmula* se torna um lugar de memória simbólico, conforme Nora (1993, p. 13). O periódico estudantil merece essa definição porque as suas páginas podem ser estudadas, tornando o mesmo “objeto de um ritual”, (NORA, 1993, p. 13), uma vez que será folheado e analisado.

Nos parágrafos quatro e cinco da notícia, o jornal aponta a estudante Idelzuite Leal como a vencedora do concurso, contudo, fica evidente que o resultado era de menor importância para a publicação, uma vez que a participação da população, a relevância do evento e o empenho dos organizadores foram mais lembrados.

Por isso, o texto é encerrado com a certeza de que o concurso marcou a sociedade picoense: “Os picoenses guardarão por muito tempo a grata recordação do que foi esse

movimento de beleza e de generosidade e a elegância da festa em que ele culminou”, (RAINHA DOS ESTUDANTES. **Flâmula**. Picos, ano I, n 1, p.1, 15 mar. 1952).

A notícia sobre a solenidade e o sucesso que a empreitada representou, conforme relatado pelo *Flâmula*, vai de encontro ao que Barbosa (1995, p. 87) diz sobre o “jornalismo como o lugar privilegiado para o desenvolvimento de uma história imediata”. O jornal transmite a perspectiva de que os estudantes dispunham de grande capacidade de mobilização, relegando para os pesquisadores a ideia de que os mesmos possuíam influência junto a sociedade picoense.

2. Ginasianas oeirenses visitam Picos

O segundo texto analisado é a manchete da sétima edição, de 07 de junho de 1952: *Luzida caravana de ginasianas oeirenses visita os colegas desta cidade*. Por ter maior destaque e encabeçar a primeira página, essa notícia vem ainda com o subtítulo: *A mocidade estudiosa de Picos recebeu, alvoroçada, a simpática embaixada – do ginásio de Oeiras -*. O texto ocupa o meio da página em uma única coluna. Acima dele há outro subtítulo: *Caravana de ginasianas*.

O primeiro e o segundo parágrafos, de um total de cinco, informam que o encontro dos estudantes de Picos e Oeiras foi patrocinado pelo funcionário do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), Jaime Saraiva. Diz ainda que caravana oeirense era presidida pela professora Teresinha Avelino, da qual participaram as estudantes: “Valdália Freitas, Mercês Rocha, Daria e Dores Reis, Maria das Dores e Luzia Ferreira, Teresa e Jaisa Saraiva”, (*LUZIDA CARAVANA DE GINASIANAS OEIRENSES VISITA OS COLEGAS DESTA CIDADE*. **Flâmula**. Picos, ano I, n 7, p.1, 07 jun. 1952).

O terceiro e quarto parágrafos são dedicados a elogiar o papel desempenhado pelo professor Dr. Fonseca no encontro entre os ginasianos das duas cidades.

A mocidade do Ginásio Estadual Picoense recebeu com transbordante alegria a visita de suas formosas colegas oeirenses, a quem ofereceu uma festa dançante das mais animadas e elegantes, no palacete do nosso estimado professor Dr. José dos Santos Fonseca, lente de Geografia e instrutor de Educação Física de nossa querida escola secundária.

Conhecida a lhanza de trato e o cavalheirismo do Dr. Fonseca e de sua digníssima consorte, d. Maria Carmem Fonseca, é de imaginar a cativante gentileza com que o ilustre casal colaborou com os estudantes picoenses, na recepção que fizeram a suas coleguinhas da velha cidade manter de tudo que é nobre e elevado na vida cultural do Piauí (*LUZIDA CARAVANA DE GINASIANAS OEIRENSES VISITA OS COLEGAS DESTA CIDADE. Flâmula. Picos, ano I, n 7, p.1, 07 jun. 1952*).

Destaca-se que o intercambio não foi promovido pelos estudantes, mas pelos docentes das escolas das duas cidades piauienses. A vida estudantil, contudo, merece ênfase porque o evento foi pensado para os jovens, por entender que contribuiria com o crescimento acadêmico dos alunos de ambas as instituições educacionais. Mais uma vez o jornal constrói a memória de uma vida estudantil movimentada, cujas experiências não ficavam restritas aos muros do ginásio.

O jornal também destaca o papel ativo do professor Dr. Fonseca, a quem não poupa elogios, contribuindo também para a perpetuação de uma memória extremamente positiva a respeito desse docente do ginásio.

O acesso aos arquivos de um jornal como o *Flâmula*, permite o entendimento de que as possibilidades da perpetuação da memória se tornaram mais democráticas. Nora (1993) salienta que há mais produtores de memória na atualidade do que era verificado no passado.

Assim, a materialização da memória, em poucos anos, dilatou-se prodigiosamente, desacelerou-se, descentralizou-se, democratizou-se. Nos tempos clássicos, os três grandes produtores de arquivos reduziam-se às grandes famílias, à Igreja e ao Estado. Quem não se crê autorizado hoje a consignar as suas lembranças, a escrever as suas Memórias, não somente os pequenos atores da história, como também os testemunhos desses atores, sua esposa e seu médico? Menos o testemunho é extraordinário, mais ele parece digno de ilustrar uma mentalidade média, (NORA, 1993, p. 15-16).

Dessa forma, o jornal impresso também assegura o seu lugar como criador de memórias, uma vez que os registros sobre acontecimentos e opiniões estão entre as suas funções. Eles se tornam úteis para o estudo de fatos que há pouco tempo não receberiam a atenção devida, como a vida estudantil na cidade de Picos.

Ao final da notícia sobre a visita das ginásianas oeirenses, o periódico registra a boa impressão que teria ficado sobre o encontro entre os discentes e distribui mais elogios ao patrocinador do intercâmbio, Jaime Saraiva.

3. Vida Estudantil: divergências quanto ao grêmio

O último texto escolhido para análise, trata-se do *Vida Estudantil*, lançado na edição de número 14 do *Flâmula*, em 18 de janeiro de 1953. Ele está dentro da coluna: *Fatos da Cidade*, e é assinado pelo estudante Alfredo L. de Albano. Diferente dos textos analisados anteriormente, este é um artigo de opinião, onde se percebe um relato e um desabafo sobre desentendimentos internos no Grêmio Da Costa e Silva, revelando que a relação entre os estudantes não ia bem.

Destaca-se que Alfredo Albano ocupava os cargos de secretário do Grêmio Da Costa e Silva e diretor do *Flâmula*. O grêmio era presidido por Ozildo Albano, liderança estudantil em Picos nos anos 1950.

O artigo de Alfredo Albano é pertinente para análise porque trata sobre uma reunião do grêmio, dizendo respeito exclusivamente aos estudantes, havendo a necessidade de tornar públicos acontecimentos verificados na última reunião realizada entre os discentes do Ginásio Estadual Picoense. Alfredo Albano escreveu um longo relato em duas colunas, no lado esquerdo da quarta página do jornal. A primeira coluna vai de alto a baixo da folha do periódico, enquanto a segunda se encerra no meio da página. É o maior texto analisado neste trabalho.

No primeiro capítulo da sua coluna, Alfredo Albano faz um longo discurso sobre o que é ser mestre e professor, e a necessidade de buscar pessoas sábias para orientação. Já no segundo parágrafo, ele decide ir ao assunto, que se refere aos estudantes picoenses, justificando o fato da coluna se chamar *Fatos da Cidade*.

É o seguinte: recebi, domingo o convite para presidir uma reunião da mesa Diretora do “Grêmio Literário Da Costa e Silva”, agremiação literária a mais de um ano fundada em Picos. Aceitei-o. E lá tratamos dos diversos assuntos que vieram a baila sobre os diferentes temas. Tratamos de tudo. Deixamos tudo definitivamente acertado, apesar da encrenca ali reinante, verdadeiro vulcão humano que não cessa um só instante de soltar suas lavas sobre os jovens

estudantes. E o interessante é que tal fato é provocado por estudantes que se acham com um pouquinho de poder na mão e sem contar com as classes armadas estudantis, querem talvez dar um golpe de estado e se assenhorar da presidência do Grêmio, como se esta entidade fosse um país revolucionário que só a ditadura militar pudesse corrigir os defeitos. Mas não são só vulcões. São também formigueiro cuja boca assiste um constante vai e vem de mentiras e calúnias (ALBANO, Alfredo L. de. Vida Estudantil. **Flâmula**. Picos, ano II, n 14, p.04, 18 jan. 1953).

Percebe-se pelo relato de Alfredo Albano, transcrito no *Flâmula*, que o grêmio estudantil não ia bem. Os estudantes pareciam desunidos e beligerantes quanto a associação. Aqui, deve-se fazer a devida consideração que se trata da visão do autor, que participou do evento e escreveu as suas impressões. O estudante parecia inflamando quando redigiu essas palavras, uma vez que usou expressões como “golpe de estado”.

Ao analisar o artigo com a visão de Alfredo Albano, recorre-se a Barbosa (1995, p. 87) para quem “o jornalismo está promovendo uma seletiva reconstrução histórica desse presente”. Ou seja, ao eternizar as suas queixas no *Flâmula*, o estudante está garantindo que a sua visão sobre o corrido se perpetue, havendo um silenciamento quanto ao que pensavam os seus colegas.

O terceiro parágrafo é o mais curto, onde Alfredo Albano afirma que em vida os inocentes pagam pelos crimes dos culpados. Fica subentendido na sequência do texto que no porvir cada indivíduo arcará com as responsabilidades pelos próprios atos. No quarto parágrafo – bastante longo – o estudante informa que o presidente do grêmio não havia convocado sessão entre os sócios, e que nas convocações anteriores do presidente, não havia quórum suficiente para a abertura das discussões. Ele afirma que segundo o estatuto da entidade, é necessária a presença mínima de 50 estudantes.

Alfredo Albano segue no mesmo parágrafo acusando os colegas de estarem atrasados com as mensalidades do grêmio e que o tesoureiro Mário Marreiros não procedia com a cobrança dos associados. Para o autor do texto, essa falta de ação da tesouraria causou um prejuízo a entidade de mil cruzeiros. Na sequência, sem especificar o que falaram sobre ele, o estudante diz que lhe foram levantadas calúnias e mentiras.

No quinto parágrafo, Alfredo mostra que situação havia tomado uma dimensão tal que os seus colegas recorreram ao diretor do Ginásio Estadual Picoense, juiz Vidal de Freitas. Isso evidencia que os estudantes precisam de uma orientação dos docentes para

conduzir as suas atividades. Por serem muito jovens, é compreensível que o grêmio era acompanhado pelos professores, em especial o seu incentivador.

Já é do meu saber que disseram ao Dr. Vidal que eu havia dito em sessão que o fuxico que reinava ali na gráfica, o causador era ele. Lanço aqui o meu veemente protesto contra quem teve a ousadia de dizer tal coisa, pois entre as mentiras que constantemente bailam aqui, esta talvez seja a maior. Meu Deus, por que será que os homens não se compreendem mais? Por que será que não há mais temor a Deus? O homem perdeu todo o temor. Mas ainda há uma esperança: “A verdade não se cansa porque é eterna” (ALBANO, Alfredo L. de. Vida Estudantil. **Flâmula**. Picos, ano II, n 14, p.04, 18 jan. 1953).

Ao final do artigo consta a data 30 de dezembro de 1952. Não está claro se essa data se refere a redação do texto ou a realização da polêmica sessão. O certo é que a edição do jornal foi lançada apenas em 18 de janeiro de 1953. Como se percebeu, Alfredo Albano se defendeu de acusações que lhe imputaram contra Vidal de Freitas.

É importante frisar ainda que a opinião do autor do texto é uma defesa sua, uma vez que ocupava cargos de direção no jornal e no grêmio.

Com isso percebe-se que a vida estudantil verificada em Picos nos anos 1950 não era marcada apenas pelos eventos escolares, mas havia disputas entre os alunos do ginásio que, nesse caso, ganhou as páginas do *Flâmula*. As constantes invocações a Deus e ao eterno mostra que os estudantes picoenses vivenciavam uma intensa vida religiosa, algo característico da população picoense, majoritariamente católica.

Mais uma vez também fica em destaque o papel dos professores junto ao alunado. Mesmo que não tenha participação junto ao grêmio, Vidal de Freitas foi procurado. O texto de Alfredo Albano perpetua a memória do docente como alguém influente e bastante considerado entre os alunos.

Sobre o que fica registrado nos jornais, Barbosa (1995, p. 89) afirma que “a escrita deve ser vista, pois, como um elemento de construção seletiva da memória, que contém em si mesma a questão do poder”. Portanto, aplicando o conceito a Alfredo Albano, compreende-se que o mesmo relatou a sua versão dos fatos uma vez que dispunha da possibilidade para isso.

A 14ª edição foi a última do *Flâmula*. Nela não consta nenhum texto de despedida do jornal ou a informação de que o periódico não seria mais publicado. Ele simplesmente acabou.

5. CONSIDERAÇÕES

O jornal autodenominado estudantil *Flâmula* se mostrou uma fonte extremamente útil para o estudo da memória sobre a vida estudantil da cidade de Picos no início dos anos 1950. Nesse impresso podem ser percebidos relatos de acontecimentos que movimentaram a vida dos alunos do Ginásio Estadual Picoense, bem como desentendimentos percebidos entre os discentes.

Assim, o *Flâmula* corresponde ao lugar de memória conforme Nora (1993), pois no mesmo há os registros sobre o cotidiano, contribuindo para a preservação de uma memória, ainda que seletiva, a respeito da cidade de Picos e como os estudantes eram percebidos. Isso fica evidente pelo texto *Rainha dos Estudantes*, pois, conforme as palavras publicadas no jornal, a sociedade picoense colaborou com os recursos necessários para a aquisição da gráfica onde foi impresso o jornal *Flâmula*.

A segunda publicação analisada também atesta a consideração que os jovens desfrutavam junto a população, uma vez que o intercâmbio com as alunas do ginásio de Oeiras foi patrocinado pelo servidor público Jaime Saraiva, que não exercia nenhuma função junto ao Ginásio Estadual Picoense. Tal fato ajuda a construir a memória que os moradores da cidade tinham interesse em contribuir com as atividades do ginásio, destacando a luta empreendida para que a escola secundarista fosse instituída em Picos.

Ainda sobre a segunda notícia analisada, a festa promovida pelo professor Dr. Fonseca, permite a compreensão de que os estudantes protagonizavam eventos sociais importantes em Picos. O jornal ajuda a perpetuar uma memória positiva sobre docentes, como o Dr. Fonseca e o professor de Francês Acilino Leite. Partindo da perspectiva de Barbosa (1995), que os jornalistas são “senhores da memória”, estes propagam a visão de que o corpo docente do ginásio era integrado aos alunos e estava sempre disposto a colaborar com os mesmos.

Quando do artigo de opinião analisado, fica evidente que os estudantes possuíam desentendimentos quanto ao funcionamento do Grêmio Literário Da Costa e Silva e do

jornal *Flâmula*, culminando no desabafo de Alfredo Albano. Os professores sempre estavam envolvidos com a vida estudantil, conforme citado pelo estudante no seu texto, mas a publicação mostra que não eram apenas os eventos escolares que caracterizavam os estudantes do ginásio.

É importante destacar o pensamento de Rego (2014) quando diz que o jornal impresso está aberto como um lugar onde a memória pode ser analisada. Assim, o *Flâmula* se mostra esse lugar rico para pesquisadores que ambicionam conhecer não apenas a vida estudantil, mas a memória sobre fatos para além dos muros escolares.

REFERÊNCIA

ALBANO, Alfredo L. de. Vida Estudantil. **Flâmula**. Picos, ano II, n 14, p.04, 18 jan. 1953.

ALMEIDA, Eduardo Henrique Barbosa de. **O noticioso estudantil: Flâmula e as formas de representação social em Picos na década de 1950**. Picos – PI: Universidade Federal do Piauí - UFPI, 2012.

BARBOSA, Marialva. Os Senhores da Memória. **INTERCOM** – Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, Vol. XVIII, n° 2, pág. 84-101, jul./dez. 1995. págs. 84-101

CANUTO, Raniel das Flores. 2022. **JORNAL O AVISO E A BATALHA POLÍTICO-PARTIDÁRIA DO CORONEL JOAQUIM DAS CHAGAS LEITÃO ATRAVÉS DA IMPRENSA (1910–1930): Salus populi suprema lex est**. Universidade Federal do Piauí – UFPI, 2019. p. 152. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPI/ Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Teresina, 2019.

DEUS, Maria Darcí de. **A princesa dos montes: história e evolução**. Picos [s.n], 2001.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2001.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **RELAÇÕES DE PODER E PRÁTICAS JORNALÍSTICAS EM O DIA, A CIDADE, E JORNAL DO PIAUÍ (1951 A 1954)**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2019. p. 350. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – UNISINOS/ Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

LUZIDA CARAVANA DE GINASIANAS OEIRENSES VISITA OS COLEGAS DESTA CIDADE. **Flâmula**. Picos, ano I, n 7, p.1, 07 jun. 1952

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Brasil: Edições 70, 1977.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História:** a problemática dos lugares. Tradução. Yara Aun Houry. Projeto História, São Paulo, 10 de dez. 1993. Pág. 7-28

RAINHA DOS ESTUDANTES. **Flâmula.** Picos, ano I, n 1, p. 1, 15 mar. 1952.

SOUSA, Higo Carlos de Meneses de. **Um ginásio para mocidade picoense:** cultura escolar de uma instituição de ensino secundário (1950-1971). Universidade Federal do Piauí – UFPI, 2019. p. 395. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPI/Centro de Ciências da Educação, Teresina, 2019.

RÊGO, Ana Regina Barros Leal. A Ditadura Militar no jornalismo: uma abordagem a partir do conceito de lugar de memória. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)** - v.3, n.2, jul./2014 - dez./2014.

Narrativas sobre o curso de Jornalismo em Picos e seus egressos: histórias que se cruzam

Kawhê Dheckmann Fontes GONZAGA
Lorraine Nascimento de OLIVEIRA
Marcos Vinicius da Silva MODESTO
Jaqueline da Silva Torres CARDOSO
Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

RESUMO

O trabalho que segue abordará por meio de narrativas, de pesquisa bibliográfica e de pesquisa documental um recorte da história do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, *campus* Barros Araújo (Picos - Piauí) a partir dos relatos de alunos egressos que foram ou são professores do referido curso. Como aporte metodológico, recorreu-se à técnica de pesquisa de entrevista em profundidade, com a estrutura de entrevista semiestruturada. Compreende-se que o curso de jornalismo foi e ainda é muito importante para profissionais da macrorregião picoense, e traz muitas oportunidades para os estudantes de cidades vizinhas que queiram entrar no ramo da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; UESPI; Picos; Comunicação; Narrativa.

1. Introdução

O ofício jornalístico é um importante meio comunicativo que tem como função informar o público sobre a verdade de forma dinâmica e eficiente. Inclusive, os veículos de comunicação possuem uma grande responsabilidade social devido ao seu papel na sociedade desde os primórdios de imprensa. Em seu artigo intitulado “Jornalista do batente que buscaram a formação acadêmica na UESPI campus de Picos”, Silva e Torres (2016, p. 1) tratam o assunto da seguinte maneira:

Na sociedade em que vivemos a atividade jornalística é muito importante para a consolidação democrática. Nesse aspecto, em se tratando da qualificação dos profissionais da área é relevante para a formação humanística que atenda aos anseios da sociedade.

As autoras realizaram essa pesquisa quando retomou para a pauta midiática a discussão sobre a obrigatoriedade de portar o diploma para o exercício da profissão de Jornalismo. Silva e Torres (2006) compreendem que a informação proporciona à sociedade a capacidade de análise e de formação da opinião pública, fortalecendo a democracia. Por esse motivo, as autoras debatem a necessidade “de um profissional com formação acadêmica para apurar, redigir e publicar informações” (SILVA; TORRES, 2016, p. 2).

O trabalho apresentado acima, resultado de uma pesquisa monográfica, buscou identificar quais são e quais foram as práticas jornalísticas exercidas por profissionais de jornalismo antes e após a formação acadêmica na Universidade Estadual do Piauí (UESPI) de Picos. Isso porque, antes do primeiro curso de Jornalismo ser aberto no semiárido piauiense, os profissionais da macrorregião eram “jornalista[s] de batente” (SILVA; TORRES, 2016). E a ausência de um curso de Jornalismo nessa região foi o motivo principal para pautar as reivindicações daquele grupo.

A autorização do Conselho Universitário da Universidade Estadual do Piauí (CONSUN) ocorreu por meio da Resolução nº 38/2001, de 29 de outubro de 2001, com assinatura do reitor da época, Jônathas de Barros Nunes. Trata-se da autorização de funcionamento do curso de Bacharelado em Comunicação Social, estabelecida de acordo com o edital nº 02/2001, publicado ministrado pela UESPI, o qual definiu que os efeitos dessa resolução deveriam retroagir a 29 de agosto de 2000 (CONSUN, 2001).

A primeira turma do curso de Bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas, ingressou na UESPI no 1º semestre de 2002. Então, foi ofertado um total de 40 vagas para a graduação em Comunicação Social em Picos durante o turno da vespertino. Ao todo, 182 candidatos se inscreveram, caracterizando uma concorrência de 4,5 candidatos por vaga.

De acordo com Ferreira (2021), parte dos ingressantes da primeira turma compunha um grupo oriundo de uma parceria entre a UESPI e as prefeituras da macrorregião, de modo que “metade da primeira turma foi formada por cotas destinadas a essas instituições parceiras; a outra metade, por ampla concorrência” (FERREIRA, 2021, p. 1230). E dessa

maneira, “as prefeituras pagavam mensalidades à universidade para ajudar a custear o funcionamento do curso de formação” (FERREIRA, 2021, p. 1230).

É válido ressaltar que mesmo com duas habilitações sendo ofertadas na graduação, a primeira turma optou por fazer apenas a habilitação em Jornalismo. Ferreira (2021, p. 1231) sinaliza que esse fato pode ser explicado devido ao fato de “muitos já serem profissionais do mercado de trabalho jornalístico, com interesse em se qualificar para a área na qual já atuavam”.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo, atualmente a referida graduação tem como objetivo “formar profissionais com competência teórica, técnica, tecnológica, ética, estética para atuar criticamente na profissão, de modo responsável, produzindo assim seu aprimoramento” (BRASIL, 2013, p. 2). Ao final do curso, o discente formado em Jornalismo poderá atuar em diversas áreas da comunicação, como, por exemplo: em rádio; na televisão; em jornal impresso; em *sites*; em portais; em *blogs*; nas assessorias de comunicação; em consultorias de Comunicação; em agências de notícias; em produtoras de rádio, vídeo e televisão ou conteúdos para ambiente virtual; entre outras.

Para atingir o objetivo proposto nessa pesquisa, recorreremos à pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2011; GIL, 2002), à pesquisa documental (MOREIRA, 2011; GIL, 2002) e às entrevistas semiestruturadas (DUARTE, 2011). Em relação à pesquisa bibliográfica, buscamos artigos, monografias, teses e dissertações que versassem sobre o objeto de pesquisa em questão. Compreende-se que esse tipo de pesquisa é uma atividade continuada e relevante em todo trabalho acadêmico e que segue alguns critérios para selecionar o assunto, tais como: escolher as fontes bibliográficas, localizá-los e obter o material necessário (STUMPF, 2011).

Enquanto a pesquisa bibliográfica utiliza material já elaborado, como livros e artigos, “a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p. 45), como, por exemplo, os documentos oficiais referentes ao curso de Jornalismo.

Para complementar a realização desse artigo, recorreu-se à entrevista semiestruturada (DUARTE, 2011) com três alunos egressos do curso de Jornalismo por compreender que a referida técnica “permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever o fenômeno, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas” (DUARTE, 2011, p. 63). A escolha dos entrevistados ocorreu de maneira não-probabilística intencional, ou

seja, “quando o pesquisador faz a seleção por juízo particular, como conhecimento do tema ou representatividade subjetiva” (DUARTE, 2011, p. 69). Teve-se a intenção de selecionar três entrevistados, egressos do curso e que já foram ou são professores do referido curso.

Os entrevistados foram: Edvan Luiz da Silva, formado em 2005 na habilitação em Jornalismo e professor substituto nos anos entre 2017 e 2019; Ruthy Manuella de Brito Costa, formada em 2007 nas habilitações em Jornalismo e Relações Públicas, a qual exerceu o cargo de professora substituta de 2009 a 2011 e de 2014 a 2018, voltando a exercer o cargo de professora efetiva em 2021; e Mayara Sousa Ferreira, formada em 2011 em Jornalismo e professora efetiva desde 2018.

Por meio das narrativas orais pode-se identificar: a relação dos entrevistados com o Jornalismo antes mesmo do ingresso no curso; as condições estruturais e humanas da instituição e do curso de Jornalismo na época; as reivindicações por melhores condições de ensino/aprendizagem; a relação afetiva com os professores; e o retorno, como docente, para a mesma instituição que os formou.

2 “Eu tinha que ter vindo estudar realmente comunicação!”: narrativas sobre o ingresso no curso de Jornalismo *versus* mobilização por melhores condições de ensino

Ao recorrer às narrativas, pode-se perceber que os entrevistados estabeleceram uma relação com o Jornalismo antes mesmo do seu ingresso na graduação. A professora Ruthy Costa aponta que o Jornalismo sempre foi algo presente em sua vida:

Eu era a criança que gostava de assistir jornal, e que gostava de assistir. Quando eu aprendi a ler, eu gostava de ler o jornal impresso. Eu era a criança que sentava para assistir o jornal do meio dia e o da noite com papai, eu sempre perguntava e porque isso e sempre prestava atenção pois meu pai também perguntava para mim. (Ruthy Costa, entrevistada em 22/06/2022).

Ao ingressar no curso em paralelo com uma graduação em Geografia na cidade de Bom Jesus (a 520 km de Picos), a professora criou uma identificação muito forte com o Jornalismo:

Depois que eu comecei o curso, foi algo que eu me encontrei, falei “não eu tinha que ter vindo fazer jornalismo, eu tinha que ter vindo estudar realmente comunicação, por que é algo que gosto de fazer, de ler sobre, de

estudar” e porque eu percebi que era algo extremamente importante para a sociedade. (Ruthy Costa, entrevistada em 22/06/2022).

O amor pelo Jornalismo, surgido desde antes de ingressar na universidade, foi aflorando em cada disciplina cursada, a cada passo dado dentro da sua caminhada universitária. Ouvir a narrativa da professora é uma maneira de perceber que o Jornalismo, para ela, foi mais que um curso de graduação; foi uma mudança em seu pensamento e maneira de agir.

Do mesmo modo, Mayara Ferreira relata sua trajetória enquanto estudante de classe baixa do interior do Piauí ingressando em um curso superior numa instituição pública.

Decidir fazer um curso de graduação é superdifícil, porque é um período que a gente não sabe direito o que é que quer, e é um período de decisões a longo prazo. Eu olhei para o que estava mais próximo a mim, quais são os cursos dentro da grande área que eu gosto, que é a de humanas e ciências sociais. E as minhas possibilidades entre a UESPI e a Universidade Federal, porque só rolava se fosse pública. Uma das que eu gostei mais foi a de comunicação, aí eu fiz vários vestibulares, passei pra todos e entre todos eu escolhi cursar Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas. Então foi meio assim, dentro do curso foi que eu entendi o que é que eu queria fazer e decidi continuar de forma mais consciente. (Mayara Ferreira, entrevistada em 27/06/2022).

Ao ingressar no curso, os entrevistados se depararam com uma realidade muito presente nas instituições públicas brasileiras: a precarização do ensino público. O curso não dispunha de estrutura física para comportar tantos alunos, as salas eram improvisadas, faltavam professores, havia dificuldades de execução das aulas práticas devido à ausência de laboratórios de informática, de rádio, de fotografia e de televisão Como relatam Ruthy Costa, ingressante no ano de 2003 e Mayara Ferreira, ingressante no ano de 2008:

Tivemos muitos problemas desse tipo, falta de professores, estruturais, quando falamos assim “vocês têm uma sala de aula”, a gente não tinha uma sala de aula dessas, com cadeiras dessas, com um quadro desses. Datashow? O que era isso? Ok, eu entendo que ainda temos muitas deficiências de biblioteca, por exemplo, mas a nossa estante na pequena biblioteca que a gente tinha era de 50 centímetros, aqui é a biblioteca de Jornalismo, não chegava a 10 livros, a gente tinha dependência dos professores. (Ruthy Costa, entrevistada em 22/06/2022).

Eu lembro que a gente tinha assim, uma falta de estrutura muito grande, isso “antes” desse período que vivenciamos de não ter o prédio, porque a primeira turma e a segunda, eles não tinham laboratório, o curso prático

foi inaugurado sem nenhum laboratório, o primeiro laboratório, ele surgiu em dois mil e sete e o curso nasceu em dois mil e dois, e tipo assim, a primeira turma já tinha caído fora, todinha, e como é que ele funcionava? Funcionava à base da vontade de quem tava fazendo o curso, porque antes disso, num tinha a opção pra quem era daqui que queria fazer Jornalismo, a maioria de nós não tem condição de ir pra uma capital, pra outro lugar. (Mayara Ferreira, entrevistada em 27/06/2022).

Em relação aos seus anos de discente na UESPI de Picos, Mayara conta sobre sua decisão de seguir pelo caminho do ensino, das dificuldades referentes à carência de um ambiente que fosse capaz de incluir todos os estudantes, e até mesmo a falta total de uma estrutura física universitária:

Como eu sabia já o que é que eu queria, que era ser professora, na Universidade, e o que era necessário para eu ser professora na Universidade, ou seja: fazer um mestrado, eu não quis fazer a habilitação em Relações Públicas porque eu entendi que só ia atrasar um ano e meio o meu projeto, então eu fiquei com a habilitação de Jornalismo pra correr atrás do mestrado. E aí, nessa época, dois mil e oito a onze, foi uma época assim de muita, muita dificuldade na universidade pública, sobretudo na universidade estadual, mas a UESPI, sobretudo de Picos, viveu a pior fase nesse momento, eu estudo a história da educação, eu estudo a história dos cursos de jornalismo no Piauí pra eu conseguir fazer uma análise histórica, eu estudo também a história da educação superior do Piauí, e eu posso dizer que foi a pior fase da UESPI, foi na época que eu estudei na UESPI. A gente quando entrou no curso, a universidade funcionava num prédio ali do Junco, que era até mais centralizado, bem mais próximo “das pessoas”, diferente da situação atual, mas era um prédio bem pequenininho e não comportava, a gente tinha mais de dez cursos, a gente tinha mais de mil alunos, não comportava, então a universidade pegou um prédio emprestado que era no bairro Samambaia, já bem mais afastado, lá pra zona leste também, depois do Junco, e a gente ficava lá, então as turmas mais novas sobretudo os calouros mesmo, eram jogados lá no Samambaia, e eu comecei o curso lá no Samambaia, então todo o curso de jornalismo ficava no Junco e só o primeiro período ficava lá no Samambaia, e os veteranos até tentavam nós integrar, iam pra lá de vez em quando pra fazer alguma coisa, mas a gente ficava meio isolado lá porque a universidade não comportava todo mundo num prédio só, aí quando foi um belo dia, eu lembro que a gente tava assistindo aula e a gente escutou a bagaceira, o que foi que aconteceu? O mundo tá se acabando! Tava mesmo, uma sala do lado caiu, e nessa época a universidade já tava se mobilizando pra reformar o prédio que nós tínhamos do Junco, como o terreno lá é pequenininho, do lado tinha um DETRAN que também é do governo do Estado e atrás Universidade Federal, então a possibilidade que tinha era de crescer pra cima, a universidade tava se mobilizando, tem licitação, tem todo um processo burocrático, e aí nós não podíamos mais ficar lá no Samambaias, porque a estrutura lá tava complicada, e no Junco a galera já tava saindo mesmo pra que o prédio pudesse ser reformado, e aí todo mundo se deslocou pra prédios emprestados na cidade, escolas passaram a ser a nossa universidade.

Então se tava ruim lá no bairro Samambaia, que tava um pouco longe do bairro Junco, das outras turmas, dos veteranos, ficou pior, mais espalhado ainda, e aí eu lembro que a gente não tinha mais um ambiente de universidade. E foi uma fase assim, muito difícil, mas também foi a fase que a universidade vivenciou assim, mais mobilização pra conseguir melhorar, e eu tenho certeza que foi graças a isso que nós temos esse prédio aqui hoje, a gente olha pra nossa estrutura e pensa: tá faltando muita coisa! E falta mesmo, mas tá é bom, se a gente olhar pra história, a gente pensa assim: “uau” “show”. Eu me formei, eu passei assim, uns três anos jogada, cada semestre a gente tava numa escola diferente, era assim, e cada turma tava num lugar. (Mayara Ferreira, entrevistada em 27/06/2022).

A ausência de laboratórios fez com que o curso realizasse parcerias com outras instituições para proporcionar aos estudantes uma formação acadêmica adequada:

A gente não vai fazer prática de Telejornalismo porque não tem um laboratório, não a gente dava um jeito, não vai ter prática de rádio porque não tem um rádio, a gente ia lá no Bispo “Bispo deixa a gente usar a igreja, o sistema de rádio da igreja”, Evandro levava a gente para a casa dele para usar o computador dele, para fazer os programas, digitar, gravar, editar esses programas, tudo. Mas assim a gente nunca deixou de fazer, os problemas existiam, mas alunos e professores se empenharam. (Ruthy Costa, entrevistada em 22/06/2022).

Teve uma disciplina de rádio que a gente pagou, que gente fez vaquinha pra alugar um rádio no sábado à tarde quando não tem programação de rádio, o curso funcionava à noite e sábado de manhã, mas pra gente tudo bem pegar um sábado à tarde pra alugar o estúdio da rádio pra gente ter prática. Prática de TV, na parceria com a TV Picos, a gente ia pra TV Picos depois que terminava o jornal da noite, então a aula começava dezoito horas da noite, mais ou menos, aí eles cediam a estrutura da TV pra gente fazer a prática, gravar alguma coisa, uma escalada no estúdio, ter uma noção. Então o curso de Jornalismo daqui funcionou sempre assim, nessa união com muita carência, mas ao mesmo tempo como uma união pra fazer uma força e superar as carências extremas, de modo que a gente tivesse prática e vivenciasse uma formação um pouco mais completa embora incompleta. (Mayara Ferreira, entrevistada em 27/06/2022).

O nosso laboratório de TV foi na TV Picos, ela estava iniciando, tivemos 15 dias para aprender mexer em tudo, cada um tinha uma função e eu fiquei com a edição de imagem, é incrível ver nos créditos do jornal seu nome lá em editor de imagem, foi um desafio, porém valeu a pena. (Edvan Silva, entrevistado em 08/07/2022).

Os três relatos de ingressantes do curso de Jornalismo em diferentes anos sinaliza que a precarização do ensino público foi algo que teve início com a implantação do curso, como relata Edvan Luiz, ingressante no ano de 2002 e que permaneceu, como veremos a seguir, até a graduação de Mayara Ferreira, que ocorreu em 2011.

No ano de implantação do curso, a profissão de jornalista ainda era vista como algo que não se trazia retorno financeiro. A dificuldade em ser jornalista naquela época, além da carência de cursos de formação, referia-se à falta de oportunidades de trabalho na área. Assim, o primeiro ano de curso foi desafiador para todos os alunos e professores, no entanto, era uma alegria ter o curso de Jornalismo depois dos inúmeros pedidos feitos por tantos que já trabalhavam na área de comunicação, como o entrevistado Edvan Luiz da Silva, que, no período em que ingressou na universidade, já trabalhava como radialista em sua cidade.

Edvan, que residia em outro município, assim como muitos dos alunos da UESPI *campus* de Picos, sofria com a falta de transporte de sua cidade para Picos, como ele mesmo narra: “a gente ia em cima de uma D-20, era muito difícil um transporte sem ser esse, depois de um tempo eu ia de carona com uma senhora que vinha todos os dias para Picos” (Edvan Silva, entrevistado em 08/07/2022).

Mesmo com tantas dificuldades estruturais, os discentes não desistiram. A ausência de laboratórios foi a mola propulsora para a busca por melhores condições de ensino/aprendizagem, como relata a professora Mayara Ferreira:

A reforma tava acontecendo, nisso o prédio foi comprometido, a gente tinha uma estrutura pequena no Junco, e aí quando começaram a crescer pra cima, a construir os andares, comprometeu a estrutura de baixo, a construtora muito maravilhosa, só que não, a construtora foi irresponsável e comprometeu, e aí a obra foi embargada, aí piorou. Parou, a obra parou, e a gente fazia muita movimentação, a comunidade acadêmica de forma geral, alunos, professores, técnicos, todo mundo fazia muita movimentação. A gente ia pra BR chamar a atenção da sociedade, dizer que nós estávamos sem sala de aula, sem um prédio pra estudar, que a universidade que formava muita gente na região tava com dificuldades de continuar caminhando, a gente ia pra o centro da cidade num horário assim, de maior pico chamar a atenção da comunidade pra nossa causa, e a gente chamava atenção, a gente chamava atenção mesmo. (Mayara Ferreira, entrevistada em 27/06/2022).

Toda a mobilização, em algum momento, passou a surtir efeito em nível local e nacional, tendo a simpatia do público. Como consequência, em determinado momento, um terreno foi doado e o prédio da UESPI de Picos começou a ser construído:

O fato de ter muitos colegas do curso de comunicação trabalhando ou estagiando nos veículos de comunicação, também facilitava porque a nossa pauta ela saía da universidade, ela chegava na sociedade picosense e alcançava até mais através dos meios de comunicação, na minha pesquisa eu até encontrei umas matérias no G1 nacional falando do nosso

movimento. Teve uma ocasião que nós fizemos uma aula pública na frente da universidade lá no Junco. Tava comprometido, nós fizemos uma aula pública ali, colocamos as cadeiras ali e encenamos uma sala de aula porque a gente não tinha uma sala de aula mesmo. E aí depois eu lembro da gente fechando BR, fechava mesmo e a gente conseguia uma simpatia das pessoas em relação à nossa causa, todo mundo falava nisso, Picos falava nisso, que a UESPI tava se acabando, porque a gente não tinha essa estrutura. Alguém doou o terreno aqui e o governador Wilson Martins se comprometeu a construir, de fato iniciou a construção, só que eu me formei e ainda não tinha um prédio. (Mayara Ferreira, entrevistada em 27/06/2022).

3 “Segure na minha mão e vamos!”: a relação com os professores para torna-se um professor

Um dos nomes mais relevantes para a implantação e a continuidade do curso foi o professor Evandro Alberto. O referido professor, como dito anteriormente, levou seus alunos para casa para fazerem os programas de rádio. Ele também buscou parcerias com escolas, para a utilização dos núcleos de informática dessas instituições, e com os meios de comunicação para que os alunos pudessem ter suas aulas práticas.

Sempre teve essa parceria entre a instituição através do Evandro, quando a gente fala muito bem do Evandro é pra adular não, é porque a gente sabe o quanto ele se empenhou também. Ele ia buscar as escolas para gente usar os laboratórios, das escolas da rede estadual por exemplo. Depois Evandro fundou o Riachão Net, ainda quando professor, ele viu a necessidade de um veículo online, não só por ter só um veículo online na cidade, mas também para servir como laboratório. Quando ele criou, não foi só pensando em ter um veículo online para ele comercialmente, profissionalmente, mas de ter um veículo online de laboratório para os alunos da UESPI. (Ruthy Costa, entrevistada em 22/06/2022).

Os esforços de Evandro Alberto para cada dia o curso crescer e prosperar eram nítidos: parcerias, criação de *site*, enfim, tudo para que os alunos pudessem aprender e ser lançados para o mercado de trabalho cada vez mais capacitados. Como exemplo, a criação do veículo *online* Riachão Net proporcionou aos estudantes oportunidades de estágio e de trabalho em um meio de comunicação que era uma novidade naquele período. Ao final da graduação, o desejo de seguir a carreira docente foi proeminente na vida dos egressos:

Quando terminei minha habilitação em RP (Relações Públicas), eu vi que queria ser professora, minha mãe professora da educação básica, vi todo o sofrimento dela, mas eu queria ser professora e de jornalismo, queria fazer a pós mas não tinha aqui, quando surgiu as primeiras Universidades EAD

eu fiz a pós em gestão que está mais relacionado a RP, fiz a de meio ambiente, em 2008 saiu o edital de professor substituto, as professoras incentivaram para que fizesse a classificação, fiquei em baixa na inscrição do currículo porém, tirei 10 na prova didática. Passei, comecei a dar aula em 2009 como substituta, fiquei até 2012. Em 2014 retornei, em um contrato de 6 meses, renovou até 2018. Depois teve um para o supletivo, fiquei classificada, porém demorou para ser chamada, surgiu o edital para o mestrado, ainda não tinha sido chamada, terminei o mestrado aí sim fui chamada e estou até hoje. (Ruthy Costa, entrevistada em 22/06/2022).

O curso de Jornalismo não é simplesmente um curso universitário, mas um local pertencimento. Como Ruthy Costa relata, ela sente que a UESPI é seu lugar justamente por ser onde ela passou toda a sua trajetória, toda a sua formação e todo o esforço para se formar jornalista, e hoje ela retorna como professora do curso de Jornalismo. A entrevistada lembra que, por falta de infraestrutura, já assistiu aula dentro da antessala da diretoria, de baixo de um pé de caju. Assim, perceber que atualmente ministra aula com mais recursos tecnológicos a deixa emocionada. Nesse processo de ingressar como estudante e retornar como docente substituta e depois efetiva, Ruthy Costa foi criando um vínculo amoroso com esse ambiente, e isso foi algo que a atraiu e a encantou. O carinho por ser egressa e ser hoje professora é sinalizado em sua narrativa:

Poder voltar como professora, eu iniciei lá em 2009 com uma visão totalmente diferente da visão que eu tenho hoje, enquanto profissional, enquanto professora, mas sempre com aquela ideia de eu sou daqui, eu vivo a UESPI, para onde eu vou eu levo a UESPI, tenho muito orgulho de ser egressa daqui e ter voltado como professora daqui. (Ruthy Costa, entrevistada em 22/06/2022).

Outro relato emocionante foi o da professora Mayara, em relação ao seu futuro como professora do curso:

Eu quero ser a Jaque Torres das Mayaras da vida, porque a professora Jaqueline foi uma pessoa que me deu oportunidade para além do que o nosso ambiente permitia, do que a Universidade permitia naquele momento... pegou na minha mão e disse: “vamos”. E eu quero ser essa pessoa também, então quando me vi aqui voltando (como professora) eu pensei: “poxa, deu certo”. (Mayara Ferreira, entrevistada em 27/06/2022).

Edvan Luiz também narra que o desejo de ser professor de Jornalismo não era algo tão aflorado, porém com o incentivo do professor Evandro Alberto sua perspectiva mudou. Mesmo com todos os percalços até sua formação acadêmica, o entrevistado percebeu que o ingresso na docência seria uma forma de retribuir tudo o que a UESPI tinha feito por ele.

Edvan Luiz relata que, ao entrar para o quadro de professores, incentivou os alunos a se movimentarem, levando-os para novas experiências, novos conhecimentos para sair do comodismo. Depois de um período na docência, ele foi convidado para integrar a coordenação do curso, por meio da qual conseguiu ficar mais próximo dos alunos e contribuir ainda mais para o crescimento do curso e para sua evolução contínua.

O entrevistado relata que tornar-se jornalista foi algo que o transformou e que o amor pela instituição foi algo que cresceu. Em outras palavras, o jornalismo, atualmente, é para Edvan Luiz como uma identidade, algo que transformou sua vida por inteiro e ainda continua mudando.

Desse modo, percebe-se que o curso de Jornalismo trouxe para Picos e para sua macrorregião novas oportunidades de evolução, como, por exemplo, a chegada da televisão e o ingresso de profissionais cada vez mais capacitados nas diversas áreas de comunicação.

4 Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo apresentar um recorte da história do curso de Jornalismo da UESPI de Picos, a partir das narrativas de alguns de seus egressos que foram ou atualmente são professores do curso de Jornalismo na cidade de Picos. Por meio da pesquisa bibliográfica, da pesquisa documental e das entrevistas semiestruturadas, pode-se observar o relato de cada entrevistado e suas vivências na instituição em períodos diferentes. Vale esclarecer que Edvan ingressou na primeira turma de Jornalismo, no ano de 2002. Já Ruthy Costa foi ingressante da segunda turma, no ano de 2003, enquanto Mayara Ferreira ingressou na sétima turma, no ano de 2008.

Desde a aula debaixo de um pé de caju, até a transmissão de um programa na TV pela primeira vez, o Jornalismo da UESPI passou por diversos altos e baixos, felicidades e lutas. Perceber uma melhora (mesmo que pequena) em termos estruturais e no quadro de professores efetivos é uma grande vitória para aqueles que estavam desde a implantação e permanecem até o presente momento, quando o curso completa seus vinte anos de oferta. Cada estudante que passou pelo curso construiu um pedaço da história, que hoje merece ser conhecida por todos os estudantes que ingressam ou até mesmo que sonham em fazer Jornalismo.

Este trabalho é apenas um recorte sobre a história de um curso muito importante para a cidade de Picos e macrorregião. Esse curso fez nascer vários docentes, repórteres, âncoras,

radialistas, *social medias*, assessores, entre outros profissionais que cresceram no ramo da comunicação.

Para cada um dos entrevistados, ser jornalista e também professor é saber ensinar e transmitir o que eles receberam há alguns anos, quando ainda eram alunos. O amor e o cuidado com o curso e as lutas para melhorias foram percebidos em cada narrativa. Para eles, o Jornalismo não foi uma simples opção de curso; foi uma escolha de vida. Percebeu-se o amor no olhar ao falarem do curso e os detalhes fornecidos em cada situação vivenciada. E, ao final de cada entrevista, o mesmo relato: “eu amo a UESPI, eu vivo a UESPI”.

O estudo sobre a história do curso de Jornalismo é algo que necessita de uma narrativa, por isso esse trabalho resolveu organizar essas narrativas a partir de alunos que vivenciaram o curso como estudantes e que foram ou atualmente são professores do referido curso.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional da Educação/Câmara de Educação Superior. **Resolução n. 1, de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Brasília, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&ca-. Acesso em: 20 jul. 2022.

CONSUN – CONSELHO UNIOVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Resolução n. 38/2001, 29 de outubro de 2001**. Teresina, 2001.

COSTA, Ruthy Manuella de Brito. **Entrevista semiestruturada**. Picos-PI, 2022.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 62 – 83.

FERREIRA, Mayara Sousa. Do mercado de trabalho à academia: história e memória da implantação do curso de Jornalismo em Picos - PI-BR. *In*: Revolução, Modernidade e Memória: caminhos da história da educação. **XIV Congresso Iberoamericano de História da Educação**, Lisboa, 2021. p. 1221 – 1236.

FERREIRA, Mayara Sousa. **Entrevista semiestruturada**. Picos-PI, 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 269 – 279.

SILVA, Edvan Luiz da. **Entrevista semiestruturada**. Picos-PI, 2022.

SILVA, Danielly; TORRES, Jaqueline. Jornalistas do batente que buscarão a formação acadêmica na UESPI campus de Picos. **XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na região Nordeste**. Caruaru, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-2164-1.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 51 – 61.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas**. Picos, 2005.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Projeto Político Pedagógico do curso de Bacharelado em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas**. Picos, 2012.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Jornalismo**. Picos, 2015.

Para compreender a sociabilidade quilombola: o olhar dos discentes do curso de Jornalismo a partir da etnografia

Lara Paula Pinto LOPES
Matheus Moura Alencar de BARROS
Nathielly Alves de OLIVEIRA
Jaqueline da Silva Torres CARDOSO
Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

RESUMO

O objetivo deste artigo é o de apresentar alguns resultados da primeira imersão etnográfica dos alunos do curso de Jornalismo participantes do projeto de extensão intitulado “Ciclo de oficinas de antropologia em Jornalismo e pesquisa etnográfica”. A imersão etnográfica ocorreu nos dias 10, 11 e 12 de junho de 2022 no “VI Encontro de Casas de Terreiros de Comunidades Quilombolas”, na comunidade Custaneira/Tronco (Paquetá do Piauí/Piauí). Como aporte metodológico recorreu-se às seguintes técnicas: a fotoetnografia, a observação participante, a escrita do diário de campo a performance teatral e o uso de desenhos. Durante esse período buscou-se compreender as sociabilidades vivenciadas tanto pelas crianças quanto pelos adultos quilombolas.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo; Jornalismo; Fotoetnografia; Etnografia; Desenho.

Introdução

O presente artigo é o resultado da primeira imersão dos alunos participantes do projeto de extensão intitulado “Ciclo de oficinas de Antropologia em Jornalismo e pesquisa etnográfica”, cujo objetivo é o de compreender as formas de sociabilidades quilombolas a partir da perspectiva dos alunos de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, *campus* Barros Araújo.

Georg Simmel (2006) aponta a sociabilidade como uma forma de se relacionar com o outro. Ou seja, o conceito refere-se à capacidade de ser sociável. Para haver sociabilidade, os sujeitos precisam se libertar da realidade e se relacionar com os outros de forma lúdica e pelo simples prazer de se relacionar. Sendo assim, caracteriza-se como princípio da sociabilidade a seguinte assertiva, proposta por Simmel (2006, p. 69): “cada indivíduo deve

garantir ao outro aquele máximo de valores sociáveis (alegria, liberação, vivacidade) compatível com o máximo de valores recebidos por esse indivíduo”.

A manutenção dessas relações sociais proporciona a sensação de pertencimento a um determinado grupo. Neste trabalho, considera-se a sociabilidade no ambiente quilombola como o processo pelo qual os sujeitos estabelecem relações uns com os outros, compartilhando histórias, valores, princípios, cultura, além de outros significativos simbólico-afetivos. A partir desse entendimento é possível inferir, que as manifestações culturais provenientes do “intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes” que estão relacionados ao folclore são algumas das formas de sociabilidade que proporcionam a manutenção identitária da comunidade quilombola.

Essa imersão se fez necessária para que o aluno ainda nos primeiros anos de curso, vivencie certas práticas fundamentais para o exercício da profissão. Acredita-se que a proposta do projeto vai ao encontro das competências e habilidades requisitadas para o egresso e que foram propostas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Jornalismo de 2013 e no Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Jornalismo desta instituição, são elas: “pesquisar, selecionar e analisar informações em qualquer campo de conhecimento específico”; “cultivar a curiosidade sobre os mais diversos assuntos e a humildade em relação ao conhecimento”; “procurar ou criar alternativas para o aperfeiçoamento das práticas profissionais” além de proporcionar a interação “com pessoas e grupos sociais de formações e culturas diversas e diferentes níveis de escolaridade”, para citar alguns. (BRASIL, 2013)

O projeto, cujo os primeiros resultados culminou neste artigo, está sendo um laboratório para o exercício de tais habilidades além de servir como uma das atividades do curso de Jornalismo que visa abordar as questões que dizem respeito aos afrodescendentes conforme orientação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a “Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena” (Lei nº 11.645 de 10/03/2008; Resolução CNE/CP Nº 01 de 17 de junho de 2004).

Para colocar em prática as técnicas etnográficas discutidas em sala de aula, oito alunos, etnografaram o “VI Encontro de Casas de Terreiros de Comunidades Quilombolas”, ocorrido nos dias 10, 11 e 12 de junho de 2022 na comunidade Custaneira/Tronco, no estado do Piauí. Durante os três dias, o evento proporcionou palestras, roda de conversas, oficinas, minicurso e giras com o intuito de compartilhar experiências e o de apresentar/ aproximar a umbanda aos demais participantes. Nesse período, os alunos realizaram o registro

fotoetnográfico, a observação participante, a escrita do diário de campo, a performance teatral e o uso do desenho para compreender como as pessoas quilombolas e não quilombolas se relacionam uns com os outros. Tais percepções foram captadas a partir do olhar dos discentes do curso de Jornalismo. Vale ressaltar que a performance teatral e o uso do desenho foram técnicas de pesquisa trabalhadas exclusivamente com as crianças.

O trabalho será estruturado em dois tópicos. O primeiro, discorrerá sobre a fotoetnografia e em seguida será apresentada uma narrativa fotoetnográfica do encontro. O segundo tópico abordará a teatralização com os dedoches e a utilização dos desenhos com as crianças a partir da experiência/impressões dos alunos na realização desse momento.

Sobre a narrativa fotoetnográfica do evento

Para este artigo recorreu-se ao uso da fotoetnografia com o objetivo de produzir uma narrativa fotoetnográfica dos três dias do evento. O intuito é proporcionar informações visuais que, aliadas às narrativas apresentadas do decorrer do trabalho, possibilitem ao leitor interpretar e compreender o contexto da sociabilidade presente no “VI Encontro de Casas de Terreiros de Comunidades Quilombolas” que ocorreu nos dias 10, 11 e 12 de junho de 2022 na comunidade Custaneira/Tronco, em Paquetá do Piauí (PI)

A fotoetnografia é o processo pelo qual se utilizam os registros fotográficos “como uma narrativa imagética capaz de preservar o dado e convergir para o leitor uma informação cultural a respeito do grupo estudado” (ACHUTTI, 1996, p. 4). O termo foi criado por Luiz Eduardo Robinson Achutti em sua dissertação de mestrado em Antropologia Social, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1996. Achutti (2004, p. 4) enfatiza que a narrativa fotoetnográfica deve ser realizada “na forma de uma série de fotos que relacionadas entre si e que componham uma sequência de informações visuais”.

Em antropologia, o uso da fotografia é principalmente conhecido como uma técnica de pesquisa em trabalho de campo. A necessidade de conhecer o mundo e suas peculiaridades une a fotografia à antropologia ao propiciar ao pesquisador novos recursos para a compreensão de seu objeto de estudo. A imagem como ferramenta de pesquisa, ainda que haja resistência a respeito, vem assumindo espaço não somente na antropologia, mas também nas ciências humanas ao apresentar novas formas de perceber o mundo. A fotografia se torna um olhar sobre o mundo, destinando uma mensagem visível a outro olhar,

dando significação ao mundo. Dessa forma, a narrativa aqui apresentada se constituirá de um discurso organizado que contará uma história do evento.

Achutti (2004) reforça que, neste tipo de narrativa, não cabem textos intercalados, pois eles comprometem a atenção do leitor. Porém, “esta precaução não impede absolutamente que certas informações escritas possam ter sido anteriormente dadas àqueles que vão mergulhar na narrativa visual” (ACHUTTI, 2004, p. 4). Assim, tanto a narrativa escrita quanto a narrativa visual auxiliam o leitor a compreender como os alunos/pesquisadores perceberam e se posicionaram perante o fato social. Nesse caso, tanto uma como a outra se complementam e possuem o mesmo grau de importância no processo analítico.

As imagens que seguem foram realizadas pelos alunos do curso de Jornalismo e os registros apresentados representam um recorte do evento nos três dias, nos turnos da manhã, tarde e noite.

Fotoetnografia do VI Encontro de Casas de Terreiros de Comunidades Quilombolas





A teatralização do livro “O Pequeno Príncipe Preto” e os desenhos infantis

Durante a programação do encontro, os alunos do curso de Jornalismo ficaram responsáveis por realizar uma atividade de teatralização com o intuito de interagir com o grupo de crianças presentes. Nas reuniões que antecederam o evento, o grupo optou por escolher o livro “O Pequeno Príncipe Preto”, de Rodrigo França. A referida obra consiste numa releitura que pauta a representatividade das raízes africanas do povo negro do Brasil.

No livro é ressaltada a grandeza da árvore Baobá que, para a cosmogonia Africana, sustenta também significância espiritual. Na abordagem original francesa esse papel é assumido por uma rosa. A Baobá chega ao Brasil por meio do violento traslado do tráfico humano acometido no continente africano para escravização, assim as evidências são de que pessoas escravizadas trouxeram consigo as sementes da árvore que se adaptou perfeitamente ao solo nordestino do Brasil. A árvore representa a luta dos negros no Brasil, além de simbolizar resistência e a força desse povo. Ademais, a árvore é também um dos principais símbolos das culturas africanas tradicionais, como o candomblé. A planta personifica o espírito africano, sendo considerada a árvore da vida com muita importância para tribos e clãs, além de ser tida como uma fonte de fertilidade e a solução medicinal para muitos problemas de saúde.

A atividade foi realizada no dia 12 de junho de 2022, durante o período da tarde. Para a apresentação foi elaborada uma narrativa simples e interativa com o intuito de chamar a atenção das crianças presentes. A abordagem literária consistiu numa apresentação da história juntamente com a teatralização dela por meio de dedoches customizados artesanalmente com material reciclado. O material foi coletado no próprio campus pelos alunos envolvidos.

Os temas abordados na teatralização versavam sobre o amor ao próximo, a empatia, o companheirismo e a importância de valorizar as pessoas independente da sua cor ou origem.

Imagem 1: Registro fotoetnográfico da teatralização do livro “O Pequeno Príncipe Preto”.

Fonte: Alunos do curso de Jornalismo.





Em determinado momento da teatralização, o personagem principal (pequeno príncipe) questiona que cor é a cor de pele. As crianças manifestaram a sua opinião a respeito da temática. Uma delas relatou que a cor de pele é a marrom. Tais observações foram registradas nos diários de campo dos alunos:

No decorrer da peça fiz uma pergunta sobre lápis cor de pele e me surpreendi com a resposta que eles me deram, pois eles já crescem com concepção sobre a cor da pele em mente. (Alisson Breno Dias de Sousa, diário de campo, 13/06/2022).

Apresentamos a história do príncipe preto e durante a narração uma criança questionou que a cor de pele era de lápis de cor marrom e não branca como é ensinado às crianças e aquilo me chamou muito a atenção. (Thaila Vitória Santos Vieira, diário de campo, 13/06/2022).

Ao recorrer aos diários de campo para a elaboração desse artigo, surgiram algumas elocubrações quanto ao ato da escrita de uma produção acadêmica que, de modo geral, “a única coisa que importa é o produto final” (BECKER, 2007, p. 94), e, assim, o pesquisador

esconde os fracassos da pesquisa apresentando apenas a narrativa exitosa. Geralmente faz-se isso: apresenta-se todo o percurso da pesquisa sem deslizes e deixam-se ocultos os erros e tropeços cometidos. Talvez seja hora de modificar um pouco tais percepções. Por esse motivo, recorre-se a um relato do diário de campo de um dos estudantes para compreender o que ficou “a margem” (OLIVEIRA, 2002):

As crianças começam a chegar, me sinto ansiosa, surgem alguns imprevistos, o dedochê da raposa sumiu e Rebeca ficaria sem sua personagem. Então tenho a ideia de pintar o rosto de Rebeca como algo próximo de uma raposa, apesar do esforço Rebeca ainda se assemelha a um gatinho da Deep Web. As crianças se sentam, e uma sensação de pertencimento e de satisfação começa a tranquilizar meu peito, porque embora quase nada esteja saindo como o planejado a criançada não parece desgostar da reunião. (Lara Paula Pinto Lopes, diário de campo 13/06/2022).

Quando utiliza-se o teatro infantil com dedoches como corpo principal para contar a história do pequeno príncipe, além de apreciar a história as crianças quilombolas se viram representadas de uma maneira divertida e envolvente. Identificando-se com o personagem principal, elas sentiram que a sua história também estava sendo contada e que é possível alcançar o que elas sonham. Os diários de campo dos discente revelam suas percepções em relação ao momento vivenciado por eles e pelas crianças:

a alegria nos olhos de cada criança por estarem se divertindo, foi emocionante, a troca de energia a dinâmica de desenho, eles compartilhando as coleções com os coleguinhas, momento encantador de se vê. (Alisson Breno Dias de Sousa, diário de campo, 13/06/2022)

Este dia era o dia da nossa oficina com as crianças do quilombo, então nos organizamos, e chamamos as crianças para um local separado, para apresentá-la o teatro de pequeno príncipe preto, antes do teatro, fizemos brincadeiras com as crianças que estavam presentes, e distribuimos pirulitos, e seguida montamos o teatro, e apresentamos, o teatro, foi apresentado cerca de 30 mim, juntamente com a nossa docente distribuimos folhas para as crianças retratar o conto apresentado no teatro, e todas fizeram sua parte, quando terminaram eles lancharam bolo e suco. (Nathielly Alves de Oliveira, diário de campo, 13/06/2022).

Após a teatralização da história e de uma roda de conversa sobre as principais temáticas abordadas no livro “O Pequeno Príncipe Preto” os alunos solicitaram às crianças que as mesmas realizassem um desenho que representasse a história. Entende-se que os

desenhos é uma técnica muito utilizada nas pesquisas com crianças. Eles foram complementares à observação participante, à fotoetnografia e a escrita do diário de campo.

Pires (2007, p. 47) relata que “o desenho é um material de pesquisa interessante para captar justamente aquilo que primeiro vem à cabeça, aquilo que é mais óbvio para a criança”. A autora afirma que os desenhos possibilitam ao pesquisador direcionar olhar da pesquisa para questões relevantes do universo infantil. Para as pesquisas de Punch (2002), os desenhos serviram como uma fase exploratória para identificar os aspectos mais relevantes da vida das crianças. A autora pontua que é no ato de desenhar que aflora a criatividade dos pequenos, e, desse modo, eles podem se sentir mais envolvidos com a pesquisa. Por meio dos desenhos, os discentes puderam perceber a representação que as crianças tiveram em relação à narrativa do livro:

Imagem 2: Desenhos das crianças.



Fonte: Alunos do curso de jornalismo.

Compreende-se que o desenho é uma das formas de expressão humana que representa o que estamos sentindo e pensando. No universo infantil, o desenho assume diferentes conotações, permitindo revelar aspectos do desenvolvimento cognitivo, emocional e expressivo da criança e torna-se, assim, um objeto de estudo de diferentes áreas, como a Psicologia, a Psiquiatria, a Sociologia, a Pedagogia, dentre outras. Por meio deles, é possível perceber que as crianças desenhavam a história do pequeno príncipe preto com entusiasmo. Nos desenhos há o predomínio da “cor de pele” marrom, como eles mesmo sinalizaram na roda de conversa.

Assim, buscou-se nos desenhos produzidos pelas crianças conhecer a maneira como elas interpretam a si e aos outros e o modo como essa interpretação influencia a construção da sua identidade.

Considerações finais

A partir da imersão etnográfica dos alunos do curso de Jornalismo participante do projeto intitulado “Ciclo de oficinas de Antropologia em Jornalismo e pesquisa etnográfica” buscou-se compreender as formas de sociabilidades quilombolas a partir da perspectiva dos próprios alunos. A imersão ocorreu nos dias 10, 11 e 12 de junho de 2022 no “VI Encontro de Casas de Terreiros de Comunidades Quilombolas”, que aconteceu na comunidade Custaneira/Tronco (Paquetá do Piauí/Piauí). Para atender o objetivo proposto os alunos recorreram às seguintes técnicas de pesquisa: a fotoetnografia, a observação participante, a escrita do diário de campo a performance teatral e o uso de desenhos. Sendo que essas duas últimas técnicas foram exclusivamente com as crianças.

Por meio da fotoetnografia os alunos construíram uma narrativa visual para compreender a sociabilidade presente no evento. Compreendida aqui como uma maneira de se relacionar com o outro, a sociabilidade presente no encontro possibilita a recriação e a transformação de elementos identitários que favorecem a permanência do referido quilombo ao longo do tempo.

A sociabilidade no ambiente quilombola é o processo pelo qual os sujeitos estabelecem relações uns com os outros, compartilhando histórias, valores, princípios, cultura, além de outros significativos simbólico-afetivos. A partir desse entendimento é possível inferir, no caso específico do Encontro de Casas de Terreiros, que as palestras, as oficinas, os minicursos e as giras são algumas das formas de sociabilidade que proporcionam a manutenção identitária étnica da comunidade quilombola.

Compreende-se que a identidade étnica apóia-se numa ancestralidade negra, numa resistência territorial e numa organização social coletiva que são compreendidas aqui tanto como uma forma de estabelecer os limites entre os grupos quanto um modo de fortalecer os laços entre os indivíduos que integram um determinado grupo (BARTH, 1998). Como uma forma de estabelecer os limites entre os grupos, faz-se necessário exteriorizar suas marcas identitárias entre os grupos que os circundam. É uma das maneiras que ocorre essa

exteriorização é por meio do Encontro de Casas de Terreiros, onde a comunidade quilombola e não quilombola, se congregam, celebram e compartilham experiências.

Por meio da teatralização e dos desenhos, foi possível aproximar das sociabilidades infantis. Os movimentos dos seus corpos, a maneira de sentar, de conversar, de questionar, os laços sociais constituído com outras crianças, sejam elas quilombolas ou não quilombolas, os espaços pelos quais essas crianças circulam, os objetos simbólicos que as acompanham possibilita compreender como a criança constrói conhecimento a respeito de suas tradições nas festividades. Por meio das falas, dos desenhos, da teatralização, é possível uma aproximação quanto ao sentido de ser criança e os significados que elas constroem acerca do lugar em que vivem.

Referências

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho em uma vila popular na cidade de Porto Alegre. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotos e palavras, do campo aos livros. **Portal da Fotoetnografia do Grupo de Pesquisa Fotografia e Fotoetnografia**: Arte e Antropologia, 2004. Disponível em: http://www.ufrgs.br/fotoetnografia/textos/texto_achutti.pdf. Acesso em: 29 mar. 2020.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

BECKER, Howard S. **Truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BRASIL, **Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013**. Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Jornalismo. Brasília: MEC, 2013.

FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

LOPES, Lara Paula Pinto. **Diário de Campo**. Picos: 2022.

OLIVEIRA, Nathielly Alves de. **Diário de Campo**. Picos: 2022.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Os diários e suas margens**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

PIRES, Flávia Ferreira. **Quem tem medo de mal-assombro?** Religião e Infância no semi-árido nordestino. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PUNCH, Samantha. **Research with children**: the same or different from research with adults? *Childhood*, Londres, v. 9, n. 3, p. 321-341, 2002. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0907568202009003005>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade: exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 59-82.

SOUSA, Alisson Breno Dias de. **Diário de Campo**. Picos: 2022.

VIEIRA, Thaila Vitória Santos. **Diário de Campo**. Picos: 2022.

GT 03

Processos de Comunicação

Fotografia e testemunho ocular: abordagens e composição de Cristino Varão sobre a Picos-PI do século XX

Mikaelly Nagyla da Silva SANTOS
Mayara Sousa FERREIRA
Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

RESUMO

Os documentos visuais são fontes de pesquisa nas ciências sociais. Com as fotografias é possível registrar e documentar restos de memórias sobre sociedades. Em Picos-PI, o testemunho ocular do fotógrafo Cristino Varão contribuiu para a preservação de vestígios memorialísticos e históricos da cidade, no século XX. Assim, este artigo propõe investigar indícios de fotojornalismo na iconografia de Cristino Varão disponibilizada no acervo digital no Facebook “Foto Varão - Memórias”. Para analisar essas fotografias, o trabalho parte do método de Peter Burke (2004) sobre testemunha ocular. Como técnica de tratamento desses documentos, usamos a análise de conteúdo categorial (2016), com abordagem qualitativa. Com o artigo, identificamos as técnicas fotojornalísticas comuns utilizadas na iconografia analisada. Ademais, observamos que o material possui, em sua composição e abordagem, técnicas avançadas da fotografia, em consideração a pouca difusão tecnológica fotográfica do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Cristino Varão; fotografia; fotojornalismo; testemunha ocular.

INTRODUÇÃO

A fotografia permite registrar tempos e documentar certas memórias sobre sociedades. Falamos de certas memórias, porque, na produção fotográfica, as imagens são enquadradas. Por seus ângulos e abordagens, podem possibilitar inúmeras interpretações e até mesmo reproduzir a não veracidade do real. No entanto, isso não é considerado um impedimento para uso de fotografias como fontes de pesquisa para compreensão de vestígios do passado de comunidades.

Mas a pesquisa sobre fotos documentais ainda é escassa. Isso porque a fotografia é questionada como fonte histórica e como fonte de pesquisa para o estudo historiográfico, como aponta Barroso (2015, p. 110): “diversos pesquisadores e historiadores, se interrogaram sobre o uso da fotografia para o entendimento da construção da história, dentre as inquietações mais frequentes estão: qual a relação entre fotografia e história? A fotografia pode ser uma fonte histórica?”.

A fotografia surgiu em contexto positivista e logo nos primeiros registros foi encarada como um espelho do real, conforme Sousa (2002). Assim, passou a ser inserida no cotidiano como ferramenta de memória e de registro documental. A imprensa foi uma das áreas que aderiram ao uso de imagens fotográficas para a utilização na construção da informação com o intuito de ligar imagens associadas a textos, levando ao surgimento do fotojornalismo.

Esse surgimento do fotojornalismo que conhecemos hoje é datado entre os anos 1920 e 1930, na Alemanha, em um período de pós-guerra e no momento em que o país recebeu destaque pelas artes, letras e as ciências, tendo grande repercussão na imprensa da época (SOUSA, 2002).

No Brasil, o surgimento da fotografia de imprensa se deu no ano de 1920, mas o fotojornalismo só foi reconhecido como profissão no ano de 1940 (BERTI; CONDE; LIMA, 2010). De acordo com Berti, Conde e Lima (2010) assim como na Europa, o fotojornalismo no Brasil surgiu após um período de guerra e de grandes revoluções tecnológicas. Nesse período, as revistas eram ilustradas com imagens de guerras e de conflitos da época. No mundo após a Primeira Guerra Mundial, o Brasil vivenciava a Guerra do Paraguai (1864-1870) e de Canudos (1876-1897). A Guerra do Paraguai foi o primeiro conflito registrado por fotógrafos nacionais.

No Piauí, o desenvolvimento da imprensa foi tardio, e conseqüentemente, do fotojornalismo. Também, de acordo com Berti, Conde e Lima (2010) existem poucas informações sobre o fotojornalismo no Piauí. Como apontam os mesmos autores, o Piauí foi a 15ª província do Brasil onde a imprensa surgiu, assim, existiam poucos jornais em circulação e a imprensa piauiense era centralizada na capital, fato que atrasou o desenvolvimento da imprensa no interior e no sertão piauiense.

Embora ainda estivesse em construção, já existiam trabalhos fotográficos sendo realizados na região semiárida do estado de forma amadora, como é o caso de Cristino Varão. Nascido em 1917 em Picos/PI Cristino Saraiva Varão, foi pioneiro no ramo da fotografia na cidade de Picos (BARROSO, 2015). O seu trabalho consagra uma vasta obra com fotografias do sertão piauiense em períodos passados, o material fornece testemunho da organização picoense e de como era a vida no interior do estado, ademais trata de uma fonte de história para a fotografia e para a cidade de Picos. Barroso (2015) afirma que através das fotografias de Varão, pode-se ter uma noção de como era a Picos mais antiga, desde a sua arquitetura aos acontecimentos sociais.

Os documentos visuais são fontes de pesquisa para as ciências sociais aplicadas e para ciências humanas, assim como outros tipos de documentos, como escritos, impressos, digitais e orais. Imagens são especialmente valiosas na reconstrução da cultura cotidiana de pessoas comuns, como aponta Peter Burke (2004). A ótica sobre fotografias como testemunhas oculares de um tempo e de um lugar parte dos estudos acerca de “testemunhas oculares”, de Burke (2004). Com ele, entendemos a fotografia como fonte de memória e para a história.

Sendo assim, a proposta do presente artigo é investigar indícios de fotojornalismo na iconografia de Cristino Varão. Sendo assim, os objetivos específicos são: classificar abordagens nas suas fotografias; e analisar a composição fotojornalística do material do acervo digital do referido fotógrafo. Vale dizer que o presente trabalho integra um projeto maior, de PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), intitulado Narrativas de Cristino Varão: memórias iconográficas da cidade de Picos e do fotojornalismo do Piauí.

O percurso metodológico começa com a realização da pesquisa bibliográfica (SEVERINO, 2007), principalmente com os estudos de Sousa (2002) sobre fotografia e Burke (2004) sobre fotografia como testemunha ocular. Seguimos com a pesquisa

documental (SEVERINO, 2007), tomando as fotografias de Cristino Varão, preservadas em acervo online no Facebook “Foto Varão - Memórias”.

Para analisar essas fotografias, o trabalho parte da proposta de método de Burke (2004) sobre testemunha ocular. Em tese, é a prática de retratar, através de imagens, não só eventos políticos, tendências econômicas ou estruturas sociais, mas também a história do cotidiano de pessoas comuns ou de cidades, o uso da imagem como evidência histórica a partir de um olhar ou testemunha ocular (BURKE, 2004).

A partir da história cultural, usar esse tipo de fonte se torna cada vez mais comum no campo da evidência histórica e da pesquisa. E não somente, como também o uso de imagens ao lado de textos literários e testemunhos orais (BURKE, 2004).

[...] é certamente impossível estudar o passado sem a assistência de toda uma cadeia de intermediários, incluindo não apenas os primeiros historiadores, mas também os arquivistas que organizaram os documentos, os escribas que os escreveram e as testemunhas cujas palavras foram registradas (BURKE, 2004, p. 16).

Como técnica de tratamento desses documentos, usamos a análise de conteúdo categorial de Bardin (2016). Segundo a autora, funciona como uma operação de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. A categorização se deu nos grupos temáticos: Lugares, Eventos e Pessoas. Foram catalogadas 215 fotografias das décadas de 1960 e 1970, publicadas entre os anos 2015 e 2018.

ABORDAGENS NAS FOTOGRAFIAS DE CRISTINO VARÃO

A obra de Cristino Varão é rica em vários aspectos, porque são fotografias com qualidade técnica que se destacam pela expressividade e empenho no registro documental da cidade picoense, em consideração por serem retratadas em um período em que a fotografia era pouco desenvolvida, e mesmo com as dificuldades impostas pela própria falta de tecnologias, de técnicas, não cessou a sua paixão pela arte de fotografar.

No Brasil só a partir da década de 1940 é que a fotografia começou a ganhar um visual mais moderno, foi uma tentativa de aproximar fotografia e arte. Entre os anos 40 e 50 foi um período em que a fotografia estava fortemente ligada às artes plásticas, e nesse período aconteceu a expansão da fotografia na imprensa, sendo marcado pela difusão da fotografia moderna, bem como o início das ilustrações em revistas especializadas,

acompanham a difusão do mercado profissional no ramo da fotografia. Enquanto que em outras regiões do país a fotografia passava por inovações, no sertão a técnica ainda era pouco difundida (FOTOGRAFIA NO BRASIL, 2016).

Toda e qualquer expressão artística existe a partir de um ponto de vista, e na fotografia não é diferente. A fotografia está sujeita a uma diversidade de interpretações, que pode não coincidir com o intuito do fotógrafo. Barthes (1984) entende que a fotografia é inclassificável porque não há qualquer razão para marcar tal ou tal de suas ocorrências. Fazer registros com a fotografia requer de um olhar observador, e enxergar além do que está à frente aos olhos. De acordo com Barthes (1984) a fotografia pode ser objeto de três práticas, ou de três emoções ou de três intenções: o fazer, suportar e o olhar.

A ideia de abordagem está ligada à aproximação, perspectiva ou enfoque e aqui vamos identificar abordagens características das fotografias de Cristino Varão. No que se observa no material encontrado, buscou abordar a região urbana de Picos, monumentos históricos que vão desde a pontos comerciais a áreas de historicidade como é o exemplo da fotografias de igrejas antigas. Assim, a abordagem documental de Varão traz um olhar da época diferenciado e que os livros unicamente não seriam capazes de descrever.

Na **primeira categoria, Lugares**, temos 110 fotografias, que representam 50% do acervo. Notamos que Varão registrava as áreas urbanas de Picos, no Piauí, como o centro, a feira livre, a Catedral Nossa Senhora dos Remédios, pontos comerciais, muitas fotografias de ruas de pontos altos da cidade com vista panorâmica, com enfoque em cenas do cotidiano que eram comuns na cidade, como andar a cavalo, o feirante vendendo seu produto, jovens se divertindo pelas ruas e da movimentação urbana da cidade.

A essa categoria atribuímos um registro do alto do Morro da Mariana, com uma fotografia projetada do centro histórico picoense. A fotografia revela pontos relevantes para que se compreenda a objetividade de Cristino, nota-se uma visão futurista da fotografia com presença forte da fotografia contemporânea. O período de 1960/1970 foi marcado por conturbações políticas e de revoluções na fotografia e da tecnologia, assim muitas das fotografias que foram surgindo desse período estavam ligadas ao lado artístico e assim mostrava um primeiro passo para o que viria a ser uma fotografia.

Observa-se um apego ao “esteticismo” descrito por Sousa (2002), trata-se de um processo de conotação que consiste na exploração estética da fotografia, é uma abordagem que trata as fotografias inspiradas em pinturas. Nota-se um empenho de Cristino na execução da fotografia, na representação a seguir (fotografia 1) mostra que foi fotografada

de um ponto alto da cidade com vista panorâmica e que se assemelha a uma pintura. Barthes (1994) considera que o fotógrafo, é como um acrobata, em que deve desafiar as leis do provável e do possível e em última instância, deve desafiar a do interesse.

Um outro ponto característico do fotojornalismo é a distância aplicada às imagens, Sousa (2002) acrescenta que o fato de uma fotografia ser utilizada grande distância ou pouca distância do objeto fotografado pode ter interpretações significantes. Ao interpretar a fotografia 1, observamos uma distância considerável do objeto. Varão buscou tentar enquadrar toda a paisagem em um único registro.

Fotografia 1: Feira municipal de Picos



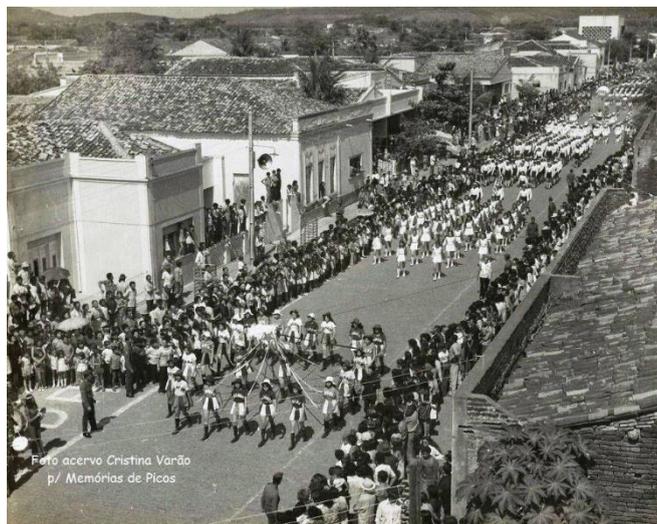
Fonte: Foto Varão - Memórias (2016a).

Na **segunda categoria, Eventos**, temos fotografias de Cristino Varão que priorizam espaços junto a pessoas, um total de 71 fotografias, que representam 25% do acervo. Aqui são trazidas fotos, em eventos religiosos, em desfiles cívico-militares pelas ruas. Ainda assim, Varão buscou trazer mais próximo do real, por ângulos que mostram a movimentação e espontaneidade do momento.

As imagens identificadas nessa categoria se assemelham com as da categoria acima, a de Lugares, vemos uma dinâmica parecida com apego ao esteticismo explicado acima, e o uso da distância como objeto de interpretação de imagens no fotojornalismo. A fotografia 2 é um retrato do Desfile de 7 de Setembro, nela observamos que Varão buscou trazer uma vista privilegiada do evento, como apontam, fez uso da distância do objeto para obter uma amplitude de qualidade da imagem, ainda assim observa-se aplicação do “reenquadramento”, que é quando o fotógrafo enquadra o conteúdo visual em uma direção

específica, a esse termo vamos aprofundar mais a frente. Essas observações notamos na imagem a seguir.

Fotografia 2: Desfile Sete de Setembro

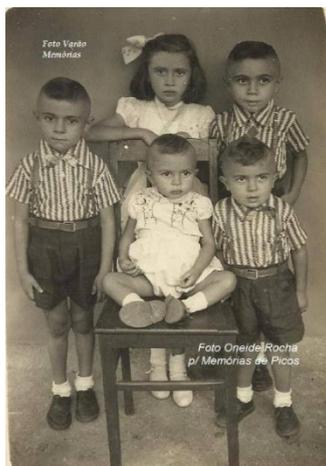


Fonte: Foto Varão - Memórias (2017a).

E, por fim, na **terceira categoria temática, Pessoas**, ao todo são 20 fotografias que registram pessoas em estúdio, entre crianças e adultos, representando 10% do acervo. Neste álbum, são fotografias que têm um enfoque e abordagem diferentes, pois se trata de ensaio fotográfico em que o enfoque tem que ser a pessoa a ser fotografada. Assim, notamos, principalmente, fotos de perfil e de corpo, dando ênfase aos detalhes como, vestuário ou temática das pessoas fotografadas. Características identificadas na fotografia 3.

A essa categoria vamos apontar a partir da “conotação de imagem”. De acordo com Sousa (2002), esse conceito está inserido no processo de conotação de imagem seria a forma poética da fotografia, em que predominam características do próprio fotógrafo, esse artifício conversa com a “fotogenia” descrita por Barthes. Essa técnica é entendida como embelezador, nela são utilizados artifícios como iluminação para “embelezar” o objeto fotografado.

Fotografia 3: Família Rocha



Fonte: Foto Varão - Memórias (2017b).

Estamos tratando de fotografias das décadas de 1960/1970, e notamos, aqui, uma forte ligação com técnicas contemporâneas da fotografia e do fotojornalismo presentes na iconografia de Varão. Percebemos como as técnicas mesmo com a evolução tecnológica, ainda prioriza artifícios fotográficos primários. A imagem acima trata-se de uma fotografia de estúdio e a esses ambientes é criado todo um cenário de iluminação.

As fotografias de Cristino Varão revelam um fotógrafo empenhado por sua arte, que mesmo sendo considerado amador, fez uso de técnicas da fotografia profissional. São muitos registros da vida das pessoas, do cotidiano, da conversa com amigos e da juventude. Apontam para a sua presença na vida dos picoenses em dias comuns, e não apenas em eventos ou datas comemorativas. Isso contribui para que as gerações futuras possam entender como era a vida no período registrado.

À essa época, Picos estava passando por um período de renovação com projetos urbanísticos, que promoveram um crescimento expansivo para a cidade. Na perspectiva de integração foi construída a BR 230, a Transamazônica, e o primeiro Plano Diretor Nacional, segundo Lima (2019). Apesar do crescimento urbanístico lento, a cidade tinha uma expansão geográfica e era banhada por um rio sazonal, o Guaribas, o que despertou os interesses nacionais, conforme o mesmo autor. Boa parte dessas transformações urbanísticas e do crescimento picoense foram registradas pelas lentes de Cristino, o que o configura como um testemunho ocular da cidade, em um período de reformulações econômicas e urbanísticas.

Assim, é possível compreender como o testemunho ocular de Cristino Varão colabora com a preservação de certa memória coletiva do interior do Piauí, a partir das suas

fotos documentais, como também sua contribuição para o fotojornalismo piauiense em períodos passados.

COMPOSIÇÃO FOTOJORNALÍSTICA DE CRISTINO VARÃO

Para começar, cabe fazer uma diferenciação do fotojornalismo e do fotodocumentalismo. São termos semelhantes, embora haja especificações que os diferenciam. Segundo Sousa (2002), o fotodocumentalismo pode reduzir-se ao fotojornalismo, uma vez que ambas as atividades usam, frequentemente, o mesmo suporte de difusão (a imprensa) e têm a mesma intenção básica (documentar a realidade, informar, usando fotografias).

O trabalho fotográfico realizado por Cristino Varão exibe características que conversam com ambos, pois um fotodocumentarista trabalha em termos de projeto fotográfico. Mas essa vantagem raramente é oferecida ao foto-repórter, que, quando chega diariamente ao seu local de trabalho, raramente sabe o que vai fotografar e em que condições o vai fazer (SOUSA, 2002). Essa ideia fortalece o que sua iconografia consegue passar, definitivamente o repórter da vida dos picoenses.

[...] embora, num sentido lato, o fotodocumentalismo seja uma das vertentes do fotojornalismo, em sentido estrito pode estabelecer-se uma diferença: o fotodocumentalista trabalha com base em projetos fotográficos e frequentemente com temas intemporais, enquanto o fotojornalista trabalha sem preparação, obedecendo à pauta (SOUSA, 2002, p. 11).

A linguagem fotojornalística possui especificações, que busca transmitir informação pela fotografia, conduzindo o leitor para que a mensagem possa ser clara e transparente. Nessa análise, iremos utilizar uma dessas partes da linguagem fotográfica no fotojornalismo, sendo eles o enquadramento, planos e composição.

Como aponta Sousa (2002), o enquadramento é todo o espaço visível da realidade que foi representado na fotografia, o enquadramento se concretiza no plano. Quando se fala em composição, o mesmo autor citado acrescenta que ela está ligada com a disposição dos elementos da fotografia.

Na **categoria Lugares**, identificamos que as fotografias de Varão possuem “reenquadramentos”, sendo esse um exercício frequente no fotojornalismo, pois assim pode

concentrar-se a atenção do observador no motivo e retirar da imagem elementos que desviem o olhar do que é importante, como ressalta Sousa (2002). Como podemos observar na fotografia abaixo, o fotógrafo fez um reenquadramento dando ênfase ao objeto, na foto o vendedor de alho consegue ser o foco em meio a paisagem. Essas observações constam na fotografia 4.

Fotografia 4: Vendedores de alho



Fonte: Acervo Foto Varão - Memórias (2016b)

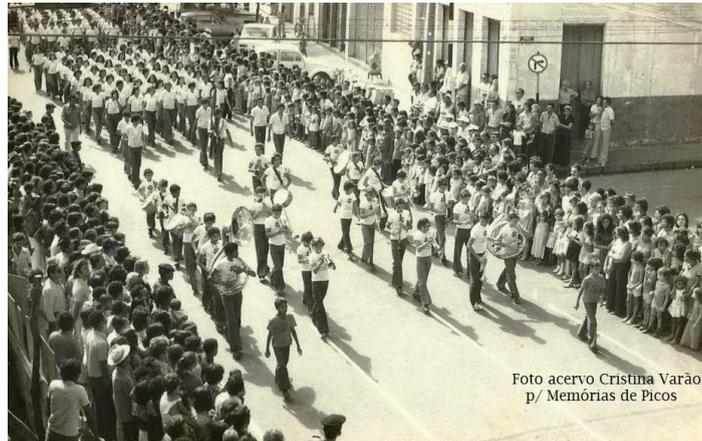
Nas fotografias dessa categoria, notamos a presença do “plano geral” que, segundo Sousa (2002), são planos abertos, fundamentalmente informativos, e servem, principalmente, para situar o observador, mostrando uma localização concreta. Em termos de composição, nessa categoria em sua maioria é utilizada a forma mais comum, que é colocar o motivo no centro, resultando no motivo simétrico, como conceitua o mesmo autor.

Na **categoria Eventos** há muitos registros de multidões ou de pessoas reunidas em um mesmo espaço, seja em ambiente fechado ou aberto. Apresentado o conceito de “plano geral” através dos estudos de Sousa (2002), essa forma de fotografar é muito utilizada em eventos de massa, em que as pessoas podem diluir-se no conjunto, mas podem também parecer personagens colectivas, com personalidade, forma e peso.

Tratando de ângulos, identificamos algo frequente nessa categoria, o "plano picado". Segundo Sousa (2002), o plano picado trata a imagem de cima para baixo, tendendo a desvalorizar o motivo fotografado. Como observamos nessa fotografia, Varão fez uso do plano picado, como descrito acima essa técnica tende a desvalorizar o motivo fotografado. Na imagem abaixo o ângulo é de um ponto alto em que a direção faz um recorte do objeto

promovendo uma desvalorização da imagem. Essas observamos identificamos na imagem a seguir, na fotografia 5.

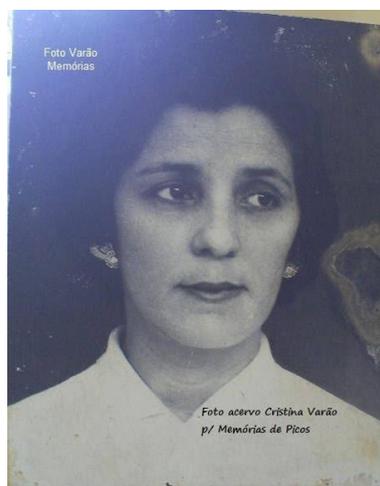
Fotografia 5: Desfile cívico-militar de Sete de Setembro



Fonte: Foto Varão - Memórias (2016c).

Na **categoria Pessoas**, notamos o uso do “grande plano”. Nesse plano, é dado ênfase às particularidades, como o rosto, assim, ele tende a ser mais expressivo do que informativo (SOUSA, 2002). A partir do conceito de composição, a iconografia de Varão conta principalmente com a mais comum das composições da fotografia, de acordo com Sousa (2002), que seria colocar o motivo fotografado ao centro. Nessa categoria, essa composição é mais frequente, logo são fotografias que visam as particularidades dos personagens, como na fotografia 6.

Fotografia 6: Personalidade picoense



Fonte: Foto Varão - Memórias (2016d).

Nos seus registros, a vida cotidiana é o carro-chefe, que nos leva a considerar que exista a presença do fotojornalismo na sua iconografia. Por seu testemunho ocular, vimos um fotógrafo que gostava de andar pelas ruas e fotografar fatos que pudessem surgir sem uma preparação prévia. Mas, também destaca o seu trabalho fotodocumental, quando estava presente em eventos sociais, em datas comemorativas, e em momentos marcantes para a cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O material fotográfico publicado na página do Facebook “Foto Varão - Memórias” se trata de um acervo rico de informações das décadas de 60 e 70 de Picos-PI. Tais registros contribuem para uma outra perspectiva sobre a cidade piauiense através do testemunho ocular de Cristino Varão.

Imagens são resquícios do passado vívidos e retratados por alguém, com as fotografias esse passado torna-se mais vivido e presente. O acervo, “Foto Varão - Memórias” a partir de suas imagens traz muitas memórias de épocas passadas, de uma Picos antiga, e que através dessas fotografias permanecem vivas na memória coletiva. Assim, entendemos o material desenvolvido por Cristino como importante ferramenta da historicidade,

Com a pesquisa foi possível observar a tentativa de Cristino no registro documental e a qualidade técnica aplicada às fotografias, isso em um período de pouca difusão tecnológica e com equipamentos bem inferiores aos atuais. As fotografias possuem características presentes no fotojornalismo contemporâneo, mas que também o categorizam como fotodocumentarista que desenvolveu habilidades no fotojornalismo. Ainda assim observamos como as tais técnicas citadas no texto eram aplicadas em cada tipo de fotografia e como essas técnicas são identificadas para classificar sua iconografia como de um fotojornalista.

Assim, compreendemos que Cristino Varão possuía habilidades e era capaz de desenvolver técnicas fotográficas que conversam com o que é realizado no fotojornalismo. Para tanto, ainda não é possível definir se Cristino é um fotojornalista, embora possua imagens que apresentam composição ligadas ao fotojornalismo, mas a pesquisa está em andamento e pretende aprofundar sobre esse aspecto.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARTHES, R. **A câmera clara: nota sobre a fotografia**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARROSO, L. A fotografia como fonte histórica: a cidade de Picos/PI nas lentes do fotógrafo Cristino Varão. **Olhares Múltiplos**, João Pessoa, p. (110-127), 2015. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/> Acesso em: 31 Outubro 2021.

BERTI, O. M. de C.; CONDE, M. G.; LIMA, E. de M.. Uma breve história do Fotojornalismo no Piauí- aspectos e tendências. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE CAMPINA GRANDE XII., 2010. **Anais...** São Paulo: 2010. p. 2-15.

BURKE, P. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução de Vera Mara Xavier dos Santos. São Paulo: EDUSC, 2004

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Personalidade picoense/Picoense, Nuní Moura Varão (Antonia Moura Varão) in memorian, esposa do fotógrafo Cristino Saraiva Varão (in memorian). Foto do acervo particular da família Varão**. Picos, 24 out. 2016d. Facebook: Foto Varão Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Vendedor de alho/Feira livre de Picos - o vendedor de alho**. Picos, 25 out. 2016b. Facebook: Foto Varão - Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Desfile Sete de Setembro/Desfile de Sete de Setembro passando pela rua Cel Francisco Santos**. Picos, 9 fev. 2017a. Facebook: Foto Varão - Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Família Rocha/Irmãos, família "Fialho Rocha"**. Picos, 1 ago. 2017b. Facebook: Foto Varão Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

FOTO VARÃO MEMÓRIAS. **Homenagem Sete de Setembro/Desfile de Sete de Setembro pelas ruas da Picos de outrora**. Picos, 5 set. 2016c. Facebook: Foto Varão Memórias. Disponível em: <http://www.facebook.com/fotovaraomemorias>. Acesso em: 12 Novembro 2021.

Fotografia no Brasil. **Arte Gravura**, São Paulo, 11 ago 2016. Disponível em: [FOTOGRAFIA NO BRASIL - Arte Gravura](#). Acesso em: 29 abr 2022.

LIMA, J. G. **O chão do sertão em transformação: interações espaciais e reestruturação urbano-regional piauiense.** Pós-Graduação - Concentração em Desenvolvimento Regional, UNISC, Santa Cruz do Sul, 2019.

SOUSA, P. J. **Fotojornalismo:** uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto: 2002.

DO SILÊNCIO AO CANCELAMENTO: Uma análise da opinião pública acerca da legalização da maconha

Glenda de Sousa Leal
Jamile de Sousa Bezerra
Isael de Sousa Pereira

Universidade Estadual do Piauí

Resumo

A sociedade contemporânea tem a necessidade de expor as próprias visões nas pautas levantadas pelos meios comunicacionais. No entanto, ao deparar-se com um espaço plural e divergente, como a internet, há fenômenos que servem de barreira para as ideias serem plenamente compartilhadas. Por vivências pessoais dos envolvidos no estudo, este presente artigo busca analisar a influência da *Agenda Setting* e Espiral do Silêncio na expressividade da opinião pública acerca da legalização da maconha. A partir da pesquisa bibliográfica e explicativa e da pesquisa de opinião, foi possível notar que há divergências em relação as perspectivas emitidas sobre o assunto, contudo, uma grande parte dos entrevistados não temem os julgamentos e cancelamentos.

Palavras-chave: Legalização da maconha; Espiral do silêncio; Agenda Setting; Redes Sociais; Cultura do cancelamento

INTRODUÇÃO

A Constituição Federal de 1988, nos artigos 5 e 220, assegura a liberdade de manifestação do pensamento, bem como a procura, o recebimento e a difusão de informações ou ideias, por qualquer meio e sem dependência de censura, desde que não haja abusos que acabem por infringir algum dos direitos humanos.

Neste sentido, da mesma forma que esse direito é garantido pela constituição, faz-se perceptível que o corpo social contemporâneo também defende essa liberdade de maneira notória. Entretanto, vê-se que essa dita sociedade, defensora da livre expressão, é a mesma que intimida os indivíduos que apresentam opiniões divergentes da maioria, configurando, dessa forma, um dado paradoxo.

Sob essa perspectiva, percebe-se a segmentação para a cultura do cancelamento que, hodiernamente, vem tomando uma proporção demasiada na sociedade: ao mesmo tempo em que as pessoas expressam a própria opinião de forma verbal, abominam perspectivas diferentes, tomando atitudes totalmente controversas e, por consequência, colocando essa determinada cultura em ação.

Segundo Foucault (1979), para manter uma população controlada, é preciso controlar os micros poderes, ou seja, o cotidiano dos indivíduos, seus costumes, hábitos e maneiras de pensar. Essa determinada rotulação geralmente se relaciona com a atitude de

impedir que as pessoas expressem suas opiniões, quando seus pensamentos vão de maneira contrária ao discurso predominante.

Assim, nota-se essa incompatibilidade entre o que se diz e o que se faz, pois mesmo que haja a defesa da liberdade de expressão, ainda se percebe a predominância dessa cultura do cancelamento, levantando uma incógnita do porquê os pensamentos só são aceitos quando se relacionam com os convenientemente pré-definidos. Essa problemática é levantada, principalmente, quando se trata de assuntos dados como polêmicos, os quais possuem uma grande divisão de opiniões e que, quando mencionados, geram quadros de discussões, ataques e argumentações baseadas em diversas vertentes, sejam culturais, científicas, de vivência ou religiosas.

Partindo dos pontos expostos, este artigo ressalta a questão da legalização da maconha, pauta ainda muito polemizada, mas que carrega uma grande divisão de opiniões e exacerbada ocultação de pensamentos relacionados a essa temática que, hipoteticamente, podem ser privados pelo temor aos efeitos escancarados na contemporaneidade. Para tanto, tem como problemática: analisar como a Espiral do Silêncio e a *Agenda Setting* influenciam no posicionamento da sociedade, ou na ausência dele, em relação à legalização da maconha?

Dito isto, objetivamos entender de que forma o medo do cancelamento nas redes sociais pode incentivar, ou não, a sociedade em expressar sua opinião. De maneira específica, buscamos compreender como a *Agenda Setting* direciona o pensamento da população; Analisar até que ponto as pessoas se expressam e quais as motivações para isso e, por fim, especificar os perfis das pessoas em suas diferentes manifestações de opiniões.

Os meios de comunicação do mundo sempre passam por evoluções. Do rádio para a televisão e da televisão para a internet, as ferramentas mudaram, mas a essência permanece a mesma: compartilhar informações com o público, sejam elas gerais ou pessoais. Com o advento da globalização, as notícias passaram a ser veiculadas com maior velocidade e, com a crescente da internet, as redes sociais possibilitaram uma melhor captação das informações disseminadas. Nelas, os navegadores sentem a necessidade de expor as próprias convicções visando aceitação no seu círculo social. No entanto, essa busca sofre entraves quando há o receio do julgamento.

Pensando nisso, a temática da legalização da maconha foi escolhida por ser uma pauta em alta na mídia atual, inferindo que seja foco de debates pela quantidade de materiais divulgados nos veículos de comunicação. Sendo um tema polêmico, divide as opiniões

peçoais dos usuários da internet, em contrárias e favoráveis, tornando interessante observar os fenômenos de manifestação. Dessa forma, surgiu a necessidade de uma pesquisa que demonstrasse, com base em dados e estudos, as perspectivas da população, bem como o grau de expressividade nas redes sociais.

O enfoque na questão do cancelamento, sustentado pela teoria da Espiral do Silêncio, foi escolhida devido experiências pessoais e medo de uma das autoras, em relação ao julgamento no meio social que convive, este causado pelas próprias opiniões.

Acreditamos, empiricamente, que ao concluirmos o questionário, encontraremos uma maioria considerável a favor da legalização, visto que pautaremos as perguntas com a *Cannabis sativa* para fins medicinais. No quesito da expressividade, imaginamos que a justificativa para o silêncio, em caso de posições favoráveis, se enquadrará no medo do julgamento e/ou conflitos nos grupos sociais que estão inseridos.

2. AGENDAMENTO, SILENCIAMENTO E CANCELAMENTO

Atualmente, sabe-se que a mídia possui grande influência sobre a concepção da população voltada para diversas temáticas, com tendências para o lado positivo ou negativo. Sob essa ótica, vale evidenciar que a forma e a frequência com que determinados assuntos são pautados, direcionam o pensamento e as ações dos indivíduos de maneira significativa. Essa linha de raciocínio é configurada por Felipe Pena (2005), em que ele a designa como a teoria da *Agenda Setting*, ressaltando que os veículos de comunicação definem os assuntos que serão discutidos pela sociedade em um dado período de tempo.

Ademais, ressalta-se a questão das nossas percepções de mundo, a forma como determinadas imagens estão frisadas em nossa mente e qual viés esses pensamentos seguem, se é algo considerado adequado ou impróprio, visto que a ótica pela qual enxergamos um dado assunto pode não ser, de fato, a realidade, pois cada um carrega uma história de vida, uma maneira de interpretação e uma facilidade em ser, ou não, induzido a crer em algo sem executar nenhum questionamento.

Seguindo essa perspectiva, Combs (1996) argumentou que os meios midiáticos esboçam essas imagens em nossas mentes pela maneira que são divulgadas. Um exemplo é a forma como a maconha é retratada nas mídias, dado que na grande parte das vezes a explanam em situações de tráfico, porta de entrada para outras drogas e a tendência a vícios. Quase sempre rotulando a planta a realidades negativas é frisada uma imagem totalmente

ruim da *Cannabis sativa* na mente da população, levando a questão da legalização se tornar algo fora de cogitação para muitos indivíduos.

Cohen (1963) dissertou que os meios informativos podem, na maioria das vezes, não ter o poder de definir como o corpo social deve pensar, mas possui uma enorme capacidade de dizer sobre o que pensar e, conseqüentemente, discutir. Assim, se existir a intenção de proporcionar visibilidade a uma temática, percebe-se que a mídia tem o poder de agir diretamente sobre isso. Um exemplo é o período eleitoral no Brasil, como o ocorrido em 2022, onde o assunto mais pautado pela sociedade era a política presidencial. Contudo, neste mesmo ano, no mês de novembro, o assunto em alta foi a Copa do Mundo. No decorrer dos meses, os assuntos mais discutidos vão variando, notando um ciclo em que o ponto inicial para debates são os veículos comunicacionais.

Seguindo essa linha de raciocínio, torna-se perceptível que a opinião pública acaba sendo o acúmulo de opiniões rotuladas por um dado grupamento possuínte de uma visibilidade maior, em que o posicionamento do público é cobrado em cima de pensamentos pré-definidos, já guiando esses indivíduos para responder da maneira a qual se ambiciona.

Ao modificar uma palavra ou distorcer uma determinada indagação, a resposta já pode ser, imperceptivelmente, influenciada para o lado ao qual o provedor da pergunta deseja. Muitas vezes, a tendência introduzida é resultado de uma submissão dos produtores desses questionários aos interesses privados da organização a qual prestam serviços, tornando, assim, a opinião pública genuína inexistente. Sob esse viés, vê-se que a mídia poderia utilizar essa visibilidade para explanar os benefícios medicinais que a maconha pode proporcionar.

Segundo McCombs (2006), quanto maior a necessidade de orientação da população nos assuntos sociais, maior a probabilidade de que se preste atenção a agenda midiática. O autor ainda destaca dois conceitos para definir: relevância e incerteza, cujos papéis são sequenciais. A relevância é a condição que define o sentimento da importância de um tema, enquanto o nível de incerteza condiciona a necessidade de orientação. Dessa maneira, os indivíduos irão buscar essa indicação nos meios midiáticos, onde as informações são repassadas de forma que carregue uma autoridade e veracidade maior aos olhos da sociedade.

Vale salientar que os meios midiáticos possuem uma determinada influência sobre como as pessoas analisam e gravam as imagens sobre dados assuntos, pois se faz notório que não há como ser totalmente imparcial ao transmitir uma notícia, e se não há

imparcialidade, não tem como atingir o público sem induzi-lo para uma determinada vertente, levando-nos a acreditar que a *Agenda Setting* não carrega apenas a função de agendar assuntos, mas possui certa responsabilidade sobre a opinião dos indivíduos ao tratar de algumas temáticas.

2.1 O silêncio e o medo do isolamento

O conceito de Espiral do Silêncio surgiu pela primeira vez em 1972, através da socióloga e cientista política alemã Elizabeth Noelle-Neumann, durante o 20º Congresso Internacional de Psicologia, realizado no Japão. Os estudos da socióloga se baseavam em entender o poder de influência da mídia na opinião das pessoas, bem como nas mudanças existentes ao longo do tempo, é o que consta Hohlfeldt (2001).

Analisando os processos eleitorais da Alemanha, Neumann (1995) conseguiu notar um padrão que, mais tarde, seria definido como a teoria da Espiral do Silêncio: quando determinada opinião recebia apoio da ampla maioria, ainda que parecesse mais forte do que a realidade, aos poucos calava a minoria de posição diferente. Isto é, à medida que uma determinada camada ganhava voz, a outra era silenciada.

Felipe Pena (2005) discorre sobre o chamado Clima de Opinião, subtema desenvolvido a partir dos estudos de Neumann (1995). O novo conceito destaca que, ao imaginar-se tendo visões diferentes da maioria, a minoria tende a se calar para não serem isolados. O fenômeno aqui exposto evidencia que a realidade não passa de uma fração distorcida, visto que nem todos conseguem falar o que de fato pensam ou acham.

A opinião pública, segundo Neumann (1995), é diretamente ligada aos meios de comunicação. De acordo com Hohlfeldt (2001), a teoria levantada por Noelle-Neumann é uma ampliação dos estudos da *Agenda Setting*. O autor afirma que, além do "sobre o que pensar ou opinar" (HOHLFELDT, 2001, p. 37), agora a Espiral do Silêncio apresenta uma motivação de "o quê pensar ou dizer" (HOHLFELDT, 2001, p. 37). Nesse sentido, a teoria ajuda a exemplificar os motivos dos interesses gerais não serem pautados nos grandes veículos.

Estudos empíricos, realizados sob a perspectiva da Espiral do Silêncio, mostraram que determinados assuntos de interesse público ignorados pela mídia não ganham expressão porque permanecem com a minoria silenciosa, que não se manifesta a respeito desse assunto justamente por acreditar que ele não interessa a maioria dos indivíduos (NERY; TEMER, 2009, p. 95).

O medo do isolamento, entretanto, não caminha em unidade em relação às demonstrações de opiniões divergentes da massa. O processo de repressão da opinião pública, sustentado pela mídia, favorece o medo do julgamento e uma autoestima distorcida por ter a opinião tida não apenas como errada, mas amoral.

O processo de opinião pública não é colocado em movimento se não existir um fundamento moral subjacente, implicando que aqueles que pensam de forma diferente não são meramente estúpidos, mas maus. Este elemento moral é o que dá à opinião pública o seu poder e lhe permite levantar a ameaça de isolamento que coloca a espiral do silêncio em movimento (NEUMANN; PETERSON, 2004, p. 349).

Em suma, Neumann (1995) trabalha com quatro principais pontos-chave: a ameaça do isolamento, o medo do isolamento, o sentido quase-estático e a disposição para falar publicamente ou a tendência para permanecer em silêncio. Comentado por Alexandre (2018), a soma de todas as premissas desenvolvem a Espiral do Silêncio, considerada o quinto ponto.

Alexandre (2018) explica que a ameaça diz respeito à maneira que a sociedade intimida indivíduos com opiniões tidas como minoritárias, enquanto o medo responde diretamente à ameaça, temendo ser isolado do próprio convívio. Já o sentido quase-estático se concentra na pessoa ameaçada: ao temer a rejeição, passa a observar assiduamente os assuntos presentes na sociedade e nos meios de comunicação.

Com as redes sociais, a exposição de visões deixou de ser apenas oral e passou a ser publicada e, nos temas responsáveis por divisões, como a legalização da maconha no Brasil, fica ainda mais clara a dificuldade de apresentar os próprios pontos de vista em um local tão plural como a internet, demonstrando que, mesmo que mude o ambiente, a apresentação de posições pessoais nas redes ocasiona discussões. Este ponto será abordado no tópico seguinte.

2.2 O cancelamento nas redes sociais

Manifestar-se e dar opiniões nas pautas recorrentes da sociedade é uma forma de expor a própria voz e exercer o papel de cidadão. A dita manifestação é protegida, enfaticamente, pela Carta Magna de 88 quando afirma, no art. 220, que “a manifestação do

pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição” (BRASIL, 1988, p. 129).

O ser humano e a internet são dois elementos que “andam lado a lado” nos dias atuais. Da mesma forma, as redes sociais, nos seus mais variados formatos, tornaram-se um acessório para se estar incluído no meio de convivência. Com o dilúvio de informações que chega em primeira mão aos usuários, a necessidade de dar opiniões também torna-se indispensável para sentir-se aceito e bem-vindo.

Contudo, a cultura do cancelamento é vista como um obstáculo para a plena exposição de perspectivas pessoais. Nela, pessoas com opiniões retrógradas e preconceituosas são expostas, julgadas e punidas, pelos demais usuários, com o isolamento no mundo virtual. Em muitos casos, as consequências passam a ser alheias ao mundo cibernético e as atividades feitas pelo mesmo indivíduo são rejeitadas, como destaca Freitas (2020).

O fenômeno atual, surgido como sucessora da Espiral do Silêncio na contemporaneidade, ultrapassou limites com o passar do tempo. Antes restrita a opiniões preconceituosas, o tribunal da internet agora pune opiniões que divergem do ponto de vista dominante, marginalizando o usuário. Em outros casos, todavia, a fase da rejeição não é atingida pelo medo de expressar seus próprios anseios.

Segundo o jornalista e professor universitário da disciplina Teorias do Jornalismo na Universidade Santa Cecília, André Rittes (2020)

Na teoria da espiral do silêncio, o medo de se ter uma opinião divergente da maioria pode levar as pessoas ao silenciar sobre assuntos que estão na opinião pública. A cultura do cancelamento me parece mais um boicote autoritário sobre aqueles que não falam o que eu gosto de ouvir. (...) O que era uma decisão consciente virou um ato ditatorial para estimular quem expressa sua opinião a ficar calado. (...) Podemos dizer que a cultura do cancelamento seria uma nova face da espiral do silêncio. (RITTES, 2020, s/p).

Freitas (2020) vem pontuar que, apesar de ter seu início atrelado ao surgimento de influenciadores digitais nas mídias, as ações do cancelamento não são mais restritas aos famosos, mas atingem pessoas sem status na internet. Passa a ser observado, neste cenário, a dificuldade de ter sua voz plenamente aceita pela sociedade. O que é demonstrado não faz

parte de uma realidade cem por cento fiel, mas um reflexo do que a maioria dominante nas redes sociais comenta e espera que seja dito pelos demais.

3. METODOLOGIA

O conhecimento e a busca pelo saber são inerentes ao ser humano. No meio social, é comum surgir os mais variados questionamentos sobre o mundo e o que nele há. Neste contexto, a pesquisa surge como um meio de trazer soluções para as indagações, ao ponto de que contribua para uma sociedade melhor e sacie as dúvidas alheias e pessoais, como destaca as autoras Gerhardt e Silveira(2009).

De acordo com Gil (2007), entende-se como pesquisa o

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (GIL, 2007, p. 17).

Para chegar aos resultados esperados, a metodologia se encarrega de demonstrar o caminho para atingir um determinado objetivo. Mais abrangente que a descrição dos procedimentos utilizados, evidencia como o pesquisador irá estudar o próprio objeto escolhido, afirmam Gerhardt e Silveira (2009).

No que diz respeito a um dos procedimentos metodológicos do artigo, foi feito uso da pesquisa bibliográfica para melhor compreensão e entendimento das teorias da comunicação, bem como proporcionar uma perspectiva ampliada de como as duas se aplicam na sociedade.

Ademais, este estudo se enquadra também com a pesquisa explicativa, visando obter resultados acerca da problematização da temática aqui estudada. Sobre ela, Gil (2008) afirma:

São aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas (GIL, 2008, p. 28).

A abordagem da pesquisa é quali-quantitativa, considerando que foi analisado o impacto da Espiral do Silêncio e da *Agenda Setting* baseada em uma pesquisa de opinião, sustentada por um questionário, a qual trouxe dados numéricos transformados em gráficos posteriormente.

Construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa (GIL, 2008, p. 140).

Para entender o ponto de vista da população, foi escolhida a pesquisa de opinião, fazendo uso das entrevistas semiabertas, com a formulação de perguntas. Gil (2008) elenca como pontos positivos desse procedimento a “obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social [...] e obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano” (GIL, 2008, p. 110). Objetivando traçar um perfil de opinião em relação à temática abordada, foram utilizadas perguntas fechadas, para respostas mais objetivas, e abertas, voltadas para a argumentação.

O questionário aplicado neste estudo foi desenvolvido na ferramenta *Google Docs*, disponibilizada pelo *Google*. As indagações escolhidas foram: "Você reside em qual região do Brasil?", "Qual a sua faixa etária?", "Você é a favor da legalização da maconha para uso recreativo?", "Você é a favor da legalização da maconha para fins medicinais?" e "Você tem medo de expor sua opinião nas redes sociais?". Com exceção das duas primeiras, houve a necessidade de que as respostas fossem justificadas.

O formulário teve divulgação nas redes sociais, mais especificamente no *WhatsApp*, *Instagram* e *Twitter*, com início em 26 de novembro de 2022 e fechamento em 5 de dezembro de 2022. Ao todo, colheu 100 respostas aleatórias, sem especificidades de gênero e idade pré-dispostas. O objetivo principal do questionário não ter perfil definido foi afastar as hipóteses das autoras e aproximar-se de um resultado mais amplo.

4 ANÁLISES E RESULTADOS

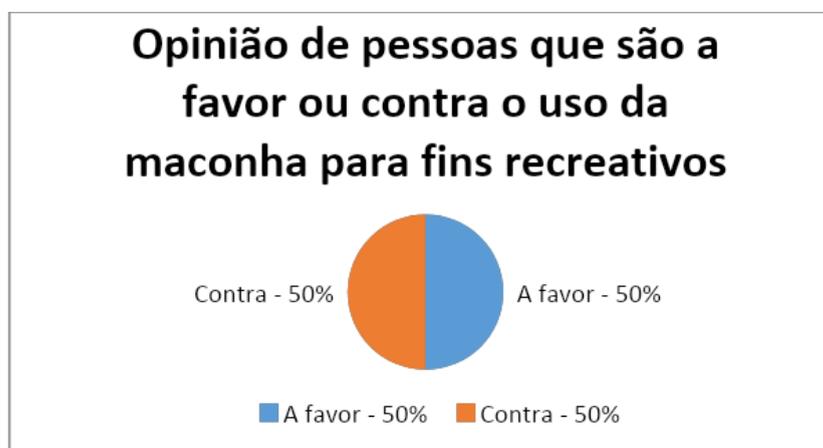
Ao analisar as interações dadas na pesquisa, foi possível identificar, inicialmente, o perfil das respostas. O Nordeste foi a região que predominou no estudo, com 54% do público

entrevistado, abrindo a possibilidade do resultado ter influência da residência dos autores. Em seguida, o Sudeste obteve 36%, o Sul 6% e o Centro-Oeste, 4%. A região Norte não teve nenhum representante na pesquisa.

Em relação à faixa etária dos entrevistados, a maioria contribuinte possui de 20 a 35 anos, representando 65% da pesquisa de opinião. O público de até 19 anos obteve a segunda maior porcentagem, com 32%. De 36 a 50 anos e acima de 51 anos foi registrada apenas uma resposta em cada.

Com o perfil da pesquisa de opinião realizada, foi analisado que, em relação ao uso recreativo, as opiniões ficaram divididas. 50% das respostas foram direcionadas para a legalização, trazendo como defesa para essa tese a existência de liberação de drogas mais nocivas, acesso ao uso já facilitado e, com uma possível legalização, uma provável abertura de possibilidades de diminuição do tráfico. A porcentagem de 50%, que votou na ausência dessa ratificação, justificou esse posicionamento com a alegação de que a maconha é a porta de entrada para os vícios a drogas mais dependentes.

Gráfico 1 – Opinião Pública



Fonte: Elaboração Própria

Destacando a faixa etária da pesquisa, observa-se que as aversões relacionadas ao uso da maconha, mesmo que para fins medicinais, foram relevantemente quebradas no âmbito das últimas gerações, dado que a pesquisa obteve finalização com 96% dos votos para a legalização desse uso medicinal, possuindo como fundamentação a necessidade de usufruir das fontes necessárias para cuidar da saúde pública, já que existem comprovações de que a Cannabis possui eficácia no tratamento de determinadas doenças.

Gráfico 2 – Opinião Pública



Fonte: Elaboração Própria

Assim, vê-se a evolução do corpo social na busca do conhecimento e o cumprimento dos meios comunicacionais em informar os fatos de forma verídica, sem direcionar o pensamento dos telespectadores, espectadores e leitores para um caminho tendencioso, não rotulando a maconha apenas em vertentes negativadas, mas também mostrando que ela pode ser utilizada para fins positivos e contribuintes para com a sociedade. Nesse sentido, nos parece que a população busca por conhecer mais sobre essa temática e, através da seriedade dos meios de comunicação, pode-se obter um resultado de ações e pensamentos baseados na verdade e não apenas em ideias embasadas em informações que já possuem uma opinião pré-definida.

No que diz respeito a expressividade da sociedade, 78% das pessoas não afirmam ter medo de expor suas opiniões, enquanto 22% carrega este receio. Sob este cenário, pode-se afirmar que a cultura do cancelamento presente nas redes sociais já não surte tanto efeito no sentido de impedir que as pessoas manifestem suas opiniões por temer a ocorrência da supressão no meio em que vivem, pelo menos relacionado a essa temática em questão. Ademais, esses indivíduos justificaram, de modo majoritário, que as redes sociais são suas propriedades individuais e, sendo assim, possuem o livre arbítrio para proferir essas opiniões por meio das redes. Entretanto, a determinada minoria do público que participou ativamente da pesquisa ainda impõe restrições ao expressar seus pensamentos nas mídias sociais, possuindo como justificativa predominante o temor ao julgamento midiático que, na maioria das vezes, acaba por ser altamente carrasco e inconsequente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, vale partir do pressuposto dos objetivos traçados. Buscando a identificação do medo do cancelamento nas redes sociais, bem como se o receio influencia ou não na expressividade da sociedade, foi apurado que a maioria das pessoas não se priva de explanar seus pensamentos por medo do cancelamento. A minoria, que traçou respostas afirmando o receio de expressar suas opiniões nas redes móveis, trouxe como justificativa para esse temor, de maneira predominante, a forma como as pessoas receberiam essa expressão e os ataques que poderiam sofrer por decorrência dessa interpretação, exemplificando a prática da Espiral do Silêncio e demonstrando uma das hipóteses levantadas.

O objetivo seguinte, pautada na descoberta da forma a qual a *Agenda Setting* direciona o pensamento da população em relação à legalização da maconha, obteve-se como resultado relatos de pensamentos. Foi possível chegar à conclusão de que os meios midiáticos estão divulgando as informações reais para a população, principalmente em relação ao uso medicinal da maconha, visto que quase 100% dos indivíduos optaram pela legalização da planta tendo o conhecimento de que a Cannabis possui eficácia no tratamento de várias doenças, assegurando a totalidade das hipóteses dispostas inicialmente. Essas questões são justificadas a partir de respostas como a do entrevistado “A”, que diz: “(...) em suma, o Canabidiol possui as seguintes propriedades: sedativas, anti-convulsivas, anti-psicótico, analgésica e anti-inflamatório, tratando de doenças como esclerose múltipla, epilepsia, esquizofrenia, mal de Parkinson e dores crônicas (...)”.

Por fim, evidencia-se o último e terceiro objetivo traçado, que foi exemplificar até que ponto as pessoas se expressam e quais as motivações para os limites. Dessa forma, concluiu-se com a perspectiva de que determinadas minorias manifestam suas opiniões até o momento em que percebem alguma chance de julgamentos, pois quando essa possibilidade é avistada, o silêncio é colocado como uma das melhores opções. Como destaca o entrevistado “B”: “Hoje em dia, as pessoas não aceitam muito bem as opiniões diferentes dos seus conceitos e sua visão. Então, expor minha opinião em uma rede social, pode repercutir grandes discussões”.

Em síntese, com o presente estudo obtivemos a notoriedade da influência das duas teorias da comunicação presentes no panorama social em relação à temática da

legalização da maconha, considerando que a teoria da *Agenda Setting* apresentou um aspecto positivo, dado que se faz perceptível que as informações relacionadas a esse tema estão sendo repassadas de maneira que não induza os consumidores a crer em uma vertente já formulada pelos provedores das notícias. Todavia, a teoria da Espiral do Silêncio ainda reflete um cenário social negativo, visto que uma parcela da população ainda esconde seus reais pensamentos por receio dos julgamentos que possam vir a sofrer, por decorrência da opinião, aparentemente predominante, ser divergente da que está sendo privada.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, José Carlos de Almeida. **Uma genealogia da espiral do silêncio: a expressão da opinião sobre as praxes acadêmicas**. 2018.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 7 dez. 2022.
- COHEN, B. C. **The press and foreign policy**. Princeton: Princeton University Press, 1963.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREITAS, Fernanda Lima. **Como a teoria da espiral do silêncio pode explicar a cultura do cancelamento**. Lab Dicas Jornalismo. 27 de nov. de 2020. Disponível em: <https://labdicasjornalismo.com/noticia/5413/como-a-teoria-da-espiral-do-silencio-pode-explicar-a-cultura-do-cancelamento>. Acesso em: 24 de out. de 2022.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HOHLFELDT, A. **Espiral do silêncio**. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 5, n. 8, p. 36–47, 2009.
- McCOMBS M. **Estableciendola agenda**. El impacto de los médios en la opinión pública y el conocimiento. Barcelona: Ediciones Paidós, 2006.
- MENDONÇA, Rhayssa Fernandes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **A agenda setting: os meios de comunicação como construtores da realidade social**. Comunicação & Informação, v. 18, n. 1, p. 192-207, 2015.
- NERY, V. C. A.; TEMER, A. C. R. P. **Para entender as Teorias da Comunicação**. 2ª ed. Uberlândia: Aspectus, 2009.
- NOËLLE-NEUMANN, Elisabeth. **La espiral del silencio**. Opinión pública: nuestro papel social, Paidós. Barcelona, 1995.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto. 2015.

Rádio local e possibilidades de representação midiática¹

Rafael MEDEIROS²

Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul

RESUMO

O rádio é parte importante do cotidiano de pequenas cidades, ajudando a manter tradições e valores compartilhados socialmente. Por meio de linguagem, formas de interação ou ao reverberar acontecimentos da vida diária, as emissoras locais se convertem em um elemento de proximidade no cotidiano das pessoas. Este artigo parte de revisão bibliográfica para flexionar as características do rádio local com as possibilidades midiáticas da representação, procurando referenciar as emissoras locais enquanto propensas a representar de maneira mais aproximada a realidade da população dos lugares onde estão inseridas.

PALAVRAS-CHAVE: rádio local; representação midiática; cotidiano.

1. Introdução

As emissoras locais não são apenas o principal (repetidas vezes o único) difusor de informações para muitas localidades como também se convertem em importantes meios de representação da população. A rede de relações cotidianas de um lugar é produzida a partir de variantes entrelaçadas, sejam afetivas, memoriais, políticas, culturais, históricas ou territoriais. O rádio nesse tocante tem a capacidade de se voltar para seu lugar originário e reforçar essas variantes. Quando a mídia reconhece as singularidades locais e associa sua linguagem com as especificidades cotidianas da população, ela cria vínculos que vão além da associação dialógica emissora-ouvinte e reverbera formas de representação da vida diária que se aproximam das realidades da população. Dessa forma, a existência de uma emissora com características de meio local gera sentimento de pertença também porque ela noticia acontecimentos próximos do ouvinte, que percebe uma forma de representação e uma possibilidade de reverberação da sua própria voz.

De maneira geral, a representação midiática manifesta diversas problemáticas, sobretudo na sua relação com grupos subalternos, geralmente estereotipados, silenciados ou com identidades falsamente representadas nos meios tradicionais de comunicação. O desenvolvimento midiático no Brasil foi alicerçado em discursos de grupos dominantes e em possibilidades de acesso excludentes. Inicialmente o rádio seguiu essa mesma lógica, entretanto foi popularizado e se converteu, na segunda metade do século XX, no mais abrangente meio de comunicação brasileiro. Contrariando previsões pessimistas do seu fim, atualmente o rádio continua fazendo parte do cotidiano das pessoas e tem importância fundamental para zonas rurais, comunidades ribeirinhas e diferentes rincões do país-continente latino-americano.

Este artigo busca flexionar as características do rádio local com as possibilidades midiáticas da representação, conceito que será debatido no próximo tópico a partir das discussões teóricas de França (2004), e Minayo (1994). São debatidas também interseções do conceito de “local” ao espaço geográfico e de pertença, bem como a vertente comunicacional específica desse meio. As referências acionadas nessa discussão são Peruzzo (2005), Camponez (2002), Ota (2014) e Haesbaert (2014).

Para exemplificar como o rádio local se volta para a comunidade de pertença e potencialmente representa de maneira mais aproximada da realidade do lugar em que se insere, foram coletadas duas reportagens especiais da Rádio Itatiaia Ouro Preto³sobre o rompimento da barragem de rejeitos da Samarco, ocorrido em Mariana – MG em novembro de 2015. Na primeira reportagem a equipe da emissora percorreu as localidades atingidas mostrando a situação dos moradores e na segunda foram feitas entrevistas – transmitidas ao vivo – com moradores de dois distritos atingidos. Ambas as reportagens, produzidas em fevereiro e em novembro de 2019, estão centralizadas nas vozes de pessoas das comunidades atingidas e mostram que o rádio local ainda segue noticiando periodicamente os desdobramentos do acontecimento.

³A Rádio Itatiaia Ouro Preto foi fundada em 1974 e rapidamente se tornou o principal meio de comunicação da cidade patrimônio. Embora esteja sediada em Ouro Preto, a rádio tem expressiva audiência em toda a região dos Inconfidentes, incluindo na vizinha Mariana, onde ocorreu a tragédia.

produzidas em fevereiro e em novembro de 2019, estão centralizadas nas vozes de pessoas das comunidades atingidas e mostram que o rádio local ainda segue noticiando periodicamente os desdobramentos do acontecimento.

2. Apontamentos sobre o conceito de representação

O conceito de representação perpassa diferentes áreas do conhecimento (como a semiótica, os estudos culturais, a psicologia e as ciências sociais) em discussões teóricas ou nas buscas empíricas tencionando entendimento amplo e complexo sobre a terminologia. A pesquisadora Vera França aponta a complexidade do conceito de representação ao afirmar que é difícil precisar de forma clara, objetiva e identificável sua definição porque se trata de “um fenômeno que, na sua dupla natureza (instauração de sentidos, inscrição material), sofre permanentes alterações tanto na sua dimensão simbólica quanto nas suas formas concretas de manifestação (aparição sensível)” (FRANÇA, 2004, p. 18). Ela esclarece ainda que “as representações estão intimamente ligadas a seus contextos históricos e sociais por um movimento de reflexividade – elas são produzidas no bojo de processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade” (FRANÇA, 2004, p. 19). Já Minayo coloca que as representações sociais “perpassam o conjunto da sociedade ou de determinado grupo social, como algo anterior e habitual, que se reproduz a partir das estruturas e das próprias categorias de pensamento coletivo ou dos grupos” (MINAYO, 1995, p. 109). No mesmo sentido, Hall considera que “a representação é uma parte essencial do processo mediante ao qual se produz sentido e interações entre os membros de uma cultura. Assim, implica o uso da linguagem, dos signos e das imagens que estão no lugar das coisas ou a representam” (HALL, 2010, p. 15, tradução nossa⁴).

Na comunicação, a morada do conceito está nos discursos midiáticos e nos usos sociais da mídia enquanto indutores de modelos de sociabilidades. Nesse sentido, Rousiley Maia (2018) afirma que “o processo de mediação empregado pela mídia é inevitável para a expansão das relações de reconhecimento e não reconhecimento”

⁴No original: La representación es una parte esencial del proceso mediante el cual se produce el sentido y se intercambia entre los miembros de una cultura. Pero implica el uso del lenguaje, de los signos y las imágenes que están en lugar de las cosas, o las representan.

(MAIA R., 2018, p. 24). As interconexões entre as práticas comunicativas e a formação de sociabilidades cotidianas atravessam as pesquisas do campo em diferentes abordagens, incluindo a representação midiática. O trabalho de Martín-Barbero em torno do conceito de mediação expandiu o pensamento comunicacional, antes focado nos meios, aproximando-o dos processos culturais e cotidianos.

As mediações são esse ‘lugar’ de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que [a mídia] produz não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver (MARTÍN-BARBERO; MUNHOZ³ *apud* VASSALLO DE LOPES, 2018, p. 15).

Dessa forma, as representações midiáticas não podem ser vistas apenas como um meio de linguagem tecnicista ou como um espelho do real. Ao representar, a mídia está engendrando processos e significações dentro de uma lógica de luta por reconhecimento intersubjetivo. Como explica Vera França, se de um lado as representações midiáticas podem refletir os extremos sociais, “por outro lado, enquanto sentidos construídos e cristalizados, elas dinamizam e condicionam determinadas práticas sociais” (FRANÇA, 2004, p. 19)

De maneira geral o desenvolvimento midiático em países subalternos seguiu uma lógica de acesso e discursividade que desde sempre privilegiou extratos altos da camada social. Nesse sentido, as principais redes de comunicação do Brasil se desenvolveram segundo interesses de alguns grupos com “recursos políticos, simbólicos ou econômicos suficientemente fortes para produzir agendas e tomada de decisão e influenciar a opinião pública” (AZEVEDO, 2006, p. 98-99). A associação histórica do sistema midiático brasileiro com as elites gerou uma desigualdade comunicativa, com baixa – ou falseada – representatividade das minorias sociais e pouca pluralidade de informações e opiniões.

A problemática da representação midiática está dada: é necessário considerar que as formas de exclusão de minorias das relações com a mídia não se dão tanto por fatores objetivos como disponibilidade e preço de conexão, mas também por formas

simbólicas de exclusão que vêm sendo construídas e reproduzidas pelo discurso midiático hegemônico.

Ao buscar uma compreensão a partir da mídia local, esta investigação flexiona dinâmicas que convergem para o campo comunicacional ao passo em que as esferas midiáticas engendradas na rotina da cidade e indissociáveis das relações sociais cotidianas ajudam a construir características das sociabilidades ligadas “às formas de pensar intercambiáveis, aos *ethos*, valores significados contidos de coisas, palavras, gestos, comportamentos e ideias” (PESAVENTO, 2006, p. 36). Assim, as especificidades da mídia local são tratadas nas próximas linhas a partir de referenciais que explorem a multiplicidade de contextos e conexões que o local presume, sejam aspectos territoriais ou socioculturais.

3. A capacidade do rádio local de representar o cotidiano

As variáveis que circundam a definição de mídia local implicam em um debate manancial entre os condicionamentos do conceito a uma vertente geográfica ou às identidades simbólicas do território. A partir de Haesbaert (2010), Aguiar (2016) identifica a multiplicidade de abordagens que problematizaram o entendimento do conceito de “lugar” explorado “frente a variáveis como: estruturas, organização, ordenamento [territorial], causalidade, contexto, singularidades, identidade, conexões, ações, movimentos, velocidade, sujeitos e atores implicados” (AGUIAR, 2016, p. 42). Com base em outros pesquisadores (SOUZA, 2013, CASTRO, 2014), a autora considera ainda as configurações de escala enquanto representação gráfica de território, mas também como possibilidade de observação de fenômenos e estruturas de relações sociais espaço-temporal na abordagem das questões do lugar.

Por mais que as emissoras locais ainda se referenciem à sua área de cobertura “para delimitar o que elas chamam de comunidade”, o interesse aqui está nos aspectos vinculados às representações midiáticas locais associadas às sociabilidades cotidianas. Ainda assim, “não há porque desprezar o território geográfico enquanto fonte de significados, pois ele faz parte das condições objetivas de vida advindas do tipo de solo, de clima, das tradições, da língua, dialetos etc. e com a construção de valores e práticas sociais” (PERUZZO, 2004, p. 54). Nesse sentido, a noção de local abarcada aqui segue a proposta por Lopez García (1995) que, conforme Daniela Ota (2012), “aponta que a definição do local deve ser feita tomando-

se como base a geografia, sem nos esquecermos do aspecto social. Assim o local é um espaço territorial singularizado” (OTA, 2012, p. 207).

Quando a mídia reconhece as singularidades locais e associa sua linguagem com as especificidades cotidianas da população, ela cria vínculos que vão além da associação dialógica emissora-ouvinte. Nesse sentido, Peruzzo (2005, p. 78) destaca que “a mídia de proximidade caracteriza-se por vínculos de pertença, enraizados na vivência e refletidos num compromisso com o lugar e com a informação de qualidade”.

Esses sentimentos de pertencimento, de proximidade e de confiabilidade fizeram com que, no dia 05 de novembro de 2015, por volta das 16:30h, um ouvinte ligasse para a Rádio Itatiaia Ouro Preto pedindo ajuda depois do rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco ter arrasado com o subdistrito de Bento Rodrigues, zona rural de Mariana, Minas Gerais. O ouvinte, identificado como Zezinho do Bento, descreveu no telefonema os primeiros momentos depois da tragédia:

[...] nós estamos todo mundo aqui num sol quente, sem água, sem roupa, sem nada, **a maioria de gente custou a sair do meio da lama**. Peço encarecidamente, por favor, pra alguém dar um socorro pra nós aqui. Tem gente passando mal e na barragem tem soda. A gente tá combatendo isso há muito tempo e a Samarco não toma providência, então deu isso aí que deu (ZEZINHO DO BENTO, 2015).

A mídia local potencialmente pode entender e representar o cotidiano de maneira mais aproximada da realidade, ou das múltiplas realidades da população daquele lugar. Por mais que estejam dentro de uma lógica comercial e embora ainda se baseiem muito em fatos relacionados aos poderes oficiais da cidade ou acontecimentos regionais de grande porte, nos últimos anos é possível perceber que as emissoras locais têm se aberto “a conteúdos mais característicos dos meios comunitários de comunicação, justamente numa fase da história em que o clamor pela cidadania tomou conta de vários segmentos, pessoas individualmente e instituições da sociedade civil” (PERUZZO, 2005, p. 75).

Mesmo que muitas vezes a mídia local se veja em meio a disputas variadas de poder e até mesmo em condições financeiras e técnicas desfavoráveis, ela tende a noticiar de forma segura os fatos relevantes ocorridos no seu meio.

Os pesquisadores Karina Barbosa e André Carvalho, em investigação que mapeou as notícias sobre Bento Rodrigues pelo jornalismo local **antes da tragédia**, concluíram que o subdistrito era pouco representado mesmo pelos meios locais, também pautados pelo acontecimento e imediatismo.

Bento Rodrigues, então subdistrito tricentenário de Mariana, primeira cidade mineira, tinha cerca de 600 pessoas quando foi destruído pela lama da Samarco. Dadas essas dimensões, sua existência jornalística possivelmente estaria mais demarcada no jornalismo local, mais afeito à cobertura de pequenas comunidades (BARBOSA; CARVALHO, 2019, p. 4).

Entretanto, outra pesquisa realizada pelos autores da cobertura **pós-*tragédia*** verificou que a representação do Jornal Lampião⁶ do que se configurou como um dos maiores desastres ambientais do país se acerca das dinâmicas de proximidade e vínculo social de uma mídia inserida na comunidade. Barbosa e Carvalho verificaram que “[convivem] na cobertura jornalística realizada pelo Lampião acerca do rompimento da barragem do Fundão as políticas de memória e das vítimas a serviço de um jornalismo local que se relaciona com a comunidade em que está inserido, com as coletividades locais que reporta” (BARBOSA; CARVALHO, 2017, p. 31).

É pertinente e possível fazer um rápido paralelo entre essa representação desenvolvida pela imprensa local e a feita pelas alhures. O trabalho de Wilson Bueno (2017) analisou a cobertura de quatro jornais impressos de circulação nacional ao longo do primeiro mês depois do crime ambiental ocorrido em Mariana, sendo eles O Estado de S. Paulo, O Globo, Folha de S. Paulo e Valor Econômico. A análise do pesquisador levou em conta cinco categorias: a) número de unidades informativas publicadas; b) percepção dos leitores sobre o crime ambiental; c) destaque dados pelos veículos ao tema; d)

⁶Embora seja um jornal produzido no âmbito do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, em Mariana, os apontamentos de Barbosa e Carvalho (2017) estabelecem e dimensionam sua conexão com o jornalismo local, observação que foi acolhida pela pesquisa. comparação entre o volume e o tom de cobertura entre os jornais de informação geral e o de negócios; e) a presença das empresas envolvidas (Samarco e Vale) como fonte na cobertura jornalística (BUENO, 2017, p. 31-32).

A avaliação feita é que nesses jornais a cobertura “prende-se prioritariamente a fontes oficiais e empresariais e não assumiu, na maioria das vezes, uma postura pró-ativa, ou seja, não explorou linhas de investigação próprias, oriundas da redação dos jornais analisados, para esclarecer os fatos” (BUENO, 2017, p. 34), por mais que a cobertura tenha se estendido de forma ampla pelos veículos devido à magnitude do acontecimento. “Quase sempre, os jornais estiveram a reboque dos fatos, apenas acompanhando e repercutindo informações geradas por fontes externas” (BUENO, 2017, p. 34).

Ao contrário das coberturas de meios “de fora”, a imprensa local buscou estar presente na cena do acontecimento. Como será flexionado no próximo tópico, enquanto as reverberações do fato quase não são mais notadas em grandes veículos – exceto em datas pontuais, a mídia local segue acompanhando os desdobramentos do desastre focando na situação dos moradores das comunidades atingidas.

4. A tragédia ainda reverbera nas ondas do rádio local

Não é pretensão deste artigo fazer uma análise discursiva ou comparativa de reportagens que reverberam a tragédia, tampouco buscar as formas de representação contidas no discurso jornalístico sobre o acontecimento. Entretanto, como forma de exemplificar as possibilidades que a mídia local tem de retratar um acontecimento da cidade de maneira mais próxima da população, são refletidos aqui dois momentos em que a Rádio Itatiaia Ouro Preto repercutiu a tragédia no ano de 2019. A primeira reverberação foi a transmissão, em fevereiro de 2019, de uma série de reportagens mostrando a situação dos moradores dos distritos e subdistritos marianenses assestados pelo rompimento da barragem. A equipe da emissora se deslocou até seis distritos de Mariana e ouviu pessoas diretamente atingidas que relataram as dificuldades em retomar o cotidiano e a falta de amparo da Samarco e da Prefeitura de Mariana após o desastre. A chamada da série deixa claros os interesses da Rádio Itatiaia Ouro Preto em focar as atenções para os habitantes dessas localidades: “Nesta segunda feira a Itatiaia traz uma série de reportagens sobre os distritos de Mariana atingidos pelo Rompimento da Barragem de Fundão. Há falta de serviços básicos e moradores reclamam negligência da Fundação Renova e Prefeitura de Mariana” (RÁDIO ITATIAIA OURO PRETO, 2019a).

Esse formato escolhido para as reportagens, priorizando a fala dos habitantes das comunidades, mostra um entendimento particularizado da situação e a proximidade com a população local que dificilmente uma emissora distante teria. Corroborando para este entendimento, as reportagens produzidas pela equipe ouro-pretana foram veiculadas pela Rádio Itatiaia de Belo Horizonte e integra a “central de áudios” da rede (RÁDIO ITATIAIA, 2019a; 2019b). É preciso destacar que a matriz da emissora ouro-pretana (e principal rádio do estado de Minas Gerais) também vem noticiando periodicamente acontecimentos relativos às dimensões legais e aos procedimentos de recuperação das áreas atingidas, diferentemente das reportagens produzidas pela equipe local, voltadas quase sempre para a situação dos atingidos⁸.

A fotografia a seguir, publicada em redes sociais da emissora, mostra a repórter Jil Izidoro em meio à população de uma das comunidades visitadas para produção da reportagem. ⁷

Criada por meio de um Termo de Ajuste de Conduta assinado em 2016, a Fundação teria o objetivo de reparar danos causados pelo rompimento da barragem da Samarco. Entretanto, pesquisadores afirmam que o estabelecimento da Fundação seria uma estratégia de mercado. “A criação da Fundação Renova abriu caminho para a privatização da regulação da indústria extrativa mineral e deu forma final ao processo de **gestão estratégica da (des) responsabilização em rede** em torno do desastre da Samarco [...]. Através da Fundação Renova, a BHP Billiton e, em particular, a Vale **debelaram as principais iniciativas judiciais de responsabilização**, que poderiam derivar em uma escalada imprevisível das despesas com indenizações e reparação de danos” (SANTOS; MILANEZ, 2019, s.p, grifos nossos).

⁸Uma exceção é a reportagem especial “Mariana: Mil dias depois” que mostrou diversos aspectos dos desdobramentos do rompimento da barragem, incluindo a situação dos moradores – que foram ouvidos pelo repórter João Felipe Lolli, graduado em jornalismo pela UFOP – Mariana.

Figura 1 – Equipe da Rádio Itatiaia Ouro Preto e moradores da comunidade de Campinas, subdistrito de Mariana, durante produção da reportagem



Fonte: Rádio Itatiaia Ouro Preto (2019a).

Outro exemplo que reforça as observações tecidas até aqui é o conjunto de conteúdos produzidos pela Rádio Itatiaia Ouro Preto na semana em que a tragédia completou quatro anos. A emissora dedicou seu podcast semanal ao assunto, visitou o local onde estão sendo feitas as obras de reassentamento do “novo Bento Rodrigues” e levou dois moradores até seu estúdio para que dessem depoimentos sobre a atual situação dos atingidos. Um dos moradores que foi até o estúdio foi Zezinho do Bento, o ouvinte que ligou para a rádio minutos após o rompimento da barragem.

Figura 2 – Morador de Bento Rodrigues concedendo entrevista sobre a situação dos atingidos pelo rompimento da barragem



Fonte: Rádio Itatiaia Ouro Preto (2019b).

Nesse ponto é preciso destacar que, embora as reportagens da emissora local priorizem a fala aos moradores atingidos, outras fontes também são ouvidas, inclusive órgãos oficiais e representantes da Fundação Renova.

De maneira geral, a comunidade reconhece essa capacidade que as emissoras do lugar têm de acompanhar de maneira mais próxima e imediatista os acontecimentos das suas cidades. Nesse sentido, a ouvinte Conceição Aparecida, em entrevista concedida ao pesquisador⁹, relembra como acompanhou os primeiros momentos da cobertura do desastre ambiental ocorrido no distrito marianense por meio da Rádio Itatiaia Ouro Preto e da televisão:

Teve a notícia de Bento Rodrigues há pouco tempo agora. A gente ficou sabendo e todo mundo ficou abalado com aquilo. [...] A gente ficava ouvindo pra ver se conhecia alguém porque tinha gente de Ouro Preto trabalhando lá. Eu tava ouvindo os tópicos pela rádio né? Então assim, na televisão foi a imagem e já tinha passado, já tinha acontecido. Agora na rádio tava acontecendo aquele fato naquele momento, a gente não tava vendo a imagem, mas ouvia no momento exato que tava acontecendo (MATA, 2018).

Essa fala da ouvinte demonstra que, “enquanto a credibilidade das mídias tradicionais tem sido colocada à prova, os meios de comunicação local aparecem como ilhas em meio a essa crise amplificada pelas *fake news*” (MEDEIROS; PRATA, 2019, p. 5). A vertente espacial por si só não determina a dinâmica de proximidade das emissoras locais com a população, porém não se pode deixar de considerar as condições objetivas do lugar na construção social, produção e consumos midiáticos. Ainda assim, Peruzzo (2005) alerta que

a mídia local se ancora na informação gerada dentro do território de pertença e de identidade em uma dada localidade ou região. Porém, ela não é monolítica. Não há uniformidade no tipo de vínculo dos meios de comunicação em suas regiões, pois a inserção (mais ou menos) comprometida localmente depende da política editorial de cada veículo (PERUZZO, 2005, p. 74-75).

Os contextos da convergência e da globalização têm alterado os modos de produção, consumo e circulação midiática. As dinâmicas de proximidade ganham um novo lugar com a comunicação mediada, já que ao simples toque no celular é possível se comunicar com uma pessoa do outro lado do mundo. A tecnologia dilui fronteiras, possibilita o acesso a emissoras do mundo todo e a novas formas de escuta do rádio. Nesse sentido, o que a princípio poderia representar o fim da comunicação local mostrou-se exatamente o contrário: “A abertura das fronteiras e a homogeneização dos modos de vida reforçam a necessidade de estar em algum lugar” (WOLTON, 2004, p. 177). Haussen (2009) esclarece que “se na primeira metade do século XX o rádio pôde cumprir, num certo sentido, um papel unificador (seguido pela TV na outra metade), com a fragmentação da oferta de comunicação e da informação e a inserção do país num mundo globalizado, isto não é mais possível” (HAUSSEN, 2009, p. 29). Assim, o que aconteceu foi uma “revalorização da [comunicação local], sua emergência ou consolidação em diferentes contextos e sob múltiplas formas” (PERUZZO, 2005, p. 70).

Considerações finais

Para a população de pequenas cidades, o rádio continua servindo como fonte de informação diária, como forma de conectar realidades e cotidianos. Dessa forma

a emissora local se converte em instância importante do dia a dia, fazendo inclusive com que muitas reivindicações da população direcionadas ao poder público sejam mediadas pelo locutor que há décadas apresenta o mesmo programa na rádio, ou com que ela seja acionada para a comunicação interpessoal entre pessoas da zona urbana com moradores de áreas rurais, ou ainda com que os tradicionais serviços de “achados e perdidos” sigam sejam feitos por seus microfones.

As notícias veiculadas pelo rádio local ganham lugar nas conversas entre vizinhos, familiares e colegas de trabalho e, mais recentemente, na arena ampliada das redes sociais *online*. A comunidade percebe a capacidade que essas emissoras têm de reverberar de maneira mais aproximada da realidade os acontecimentos cotidianos. Entretanto, não é possível afirmar que essas formas de representação sejam totalmente livres de estereótipos e falseamentos, já que as rádios locais também estão eivadas pelos sistemas comerciais, e nem mesmo que sejam abrangentes da população de maneira geral, já que, mesmo em cidades pequenas, as realidades são heterogêneas.

Referências

BARBOSA, Karina Gomes; CARVALHO, André Luís. Narrativas do trauma no jornalismo local: o rompimento da barragem da Samarco em Mariana. *In: Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 19-33, fev. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2016v13n2p19>. Acesso em: 04 dez. 2022.

BARBOSA, Karina Gomes; CARVALHO, André Luís. Lugar e tempo: Bento Rodrigues no Lampião. *In: Intexto*, Porto Alegre, n. 48, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/83340>. Acesso em: 01 dez. 2022.

BUENO, Wilson. A cobertura jornalística de catástrofes ambientais: entre a vigilância e a espetacularização da notícia. *In: Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, v. 39, n. 1, p. 21-41, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/6974/5716>. Acesso em: 08 dez. 2022.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. v. 1. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio e capitalismo no Brasil: uma abordagem histórica. *In: HAUSSEN, Doris Fagundes; BRITTOS, Valério Cruz (Orgs.). **Economia política, comunicação e cultura**: aportes teóricos e temas emergentes na agenda política brasileira. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2009.*

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. *In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Comunicação, representação e práticas sociais**. RJ: Ed. PUC-Rio; Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.*

HAESBAERT, Rogério. Territórios em disputa: desafios da lógica espacial zonal na luta política. *In: **Campo-Território**: Revista de Geografia Agrária, v. 9, n. 18, p. 1-17, 2014.*

HALL, Stuart. El trabajo de la representación. *In: HALL, Stuart. **Sin garantías**: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Instituto de estudios sociales y culturales Pensar, Universidad Javeriana Instituto de Estudios Peruanos Universidad Andina Simón Bolívar, sede Ecuador Envión Editores, 2010.*

HAUSSEN, Doris Fagundes. Rádio, internet e identidade cultural gaúcha. *In: **Razón y Palabra**, n. 49, 2009. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n49/bienal/Mesa%209/DorisHaussen.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2022.*

MAIA, Rousiley C. **Mídia e lutas por reconhecimento**. São Paulo: Paulus, 2018.

MATA, Conceição Aparecida da. **O rádio fica como companheiro**. Entrevista cedida a Rafael Medeiros, Ouro Preto, jan. 2019.

MEDEIROS, Rafael; PRATA, Nair. “**Liguei o rádio pra conferir se era verdade**”: a credibilidade do radiojornalismo local em tempos de fake news. 2019. [no prelo]

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. *In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p.89-111.*

OTA, Daniela Cristiane. Mapeando a mídia fronteira em Mato Grosso do Sul. *In: MOREIRA, Sônia Virgínia (org.). **Geografias da comunicação**: espaço de observação de mídia e de culturas. São Paulo: Intercom, 2012.*

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 2005.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

RÁDIO ITATIAIA. **Três anos após tragédia em Mariana, moradores ainda são prejudicados...** 11 fev. 2019. 2019a Disponível em: <https://bit.ly/2G7uueC>. Acesso em: 12 nov. 2019.

RÁDIO ITATIAIA. **Três anos depois de Tragédia de Mariana, moradores ainda reclamam de falta de água...** 12 fev. 2019. 2019b. Disponível em: <https://bit.ly/2D5Bw2P>. Acesso em: 12 nov. 2019.

RÁDIO ITATIAIA OURO PRETO. **Nesta segunda feira...** Ouro Preto, 08 fev. 2019. 2019a Instagram: Itatiaia Ouro Preto @ouropretoitatiaia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BtoqvDDgSU5/>. Acesso em: 12 abr. 2019.

RÁDIO ITATIAIA OURO PRETO. **Zeinho do Bento no estúdio...** Ouro Preto, 06 nov. 2019. 2019b. Facebook: Itatiaia Ouro Preto. Disponível em: <https://www.facebook.com/itatiaiaop/photos/a.1980212135624702/2351419321837313>. Acesso em: 02 dez. 2019.

SANTOS, Rodrigo Salles Pereira dos; MILANEZ, Bruno. Horror em Brumadinho é culpa da Vale, dizem especialistas. Mas o que é a Vale?. *In: Folha de São Paulo*, 01 mar. 2019.

VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. *In: Intexto*, Porto Alegre, n. 43, set./dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/81160/48900>. Acesso em: 01 dez. 2019.

WOLTON, Dominique. **A Outra Globalização**. Edições Difel, 2004.

Proposta de Intervenção a partir da Folkcomunicação e da Comunicação Comunitária para a Transformação do Bairro Morada do Sol em Picos/PI¹

¹ Trabalho apresentado no GT 2 – Processos de Comunicação, da 5ª Semana de Comunicação Social da Uespi de Picos. Esta proposta apresenta dados parciais do projeto de pesquisa “Comunicação para a transformação do bairro Morada do Sol a partir da Folkcomunicação e da Comunicação Comunitária”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI).

Ana Vanessa Torres BARROS¹

Flávio Menezes SANTANA²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo propor a união da Folkcomunicação e da Comunicação Comunitária para a transformação social da comunidade do bairro Morada do Sol, da cidade de Picos/PI. Para isso, parte-se de uma revisão bibliográfica em torno das atualizações e recentes contribuições da Folkcomunicação e da Comunicação Comunitária ao processo de transformação social, a fim de contribuir na sistematização dos principais aportes de tais perspectivas teóricas. Entre os principais resultados esperados, destacam-se: contribuição a partir dos dados empíricos e reflexões sobre a realidade social da comunidade do bairro Morada do Sol; e avanço do arsenal metodológico da folkcomunicação; contribuição efetiva ao campo da comunicação comunitária; e o fortalecimento da interface entre ambas perspectivas teóricas.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Comunicação Comunitária; Morada do Sol; Picos/PI; Transformação Social.

Prelúdio – A Comunicação para a Transformação Social

A formação geográfica brasileira, caracterizada por distinções regionais e padrões culturais diversos, influenciou diretamente os fluxos comunicacionais e a maneira como se deu a restrição comunicacional a poucos grupos sociais. “A natureza continental e a topografia acidentada do espaço brasileiro inibiram, durante vários séculos, a interiorização dos fluxos comunicacionais” (MARQUES DE MELO, 2015, p. 17).

Nas perspectiva da América Latina, a denominação Comunicação para o Desenvolvimento (*Communication for development*) surgiu com o objetivo de atingir a participação e a mudança social através da comunicação interpessoal aliada aos meios de

¹ Estudante do 3º semestre do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), campus Prof. Barros Araújo. Bolsista pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PBIC) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI); e-mail: anavanessatb@aluno.uespi.br.

² Orientador do trabalho. Professor do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), campus Prof. Barros Araújo; e-mail: ms.flaviosantana@hotmail.com

comunicação de massa, a fim fortalecer a aplicação de políticas sociais voltadas ao desenvolvimento. A experiência da região permitiu que a comunicação sempre fosse pensada a partir de conceitos, processos e ritmos próprios em vista ao desenvolvimento, à participação e à libertação (RINCÓN, 2018).

A partir dessa concepção, entendia-se que o alinhamento do binômio Comunicação e Desenvolvimento, a partir de uma visão difusionista (SERVAES, 2004), construiria uma esfera pública favorável que ocuparia o vazio comunicacional e permitiria maior alcance às populações menos favorecidas como fator integrador. Obviamente um ideal visto sob uma visão relativamente ingênua, já que para isso havia de se esperar que os meios de comunicação de massa atuassem alinhadamente às políticas governamentais dos países (SANTANA; ESCUDERO; FERNANDES, no prelo). Ao contrário disso, o que se observou foi o estabelecimento de

um fluxo de informação a partir dos Estados Unidos e da Europa envolvendo desde agências de notícias, exportação de filmes cinematográficos, revistas, programas de televisão etc., por meio dos quais, política e ideologicamente, julgavam-se negativamente os países de orientação socialista e, ao mesmo tempo, “vendia-se” a bonança dos países centrais do ocidente. (PERUZZO, 2014, p. 180).

Por esse aspecto, os meios de comunicação de massa se institucionalizaram alicerçados a uma lógica capitalista, baseados não só na produção de ideologias, mas no fazer e refazer a cultura, na comercialização dos formatos e na recriação de narrativas onde se entrelaçam o imaginário de mercado com a memória coletiva.

Essa realidade provocou Luiz Beltrão a se perguntar quando o Brasil falará consigo mesmo, dentre outros questionamentos que põem em cheque a situação comunicacional de um país que se industrializava e avançava tecnologicamente, sobretudo com a ligação com o sistema mundial de telecomunicações por satélite, mas que vivenciava entraves burocráticos e de outras ordens (GURGEL, 2014).

As críticas latino-americanas ao modelo difusionista partiram do entendimento de que a comunicação vertical é dominante, manipuladora e impositiva e não pode ser pensada fora do contexto de forte poder econômico, político e cultural. É por este aspecto que o

modelo participativo (SERVAES, 2004), uma alternativa ao difusionista, que visava a participação e o engajamento dos indivíduos em sociedade na emissão de mensagens, surge como estratégia para horizontalizar a comunicação (BELTRÁN, 2019; PERUZZO, 2014).

A comunicação tem por garantia lugar de destaque no espaço social, por constituir-se como um dos direitos fundamentais da humanidade, que afeta diretamente à participação e inclusão social. Ruan Díaz Bordenave (1994, p. 12) entende participação como um mecanismo capaz de promover a interação, a igualdade e a manutenção do controle entre os indivíduos em sociedade. É através dela que se provoca “o crescimento da consciência crítica da população, fortalece seu poder de reivindicação e a preparar para adquirir mais poder na sociedade”.

Nos últimos anos, a expressão “Comunicação para a Mudança Social” (TUFTE, 2013) tem se tornado alternativa à C4D, não só para propor os meios como instrumentos de difusão na ampliação da participação e da cidadania. Esse âmbito de estudo parte, também, de pensar em atividades de cunho participativo e comunitário, com o intuito de levar conhecimento aos diversos grupos sociais. Assim, tornou-se ainda mais relevante por propor alternativas de artifícios de comunicação e midiatização, no tocante aos últimos avanços tecnológicos, e pensar as relações e a participação dos indivíduos em sociedade (PERUZZO, 2015).

Por essa abordagem, a discussão sobre estratégias de comunicação voltadas à inclusão social parte da possibilidade de incremento da prática comunicação em resolução à exclusão comunicacional na transformação da comunicação vertical em horizontal. Estratégias como essa ressaltam ainda mais a relevância da comunicação no cotidiano social das comunidades em situação de marginalidade (MARQUES DE MELO, 2015; BELTRÁN, 2019).

Por considerar a necessidade de um projeto de autotransformação social, que inclua a indagação das divergências na estrutura social contemporânea, faz-se necessário questionar até que ponto a Comunicação, aliada ao desenvolvimento, condiciona o pleno funcionamento de uma sociedade pautada pela democracia e pela pluralidade. Leva-se em conta que as políticas introduzidas nas sociedades são responsáveis pelas formas de distribuição de renda e na formação de desigualdades sociais (CARDOSO, 1979, SANTOS, 2008, FURTADO, 2009, SANTANA, 2020).

Frente a essa realidade, diferentes localidades se tornam alvo de investigações sociais – sobretudo em um país cujo passado histórico justifica a forte desigualdade social – nos espaços que ainda carecem de atenção a políticas públicas efetivas (ou da falta delas). Na cidade de Picos/PI, especificamente na comunidade do bairro Morada do Sol, observa-se que a falta de infraestrutura e saneamento básico, ruas sem pavimentação e condições de moradia desfavoráveis para a sobrevivência dos indivíduos que ali residem, demonstram a carência de necessidades básicas que colocam o indivíduos que ocupam tal espaço em situação de vulnerabilidade social que afeta sobretudo o exercer da cidadania.

Picos é a terceira maior cidade do Piauí, com uma população estimada de 78.627 pessoas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021). O município fica localizado na região centro-sul do estado, no principal entroncamento rodoviário do Nordeste que liga o estado do Piauí ao Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia. O município é detentor do maior IDHM (0,698) e ocupa a 3ª posição no Estado, acima da média estadual (CEPRO, 2016). Por outro lado, esses números não refletem bem a realidade do bairro Morada do Sol acima apresentada. O que se percebe é a omissão do Estado frente à realidade picoense, sobretudo em bairros periféricos que necessitam de maior atenção. Em 2022, por exemplo, o IBGE com base na Síntese dos Indicadores Sociais 2022, concluiu que a condição de pobreza no Piauí atingiu 44,7% da população, um crescimento de 6,3% em relação ao ano de 2020.

Trata-se de uma realidade perversa visualizada a partir do cenário de crise sanitária que evidenciou os principais problemas sociais, até então dissimulados pelos meios de comunicação tradicionais. Não bastaram os esforços tomados desde a redemocratização, atualmente a sociedade brasileira vive uma crise econômica, política e social que põe em jogo direitos sociais já alcançados. Um cenário que desafia, principalmente, o campo acadêmico-científico das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas a entender o intercâmbio dos fenômenos comunicacionais desenvolvidos pelos indivíduos em situação de marginalização social, dentro da perspectiva de uma comunicação voltada ao desenvolvimento e à transformação social.

Deste modo, este artigo tem por objetivo propor, a partir da união da Folkcomunicação e da Comunicação Comunitária, um método de intervenção que contribua na transformação social da comunidade do bairro Morada do Sol, da cidade de

Picos/PI. Para isso, faz-se necessária uma revisão bibliográfica em torno das atualizações e recentes contribuições da Folkcomunicação e da Comunicação Comunitária ao processo de transformação social, a fim de contribuir na sistematização dos principais aportes de tais perspectivas teóricas.

Acredita-se que a perspectiva da Folkcomunicação aliada à Comunicação Comunitária contribuem na percepção crítica do processo de comunicação e seus efeitos na sociedade, principalmente porque não se trata apenas de compreender as relações sociais, mas, também, os fenômenos sociopolítico e socioeconômico dentro do espaço social.

Comunicação Comunitária e Cidadania

Após os questionamentos e críticas ao modelo difusionista, o viés participativo ganhou ênfase e novas abordagens teóricas surgem, como é o caso da comunicação popular, comunitária e alternativa, que se expressam com certo distanciamento das propostas da Comunicação para o Desenvolvimento, já que esta se desenvolveu baseada nos paradigmas da modernização. Cabe ressaltar que os meios de comunicação tradicionais – privados e públicos –, continuam a se expressar majoritariamente a partir dos interesses com o grande capital e representam interesses políticos e ideológicos de grupos econômicos e político-partidários de forte poderio social.

Bordenave (1994, p. 12) entende a participação como um mecanismo capaz de promover a interação, a igualdade e a manutenção do controle entre os indivíduos em sociedade. É através dela que se provoca “o crescimento da consciência crítica da população, fortalece seu poder de reivindicação e a prepara para adquirir mais poder na sociedade”.

A comunicação comunitária e suas expressões congêneres, como a popular e a alternativa, privilegia a horizontalidade e atua a serviço da ampliação da cidadania por considerar que esta só pode ocorrer se for construída pelos próprios indivíduos em sociedade. Esta proposta parte de uma alternativa ao controle oligopólico dos meios de comunicação tradicionais que disseminam seus conteúdos a partir dos interesses dos grupos dominantes (PERUZZO, 2014).

Deste modo, a Comunicação Comunitária valoriza uma mobilização coletiva da comunidade, cujo objetivo parte da reivindicação de melhorias para a sua realidade através do fluxo de informações sobre temas de interesse comum em prol do exercício da cidadania. Ou seja, “[...] aquela que pertence a comunidades e a grupos sociais autônomos, é orgânica a eles, não tem fins lucrativos e é participativa, na sua expressão mais genuína.” (PERUZZO, 2014, p. 184). Atua também na busca pela inserção das organizações populares na grande mídia convencional como forma de dar visibilidade às lutas sociais e de obter a legitimidade pública.

Nesta perspectiva, entende-se que a proposta da Comunicação para a Transformação social respalda que “o processo [de comunicação] é mais importante do que os produtos, tal como se sucede com Comunicação participativa e alternativa” (GUMUCIO-DAGRON; TUFTE, 2008, p. 23). Deste modo, reconhece-se que o processo depende de cada realidade, no que se refere às suas condições culturais, e parte da “participação e apropriação comunitária de meios de comunicação; da língua e pertencimento cultural; da geração de conteúdos locais; do uso de tecnologias apropriadas e da formação de redes nas comunidades e para além delas [...]” (PERUZZO, 2014, p. 184). Ou seja, não basta falar da eficácia dos meios de comunicação quando utilizados na difusão de mensagens, mas de inserir a comunicação na realidade dos grupos que se mantêm à margem em prol da transformação.

Em uma perspectiva difusionista, a possibilidade de utilização dos meios de comunicação para atuação nos diferentes espaços sociais como fornecedores dos conhecimentos locais, através de sua proximidade com a vida social, a fim de “manter e promover uma saudável vida democrática, permitindo a troca de ideias, favorecendo o debate e procurando fazer com que os seus leitores se interessem pelo ambiente que os rodeia, de forma a levá-los a assumir uma atitude participativa do ponto de vista social” (DORNELLES, 2010, p. 241).

Entende-se que a Comunicação, dentro do âmbito das Ciências Sociais Aplicadas, produz valor social, cultural e político. Trata-se de assumir que a esta área tem por garantia lugar de destaque no espaço social, por constituir-se como um dos direitos fundamentais da humanidade, que afeta diretamente a participação e inclusão social. Assim,

[...] as propostas de uma comunicação que favoreça a transformação social inserem o debate sobre políticas nacionais de comunicação democrática capaz de corresponder às necessidades dos povos por um desenvolvimento benéfico a todos e que não desconsidere a realidade de cada local. (PERUZZO, 2014, p. 182).

É por este aspecto que Cicilia Peruzzo (2022b) aponta a importância dos entrecruzamentos da folkcomunicação e a Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa, no que se refere a observar os elementos da primeira no âmbito da prática da segunda, quando esta se desenvolve por meio dos movimentos sociais. “[...] as culturas populares também perpassam a Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa, que, desde as suas origens, está alinhada a movimentos de resistência à opressão e de mudança social, mas que incorpora elementos folkcomunicacionais nas formas de expressão nas lutas das quais participa.” (PERUZZO, 2022b, 32).

Folkcomunicação e mudança social

A abordagem comunicacional brasileira, denominada de Folkcomunicação, demonstrou um cenário onde os métodos e atitudes da massa confirmavam total inoperância do povo frente aos meios de comunicação massivos. Ao contrário do que muitos paradigmas apontavam a respeito do poder absoluto dos meios, o povo recebe e interpreta as mensagens transmitidas pela mídia. Concluía-se que à medida que a sociedade avançava, se distanciavam cada vez mais os grupos e seus ideais, com a criação de entraves na comunicação que se refletiam nas diferenças sociais, econômicas e culturais (BELTRÃO, 1980; 2014).

Denominou-se, deste modo, de folkcomunicação como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta e indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24). Essa teoria parte de enxergar e compreender os grupos marginalizados – muitas vezes distantes e não diretamente engajados *mass media* –, pela sua condição dinâmica de criar, reproduzir e contestar estereótipos e hierarquias

constantemente transmitidos pelos meios de comunicação e propor estratégias que contribuam na supressão dos problemas da comunicação.

A dissertação intitulada “O Caranguejo e a construção da identidade cultural de Aracaju: uma análise folkcomunicação”, de autoria de Flávio Santana (2020), demonstrou que o processo de marginalização social cumpre um campo de carências – nas ofertas de políticas de valorização trabalhista e econômicas e nos serviços públicos básicos, como educação, saúde, mobilidade e saneamento básico – que se auto perpetua tanto pela inexistência de políticas eficazes, quanto pela omissão da mídia local. Ou seja, a marginalidade é resultado de um processo de subalternização, operado e reforçado pelo sistema de comunicação na sociedade contemporânea (SANTANA, 2020).

À vista disso, entende-se que a cultura ganha dimensão de dominação. A partir da lógica histórica em acordo com os sentidos construídos por comportamentos sociais entre os seus próprios agentes, ditados por valores e costumes intrínsecos e característicos da localidade, essa dominância impede que haja compreensão do seu próprio caráter histórico. Ao mesmo tempo, a carência de oportunidades inviabiliza esses indivíduos de desfrutarem de seus direitos. A política vigente, por sua vez, torna-se ineficiente, justamente pelos modos de vida, recursos econômicos e o nível cultural da localidade, justificados e enquadrados socialmente como fatores de marginalidade (SANTANA, 2020).

O indivíduo da comunidade, por sua vez, assimila em seu discurso as problemáticas do campo no qual atuam, e sua representação é tanto fruto quanto fator integrador do sistema da marginalização. Tratam-se de concepções que sustentam a marginalidade nas relações sociais, e as interações entre as agências culturais de manutenção de dominação e os sujeitos a elas expostos (SANTANA, 2020).

Martin-Barbero (2010) enxerga a comunicação como método de solidariedade à exclusão social, política e cultural, em busca da integração entre os povos, em reforço a necessidade das políticas culturais como maneiras de cessar os problemas sociais e promover a transformação. Nesta concepção, a folkcomunicação tem utilizado as mediações culturais como mecanismo de desenvolvimento local, juntamente com os atores em situação de marginalização. Assim, a arregimentação das potencialidades, por meio das políticas culturais, impulsiona o desenvolvimento e aproveitamento das capacidades (MACIEL, 2012).

Diante de tais apontamentos, entende-se que a comunicação carece de inserção de acordo com a realidade que busca ser modificada, voltada à capacitação dos indivíduos e introdução de seus modos de vida à uma perspectiva que vise o desenvolvimento comunitário. Na concepção da teoria da educação como liberdade, Freire (2018) destacou a possibilidade de se pensar em uma comunicação dialógica por considerar, assim como Beltrão (1980; 2014), que os sujeitos se expressam através de signos linguísticos próprios, se a comunicação não for direta e sem interrupções, não há comunicação entre dois espaços. Logicamente, o desenvolvimento social não será efetivo se o indivíduo não estiver inserido em questões sociais, políticas, econômicas, educativas (FREIRE, 1983).

Frente ao pensamento científico colonial no âmbito da cultura e da comunicação, da clareza da exclusão dos estudos voltados às manifestações tradicionais locais e regionais impostos pela ciência moderna, a folkcomunicação torna-se alternativa para se pensar em propostas de “reconhecer as singularidades dos pensadores regionais ou nacionais que os precederam, legando-lhes contribuições inovadoras ou problematizantes” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 43). Esta ideia baseia-se nos pressupostos teóricos que visam a decolonialidade (ESCUDERO; SANTANA, 2022) que questionam as diferenças entre os marcos teóricos e a realidade estudada, já que recorrentemente as nações do sul tem utilizado de teorias e conceitos inadequados na busca de desafios e soluções.

Proposta de intervenção e resultados esperados

Esta proposta de intervenção se baseia em utilizar as ferramentas da folkcomunicação e da comunicação comunitária para propor e executar estratégias de comunicação por considerar: a) a carência de políticas públicas mais inclusivas no cenário brasileiro; b) a capacidade dialógica de avaliar as reações, anseios e meios de organização alternativos da recepção; e c) a necessidade de demonstrar que a comunicação popular também se faz importante no âmbito social.

Fundamentado em uma perspectiva histórica e política, Weber (2003) entende comunidade como a relação social onde as ações sociais baseiam-se na solidariedade e implicam no sentimento subjetivo dos indivíduos que a compõem. Nela há diferentes

situações, apoiadas em fundamentos afetivos ou tradicionais. Ou seja, só existe a comunidade quando houver uma ação recíproca em resposta ao sentimento de formação de um todo. Entende-se que dentro do espaço marginalizado, os indivíduos articulam seus próprios métodos de desenvolvimento, contrários e fora dos limites dos demais espaços sociais, através de seus modos de vida, organizados e comunicados, entre os seus participantes comuns, por suas próprias linguagens.

A fim de responder aos principais objetivos, faz-se necessário analisar a realidade das comunidades, hábitos e modos de vida e a maneira como os meios de comunicação influenciam a localidade. Para isso, busca-se trabalhar na comunidade do bairro Morada do Sol, cujas condições lhe tinham sido negadas “por sua pobreza, por suas culturas tradicionais, pelo isolacionismo geográfico, rural ou urbano, pelo baixo nível intelectual ou pelo inconformismo ativo e consciente com a filosofia e/ou a estrutura social dominante” (BELTRÃO, 1980, p. 39).

Como será preciso identificar as necessidades sociais da comunidade *in loco*, entendê-las e interpretá-las, optou-se por uma entrevista aprofundada do tipo semiestruturada, que permite a flexibilidade de questões não estruturadas por meio de um roteiro controlado (DUARTE, 2006). Para isso, os indivíduos abordados devem receber todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, com a garantia da omissão total de informações que permitam identificá-los.

No tocante a escolha dos entrevistados e entrevistadas, avalia-se que toda pesquisa exige fontes confiáveis, capazes de apresentar dados que possam contrastar realidades para responder aos questionamentos propostos. “A relevância da fonte está relacionada com a contribuição que pode dar para atingir os objetivos da pesquisa” (DUARTE, 2006, p. 69).

Na tentativa de compreender o cenário onde se desenvolvem as comunidades, faz-se importante utilizar a observação participante, que consiste na interação com o ambiente a ser pesquisado (PERUZZO, 2005). Por fim, a partir dos dados coletados, é necessário utilizar dos mecanismos da Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin (1988), por meio da categorização, cujo objetivo busca “fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos”.

Frente aos diversos aspectos que justificam os problemas cruciais da sociedade brasileira, fundamentados pelo grande nível de desigualdade social, conflitos existentes em

relação às diferenças sociais e identitárias, e aos paradoxos evidenciados pela modernidade e reforçados pela globalização, entende-se que os meios de comunicação, enquanto mecanismos de apropriação e disseminação da cultura, possuem influência nos processos de exclusão social e reforçam a marginalização. Abre-se, portanto, a necessidade de ações inclusivas.

Como resultado principal da presente proposta, espera-se identificar as carências sociais, por meio de um trabalho exploratório e conceitual, a fim de contribuir para a transformação social da comunidade trabalhada. As experiências certamente permitirão enxergar as imbricações da articulação folkcomunicacional dos indivíduos da localidade (comunicação interna de viés participativo) com a prática midiática comunitária (de viés participativo) com e para a população receptora. Com isso, destaca-se os seguintes desdobramentos:

a) teórico

Com relação aos aspectos teóricos da Comunicação e seus avanços enquanto campo do conhecimento científico, pretende-se alcançar três resultados:

a) Avanço do arsenal metodológico da folkcomunicação, proposta já lançada por um dos autores deste trabalho (SANTANA 2020), sobretudo no que se refere a pensar em ações de comunicação para a transformação de outras realidades. Assim, espera-se enxergar os processos de exclusão comunicacional, as principais contradições e desafios das comunidades em situação de marginalização social para o desenvolvimento social. Subsídios necessários para propor estratégia de comunicação que contribua na inclusão social, em benefício de uma sociedade mais justa e igualitária.

b) Contribuir com a discussão sobre comunicação comunitária e seus desdobramentos teóricos (PERUZZO, 2022; PAIVA; BARBALHO, 2005; PAIVA, 2007; SILVA, 2021), que parte de entender: como o campo comunicacional pode se constituir uma força contra-hegemônica; como as práticas comunicacionais atuam na direção a uma multiplicidade de vozes, não só para ir de encontro a um espaço de diálogo e participação, mas de diminuir visões preconcebidas e preconceituosas sobre a diversidade de grupos sociais; como esse campo permite construir novas formas e linguagens e capacita os

indivíduos que nele atuam a interferir no sistema produtivo; como a comunicação em um viés horizontalizado e de participação que integra consumidores e produtores e privilegia a educação em um processo dialógico e formativo, a exemplo da performance da união da comunicação com a educação que tem como norte a ampliação da cidadania.

c) O diálogo com pesquisas contemporâneas que têm se dedicado à trabalhar a interface entre a comunicação comunitária e a folkcomunicação, a exemplo de Peruzzo (2022), Santana (2020) e Dornelles e Reis (2016), entre outros. Tratam-se de autores e autoras que têm pesquisado imbricações das estratégias de comunicação popular, especificamente no ambiente folkmediático, nas práticas de comunicação comunitária e seus desafios na luta pela comunicação horizontalizada como possibilidade de transformação social.

b) empírico

No que se refere ao aspecto empírico, são dois os resultados pretendidos:

a) Prático – empírico: Identificação e seleção das necessidades sociais – moradia, emprego, saneamento básico, segurança pública, sistema de saúde, educação, etc. – da comunidade do bairro Morada do Sol para análise empírica desde as ferramentas da folkcomunicação e da comunicação comunitária, processo que consiste em conhecer a diversos aspectos da realidade trabalhada. Ou seja, uma possibilidade de situar o cenário frente a cidade de Picos, demonstrar a insatisfação da população local e interferir na dinâmica, a fim de fomentar novos olhares para uma outra realidade possível.

b) Prático – social: Suporte técnico aos integrantes da comunidade do bairro Morada do Sol em um processo de ensino e extensão da pesquisa à sociedade, a fim de propor conjuntamente desenvolvimento e execução de ações de comunicação ou a produção de itens isolados, a depender da necessidade, como veículos impressos, radiofônico, digitais (sites, mídias sociais digitais) e/ou audiovisuais; e projetos de assessorias baseados nas perspectivas da comunicação popular (a folkcomunicação) e da comunicação comunitária.

c) Teórico-prático – contextual: Contribuição a partir dos dados empíricos e reflexões sobre a realidade social da comunidade do bairro Morada do Sol, um contexto que carece de iniciativas de transformação diante da necessidade do diálogo entre pesquisa e

atores sociais, de modo a estimular a inclusão, a interação e uma visão mais ampliada do estar no mundo. A este desafio, soma-se às particularidades da sociedade brasileira, que vive um período completo de retirada de direitos e desvalorização científica e acadêmica. Essas limitações nos colocam diante de condições que limitam o aprimoramento profissional e desenvolvimento da pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas e que, portanto, requerem esforços pessoais na busca do desenvolvimento científico, em vista a uma sociedade justa e igualitária.

Referências bibliográficas

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BELTRÁN, L. R. Adeus a Aristóteles: Comunicação Horizontal. *In*: PRATA, N.; JACONI, S.; SANTANA, F. (Orgs.) **Pensamento Comunicacional na América Latina** – textos antológicos e autores emblemáticos. São Paulo: Intercom, 2019. p. 167-201.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. 2. Ed. Porto Alegre, EDIPUCRS & FAMECOS, 2014.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CEPRO. **O IDHM dos municípios do Piauí por território de desenvolvimento**. Sério Inclusão Social Nº 1. Teresina: Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí, 2016.
- DORNELLES, Beatriz. O localismo nos jornais do Interior. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 237-243, set./dez., 2010.
- DORNELLES, B.; REIS, K. M. Do espelho às ondas do rádio: a força da comunidade pela folkcomunicação. **Comunicação & Sociedade**, v. 38, n. 3, p. 228-339, 2016.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, p. 62-83, 2006.
- ESCUADERO, C.; SANTANA, F. Comunicação, informação e cultura: a agenda de resistências e lutas de comunidades brasileiras no exterior a partir do olhar decolonial. *Revista Eptic*, São Cristóvão, v. 24, n. 1, p. 187-204, jan./abr. 2022.
- FERNANDES, G. M.; SANTANA, F. M.; WOITOWICZ, K. J. Folkcomunicação e resistência: elementos de uma práxis informacional. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 20 n. 38, p. 60-71, set./dez. 2021.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 38 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- GURGEL, Eduardo Amaral. Comunicação estratégica. *In:* MARQUES DE MELO, José; GURGEL, Eduardo Amaral. (Orgs.). **Luiz Beltrão: singular e plural.** São Paulo: Intercom, 2014. p. 235-254.
- MACIEL, Betânia. Folkcomunicação e desenvolvimento local. *In:* LOPES FILHO, Boanerges Balbino; FERNANDES, Guilherme Moreira, et al. (orgs). **A Folkcomunicação no limiar do século XXI.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 43-52.
- MARQUES DE MELO, José. **História do pensamento comunicacional:** cenários e personagens. São Paulo: Paulus, 2003.
- MARQUES DE MELO, José. Políticas públicas de comunicação: desafios brasileiros na era digital. *In:* SCHMIDT, Cristina; VALENTE, Heloisa; PRADOS, Rosália Maria. **Mídia e políticas culturais.** São Paulo: Ícone, 2015. p. 52-64.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- PAIVA, Raquel. (Orgs.). **O retorno da comunidade:** os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias.** São Paulo: Paulus, 2005.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. *In:* DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). (Org.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005. p. 125-145.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Comunicação para o desenvolvimento, comunicação para a transformação social. *In:* MONTEIRO NETO, A. (Org.). **Sociedade, política e desenvolvimento.** Brasília: Ipea, 2014. p. 161-195.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Culturas populares na folkcomunicação e na comunicação popular, comunitária e alternativa: da decodificação midiática à resistência política. *In:* SCHMIDT, Cristina; HOHLFELDT, Antônio; MERGULHÃO, Eliane. (Orgs.). **A comunicação dos marginalizados nas rupturas democráticas.** Porto Alegre: Edipucrs, 2022. p. 31-66.
- RINCÓN, Omar. Mutações bastardas da comunicação. **MATRIZES**, n. 12, v. 1, p. 65-78. 2018.
- SANTANA, Flávio Menezes. **O Caranguejo e a construção da identidade cultural de Aracaju:** uma análise folkcomunicacional. 2020. Dissertação de mestrado em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, Brasil, 2020.
- SANTANA, F. M.; ESCUDERO, C.; FERNANDES, G. M. **Aproximações teóricas e metodológicas entre a folkcomunicação e a Comunicação para o Desenvolvimento (C4D).** No Prelo.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Los desafíos de las ciencias sociales hoy. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pensar el estado y la sociedad**: desafíos actuales. Aires: Waldhuter Editores, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento única à consciência universal. 29. Ed. Rio de Janeiro, Record, 2019.

SERVAES, J. Comunicación para el desarrollo: tres paradigmas, dos modelos. **Comunicação Midiática**, Bauru, a. 1, n. 1-2, p. 19-53, 2004.

TUFTE, T. O renascimento da Comunicação para a transformação social – Redefinindo a disciplina e a prática depois da ‘Primavera Árabe’. **Intercom RBCC**, São Paulo, n. 36, v. 2, p. 61-90, jul./dez. 2013.

Análise do impacto das desinformações no processo eleitoral do segundo turno de 2022

Alisson Breno Dias de Sousa¹
Matheus Moura Alencar de Barros²
Rebeca da Silva Santos Dias³
Thaila Vitoria Santos Vieira⁴
Lana Krisna de Carvalho Morais⁵
Universidade Estadual do Piauí, Picos.

RESUMO

Esse trabalho objetivou analisar o impacto da desinformação no processo eleitoral do ano de 2022 no Brasil, observando como as agências de checagem e combate à desinformação atuaram no decorrer do processo eleitoral. O devido trabalho buscou entender e ter noção de como a veiculação de notícias adulteradas existe não só em tempos atuais, mas está presente na nossa realidade e em nosso cotidiano antes mesmo de ter se iniciado essa nossa era digital, servindo como forma de alerta e motivação ao profissional jornalista, levando a procura de soluções ao combate ao contágio das fake news. Ao tratar sobre o contágio da desinformação como fruto de manipulação de tais conteúdos, o artigo discute acerca do conhecimento sobre os principais conceitos de informação falsa, desinformação, fake news, manipulação e como é relevante existir meios que buscam a apuração de determinadas informações. O estudo analisou os impactos da desinformação e verificou as estratégias de atuação da Agência Lupa e Aos Fatos, no combate à desinformação no período eleitoral, entre 06 a 31 de outubro de 2022, ressaltando a relevância do papel ao combate às fake news, utilizando como matéria o livro Jornalismo, fake news e desinformação de Cheryllyn Ireton e Julie Poletti. Alcançando como resultado a visibilidade do extremo papel das agências em meio a sociedade como ferramenta na corrupção das fakes news.

PALAVRAS-CHAVE: Fake News; Desinformação; Política; Checagem e eleições.

INTRODUÇÃO

O termo fake news vem sendo utilizado por diversas pessoas do Brasil para caracterizar a reprodução de notícias e informações falsas, fenômeno que se expandiu a partir de 2016 com as eleições presidenciais dos Estados Unidos e popularizou-se na

¹ Acadêmico do 3º período de Jornalismo da Uespi- alissonbrenodiasdes@aluno.uespi.br

² Acadêmico do 3º período de Jornalismo da Uespi- matheusmadeb@aluno.uespi.br

³ Acadêmica do 3º período de Jornalismo da Uespi- rdasilvasd@aluno.uespi.br

⁴ Acadêmica do 3º período de Jornalismo da Uespi- thailavitoriasvieira@aluno.uespi.br

⁵ Professora do curso de Jornalismo da Uespi – lanakrisna@pcs.uespi.br

internet gerando uma guerra de desinformação no jornalismo. No Brasil, por exemplo, esse termo começou a se popularizar nas eleições presidenciais de 2018, quando começaram a surgir diversas fake news espalhadas por pessoas fora da área do jornalismo e com a intenção de aviltar a imagem de determinado partido. Considerando que a liberdade de opinião e expressão é um sistema de mobilização do público, pois hoje não é obrigatoriamente preciso ter uma formação em jornalismo para criar um blog ou portal de notícias, qualquer pessoa de qualquer lugar tem esse poder e essa liberdade. Todavia, o conceito de desinformação não é somente datado nos dias de hoje como muitos imaginam, é uma história que começa lá na Roma Antiga (IRETON e POSETTIL, 2019) e que se aperfeiçoou com as novas tecnologias, este artigo parte da discussão sobre algumas definições dos termos: fake news, informação incorreta, desinformação e desordem da informação, para, em seguida, analisar esses termos apresentados pelos comunicadores da mídia presentes nas eleições políticas presidenciais.

Tem como objetivo geral analisar o impacto da desinformação no processo eleitoral, e como específicos, identificar as desinformações checadas pelo recorte temporal de três checagens das agências Lupa e Aos fatos durante o período de 24 a 31 de outubro de 2022, além de compreender quais foram os principais atores de propagação de notícias e desinformação a partir das checagens e descrever as estratégias utilizadas nos processos de desinformação. O caminho metodológico usado nesse artigo foi análise de conteúdo como método de estudo de caso e abordagem qualitativa que de acordo com Bardin (1977, p.9) descreve a análise de conteúdo sendo: “Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a >>discursos<< (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Ao final refletiu-se sobre como esse termo influencia de maneira negativa a ideologia que as pessoas têm, tanto no aspecto político, como no religioso e cultural. O intuito é contribuir para uma definição conceitual sobre a fake news e promover uma reflexão e debate sobre a prática jornalística a respeito dessa guerra de desinformação.

1. O QUE É MESMO A ‘FAKE NEWS’?

Podemos pensar em desinformação como um fato de não ser informado, não possuir conhecimento sobre aquele assunto ou até mesmo não ter informação sobre determinado dado para poder debater. Apesar do termo ter se popularizado, não é correto definir fake news como notícia falsa, pois se é falso não é notícia, embora muitos ainda

usam esse termo para definir, mas, podemos esclarecer como a propagação de informações incorretas na mídia. Entretanto, manipular informação é um fator que acontece não somente nos dias atuais, é um ponto característico da história que vem acontecendo há muito tempo, até mesmo antes do jornalismo se estabelecer na sociedade ou das pessoas saberem o que é notícia e informação verídica.

Um dos primeiros registros vem da época da Roma Antiga, quando Antônio encontrou-se com Cleópatra e seu inimigo político Otaviano lançou uma campanha de difamação contra ele com “slogans curtos e afiados escritos em moedas no estilo dos tweets arcaicos”. O transgressor tornou-se o primeiro imperador romano e fake news permitiram que Otaviano invadisse o sistema republicano de uma vez por todas (IRETON por POSETTIL, 2019, p.16).

Vale salientar, que embora a tecnologia tenha se aperfeiçoado ao longo dos anos e os tempos sejam diferentes, a história traz elementos da causa e consequências do fenômeno contemporâneo de desordem da informação. Sendo assim, é notável que a manipulação de informações acontece há muito mais tempo que o profissionalismo jornalístico, já que é um fator recente comparado ao outro. E com o modelo capitalista/industrial, que se desenvolveu ao longo do século XX, os esforços por audiência e visibilidade aumentaram, de modo que as pessoas começaram a vender notícia em troca de lucro e muitas vezes, sem procurar verificar as fontes e a informação para saber se aquele relato era realmente verdadeiro, o que causou um aumento na propagação de informações falsas e desinformação na sociedade. No entanto, nem sempre é a imprensa que reproduz esses saberes, a liberdade de expressão fez com que todos tivessem esse acesso de produzir e transmitir conteúdos para a mídia, e é nesse contexto que surge o termo ‘fake news’, a propagação de informações falsas que causa a desinformação no leitor e que arrisca o papel do jornalismo nessa era digital, principalmente porque esse jornalismo se torna vítima, devido a desinformação no formato de notícias ocorrerem em sites falsos, criados com essa finalidade de ser um portador de desinformação, que reduz a confiança das pessoas e se tornar desacreditado pela sociedade ao ponto de promover uma visão cínica de que não há distinção entre as narrativas dentro do jornalismo e as narrativas de desinformação.

E é exatamente devido a essa evolução da desordem da informação que surge uma ameaça no jornalismo, no qual jornalistas são assediados e veículos de imprensa são

manipulados, principalmente em período de eleições, muitos são obrigados a emitir notas enaltecendo partido A e desmerecendo partido B, como uma forma de controle e para influenciar os eleitores que são leitores ter a visão que eles querem. Às vezes usam até uma notícia verdadeira com outro modelo falso para confundir a mente do leitor, isso é chamado de informação incorreta, quando é usado algo verídico para manipular e confundir a população. Em cidades com um número pequeno de habitantes, por exemplo, é bastante comum haver ainda o controle de notícias que é emitido pelo veículo jornalístico daquele lugar, somente é permitido postar notas sensacionalistas e que convém com a influência partidária política atual daquela cidade. O que faz remeter ao tempo do voto por cabresto, no qual o patrão mandava em qual candidato seu funcionário deveria votar, e apesar de serem tempos modernos, há ainda muito disso na sociedade, onde pessoas são coagidas a escolher um lado que não condiz com sua ideologia pelo fato de serem ameaçadas a perder seu emprego ou algum benefício social.

1.2. Informação incorreta

No contexto atual do século XXI, é importante observar que a desinformação é um problema global que envolve não somente política, mas, mudanças climáticas, ambientais, entretenimento e etc. Com a modernização, podemos dizer que estamos vivendo a era da tecnologia e os profissionais tecnológicos estão buscando maneiras de remover informações incorretas e desinformação das suas plataformas, já que as redes sociais e as novas plataformas de comunicação digital, como whatsapp, telegram e etc, estão sendo o principal transmissor de propagação falsa na internet. E essa desordem da informação acaba se tornando um assunto muito complexo para os jornalistas porque quando se trata de liberdade de expressão eles consideram-se os defensores essenciais da sociedade e com essa popularização das fake news, muitas pessoas acabam associando o problema aos jornalistas e os culpando por isso, transmitindo assim ódio e ofensas ao seu trabalho, pois não possuem o conhecimento necessário para distinguir os termos e pesquisar para saber a verdade. Sendo assim, essa desinformação e informação incorreta prejudicam e desafiam a reputação e segurança dos jornalistas, fazendo a sociedade se questionar dos propósitos e eficácia, e a perpetuar a degradação do jornalismo em detrimento do discurso cívico. Com isso, é importante que as democracias tenham um papel de defesa no jornalismo, e na proteção de suas fontes onde o interesse cidadão entra

em jogo.

Durante o ano de 2022, a propagação de informações incorretas teve um índice elevado no Brasil, devido às eleições presidenciais, quando espalhar fake news setornou um fator normal, havendo uma banalização sobre a disseminação e consumo de desinformação como forma de prejudicar a imagem dos candidatos à presidência no país e de manipular a sociedade para votar em determinado partido. Entre os exemplos de informação incorreta temos as falas durante os observado nos debates presidenciais da emissora da rede Globo, onde os próprios candidatos estavam usando seus dados estatísticos de boas ações ao país de forma exagerada para confundir os telespectadores, pois há certa verdade acerca das ações dos candidatos, que beneficiaram grande número de pessoas, porém, esses números na maioria das vezes não eram exatos, e isso é um exemplo de informação incorreta usada para manipular a sociedade.

2. AS DESINFORMAÇÕES E OS IMPACTOS NOS PROCESSOS ELEITORAIS

É dentro desse contexto que esse trabalho buscará entender os reais impactos da desinformação nas eleições brasileiras, através da observação e análises de fatos recorrentes nas eleições de 2022 e em outras épocas. É importante deixar claro que as informações falsas circulam como estratégia política há muito tempo, no entanto, suas formas e ferramentas foram atualizadas e pensadas intencionalmente para causar desinformação e divulgadas de modo massivo na internet. Exemplos clássicos de propagação de notícias falsas são facilmente encontrados nos anais da história do Brasil, principalmente quando se observa o setor político. Getúlio Vargas foi o precursor da propaganda e publicidade política em uma época em que pouco se ouvia falar de rádios e jornais no país, de certa forma que foi utilizado e paramentando esses meios de comunicação que se obteve o controle das narrativas da época.

De acordo com dados históricos e com o autor Vitor Amorim de Angelo (2011), em 30 de setembro de 1937, o chefe do Estado-Maior do Exército brasileiro, general Góes Monteiro, anunciou, no programa de rádio “Hora do Brasil”, que havia um suposto plano cujo objetivo era a derrubada do presidente Getúlio Vargas. Denominado de Plano Cohen, foi então tratado como uma ameaça à segurança e soberania do país, que previa a eliminação de chefes militares, a agitação de operários e estudantes, a liberdade de presos políticos, o incêndio de casas e prédios, além de saques e depredações. A farsa foi

revelada em 1945 pelo próprio general Góes Monteiro, mas naquela altura o país já vivia na ditadura do “Estado Novo”, que foi implantada por Vargas justamente como resposta a essa suposta ameaça.

A recorrência da utilização do medo e do temor no discurso político serve como forma de controle das narrativas e de poder, sob uma população que corriqueiramente consome informações das diversas formas e em sua maioria não checam as fontes, como cita Vera Malaguti Batista:

No Brasil a difusão do medo do caos e da desordem tem sempre servido para detonar estratégias de neutralização e disciplinamento planejado das massas empobrecidas. O ordenamento introduzido pela escravidão na formação socioeconômica sofre diversos abalos a qualquer ameaça de insurreição. O fim da escravidão e a implantação da República (fenômenos quase concomitantes) não romperam jamais aquele ordenamento. Nem do ponto de vista socioeconômico, nem do cultural. Daí as consecutivas ondas de medo da rebelião negra, da descida dos morros. Elas são necessárias para a implantação de políticas de lei e ordem. A massa negra, escrava ou liberta, se transforma num gigantesco Zumbi que assombra a civilização; dos quilombos ao arrastão nas praias cariocas (BATISTA, 2003, p. 21).

Hoje em dia as ferramentas disponíveis na internet servem como fomento de discussões e encontros que até anos atrás seriam impossíveis de acontecer recorrentemente devido às dificuldades. Essa comunicação que foi facilitada traz também questões que vêm sendo observadas e entendidas como facilitadores da desinformação. Há diversos tipos de público que utilizam a internet de forma corriqueira, mas que até anos atrás nunca tiveram contato com essa ferramenta, é o que se observa, por exemplo, na faixa etária das pessoas que têm acima dos 40 anos e nunca foram “nativos digitais”. São grupos que tendem a ter dificuldade em lidar com o meio digital e que dependendo da classe social, é ampliada ainda mais o abismo com outras camadas sociais. A desinformação encontra brechas através dos canais de comunicação que tendem a aproximar as pessoas e tornar o diálogo informal cada vez mais acessível e confortável, sendo assim o ambiente ideal onde as desinformações são espalhadas sem a busca pela veracidade, como são os grupos de Whatsapp e Facebook, que conectam amigos, colegas, familiares e até mesmo desconhecidos, em um só lugar.

Em 1989, após o período da ditadura militar e a abertura da redemocratização houve finalmente eleições diretas para presidente do Brasil, cujo acirrado segundo turno

foi disputado entre Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Fernando Collor de Mello (PRN), em meio a uma eleição teria 22 candidatos e que inicialmente teve até Silvio Santos como um dos concorrentes. Enquanto Collor era um candidato que pautava a moralização da política, o nacionalismo e os ideais mercantis, o candidato Lula adotava uma linguagem popular e simples que cativava a classe trabalhadora do país. Tais fatores fizeram o candidato Collor ser reverenciado pelas elites econômicas e consequentemente pela mídia.

Na estratégia eleitoral representada por Collor, a nova direita discursava, então, para a nova elite - a burguesia exportadora e o setor financeiro, além do grande comércio, dos negócios imobiliários urbanos e das pequenas e médias empresas industriais - em um tom cuja essência era a de que o poder político deve e pode ser recriado em um novo mercado político, longe da tutela do Estado; diferentemente, portanto, dos seus então opositores, a velha elite empresarial. A mídia, principalmente a televisão, foi componente fundamental no processo mobilizatório desse quadro de enorme complexidade política (AVELAR, 1992, p.52).

De acordo também com Avelar, nesse contexto em que se observam várias tentativas de desqualificação da campanha de Collor contra Lula como exemplo as falsas acusações familiares envolvendo sua filha e a associação com sequestradores do empresário Abílio Diniz. Além disso, havia-se a suspeita de favorecimento do candidato Fernando Collor, como no debate onde a Rede Globo claramente preparou um falso dossiê contra Lula, tentando lhe intimidar e prejudicar. Dados mais concretos também podem ser observados: “Um relatório do DENTEL (Departamento Nacional de Telecomunicações), divulgado em 08/12/89, aponta o favoritismo da Rede Globo para Fernando Collor de Mello: ele teria 78,55% mais tempo de divulgação no noticiário político, se comparado ao do seu concorrente Lula, no período de 27/11 a 06/12/89.” (AVELAR, 1992, p. 9).

Refletir sobre o passado recente do país favorece o exercício de entendimento do presente e é nesse contexto que inevitavelmente se faz um paralelo com diversos acontecimentos ao decorrer do tempo. A linguagem da internet trouxe uma forma dinâmica de comunicação, onde muitas vezes um conteúdo “viraliza” não por seu conteúdo em si, mas por conta da linguagem, da forma de comunicar pretendida pelo emissor e até mesmo da plataforma digital escolhida.

3. A IMPORTÂNCIA DAS AGÊNCIAS DE CHECAGEM COMO AGENTES DE COMBATE A DESINFORMAÇÃO

Atualmente diversas agências de checagem são essenciais no combate a fake news no Brasil, dentre elas existem três que têm uma grande relevância, são elas a Agência Lupa, Aos Fatos e UOL, ambas serviram para auxiliar durante as eleições de 2022, no quesito desinformação. A Lupa, inicialmente foi criada em 2015, e a equipe era composta apenas por 4 pessoas, a empresa surgiu de uma aposta no fact-checking, que naquela época ainda era pouco conhecida no Brasil. (LUPA, 2022). Sua primeira cobertura eleitoral foi no ano de 2016, quando realizou a checagem das declarações de candidatos às prefeituras do Rio de Janeiro e São Paulo, em 2018 a Lupa checa todos os debates presidenciais e torna-se a primeira plataforma de checagem do mundo a fazer duas coberturas de verificação de fatos em tempo real, em 2021 ela estabelece um hub de combate à desinformação, através do Lupa Jornalismo. O Aos Fatos também foi criada no mesmo ano em 2015, porém um pouco antes da Lupa que foi em 3 de novembro, a mesma fundou-se em 5 de julho com o intuito de verificar o que é falso e verdadeiro nos discursos políticos, ela foi a primeira plataforma brasileira a checar sistematicamente o discurso público, e usa o slogan “valorize o que é real, (AOSFATOS, 2015).

A disputa pela presidência do Brasil no ano de 2022 foi a mais acirrada da história, o segundo turno disputado por candidatos com formas, olhares e opiniões bastante divergentes, somado a uma quantidade exacerbante de eleitores dos dois partidos, fez com que a propagação de desinformações sobre ambos circulasse rapidamente, fazendo com que a população tivesse acesso e acreditasse em tais narrativas. Um meio que foi bastante usado como fake news no país foi a propagação de fotos e vídeos que não tinham nenhuma ligação se quer com o partido político, porém foram utilizados como forma de atingir a imagem de tal.

Serão analisadas a seguir três notícias do período eleitoral de 2022 no segundo turno, que têm relação com os candidatos à presidência deste intervalo de tempo, será possível observar de que forma elas chegaram ao público, quais foram as consequências e como tais pautas afetaram a candidatura dos oponentes durante as eleições.

Uma das narrativas que circulou nas redes sociais durante o período eleitoral de 2022, foi uma postagem que é usada a foto de uma placa com a seguinte frase: “banheiro

infantil unissex”. A legenda da imagem associava tal notícia ao governo de Lula, eleitores do candidato Bolsonaro começaram a espalhar que tal postagem estaria no plano de governo do candidato do PT, o que gerou grande comoção diante da sociedade e dividiu opiniões. O site da ‘UOL’ conferiu a notícia e publicou que se tratava de uma fake news, não havia nada relacionado a banheiros unissex no plano de governo do concorrente a presidência do PT.

Atrelado a essa narrativa o portal da ‘Folha de São Paulo’ problematizou tal discussão, como poderia um candidato à presidência se preocupar com banheiros unissex se em grande parte das escolas nem banheiro havia?

Diferentemente das fake news sobre banheiros unissex, instrumentalizadas pela extrema direita para criar um clima de pânico moral, escolas sem banheiro são um problema concreto no Brasil. Segundo o Censo Escolar divulgado este ano pelo Inep, havia em 2021 no país 3,7 mil colégios públicos sem nenhum banheiro. Estudavam nessas escolas 608 mil alunos, a maioria deles (67%) em estados do Nordeste. O problema se agravou durante a pandemia: em 2019, havia 3,6 mil escolas nessa situação (2,4% do total); em 2020, eram 4,3 mil (3,5% do total, proporção que se manteve em 2021). (FOLHA DE S.PAULO, 2022, online).

Outro fato que pode ser citado como exemplo, nesse contexto é o da foto que aparece Diego Raymond ao lado do candidato Lula do PT, e logo é considerado como traficante por ser negro. Além de ser uma informação incorreta, pois segundo dados verificados do instagram 'aos fatos', Diego foi absolvido da acusação de associação com tráfico em 2011 e trabalha como ator e modelo atualmente, a grande desigualdade e aumento do racismo estrutural no Brasil, ainda faz com que muitas pessoas discriminem racialmente pessoas negras por associá-las a classe baixa de bandidos, pobres e traficantes. Tornando-se assim, outro fator que ajuda a espalhar fake news, pois várias pessoas possuem ainda um olhar preconceituoso sobre raça, religião e classe, o que acaba influenciando de maneira negativa o pensar da população sobre a ideologia de determinado partido. Devido ao preconceito mútuo que ainda existe na sociedade.



Contudo não foi apenas o candidato do partido PT que sofreu o peso de tais narrativas enganosas, o candidato do PL Jair Messias Bolsonaro também teve seu nome associado a fake news durante o período das eleições de 2022.

Mais uma notícia que viralizou na rede social WhatsApp foi uma captura de tela supostamente publicada pelo portal de notícias G1, na qual o título fala que um padre do Rio Grande do Sul da cidade de Candiota foi agredido por eleitores do candidato Bolsonaro. A notícia diz que o sacerdote teria pregado sobre ensinamentos bíblicos e logo após foi agredido, pois a pregação teria sido interpretada como uma crítica ao candidato do PL. De acordo com uma verificação postada no dia 25 de outubro de 2022 por o instagram da 'agencia-lupa' essa informação é falsa, pois ocorreu uma montagem, é informado na rede que não há nenhum registro de texto do G1 com determinado título, o portal da Globo afirmou em nota que tal conteúdo nunca foi publicado pelo veículo.



Essa fake news foi publicada com a intenção de manchar a imagem do candidato do PL através de seus eleitores, para que a população fizesse uma associação da índole das pessoas que supostamente cometeram tal ato com a do presidente. Tentando de maneira mentirosa mostrar para a sociedade que pessoas que seguem o político cometem tal tipo de atrocidade seguindo sua linha de raciocínio, conseguindo assim manipular o pensamento dos indivíduos.

Foi uma discussão que gerou muitas observações para a forma como o candidato Jair Bolsonaro e seus eleitores pensavam e lidavam com situações assim, sendo muito mais importante abrir uma questão moral que nem existia e problematizá-la para afetar seu oponente do que voltar sua atenção para situações que realmente necessitavam do seu cuidado.

A questão religiosa foi bastante citada durante as eleições de 2022, justamente na intenção de causar discórdia e dividir opinião sobre os candidatos, a maioria das pessoas votam de acordo com seus ideais e indivíduos que são fervorosos na sua religião como, por exemplo, os evangélicos ou católicos, vão procurar de alguma forma seguir os ensinamentos bíblicos, porém é importante tomar cuidado pois isso pode se confundir e ser interpretado de formas errôneas, é de grande relevância que na hora de escolher um candidato seja feita uma pesquisa bem mais aprofundada e não somente focar no teor religioso.

Como foi visto, mesmo com avanço da tecnologia e com o aumento do acesso à informação que existe na conjuntura atual, muitas pessoas ainda são manipuladas com mentiras vindas das redes sociais, alguns indivíduos nem sabem o significado do termo “fake news” o que agrava ainda mais essa situação. O poder que uma notícia falsa tem e a forma como ela pode se propagar para todo o mundo é imensurável, a partir do momento que ela começa a circular nos meios, é demasiadamente complicado para que o quadro seja revertido.

É nesse quesito que agem as agências de checagem, elas têm uma relevância muito grande na atualidade, pois com as mídias sociais no seu auge a população tem um enorme acesso a todo tipo de informação em todos os meios, tornando de difícil compreensão o que é verdadeiro e falso, acabando por propagar fake news mesmo sem intenção. O acesso à informação no nosso cotidiano além de útil é extremamente necessário, pois gera opiniões, modos de pensar, de agir e alinha novas ideias, frisando o período eleitoral onde escolhemos alguém que nos represente, que lute por nossos ideais e que tenha expectativas de futuro alinhadas com as nossas, é essencial que sejam

repassadas informações verídicas e de qualidade para sociedade, fazendo com que assim a cidadania seja exercida da melhor maneira possível.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mídias e redes sociais digitais em pleno ano de 2022 têm gerado cada vez mais impacto social, como forma de propagação a desinformação através das fake news, aumentando o índice de alienação social em momentos decisivos em meio à sociedade, como em tempos eleitorais. As desinformações aos longos dos anos tem infelizmente ganhado amplo destaque e vem se tornando o principal arqui-inimigo da profissão jornalística, devido colocar em risco a conduta profissional ao gerar “comparações”. Atualmente um dos principais palcos para tamanha atrocidade tem se tornado os aplicativos sociais como Instagram, Twitter, WhatsApp, tiktok, entre outros, devido a fácil manipulação de imagem, informação e simples acesso da população em geral.

As empresas de checagem foram importantes nesse período eleitoral de 2022 para desmistificar e combater as fakes news, resgatar o valor da notícia, valorizar a profissão jornalística que por muitos foi degradada e principalmente resguardar a consciência da sociedade. Vale ressaltar que o jornalista tem como dever apurar os fatos e levar notícias concretas para a sociedade, para que os receptores de informações tenham consciência da realidade e da proporção de poder que uma informação tem sobre um indivíduo, visto que a notícia gera comentários e alicerça opiniões, sejam boas ou ruins.

Levando em conta que muitos não têm fácil acesso a apuração verídica de determinadas informações e estão mais aptos a fortalecer a alienação social devido a carência de acesso a uma notícia “segura”, obtendo como resultado grandes impactos sociais, principalmente por muitas das notícias serem acompanhadas por temáticas de valores importantes como educação, cultura e religião, se tornando armas nas mãos de pessoas más intencionadas. As agências “Aos fatos” e a agência “Lupa”, tiveram como estratégia, usar como um dos principais espaços a plataforma instagram para trazer resultados e pesquisas apuradas, usando ao seu favor essa grande rede.

Nesse contexto, é imprescindível que o jornalismo deve ter um papel de procurar criar mais páginas de verificação de notícias e códigos de conduta para que assim, por meio da mídia, o público possa ter mais confiança nas fontes jornalísticas e saiba diferenciar o que é verdadeiro e falso, é claro que isso não acontece rapidamente, mas, é preciso buscar mecanismo que ajudem os jornalistas a lidar melhor com essa “guerra da desinformação” no âmbito atual, para que assim haja uma sociedade mais segura das informações que são passadas por veículos de comunicação.

O objetivo de analisar e estudar o funcionamento das agências foi alcançado de forma positiva, mostrando o quanto é importante a existência de veículos que atuam diretamente na luta contra a propagação de informações falsas, que gerenciam rapidamente a uma constante alienação. Com base na pesquisa concluímos que a desinformação como forma de cooptação política, ou seja, o favoritismo partidário, formado com base em informações distorcidas é uma ação antiga, entretanto é também assunto atual, que ganha outras dimensões com a força da internet. As agências de checagem têm grande papel, porém é necessária uma conscientização da população que consome os diversos tipos de conteúdo. Ler e interpretar um texto infelizmente não é tão acessível para grande parte da população, que sofre com a defasagem educacional desde sua base. Por tanto se faz necessário um trabalho contínuo das diversas forças sociais e até mesmo estatais, para que se possa combater a desinformação dando as ferramentas necessárias para que a população possa um dia se regular e fortalecer a imprensa que atua com seriedade e compromisso.

REFERÊNCIAS

Agência Lupa. **MOMENTOS DOS 7 ANOS**. 03 nov, 2022. Instagram: @agencia_lupa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CkgegmEIDtJ/?igshid=NTFIZDUzZmM=>. Acesso em 07 nov, 2022.

ANGELO, Vitor Amorim de. **Plano Cohen- Uma fraude para manter Vargas no poder**. Uol Educação. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/plano-cohen-uma-fraude-para-manter-vargas-no-governo.htm> Acesso: 15/10/2022.

AVELAR, Lúcia. As eleições na era da televisão. RAE: Revista de administração de empresas, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 42-57, set./out. 1992.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo, In: BARDIN, Laurence. 70. ed. Lisboa/Portugal: Presses Universitaires de France, 1977. cap. 01, p, 09.

BATISTA, Vera Malaguti. O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história. 2ªEd. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

LUPA, Agência . O G1 não noticiou suposta agressão de bolsonaristas ao padre no Rio Grande do Sul . [S.l.]. 25 out. 2022. Instagram: Agência Lupa e Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CkImkzcvpW/?igshid=YzdkMWQ2MWU=>. Acesso em: 21 nov.2022.

MAZZA, Luigi e PILAR, Vitória. Nem banheiro unissex nem banheiro algum. Folha de S.Paulo, 18 de out. de 2022. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/nem-banheiro-unissex-nem-banheiro-algum/>>. Acesso em: 21 de nov. 2022.

POSETTI, C. I. E. J. et al. **Jornalismo, Fake News e Desinformação : Manual para educação e treinamento em jornalismo**. São Paulo : Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)., 2018. P.130

Quem Somos. **Aos Fatos**. Disponível em:<https://www.aosfatos.org/quem-somos/>. Acesso em 07, Out 2022.

Violência Contra Jornalistas nas Redes Sociais¹

Josiana Araújo Santos²
Karen Miranda Rodrigues³
Paloma Aparecida Machado de Sousa⁴
Lana Krisna de Carvalho Morais⁵

RESUMO

Este artigo discute a violência contra jornalistas nas redes sociais, com destaque ao crescimento que ocorreu nos últimos anos e busca problematizar os discursos de ódio praticados na atualidade, principalmente com a questão de gênero. Tem como objetivo entender como as redes sociais contribuíram com o avanço da propagação de ódio contra a profissão. A problemática norteadora para a pesquisa vem diante do crescente aumento de casos de ataques contra jornalistas, através disso foram levantados os questionamentos: como as redes se tornaram um terreno fértil para discurso de ódio? Buscar compreender como a violência chega e afeta os gêneros? E quais impactos causam esses ataques? Para tanto, foram utilizadas pesquisas documentais em relatórios e análise de publicações do Presidente Jair Bolsonaro no Twitter e Youtube. Como um dos principais resultados deste estudo, foi possível observar que a política é um dos cenários onde mais ocorrem ataques aos jornalistas dentro das redes sociais.

Palavras-chave: Jornalismo; Violência; Discurso de Ódio; Redes Sociais.

INTRODUÇÃO

O crescimento da violência contra jornalistas nos últimos anos mostra visivelmente a amplitude do fenômeno desinformação, esse fenômeno viola diversos direitos comunicacionais, individuais, de interesses públicos, direito à informação garantida à população e vários outros.

A violência contra a comunicação e contra jornalistas alimenta a desconfiança e a dúvida, tanto em meios de mediação – redes sociais, tv, rádio, etc. – da informação, como também dos mediadores – jornalistas. À medida que as redes sociais se tornaram um ambiente favorável para a propagação de informação, também se transformou em um

¹ Trabalho apresentado no GT 2 – Processos Comunicacionais, da 5ª Semana de Comunicação Social da UESPI de Picos.

² Graduanda do 3º período do curso de Bacharelado em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí, Campus Barros Araújo (Picos). E-mail: josianaaraujosantos@aluno.uespi.br

³ Graduanda do 3º período do curso de Bacharelado em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí, Campus Barros Araújo (Picos). E-mail: kmirandar@aluno.uespi.br

⁴ Graduanda do 3º período do curso de Bacharelado em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí, Campus Barros Araújo (Picos). E-mail: pamdesousa@aluno.uespi.br

⁵ Professora e orientadora do curso de Bacharelado em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí, Campus Barros Araújo (Picos). E-mail: lanakrisna@pcs.uespi.br

“solo fértil” para diversos tipos de ataques contra profissionais, a democracia e a informação.

Os atuais cenários políticos, econômicos, ambiental e o enfrentamento de uma pandemia que foi uma crise na saúde e desencadeou vários outros fatores mundiais intensificaram ao passar dos anos a migração para um jornalismo digital, esses assuntos quando tratados fisicamente já geram muitas discussões, quando levados para redes sociais causa grandes debates, pois nesses ambientes existem consumidores e apoiadores de diversos conteúdos referentes aos temas apresentados, as famosas “bolhas” – termo usado para denominar grupos que consomem e acreditam nas mesmas ideologias e práticas.

Segundo levantamento realizado pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, 283 casos de ataques ocorreram na internet especialmente nas redes sociais, isso corresponde a 62,5% do número total, e 170 dos ataques não tiveram relação com esse meio, correspondendo a 37,5% (ABRAJI,2021). Mais da metade desses casos ocorre principalmente por assuntos políticos, o presidente Jair Bolsonaro é citado como um dos atacantes, além dos seus apoiadores, com discursos estigmatizantes, tentativa de censura e outros.

Diante disso, propomos neste artigo analisar o crescimento da violência midiática contra jornalistas nas redes sociais, com um recorte entre os anos de 2019 – 2022. Com os objetivos de compreender como as redes sociais se tornaram um terreno fértil para discurso de ódio e causas de violência midiática; relacionar a violência contra jornalistas com a questão de gênero e identificar os impactos causados por essa violência. Algumas questões foram norteadoras para o curso da pesquisa. Assim, como as redes se tornaram um terreno fértil para discurso de ódio? Buscar compreender como a violência chega e afeta os gêneros? E quais impactos causam esses ataques?

Este artigo fez uso da pesquisa documental, a partir de relatórios publicados pela ABRAJI (2021) e Repórteres Sem Fronteiras (2022), além da análise de conteúdo de publicações do Presidente Jair Bolsonaro no Twitter e no seu canal do Youtube e repercussão entre seus seguidores. As publicações selecionadas foram realizadas de 2022 e escolhidas a partir do critério de interesse da pesquisa, que visa analisar a violência

contra jornalistas. Para construção do referencial teórico, também fizemos uso da pesquisa bibliográfica.

1. JORNALISMO E AS REDES

O jornalismo é uma das atividades necessárias ao funcionamento da sociedade e, além disso, a consolidação do projeto democrático. E por meio de atividades e informações desenvolvidas por jornalistas, que permitem e ofertam notícias, relatando acontecimentos. Os jornalistas possuem um papel importante a ser executado em relação a sociedade.

O desenvolvimento da internet trouxe e continua trazendo significativas mudanças para o jornalismo e suas práticas. A internet é hoje um terreno fértil na área de comunicação. O avanço nas tecnologias, o aprimoramento das práticas jornalísticas está relacionado com o avanço de novas finalidades na web.

Através da internet hoje, há vários ambientes de propagação da comunicação. As redes sociais, através dessas finalidades do ambiente online, o jornalismo aprimora sua capacidade de produzir e distribuir diversos conteúdos noticiosos. Castell (2017) denomina essa nova forma de comunicação como autocomunicação de massa.

Nesse cenário é importante entender como esses processos de inovações no âmbito jornalístico relacionando as redes sociais afetam o mundo dos profissionais de comunicação. As redes sociais, um ambiente em que as pessoas buscam uma interação e veem novas ferramentas jornalísticas, da produção a distribuição de conteúdo noticiosos é importante trazer o contexto e a relação do jornalista com os que buscam informação e interações através das redes sociais.

As mídias estão cada vez mais ampliadas, as maneiras como as informações são noticiadas através das redes sociais, os diálogos dos internautas através dos comentários na notícia, independente de criticar ou elogiar as informações passadas pelo jornalista.

Com relação à midiatização, está ampliando o contato entre o jornalista e o público consumidor de suas notícias e outros conteúdos, o que também contribui para a possibilidade de ataques e discursos de ódio, sejam direcionadas aos profissionais de comunicação. Entre esses ataques, podemos citar o assédio virtual (com campanhas de

desinformação, ataques criminosos e mensagens agressivas destinadas aos jornalistas) e a produção de “Fake News” com o intuito de insultar diretamente a credibilidade dos jornalistas.

2. OS DISCURSOS DE ÓDIO

Hate Speech, ou melhor, discurso de ódio, consiste em expressões depreciativas de pensamento dirigidas a determinados grupos sociais com o objetivo de desqualificar e humilhar todo um grupo ou sujeito dentro desse grupo. Em geral, discurso de ódio é qualquer forma de expressão que humilha uma pessoa por causa de sua raça, etnia, religião, orientação sexual, nacionalidade ou deficiência física ou mental (BRUGGER, 2007).

Ênfase na discriminação com viés de Zimmer (2001 apud BRUGGER, 2007, p. 118) afirma que: “[...] discurso do ódio refere-se a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnia, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou preconceito contra tais pessoas”

Assim, o discurso de ódio é encontrado na divulgação de conteúdos que incitem ao ódio racial, homotransfobia, xenofobia, intolerância religiosa, misoginia e outras formas de aversão, pautadas na intolerância às diferenças, que arrostam as normas éticas estabelecidas pelo grupo que se sente "superiores" para justificar a privação de liberdade daqueles grupos considerados "inferiores".

No entanto, o discurso de ódio é um abuso da liberdade de expressão quando a manifestação de pensamentos e sentimentos atenta contra os direitos fundamentais dos outros, menosprezando e insultando o grupo. Para ser considerado discurso de ódio, o discurso deve necessariamente atingir o grupo, mesmo que seja dirigido contra uma pessoa específica.

Segundo Carcará (2014, p. 84): “A real intenção de quem pratica o discurso do ódio é retirar de um determinado ambiente aquele indivíduo e qualquer outro que pertença a tal grupo, preterir o exercício de um direito.”

O discurso do ódio é uma consequência do preconceito, posto que por ele se constroem as ideias odiosas e por elas se busca uma difusão que

pretende, além de macular moralmente as vítimas do assédio de ódio, difundir a ideia com o propósito de galgar adeptos a tal corrente gerando, portanto, mais preconceito. O discurso do ódio é uma mola propulsora do preconceito sendo por ele constituído e por ele propagado. Entretanto, não somente o preconceito é difundido no discurso do ódio. Essa primeira etapa é apenas uma passagem, pela qual o indivíduo que está predisposto a aderir a determinada ideia odiosa é afetado e se contamina com o juízo ultra generalizado, passando a incorporar aquele preconceito à sua integridade moral. De imediato, a repulsa a determinado comportamento moral é evidente, sendo passível a tolerância ou não. A intolerância é determinada quando há por parte do indivíduo preconceituoso uma incapacidade de conviver em um mesmo ambiente com determinada pessoa que possua um estereótipo contido na ideia odiosa. De igual forma a tolerância representa a aceitação daquele estereótipo no convívio, mas isso não representa a inexistência de preconceitos. Em um primeiro patamar, a difusão do discurso do ódio tende a gerar preconceito. A partir do momento em que o preconceito é absorvido e há a exclusão de um indivíduo ou de um grupo da fruição de qualquer direito, o preconceito transformasse em discriminação. (CARCARÁ, 2014, p. 97-98)

Segundo a edição de 2019 do Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa, publicado pela organização Repórteres Sem Fronteiras (RSF), estaria se tornando violência o discurso de ódio contra os jornalistas. Diante de agressões, ameaças e insultos a profissão virou alvo de grupos de ódio.

3. ATAQUES SOCIAIS DESTINADOS AO GÊNERO

Com o aumento da participação jornalística nas redes sociais os ataques e assédios online direcionados a essa profissão ganham espaço a cada dia. Esses ataques virtuais causam impactos e afetam a vida pessoal e profissional, além de ir contra a democracia, ao direito de informação e à liberdade de imprensa.

Das plataformas digitais utilizadas para disseminar as agressões, são apontadas o Twitter, Instagram, Facebook, WhatsApp, entre outras. Segundo pesquisas realizadas pelo o InternetLAB¹, o Twitter seria uma das redes onde as mulheres se sentiam mais vulneráveis. As redes sociais são lugares dinâmicos, onde a informação pode chegar e se

¹ Centro independente de pesquisa interdisciplinar que promove o debate acadêmico e a produção de conhecimento nas áreas de direito e tecnologia, sobretudo no campo da Internet. Constituído como uma entidade sem fins lucrativos, o InternetLab atua como ponto de articulação entre acadêmicos e representantes dos setores público, privado e da sociedade civil, incentivando o desenvolvimento de projetos que abordem os desafios de elaboração e implementação de políticas públicas em novas tecnologias, como privacidade, liberdade de expressão e questões ligadas a gênero e identidade. Colocar link

propagar mais rápido e a vários lugares, porém é nesse espaço também onde os (as) jornalistas se sentem mais vulneráveis e muitas vezes inibidos para tratar a notícia.

Na sua maioria esses ataques são direcionados a gêneros – em específico mulheres e pessoas LGBTQIA+. A disseminação maior vem por meio das redes sociais, utilizadas para disseminar comentários misóginos, sexuais, raciais e outros. Homens são os maiores responsáveis pelos ataques. Internautas não identificados, manifestantes, líderes religiosos, autoridades do governo, entre outros, utilizam seus cargos, nomes ou poder para tentar diminuir, humilhar ou tirar a credibilidade da vítima e da notícia que ela está passando.

No Twitter, dos cinco jornalistas mais associados aos ataques, quatro são mulheres, incluindo a jornalista mais atacada. Quanto a jornalistas mulheres, analisamos manualmente 4.997 tweets, dos quais 84,07% (4.401) não apresentaram conteúdo ofensivo, contra 15,93% (796) de tweets ofensivos. Em relação aos jornalistas homens, analisamos manualmente 4.187 tweets, dos quais 91,40% (3.827) não eram ofensivos, contra 8,60% (360) de tweets ofensivos. Assim, mulheres receberam mais do que o dobro de ofensas do que seus colegas homens no Twitter. (INTERNETLAB, 2022, p.16).

Pode-se perceber a discrepância dos números apresentados, são levantamentos preocupantes. Esses ataques direcionados às mulheres jornalistas consideram sua sexualidade, seu físico, sua intelectualidade e muitas vezes colocam em prova a sua capacidade de exercer a profissão. Tais ataques podem vir de várias formas, nas redes sociais – são comentários maldosos, movimentos para derrubar ou hackear a conta utilizada para a comunicação, podem ser mensagens e/ou divulgação de conteúdos difamatórios, racistas, homofóbicos, entre outros, que atingem a sua integridade, além de que muitas vezes essas agressões podem não se restringir às redes sociais e virem a ser uma violência física.

As mulheres são os maiores alvos dos ataques nas redes sociais, e são desqualificadas não só por sua profissão, mas também por seu gênero, sempre são utilizadas palavras de baixo calão ou xingamentos para referir-se a elas, além do mais são questionadas com quantos tiveram atos sexuais ou quais favores fizeram para chegarem onde estão, questionamentos esses que não são aplicados ou mudam o tom quando são atribuídos aos homens.

Os ataques acontecem em várias redes sociais, isso aumenta os discurso e ataques, simplesmente muitas vezes esses ataques nem começam nas próprias redes, podem ser assuntos externos e acabam ganhando repercussão nesse meio, ou caso contrário, alguns episódios que começam e repercutem nas redes viram casos externos e muitas vezes com altos graus de gravidade

Dos profissionais que já sofreram violência online, 21,9% afirmaram que os ataques ocorreram em apenas um único lugar. Os demais informaram que a violência foi reverberada em duas (11,3%), três (6,3%) quatro (5,9%) ou cinco plataformas sociais diferentes. Porém, a principal fonte de ataques a jornalistas que sofreram violência online é o Facebook (26,1%), seguido por Twitter (20,6%). (LEÃO, 2022, p.37)

O anonimato ou a falta de impunidade pode tornar esses números maiores, hoje muitas plataformas digitais são vistas como sem fronteiras ou sem limites, suas políticas de segurança e privacidade ainda podem ser falhas, sem generalizar, pois, pode haver casos e exceções em que o ato e o agressor possam ser identificados, entretanto muitas mulheres e a comunidade LGBT jornalistas sentem-se inseguros ou vulneráveis.

4. ANÁLISE DO TWITTER E YOUTUBE

Diante de pesquisas sobre o assunto discorrido - violência contra jornalistas nas redes - fica visível o quanto os jornalistas e a imprensa geral sofrem nas redes sociais, isso inclusive, há variação de acordo com o assunto que decidem tratar.

A rede social que mais aparece como fonte de ataques é o Twitter, essa rede não somente é cenário de ataques a repórteres e as notícias que publicam, como também é um local onde jornalistas são atacados para desviar o foco do público em determinadas situações. Já o YouTube, é utilizado como via e fonte de notícias para acusar veículos da mídia tradicional de propagar “Fake News”. Usuários das redes e apoiadores extremos de políticos e afins, usam essas redes para atacar jornalistas como *clickbait* e tentar passar a imagem ou informação de que jornalistas e veículos midiáticos seriam inimigos. (INTERNETLAB, 2022)

4.1. Twitter

No mês de junho de 2022, o então presidente da república fez um tweet na sua página comentando sobre uma matéria que envolvia seu nome:

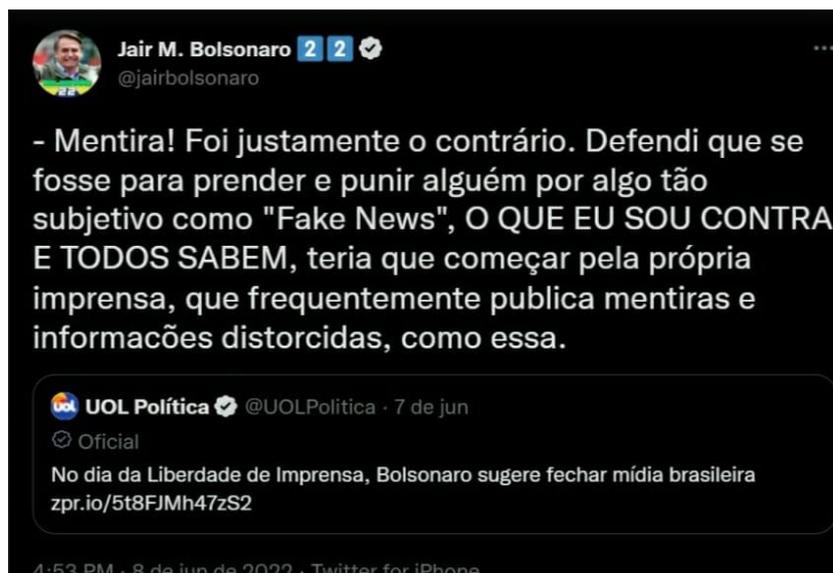


Figura 1: print: comentário da rede social Twitter

Sugerir o fechamento da imprensa e usar a palavra mentirosa para se referir a mesma é um ataque a toda uma comunidade jornalística midiática, isso, não só por vir de uma figura tão importante, mais por descredibilizar a imprensa e os jornalistas, e também por ferir a democracia e os direitos previstos nas leis.

Ao compartilhar determinados assuntos e palavras abre-se brechas para diversos comentários que ferem ainda mais a comunidade jornalística, um comentário leva a outro, que rebaixam os jornalistas, descredibiliza a imprensa e faz com que a falta de acompanhamento noticioso leve a desinformação. Abaixo alguns comentários deixados na postagem do presidente¹.

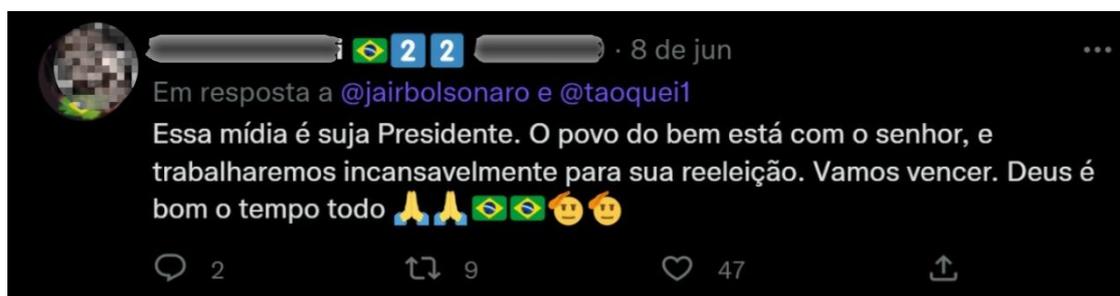


Figura 2: print: comentário da rede social Twitter

¹ O posicionamento do presidente causa impactos e influência devido sua posição social. Além de ter seguidores com suas mesmas ideologias que acabam concordando com suas colocações.



Figura 3: print: comentário da rede social Twitter

Esses são alguns comentários direcionados a imprensa brasileira, muitas vezes isso pode ir além das fronteiras virtuais, muitos podem sentir que só comentários não surgem efeito. Mediante as bolhas que vivem as falas de uma figura como presidente só reforça a revolta e falta de credibilidade para com a imprensa, isso quando não são direcionados a jornalistas específicos ou gêneros.

4.2.YouTube

Segundo Janara e Ana Marta (2021), o Youtube como sendo a principal plataforma de publicação e consumo de vídeos em escala mundial, foi uma das principais escolhas de Jair Bolsonaro para divulgações e interações com os seus seguidores.

Não se distinguindo completamente do Twitter, no Youtube ele abre espaço - no caso, lives - para expor suas opiniões. Ao explorar o canal do - até então - presidente é notável títulos em que contém explicitamente a violência contra os jornalistas, em forma de deboche e agressões verbais.

É possível notar os mesmos discursos contra a imprensa, tais como, descredibilizada e críticas com ataques verbais e incitação à agressão física. Com a influência e engajamento produzido pelo conteúdo, analisamos que o crescimento da violência contra a imprensa - de 2019 até então - teve como um dos grandes responsáveis o Bolsonaro.

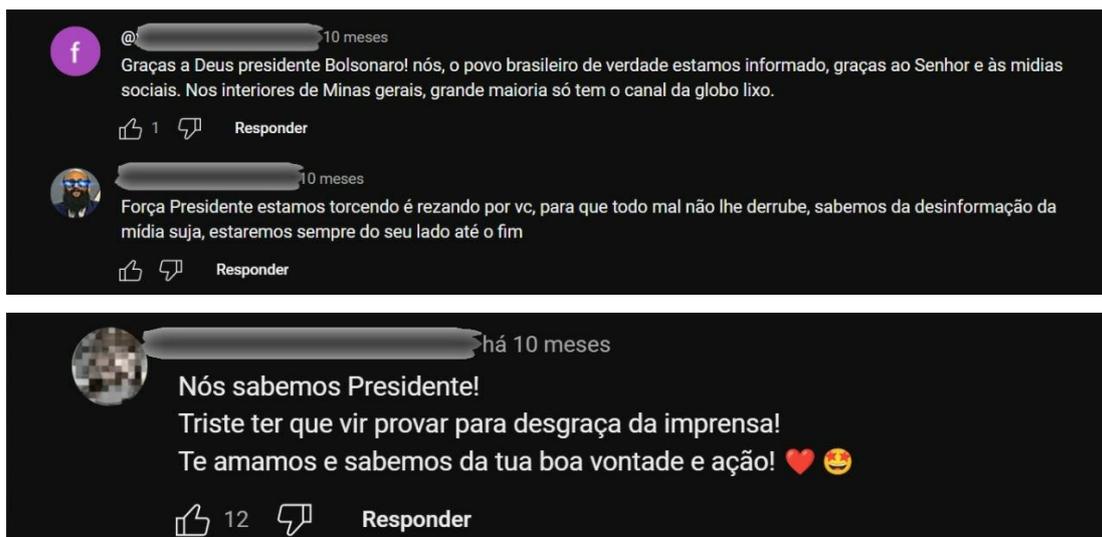


Figura 4 e 5: comentários do YouTube

Diante do que foi exposto e analisado fica evidente o quanto a categoria jornalística sofre nas plataformas digitais, e que em muitos casos os ataques são destinados ao gênero feminino. Segundo monitoramento da ABRAJI – já citada – em 2022 a agressão mais comum foram os discursos estigmatizantes, assim como nos anos de 2019, 2020 e 2021, com cerca de 66,9% de alertas. Na maior parte das vezes os ataques foram relacionados ao campo político. Como apresentado no presente artigo, um dos maiores agressores virtuais era o atual presidente Jair Bolsonaro, além de seus eleitores, apoiadores e familiares.

Por ser considerado um campo informal, os usuários das redes sociais têm a percepção de que é um ambiente sem leis ou intocável aos direitos judiciais. Partindo desse pressuposto muitos se sentem encorajados a exporem suas opiniões sem ponderações e sem limites, esse cenário causa um terreno fértil para ferir a liberdade de expressão do outro, soltando ataques disfarçados de comentários contra aqueles que não vão de encontro aos mesmos ideais. A partir daí muitos se sentem no direito de atacar a imprensa e os jornalistas, que muitas vezes só estão fazendo o seu trabalho, ou simplesmente expondo seu lado cidadão.

As redes sociais é para ser um ambiente de interação social, um local de diversidade e trocas de informações, porém, com o passar dos dias e anos está se tornando um local propício à desinformação, ataques misóginos, raciais, de discursos estigmatizantes, ataques à liberdade de imprensa e tantas outras perversidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento de casos de violência contra jornalistas e demais profissionais da comunicação nos últimos anos, é um dos aspectos mais notórios dos fenômenos da desinformação.

Ainda que hoje tenham papel essencial em uma variedade de qualidade e dedicação à profissão, muitos jornalistas sofrem ataques, ameaças, causadas por um público consumidor de mídias digitais, e que propagam discursos de ódio e causam desinformação.

A partir dessa análise, podemos relacionar alguns episódios que estão relacionados à violência e propagação de discursos de ódio contra profissionais da comunicação no contexto brasileiro. São eles: radicalização dos atos de violência contra jornalistas; mediação do cenário de polarização política constando o ingresso de atores, entre os que se sentem aptos a atacar jornalistas, e as diversas contribuições fortemente no contexto de midiaticização.

Tendo em vista os fatos listados acima, e as referências discretas anteriormente no texto é possível notar que o cenário atual para o exercício de atividades profissionais aponta para uma radicalização dos atos de violência contra os jornalistas.

Os relatórios de situações de violência contra jornalistas elaborado pela Fenaj, vem apontando desde o ano de 2013, para uma mudança em relação aos cenários de ataques contra os profissionais, incluindo-se em maior volume os atos violentos cometidos por meras pessoas comuns, acompanhados de casos de hostilização e ataques por meio de comentários nas redes sociais.

O cenário político, que ganhou força nos últimos anos, se mostra como um pivô para a prática de violência e disseminação ao ódio enviado aos profissionais de comunicação. Os jornalistas costumam ser atacados, na maioria das vezes por políticos e até mesmo apoiadores de "direita e esquerda", como se a prática do jornalista fosse uma posição contra um partido ou outro.

Diante disso pode-se constatar que além de obter novas pressões operativas no âmbito profissional, os jornalistas ainda precisam ir atrás de meios e estratégias somativas de proteção para exercer a atividade em segurança.

Por estas razões é preciso que os casos de violências contra os jornalistas e todos profissionais da área de comunicação sejam compreendidos e encarados pelo risco que representam para a sociedade, como uma ameaça a conservação da democracia formal e em que o jornalismo deixa de operar como fonte de orientação e esclarecimento, abrindo espaço para todas as formas de abuso de poder.

Sabemos que hoje o acesso à internet é possível em qualquer local e qualquer aparelho digital, e que as redes sociais são os meios de comunicação mais usados pelas pessoas no mundo. Atualmente as redes sociais se tornam um solo fértil para a disseminação e ataques de ódios a profissionais da comunicação, além do fácil acesso que transforma comentários em ataques e violência midiática.

Portanto, o objetivo da pesquisa foi discorrer sobre o crescimento da violência contra jornalistas nas redes sociais, e analisar ataques e discurso de ódio nas redes sociais (Twitter e Youtube) do atual presidente Jair Bolsonaro e apoiadores de sua presidência relacionados a jornalistas.

REFERÊNCIAS:

BRUGGER, W. **Proibição ou proteção do discurso do ódio?** Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. Trad. Maria Ângela Jardim de Santa Cruz Oliveira. Revista de Direito Público, v. 15 n. 117, jan./mar. 2007.

GONÇALVES, M. **Discurso do ódio contra jornalistas cresce no mundo, inclusive no Brasil.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/discurso-do-odio-contra-jornalistas-cresce-no-mundo-inclusive-no-brasil-23607549> . Acesso em: 11 nov. 2022.

GOULD, L.; BLOTTA, V. **Desinformação e violência contra jornalistas como violências contra a comunicação: análise de casos entre 2021 e 2022 no Brasil e em São Paulo 1.** Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0720202207524862d7de8024782> .Acesso em: 05 nov. 2022.

CARCARÁ, T. A. **Discurso de ódio no Brasil: elementos de ódio na sociedade e sua compreensão jurídica.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014.

INTERNETLAB; INCT. DD; INSTITUTO VERO; DFRLAB; AZMINA; VOLT DATA LAB. Como operações de influência entre plataformas são usadas para atacar jornalistas e enfraquecer democracias? São Paulo, 2022. Disponível em : https://internetlab.org.br/wp-content/uploads/2022/09/COMPLETO-Como-operacoes-de-influencia-entre-plataformas-sao-usadas-para-atacar-jornalistas-e-enfraquecer-democracias_4.pdf Acesso em: 13 nov. 2022.

LEÃO, N. O impacto da desinformação e da violência política na internet contra jornalistas, comunicadores e lgbt+. *Gênero e Número/Repórteres Sem Fronteiras*. 2022. Disponível em: https://rsf.org/sites/default/files/pesquisadesinformacaogn_rsf_relatorio_final.pdf . Acesso em: 16 nov. 2022

Monitoramento de ataques a jornalistas no Brasil. Disponível em: https://abrajibucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/e8854cf1-3ab3-46ea-8573-0137090e0a6f/Relatorio_Monitoramento_de_ataques_a_Jornalistas_no_Brasil_02.05.2022.pdf Acesso em: 11 nov. 2022.

NICOLETTI, J.; FLORES, A. M. M. **VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS NO CANAL DE JAIR BOLSONARO NO YOUTUBE: análise dos 100 primeiros dias de pandemia de covid-19 no Brasil**. p. 34, 21 dez. 2021.

RIOS, A. & BRONOSKY, M. Violência contra jornalistas, ameaça à sociedade. *Mosaico*. v.11. n°17, 2019.

SILVA, Gilmar Renato da. **Novos jornalistas, para entender o jornalismo hoje**. 2010

SINDERSKI, R. et al. Dados sobre os ataques com viés de gênero e casos que vitimaram mulheres no Brasil em 2021. Disponível em: https://abrajibucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/fd562733-fde3-42d5-b763-0974253a3207/Relatorio_Violencia_de_genero_contra_jornalistas_PT.pdf Acesso em: 13 nov. 2022.

O Que Veio Primeiro? Teorias da Comunicação ou do Jornalismo? Desafios da Prática Docente na UESPI

Marco Antônio Tessarotto¹
Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

RESUMO

O presente trabalho pretende construir pontes inteligíveis no sentido de compreender um dos desafios epistemológicos presentes nas Ciências da Comunicação. Este trabalho é um esforço no sentido de descrever e de analisar os principais desafios relativos a percepção e assimilação das teorias do jornalismo por parte dos estudantes do curso de Jornalismo. O processo de observação participativa foi conduzido durante as aulas de Teorias do Jornalismo. Durante a execução do plano de ensino, as lacunas entre a práxis que configurou o objeto da comunicação e a ausência de uma clara historicidade que represente as processualidades e o percurso dos acontecimentos que configuraram o empírico comunicacional demandará novas e outras aproximações entre conteúdo a ser lecionado e os saberes prévios dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: teorias da comunicação; teorias do jornalismo; prática docente; projeto político pedagógico

1. CONHECENDO O PROBLEMA

O desenho deste artigo pretende descrever uma problemática que transcreve o caminho da didática nos componentes curriculares das disciplinas de Teorias da Comunicação I e II e de Teorias do Jornalismo. Esta última, vivenciada com a turma do 4º período do curso de Jornalismo da UESPI em Picos-PI que revelou uma problemática latente e ainda pouco analisada por parte dos docentes. O primeiro desafio é a complexidade deste objeto de estudo das Ciências da Comunicação que “bebe” da fonte de outras formas de conhecimento, a exemplo da Linguística, Sociologia, Antropologia, Psicologia, dos Estudos Culturais etc. Esta profusão de janelas/chaves de leitura permite desvelar um objeto empírico rico e acoplado em diversas estratégias produtivas/enunciativas cujos efeitos/desdobramentos são descritos por diversos vieses, o que demonstra a pungência destes objetos e do empírico comunicacional.

Para que possamos entender o fenômeno, voltamos na linha do tempo para o ano de 2006 por ocasião do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Naquela época, discentes do curso de Jornalismo da UESPI, Campus Poeta Torquato Neto revelava um presságio bastante

¹ Professor Doutor do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus de Picos – PI.

revelador de uma cartografia que, dada experiência do passado, ainda encontra ressonâncias no presente. Naquele artigo, os estudantes reconhecem a importância desta percepção: o estudo das teorias/correntes de pensamento do saber comunicacional, entretanto, sua assimilação, retomadas conceituais e o estabelecimento de correlações entre o empírico comunicacional e do contexto extraído/realidade era bastante precário. Melhor dizendo, quando estes objetos comunicacionais são apresentados aos estudantes, poucos realizavam a conexão entre o empírico e a possível teoria/corrente das Ciências da Comunicação e de suas possíveis atualizações.

Os autores em um movimento tentativo em esquema de linha do tempo descrevem a constituição de dezesseis teorias da comunicação. Para eles¹, são 15 as principais teorias conforme cronologia de suas concepções: 1) teoria hipodérmica; 2) a teoria persuasiva; 3) a teoria da abordagem empírica de campo ou dos efeitos limitados; 4) teoria dos líderes de opinião/Lazersfeld; 5) teoria funcionalista; 6) teoria crítica; 7) teoria culturoológica; 8) teoria do espelho; 9) teoria do newsmaking; 10) teoria do gatekeeper; 11) teoria organizacional; 12) teoria do agendamento; 13) teoria instrumentalista; 14) teoria etnográfica; 15) teoria do espiral.

O esforço realizado pelos discentes do curso de Jornalismo da UESPI em 2006 representa um importante contributo para a construção de planos de ensino coerentes com o curso temporal das correntes. Ao visitar o Projeto Político Pedagógico do curso de bacharelado em Jornalismo do Campus Professor Barros Araújo em Picos, datado de novembro de 2015, a disciplina de Teoria da Comunicação I com carga de 60h é ministrada com as turmas do 2º Bloco/Período; Teoria da Comunicação II com carga de 60h com a turma do 3º Bloco/Período e de Teorias do Jornalismo com carga de 60h no 4º Bloco/Período. Neste ponto, realizo a inferência que, os estudantes de jornalismo no 4º Bloco, após apropriação de saberes/leituras nas Teorias da Comunicação I e II não teriam maiores dificuldades em construir uma organização mental/sequencial das Teorias do Jornalismo, o que não ocorreu. Mas afinal, o que está acontecendo?

Esta última pergunta perfaz um caminho inferencial, interpretativo para uma leitura descritiva sobre as disciplinas teóricas do curso de Jornalismo, o que empreenderemos no tópico abaixo.

1.1.O QUE VEM ANTES: TEORIAS DO JORNALISMO OU DA COMUNICAÇÃO? COMPREENDENDO O FENÔMENO.

¹ FILHO, Washington José de Sousa Moura et al. A importância da percepção e da assimilação das teorias da Comunicação entre os estudantes de Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UNB, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r1354-1.pdf>, acesso em 06 dez. 2022.

O exercício das boas perguntas, mesmo aquelas atreladas ao senso comum, permitem realizar interessantes e pertinentes reflexões aos novos tempos e com eles, compreender os desafios. O perfil do estudante de Jornalismo neste cenário pós pandêmico/isolamento social provocado pela covid-19 é outro. Este ser/discente mais acoplado com as tecnologias empreende esforços extras por parte do corpo docente para que possa construir conhecimentos/saberes que provoquem os estudantes e construam apropriações de sentidos. Outra pergunta construída pelos estudantes no artigo foi a seguinte: Qual a pertinência dos estudos em Teorias da Comunicação e do Jornalismo? Os estudantes de 2006 já se preocupavam com a importância em conhecer, contudo, demonstravam insegurança (FILHO, 2006, p. 11-12). Outro aspecto apontado naquele artigo era a ausência de metodologias ativas, da sala invertida, do conhecimento problematizado.

1.2. A QUESTÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA

Ao reconstruir alguns passos que precederam as teorizações das ciências da comunicação, observamos como a segunda década do século XX avança na constituição deste objeto comunicacional. Na comunicação, as primeiras descrições e análises partiram do produto midiático elaborado e, a partir deste objeto, descrever como os jogos de interesse políticos/ideológicos atuavam para direcionar as narrativas à determinados nichos/opinião pública.

Outro desafio que impossibilita, em um primeiro momento, esta distinção e construção temporal das correntes/teorias da comunicação e do jornalismo é o amadurecimento de suas concepções. Somente nos anos 20, no Estados Unidos, Europa (anos 30 e 40) enquanto no Brasil, as teorias da comunicação surgem no debate acadêmico nos anos 80-90 e sua configuração na condição de campo autônomo de pensamento, somente na primeira década do século XXI. Destaca-se ainda, neste campo conceitual recém-constituído, a presença de inspirações teóricas da filosofia e da ciência política, ou seja, o campo de estudo das teorias do jornalismo é construído a partir desta influência/afetações da teoria da cultura de massa. Estes ruídos são perceptíveis quando elencamos a sequência apresentada no Projeto Político Pedagógico do curso de bacharelado em Jornalismo na UESPI, campus Professor Barros Araújo.

O PPP atualmente em vigor, de novembro de 2016, a disciplina de “Teorias do Jornalismo” possui uma carga de 60h aos discentes matriculados no 4º Bloco. A ementa apresenta a seguinte distribuição:

A natureza do Jornalismo, Gêneros Jornalísticos, A objetividade jornalística. Newsmaking, Gatekeeper, Teoria do Espelho, Espiral do Silêncio. Agenda Setting. Novas teorias do Jornalismo. Pensamento

Comunicacional Latino Americano e Brasileiro na área de Jornalismo. O debate sobre imparcialidade, objetividade, intersubjetividade e verdade no jornalismo. (PPC Jornalismo – UESPI-CPBA, 2017, p.55)

Ao destacar a construção e proposta da ementa, o PPP destaca ainda que os estudantes terão desenvolvidos as seguintes competências: “conhecer as diferentes abordagens teóricas do jornalismo; identificar, dentro das teorias do jornalismo, quais recursos o jornalista utiliza para construir diferentes realidades”. (PPC Jornalismo-UESPI- CPBA, 2017, p. 55).

Para tanto, a bibliografia básica e complementar contempla uma diversidade de autores, sejam de expressão europeia (Jorge Pedro Sousa, Nelson Traquina), de contexto latino-americano/brasileiro (José Marques de Melo, Felipe Pena). Durante a vivência da disciplina avançamos ao trazer para o debate da sala de aula, autores como o Muniz Sodré, Jesus Martin-Barbero, José Luiz Braga, Luís Mauro Sá Martino. Mesmo diante dos esforços didáticos e a mobilização de metodologias ativas, os estudantes do 4º Bloco se expressavam com as mesmas palavras: “professor, não estou entendendo”, “o que quer dizer com isso?”. Os ruídos no processo de ensino, durante a apresentação do plano de ensino forjaram alguns movimentos tentativos.

2. CONSTRUINDO PONTES AO INTELIGÍVEL

Este tópico realiza o movimento descritivo de algumas ações no sentido de extrair/diagnosticar a problemática dos tempos de turbilhão. Os estudantes do 4º Bloco/Período, naquela ocasião, vivenciaram apenas o primeiro período em ensino presencial, com a chegada da pandemia, do isolamento social/fechamento das redes de ensino, os dois períodos que se sucederam foram vivenciados em modelo remoto. Destacamos que as duas disciplinas de Teorias da Comunicação I e II foram vivenciadas apenas com recursos disponíveis em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do *Google for Education* que incluem uma sala de aula virtual e a plataforma de videochamada em grupo, *Google Meet*. No período 2021.2, as aulas foram vivenciadas em sistema híbrido, um primeiro remoto (teorias) e uma segunda parte no formato presencial (prática laboratorial).

Figura 1 - Movimentos de proximidade/leitura dos estudantes sobre as Teorias do Jornalismo

TEORIAS DO JORNALISMO
2021.2 - Bloco 4 - (Sexta-Manhã)

Instruções Trabalhos dos alunos

1ª ATIVIDADE ASSÍNCRONA (19/04/2022)

Marco Antônio de Oliveira Tessorotto • 19 de abr. Editado às 16 de mai.

Olá turma!

Nesta atividade inicial, vamos dialogar sobre as diferenças entre as Teorias da Comunicação e as Teorias do Jornalismo. O que aproxima uma da outra? O que as diferenciam? Vamos juntos descobrir um pouco mais.

Ps- Esta atividade é um Google Apresentações, ele está no formato editável. Caso tenha alguma dificuldade tecnológica, você poderá abrir, ver as perguntas no documento e responder no espaço: 'Comentários da Turma'.

Tenhamos um excelente início e abertura de semestre!

Abraços e até logo mais,

Prof. Marco Antônio Tessorotto

O que são as Teorias do Jor...
Apresentações Google

Primeira atividade de apresentação da disciplina de Teorias do Jornalismo. Nesta atividade, os discentes foram instigados a responderem/descreverem o que eles/as sabem ou reconhecem sobre as teorias e para o jornalismo. Dos 21 estudantes participantes do 4º Bloco/Período, apenas 9 responderam a atividade.

Do autor, 2022

A segunda atividade, antes da apresentação do plano de curso, os estudantes foram convidados a analisarem uma informação audiovisual para, a partir do videoclipe, extraírem informações sobre o contexto, personagens, informações conceituais presentes no audiovisual. O vídeo em questão é da cantora libanesa, Nancy Ajram¹, datado de 2013 que apresenta uma série de elementos de contextualização, historicidade e exemplos concretos da indústria cultural, sociedade do consumo, a exemplo das capturas de tela abaixo:

Figura 2, 3, 4 e 5 – Extrações da atividade e do videoclipe analisado pelos estudantes



Nas extrações do vídeo, observamos o processo de mercantilização da natureza, do consumo imediato. A primeira imagem a esquerda faz remissão a planta de ervilha que seus grãos já saem enlatados/rotulados na planta; A segunda extração, apresenta a personagem/cantora que mora só e vai ao supermercado com uma lista que se desenrola no corredor e, ao final, observamos uma espécie de árvore do consumo (sapatos, tênis, etc)

Do autor, 2022.

¹ Clipe da cantora libanesa, Nancy Ajram, Mashy Haddy, disponível em: <https://youtu.be/dGxtAViYVnU>, acesso em 09 dez. 2022.

Neste primeiro exercício de problematização e extração de conhecimentos prévios dos discentes do 4º Bloco/Período se deparou com diversos percalços e silêncios. No período anterior, o Projeto Político Pedagógico, em Teorias da Comunicação II previa que uma das competências a serem avaliadas era a de “fornecer instrumentos teóricos ao estudante formando uma visão crítica da contemporaneidade” (PPP Jornalismo, UESPI-CPBA, 2017, p. 50). A partir deste parâmetro, busco elencar algumas das possíveis habilidades não suscitadas pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC¹ que compõe o novo Ensino Médio na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a exemplo da Sociologia e Filosofia que apresentam critérios basilares para uma apropriação/codificação desta visão crítica e inicial do meio social no qual este ser político está inserido, no documento da BNCC, a primeira competência faz menção ao:

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (BNCC, 2018, p. 572)

Esta primeira competência a ser desenvolvida pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na Educação Básica, no Ensino Médio possuem como habilidades:

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais;

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018, p. 574)

¹ Base Nacional Comum Curricular, BNCC. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 11 dez. 2022.

Este esforço e tentativa de resgatar considerações a respeito dos ciclos formativos do alunado egresso da Educação Básica, no caso do Ensino Médio, pretende suscitar considerações sobre as consequências do não desenvolvimentos de competências básicas nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, as lacunas ficam mais evidentes, a exemplo da extração abaixo:

Figura 6 – Ruídos interacionais com o videoclipe proposto pelo professor

```
reapondendo a isso??
29/04/2022 08:29 - Marco Antônio: O texto/reflexo pretende ver os
limites da teoria e os possíveis usos nos diversos produtos da
comunicação.
29/04/2022 09:09 - +55 [REDACTED] Alguem entendeu o video???
29/04/2022 09:27 - +55 [REDACTED] Alguem me ajuda com a
atividade, porq eu nao entendi o video 😞😞😞
29/04/2022 09:44 - +55 [REDACTED] <Arquivo de mídia oculto>
```

Extrações de tela das conversas realizadas no grupo “Teorias do Jornalismo” no WhatsApp. Neste exemplo, um dos discentes procura auxílio dos demais colegas para a responder a atividade sobre o vídeo da cantora libanesa.

A extração de tela revela uma problemática de desenho/configuração de leituras críticas da realidade em um exercício de contextualização à Teoria do Espelho, corrente primeira esta que se atualiza conforme lógicas/comparações com os ritmos de uma dada sociedade. Neste caso, o Oriente Médio, especificamente no Líbano em 2009, vivenciara uma explosão/boom econômico, imobiliário. O videoclipe apresentado representa um recalque/pastiche de uma sociedade libanesa que se compara à realidade norte-americana dos anos 50-60 do século XX, esta equiparação fica evidente na questão do consumo, nas relações de gênero presentes no vídeo, da mercantilização/mecanização da vida.

O resgate da informação imagética por parte dos discentes está previsto desde a edição da Lei 13.415/2017 que previu e ratificou uma das áreas do conhecimento para o Ensino Médio, área IX das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e, com elas, as competências e habilidades a serem oportunizadas naquele segmento da educação. E o que ocorreu?

Figura 7 – Sugestões para os vazios interacionais

```
03/07/2022 13:16 - Marco Antônio: Excelente domingo turma. Vamos
maratonar conhecimento? Segue aula, mastigada com os princípios da
```

```
Revolução Industrial, revolução esta que alicerçou as bases das
classes sociais, do modelo econômico e as lógicas da mecanização
do processo produtivo. Segue video: https://youtu.be/pZy\_3jMLbIo
```

Contato com os discentes sobre a necessidade de aprofundamento de conceitos/contextualizações que permeiam as correntes e teorias do jornalismo.

Do autor, 2022

A comunicação extraída acima, após dois meses de aulas ministradas em Teorias do Jornalismo demonstrava a preocupação do docente com a falta de aprofundamento das reflexões, quando ocorriam, por parte dos discentes. As comunicações via WhatsApp eram semanais e as conversas pelo *Google Meet* apresentavam estas fragilidades. Em uma das aulas, destacava esta necessidade: “Turma, peço a gentileza de revisitarem assuntos e conteúdos do Ensino Médio. Para que vocês possam entender o contexto do Jornalismo e de suas práticas se faz necessário compreender o que foi a Revolução Burguesa, A Revolução Industrial nas suas três fases, compreendendo as nuances do capitalismo, a quebra da Bolsa de 29, as duas Guerras Mundiais, o Estado de Bem-Estar Social, Indústria Cultural e o cenário das redes”.

2.1. CAMINHOS POSSÍVEIS: COMO SUPERARMOS A FRAGMENTAÇÃO DOS TEMPOS E DO SABER HUMANO?

Analisar o contexto do Jornalismo é um empreendimento de esforços conjunturais bastante amplo, a consolidação da imprensa moderna surge nos Estados Unidos e as Teorias do Jornalismo estão acopladas em análises macro e microestruturais com o objetivo de interpretar o resultado do produto jornalístico, ou melhor, de sua prática. O fazer jornalístico leva em consideração as especificidades da formação social e do contexto no qual sua práxis se espraia, espaço este, compartilhado entre os profissionais e os meios.

O jornalismo e a sociedade são parte de uma mesma realidade integrada em um processo temporal objetivo, o jornalismo se configura em um modelo de negócios/normatização do factual e, por uma vertente subjetiva (o desejo humano de transmitir/comunicar algo a alguém/o de ser testemunha ocular). Nos interessa analisar como este jornalismo é apropriado na academia e, ao mesmo tempo, tensionado por suas abordagens conceituais, teóricas e práticas. O ciclo formativo do ensino superior tem por mister, preparar e subsidiar o discente de modo a “organizar metodologicamente um conjunto de práticas para narrar os acontecimentos” (NEDER, Vinícius, 2009, p. 27).

As retomadas realizadas por este artigo pretendem fortalecer naquilo que trata “o método do jornalismo moderno. Reconhecer a subjetividade do jornalista e a parcialidade dos

testemunhos (...) um jornalismo crítico¹”. No momento em que Vinicius Neder (2009) observa o fator humano, a mobilização dos valores-notícia e os critérios de seleção que são impostos por uma organização/sistematização deste factual, onde “a construção do acontecimento [ocorre] segundo os parâmetros jornalísticos de tratamento do fato” (NEDER, 2009, p. 49, inclusão nossa). Seguindo este parâmetro, podemos mobilizar um conjunto ou uma sequência metodológica/temporal que suscite/apropriar os estudantes com subsídios para uma vivência mais engajada com as teorias da comunicação e do jornalismo.

3. POSSÍVEIS ENCAMINHAMENTOS

O último tópico pretende estabelecer uma relação com os trabalhos de Luiz Mauro Sá Martinho (2005) na obra: “Os cursos de teoria da comunicação à luz do jornalismo: obstáculos e impropriedades das posições tecnicista e intelectualista²” e de Rosa Maria Cardoso Dalla Costa (2003) com o trabalho “O Ensino da Teoria da Comunicação nos Cursos de Graduação em Comunicação Social” e, a partir destes subsídios, apresentar ao final, uma possível proposta para suprimir as defasagens e forjar vivências significativas das teorias da comunicação e do jornalismo no curso de bacharelado de Jornalismo na Universidade Estadual do Piauí.

No primeiro ensaio, observamos o autor realizando um percurso inferencial ao estabelecer os cursos de teoria da comunicação constituído em duas vertentes, ora de aprimorar o lado “profissionalista” deste futuro comunicador, ora de vincular a uma “cientificidade” do comunicacional. Neste esforço, o campo comunicacional e do seu objeto de estudo inicialmente apreendido no final dos anos 40 do século XX, as primeiras disciplinas orbitavam em torno da “compreensão e análise dos fenômenos comunicacionais” (MARTINHO, 2006, p. 22), vertente esta com afetações/influências da corrente crítica da comunicação inaugurada na Escola de Frankfurt e “instrumentalizada pela semiologia estrutural francesa e expressamente voltada para a militância política” (2006, p. 22). O desafio consistia em avançar o conhecimento do objeto comunicacional para além de uma resposta centrada na problemática da “industrialização da cultura (...) sempre identificados com o poder econômico norte-americano ou com a ideologia liberal” (2006, p. 22).

¹ NEDER, Vinicius. *Jornalismo e exclusão social: análise comparativa nas coberturas sobre crianças e adolescentes*. Dissertação de mestrado em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0812759_09_cap_02.pdf. Acesso em 12 dez. 2022.

² MARTINO, Luiz C. *Os cursos de Teoria da Comunicação à Luz do Jornalismo: obstáculos e impropriedades*. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UERJ, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1307-1.pdf>. Acesso em 13 dez. 2023.

Nesta parte, o autor se preocupa com um olhar direcionado para o objeto da comunicação sob um prisma disciplinar das afetações conjecturais que permearam a “reflexão sobre a área de comunicação, seu campo teórico e sua especificidade epistemológica” (2006, p. 22). O teórico Luíz Martinho (2006) reforça que o estudo teórico e a angulação interpretativa para os fenômenos comunicacionais é a principal justificativa para a implementação dos cursos superiores na área da comunicação, se o curso se baseasse exclusivamente na práxis jornalística, bastava a existência de cursos tecnicistas para a formação de um jornalista voltado ao mercado de trabalho. A formação universitária estabelece um cabedal teórico para discutir os assuntos da atualidade em determinados contextos/momentos, decodificando as informações relevantes para o conhecimento da sociedade como um todo.

O ciclo formativo da academia forja as condições necessárias para uma “formação particular e mais prolongada do que a técnica” (MARTINHO, 2006, p. 24). Observa-se ainda, no texto que o autor estabelece um norte para fortalecimento das aprendizagens/busca pelo objeto comunicacional cujo foco está na formação, onde suas disciplinas precisam dialogar com outros componentes disciplinares e com os objetivos elaborados em suas ementas. A partir desta inquietação, como convergir as competências das Teorias da Comunicação I e II com as Teorias do Jornalismo?

A segunda contribuição para as reflexões deste trabalho se alinha com Rosa Maria Dalla Costa¹ (2004) que confirma estas dicotomias entre a teoria e a práxis jornalística. A autora destaca que, nos anos 60, os professores universitários possuíam fortes vínculos e uma larga experiência no mercado de trabalho, onde o desafio consistia no problema entre o “teoricismo com o ensino superior público e o tecnicismo com o privado” (2004, p. 02).

O campo da comunicação e de seu objeto de pesquisa é bastante amplo e ainda não sedimentado, cujos objetos estão imersos em lógicas deslizantes (mídiação, algoritmos, plataformas) e, ao mesmo tempo, a necessidade de guiar-se por uma via teórico-metodológico para a configuração do caso, na busca por vieses interdisciplinares. Outro ponto destacado pela autora é a compreensão e abrangência “do fenômeno da comunicação de massa na sociedade” (2004, p. 3), efeito este, consequência desta fonte advinda da Teoria Crítica e da Escola de Frankfurt.

Ao analisar as ementas dos cursos, Dalla Costa (2004) descreveu uma sequência didática bastante alinhada com: “definição do seu objeto, principais correntes teóricas e relação entre

¹ DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. O ensino da Teoria da Comunicação nos cursos de Graduação em Comunicação Social. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/169675548028640574065782523958426382266.pdf>. Acessado em 13 dez. 2022.

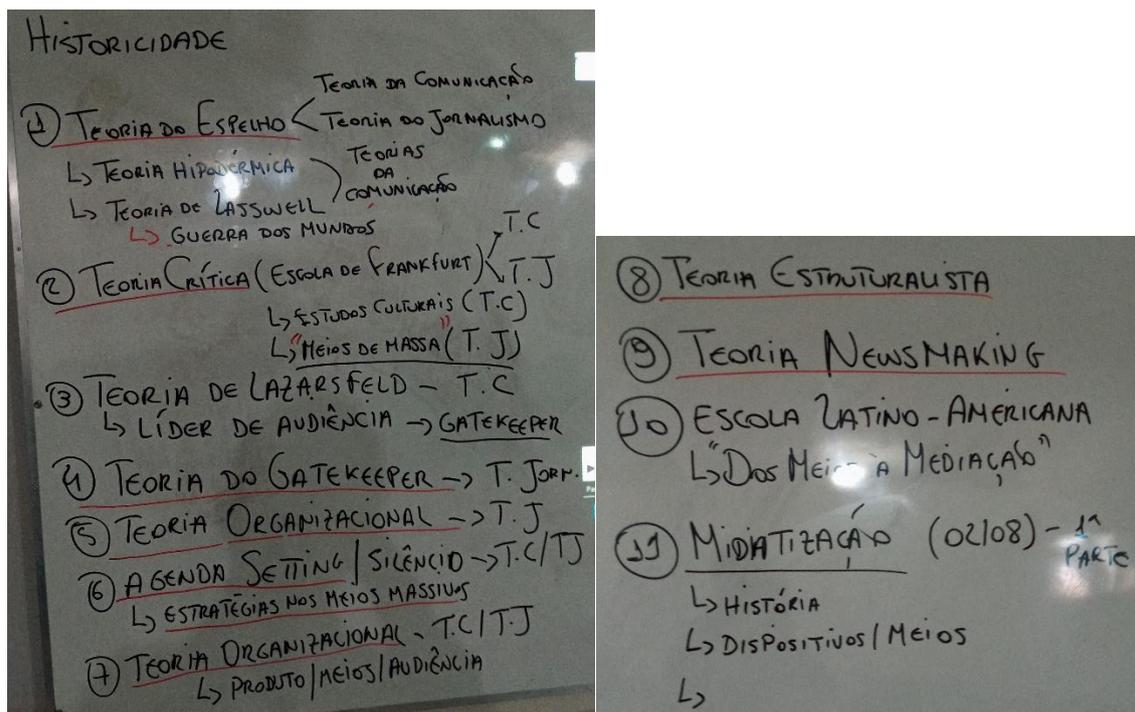
comunicação, poder e sociedade” (2004, p. 09) e, cuja metodologia é composta por “aulas expositivas, seguidas de trabalho em grupo para análise de textos, apresentação de seminários e debates”. (2004, p.09). Neste ponto, nos questionamos: E nos 20 anos do curso de Graduação em Jornalismo da UESPI no Campus Professor Barros Araújo, o que nos apropriamos na condição de processos de ensino e de aprendizagem nas teorias da comunicação e do jornalismo?

3.1. INÉDITO VIÁVEL

A temática geradora do “inédito viável”¹ “representa uma alternativa que não se situa no campo das certezas, mas sim no das possibilidades” (2019, n/d). Esta fase de criação de possibilidades surge permeadas pelas vivências e experimentações da sala de aula, no contato direto com os estudantes, observando os silêncios, as distrações, formas de interação entre eles, as dissonâncias e, a partir desta diagnose, estabelecer os pactos necessários para sedimentar saberes, reconstruir fragmentos de saberes/conceitos que são esfacelados pelos tempos de turbilhão, dos dispositivos móveis, do ensino remoto via plataformas de aprendizagem.

Figuras 8 e 9 – Movimento tentativo de reconstrução das Teorias da Comunicação e do Jornalismo

¹ PARO, César Augusto; VENTURA, Miriam e Silva, Neide Emy Kurokawa e. **PAULO FREIRE E O INÉDITO VIÁVEL: ESPERANÇA, UTOPIA E TRANSFORMAÇÃO NA SAÚDE**. Trabalho, Educação e Saúde [online]. 2020, v. 18, n. 1 . Acessado 13 Dezo 2022, e0022757. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00227>>. Epub 19 Ago 2019. ISSN 1981-7746. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00227>.



Elaboração visual com as principais teorias da comunicação e do jornalismo, sinalizando os possíveis cruzamentos/compartilhamentos de conceitos. A exemplo da Escola de Frankfurt que se divide em duas concepções, dos estudos culturais (visto sob ótica das Teoria dos Jornalismo) e dos meios de massa (Teorias da Comunicação).

Do autor, 19/07/2022.

A construção representada apresentou algumas problemáticas e desafios, a exemplo da repetição da Teoria Organizacional nos itens 5 e 7, informação esta retificada na aula seguinte. Ao configurar tentativamente cada teoria relativa à comunicação e ao jornalismo, o docente realizou uma explanação oral sobre o contexto de cada uma delas, o que se visualizava no cenário internacional, bem como nacional e como este produto jornalístico foi se transformando conforme evolução de cada modelo de negócio dos meios e das superfícies que transitam as informações, do papel aos bits/códigos binários.

3.2. DESDOBRAMENTOS E POSSIBILIDADES

Este último tópico estabelece um esforço no sentido de encaminhar deliberações futuras que possam auxiliar o nosso discente diante das fragilidades vivenciadas na etapa da educação básica. Neste sentido, procuro mobilizar instrumentos que possam suprimir tais defasagens baseadas no Projeto Político Pedagógico do curso de Jornalismo do campus Professor Barros Araújo em Picos.

A proposta direciona esforços para um melhor aprofundamento contextualizado dos processos técnicos/tecnológicos que se desdobraram no que convencionamos como jornalismo moderno. No atual Projeto Político Pedagógico, o 1º Bloco/Período apresenta a disciplina de “Introdução à Comunicação” com uma carga horária de 60h. Neste sentido, propomos ampliar a carga horária das 60 para 90h, atualizando sua nomenclatura de “Introdução à Comunicação” para “Conhecimentos Gerais e Introdução à Comunicação”, convertendo a mesma, na condição de disciplina obrigatória e condicionante às Teorias da Comunicação I e II e do Jornalismo.

A disciplina proposta pretende apresentar ao discente do curso de Jornalismo quais foram as inovações técnicas/físicas/ópticas que ampliaram a decodificação do mundo da vida, a exemplo do surgimento da câmera escura nas artes, no aprimoramento do tipógrafo para impressão de jornais/informativos nos séculos XVI ao XVIII na Europa, no Brasil e na região Nordeste; seguido da apresentação da evolução da câmera escura para o daguerreótipo, explicitando as implicações de cada etapa da Revolução Industrial e dos periódicos – suas tipologias básicas; a implementação/consequências das imagens nos jornais/revistas que solavancaram o jornalismo moderno.

Este esforço bastante inicial, pretende fortalecer uma visão mais apurada do discente para os processos que antecederam este jornalismo moderno e das próprias teorias que configuraram este objeto comunicacional, endereçando esforços, nos demais blocos, para uma observação mais focada neste jornalismo moderno do século XX.

REFERÊNCIAS

DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. **O ensino da Teoria da Comunicação nos cursos de Graduação em Comunicação Social**. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/169675548028640574065782523958426382266.pdf>. Acessado em 13 dez. 2022.

FILHO, Washington José de Sousa Moura et al. **A importância da percepção e da assimilação das teorias da Comunicação entre os estudantes de Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí**. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UNB, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r1354-1.pdf>, acesso em 06 dez. 2022.

MARTINO, Luiz C. **Os cursos de Teoria da Comunicação à Luz do Jornalismo: obstáculos e impropriedades**. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UERJ, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1307-1.pdf>. Acesso em 13 dez. 2023.

MEC. **Base Nacional Comum Curricular, BNCC**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 11 dez. 2022.

NEDER, Vinícius. **Jornalismo e exclusão social: análise comparativa nas coberturas sobre crianças e adolescentes**. Dissertação de mestrado em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0812759_09_cap_02.pdf. Acesso em 12 dez. 2022.

PARO, César Augusto; VENTURA, Miriam e Silva, Neide Emy Kurokawa e. **PAULO FREIRE E O INÉDITO VIÁVEL: ESPERANÇA, UTOPIA E TRANSFORMAÇÃO NA SAÚDE**. Trabalho, Educação e Saúde [online]. 2020, v. 18, n. 1 . Acessado 13 Dezo 2022, e0022757. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00227>>. Epub 19 Ago 2019. ISSN 1981-7746. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00227>.

Vídeo

Clipe da cantora libanesa, Nancy Ajram, **Mashy Haddy**. Al Arabia music, 2009. Disponível em: <https://youtu.be/dGxtAViYVnU>. Acesso em 09 dez. 2022.



ANAIS DA
5ª SEMANA
COMUNI-
UESPI **CAÇÃO**
PICOS **SOCIAL**

20 anos de ensino de jornalismo no semiárido
piauiense: formação, desafios e historicidades

EdUESPI
Editora da Universidade Estadual do Piauí